

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA POLÍTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA

Aline Burni Pereira Gomes

**EXTREMA-DIREITA E OS “PERDEDORES DA GLOBALIZAÇÃO”:
PREDITORES DO VOTO EM MARINE LE PEN NAS PRESIDENCIAIS
FRANCESAS DE 2012**

Belo Horizonte
23 de Fevereiro de 2015

Aline Burni Pereira Gomes

**EXTREMA-DIREITA E OS “PERDEDORES DA GLOBALIZAÇÃO”:
PREDITORES DO VOTO EM MARINE LE PEN NAS PRESIDENCIAIS
FRANCESAS DE 2012**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política do Departamento de Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais (DCP-UFMG) como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre.

Orientadora: Dra. Helcimara de Souza Telles
Co-orientador: Dr. Mariano Torcal Lorient

Belo Horizonte
23 de Fevereiro de 2015

320

Burni, Aline

B966e

2015

Extrema-direita e os "perdedores da globalização"
[manuscrito]: preditores do voto em Marine Le Pen nas
presidenciais francesas de 2012 /Aline Burni Pereira Gomes.
- 2015.

233 f.

Orientador: Helcimara Telles.

Coorientador: Mariano Torcal.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas
Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia.

1. Ciência política – Teses. 2. Eleições – França - Teses.
3. Partidos políticos – França - Teses. 4. Le Pen, Marine,
1968- I. Telles, Helcimara de Souza. II. Torcal, Mariano. III.
Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de
Filosofia e Ciências Humanas. IV. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA

UFMG

ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DA ALUNA ALINE BURNI PEREIRA GOMES

Realizou-se, no dia 23 de fevereiro de 2015, às 14:00 horas, no auditório Prof. Luiz Bicalho da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de dissertação, intitulada "*Extrema-direita e os 'perdedores da globalização': preditores do voto em Marine Le Pen nas presidenciais de 2012*", apresentada por ALINE BURNI PEREIRA GOMES, número de registro 2013660981, graduada no curso de CIÊNCIAS SOCIAIS, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em CIÊNCIA POLÍTICA, à seguinte Comissão Examinadora: Profa. Helcimara de Souza Telles - Orientadora (DCP/UFMG), Prof. Mariano Torcal Lorient – Co-orientador (Universitat Pompeu Fabra) – Videoconferência Skype, Prof. Dawisson Elvécio Belém Lopes (DCP/UFMG), Prof. Adrián Nicolas Albala Young (USP).

A Comissão considerou a dissertação:

Aprovada

Reprovada

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 23 de fevereiro de 2015.

Profa. Helcimara de Souza Telles – Orientadora
(DCP/UFMG)

Prof. Mariano Torcal Lorient – Co-orientador
(Universitat Pompeu Fabra) – Videoconferência Skype

Prof. Dawisson Elvécio Belém Lopes
(DCP/UFMG)

Prof. Adrián Nicolas Albala Young
(USP)

Agradecimentos

Um trabalho como este é fruto de várias interações pessoais e do apoio de diversas instituições. As nossas realizações não estão isoladas do mundo, mas são conquistadas em função do detalhe do cotidiano, da construção conjunta de conhecimento, de encontros brilhantes ou de atenções especiais concedidas por outras pessoas. Sou muito grata por todas essas contribuições, conscientes e inconscientes, que diversos indivíduos forneceram para meu trabalho. A base de tudo está em minha família, onde aprendi o valor do estudo, da perseverança e da disciplina, assim como me apaixonei pelas Humanidades, graças a meu pai e à minha mãe, pessoas maravilhosas que fazem deste mundo um lugar melhor. Às minhas irmãs, agradeço pelo apoio e pelo carinho com que admiram meu empenho e esforço, sempre me desejando e me proporcionando o bem. Um agradecimento especial pela companhia, motivação e paciência do meu companheiro Vincent, que, além do amor, verdadeiramente me auxilia nos desafios da academia e da vida. Sua existência ao meu lado me faz mais forte e capaz.

Meu sincero reconhecimento e gratidão à orientadora Helcimara Telles e ao Grupo Opinião Pública, que me proporcionaram oportunidades valiosas. A convivência com os colegas de pesquisa e os intercâmbios de conhecimento foram muito importantes para o avanço do meu projeto. Também gostaria de expressar meu agradecimento pela ajuda e ensinamento do colega Victor Araújo, uma pessoa solidária e muito inteligente que, com certeza, tem um futuro brilhante pela frente. Obrigada, Victor!

Sou profundamente grata às construtivas críticas, confiança e reconhecimento de renomados mestres. Obrigada ao Mariano Torcal, um intelectual extremamente prestigiado e ocupado, mas que a todo tempo respondeu aos meus e-mails, tirou minhas dúvidas, me corrigiu, me motivou e me auxiliou no desenvolvimento desta dissertação. Prova de que a humildade e a simplicidade estão intimamente ligadas ao sucesso. Muitos professores foram importantes para o avanço das minhas ideias e para meu amadurecimento intelectual, ainda que de forma indireta. Nesse sentido, agradeço particularmente aos professores do Departamento de Ciência Política Magna Inácio e

Dawisson Lopes pelas contribuições, críticas e enriquecimento proporcionados a esta dissertação.

Graças à professora da *Sciences Po de Paris*, Dra. Nonna Mayer, que retornou com atenção a minha solicitação de base de dados, pude seguir em frente e desenvolver a análise empírica deste trabalho. Ademais, devo agradecer ao *Centre des Données Socio-Politiques* (CDSO), também da *Sciences Po*, por ter gentilmente transmitido dados estatísticos e eleitorais.

Finalmente, mas não menos importante, agradeço ao Departamento de Ciência Política, que oficialmente me concederá o título de mestre após uma formação de excelência. Obrigada aos funcionários da UFMG, principalmente ao secretário Alessandro, extremamente gentil, eficiente e atencioso diante das inúmeras demandas dos alunos e professores. Agradeço à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), que financiou meus dois anos de formação na pós-graduação.

Cada encontro e desencontro de nossas vidas possui um propósito e constitui uma parte essencial de nossas existências e conquistas. Sou muito feliz e grata pelos encontros que tive a oportunidade de fazer e levo comigo a certeza de que meus avanços e sucessos devem ser compartilhados com cada uma destas partes, consciente de que as imperfeições e os erros do resultado que apresento agora são de minha própria responsabilidade. Contudo, são as debilidades que nos fazem crescer e buscar ainda mais. E sei que as fraquezas que tenho hoje constituirão o fôlego para vencer no futuro. Obrigada!

Politics is about more than mere electoral facts; it is about perceptions. In this respect, populist radical right parties are certainly politically relevant, if only because they are perceived as such by large parts of both the elites and the masses. And, particularly in multiparty systems, small parties can weight (heavily) on national policies and social values, even if in (semi-) permanent opposition.

Cas Mudde, 2007.

Resumo

Esta dissertação analisa o fenômeno da extrema-direita na Europa. Os partidos que compõem esta família partidária são classificados como nativistas, populistas e autoritários (MUDDE, 2007) e sua popularidade tem crescido em diversos países da região nas últimas décadas. O caso selecionado para estudo foi o da Frente Nacional na França e o objetivo é compreender as razões do apoio a esta tendência política. A Frente Nacional é o partido de extrema-direita mais longevo do continente europeu e atualmente apresenta resultados eleitorais consolidados em diferentes tipos de eleições. Será analisado o desempenho da candidata e líder partidária, Marine Le Pen, nas últimas presidenciais de 2012, pleito em que o FN conquistou 17,9% dos votos válidos, posicionando-se em terceiro lugar. O trabalho pretende responder à seguinte indagação: quais fatores explicam o voto em Marine Le Pen? A hipótese central é de que as orientações valorativas dos eleitores são fundamentais para compreender este tipo de escolha eleitoral, particularmente a oposição ao fenômeno da globalização e seus efeitos, como a imigração e a União Europeia.

Para responder a esta questão, foi realizada uma análise dos dados eleitorais agregados. A partir destes dados, foi desenvolvido um modelo de regressão linear múltipla para verificar o efeito das variáveis sociológicas, socioeconômicas e políticas nos resultados do FN nos departamentos franceses. Em seguida, foram realizadas análises com dados do *survey Enquête Électorale Française* de 2012. Em tal etapa foi elaborado um modelo de regressão logística multinomial, em que a variável dependente foi o voto para presidente no primeiro turno de 2012 e as variáveis independentes foram extraídas das teorias explicativas do comportamento eleitoral: sócio demográficas (sexo, idade, escolaridade, religião e profissão), ideologia, preferência partidária, satisfação com o funcionamento da democracia, confiança nos políticos, avaliação da economia, voto para presidente em 2007 (1º turno), euroceticismo, xenofobia e conservadorismo.

Conforme esperado, a economia não exerce impacto significativo neste tipo de escolha eleitoral, cuja lógica está voltada para as orientações e preferências políticas e culturais dos indivíduos. Estas preferências apresentam um caráter duradouro no tempo, posto que o voto em Marine Le Pen está ancorado nos valores dos eleitores e no voto precedente, apesar da mudança da liderança do FN. Além disso, a preferência pelo partido de extrema-direita pode ser explicada pela desconfiança nos políticos. Tais achados revelam o potencial do FN em captar o descontentamento dos chamados “perdedores da globalização”, assim como daqueles indivíduos que se sentem desiludidos com a política, posto que seus votantes desejam o insulamento político e cultural no interior das fronteiras do Estado, como forma de se proteger dos efeitos da globalização, e manifestam uma atitude de desconfiança em relação à classe política, mas não necessariamente em direção ao funcionamento da democracia.

Palavras-chave: Extrema-direita, comportamento eleitoral, França, Frente Nacional, Marine Le Pen, perdedores da globalização, euroceticismo, xenofobia, valores culturais.

Abstract

This master dissertation investigates the extreme right-wing phenomenon in Europe. Political parties grouped in this party family are classified as nativist, populist and authoritarian (MUDDE, 2007) and their popularity has been growing in many countries of the region during the last decades. The French National Front has been selected as the case to be studied and the aim of this research is to understand the reasons for supporting this political trend. The National Front is the longest-living extreme right-wing party in the European continent and it currently has a consolidated electoral performance in different types of the country's electoral competitions. We will analyze the vote for the candidate and party leader Marine Le Pen at the last presidential election (2012) in which the FN won 17.9% of the votes, placed in third position. The investigation aims at answering the following question: which factors can explain Marine Le Pen's support? The hypothesis is that voters' value orientations are crucial to understand this sort of choice, particularly the opposition to globalization and its effects, such as immigration and the European Union.

To answer this question we have developed an analysis using aggregate electoral data. With this data a multiple linear regression model has been run in order to understand the effects of sociological, socioeconomic and political variables on the FN results in the French departments. Then, an analysis of the 2012 *Enquête Électorale Française* survey data has been performed. In this step we have developed a multinomial logistic regression model, in which the dependent variable has been the vote for president in the first round of 2012 competition and the explanatory variables have been inspired on voting behavior theories: respondents' sociodemographic characteristics (gender, age, education, religion and occupation), ideology, party preference, satisfaction with the functioning of democracy, trust in politicians, evaluation of the economy, vote for president in 2007 (1st round), euroskepticism, xenophobia and conservatism.

As expected, the economy has no significant impact on this type of electoral choice, which logic is focused on the political and cultural preferences and guidelines of the voters. These preferences have a durable nature, since the vote for Marine Le Pen is anchored in the values of the voters and their previous electoral choice, even after the FN leadership change. In addition to that, the choice for the extreme right-wing party can be explained by the distrust in politicians. These findings mean that the FN can potentially capture the discontentment of the so-called "globalization losers", as well as those who feel disenchanting with politics, since its voters search for the political and cultural insulation inside the state borders as a way to protect themselves from the globalization effects, and they hold an attitude of distrust concerning the political class, but not necessarily towards the functioning of democracy itself.

Keywords: Extreme right-wing, voting behavior, France, National Front, Marine Le Pen, globalization losers, euroskepticism, xenophobia, cultural values.

Lista de Tabelas

Tabela 1: Resultados eleitorais da extrema-direita por país (eleições presidenciais, legislativas ou regionais entre 2008 e 2014).	54
Tabela 2: Resultados dos candidatos de maior desempenho pelo FN – eleições legislativas de 2012.	85
Tabela 3: Desempenho eleitoral da Frente Nacional (FN) – 1973 a 2014.	86
Tabela 4: Resultados do modelo de regressão linear múltipla para explicar o desempenho departamental da Frente Nacional no 1º turno das eleições presidenciais de 2012.	125
Tabela 5: Média de idade dos eleitores.	153
Tabela 6: Média do auto-posicionamento ideológico dos eleitores.	155
Tabela 7: Média da confiança dos eleitores nos políticos.	158
Tabela 8: Valores tradicionais dos eleitores (%).	163
Tabela 9: Resultados do teste VIF de colinearidade para as variáveis explicativas.	166
Tabela 10: Parâmetros do modelo de regressão logística multinomial.	169

Lista de Figuras

- Figura 1: Evolução da votação média de sete partidos de extrema-direita na Europa Ocidental (1980-2004). 52
- Figura 2: As esferas de organização político-territorial da França. 68
- Figura 3: Municípios conquistados pela Frente Nacional e pela Liga do Sul em 2014. 87
- Figura 4: Distribuição departamental dos resultados obtidos por Jean-Marie Le Pen no 1º turno das presidenciais de 1988. 96
- Figura 5: Distribuição departamental dos resultados obtidos por Jean-Marie Le Pen no 1º turno das presidenciais de 1995. 97
- Figura 6: Distribuição departamental dos resultados obtidos por Jean-Marie Le Pen no 1º turno das presidenciais de 2002. 98
- Figura 7: Distribuição departamental dos resultados obtidos por Jean-Marie Le Pen no 1º turno das presidenciais de 2007. 100
- Figura 8: Distribuição departamental dos resultados obtidos por Marine Le Pen no 1º turno das presidenciais de 2012. 102

Lista de Quadros

- Quadro 1: Síntese das diferentes eleições na França. 69
- Quadro 2: Variáveis independentes do modelo de regressão logística multinomial. 165

Lista de Gráficos

Gráfico 1: Resultados dos partidos de extrema-direita mais votados nas eleições de 2014 para o Parlamento Europeu.	55
Gráfico 2: Sentimento dos eleitores em relação a Jean-Marie Le Pen (2007) e Marine Le Pen (2012) - %.	88
Gráfico 3: Evolução do índice de razão de avanço de FN, PS e RPR/UMP nas eleições presidenciais (1º turno)	90
Gráfico 4: Tendências nas eleições presidenciais (1º turno) – 1965 a 2012.	92
Gráfico 5: Distribuição dos eleitores por sexo (%).	152
Gráfico 6: Distribuição dos eleitores por categoria sócio profissional (%).	153
Gráfico 7: Distribuição dos eleitores por escolaridade (%).	154
Gráfico 8: Distribuição dos eleitores por religião (%).	155
Gráfico 9: Percepção da economia (%).	156
Gráfico 10: Satisfação com o funcionamento da democracia (%).	157
Gráfico 11: Voto para presidente em 2007 (%).	159
Gráfico 12: A França se beneficiou com sua entrada na União Europeia (%).	159
Gráfico 13: Temor em perder a identidade nacional por causa da União Europeia (%).	160
Gráfico 14: Posicionamento em relação à frase “há imigrantes demais na França” (%).	161
Gráfico 15: Posicionamento em relação à frase “a imigração ameaça nossos empregos” (%).	161
Gráfico 16: Percepção do Islã (%).	162

Sumário

<u>Introdução</u>	15
<i>A escolha do caso</i>	19
<i>Plano do trabalho</i>	23
<u>Capítulo 1 – A extrema-direita na Europa</u>	
1. <i>Introdução</i>	25
2. <i>A emergência dos partidos de extrema-direita: contexto macrossocial e diferenças do nazi-fascismo</i>	26
3. <i>A extrema-direita como família partidária: terminologias e definições</i>	36
3.1 <i>Dimensão 1: Nativismo, nacionalismo, xenofobia ou posicionamento anti-imigração</i>	39
3.2 <i>Dimensão 2: Autoritarismo, antipluralismo, antiliberalismo e hostilidade à democracia</i>	41
3.3 <i>Dimensão 3: Populismo, orientação protestatária e anti-sistema</i>	43
3.4 <i>Economia: uma dimensão de importância secundária</i>	45
3.5 <i>Justificativa do uso do termo “extrema-direita”</i>	46
4. <i>O atual desempenho da extrema-direita europeia na arena eleitoral</i>	49
5. <i>A crise econômica e o fortalecimento da extrema-direita</i>	58
6. <i>Conclusões</i>	61
<u>Capítulo 2 – A Frente Nacional na França: das margens do sistema para o protagonismo político</u>	
1. <i>Introdução</i>	62
2. <i>Características do sistema eleitoral francês</i>	64
3. <i>O histórico da Frente Nacional</i>	70
3.1 <i>A criação</i>	70
3.2 <i>Um grupúsculo aspirante a partido político</i>	73
3.3 <i>Ascensão, enraizamento e consolidação eleitoral</i>	74
3.4 <i>Cisão e enfraquecimento</i>	79
3.5 <i>Marine Le Pen: o relançamento de um projeto político</i>	82
4. <i>O lugar da Frente Nacional no sistema político-eleitoral</i>	89
5. <i>Conclusões</i>	93

Capítulo 3 – O impacto limitado da composição social e do contexto socioeconômico nos resultados de Marine Le Pen

<i>1. Introdução</i>	94
<i>2. A distribuição territorial dos resultados de Le Pen nas presidenciais</i>	95
<i>3. Discussão teórica e modelo de análise</i>	
<i>3.1 Considerações sobre o caso francês</i>	103
<i>3.2 O método comparativo</i>	107
<i>3.3 Hipóteses e variáveis explicativas</i>	109
<i>3.4 Método</i>	123
<i>4. Discussão dos resultados</i>	124
<i>5. Conclusões</i>	128

Capítulo 4 - A lógica da preferência por Marine Le Pen: qual a importância dos valores para o voto na extrema-direita?

<i>1. Introdução</i>	130
<i>2. Modelos explicativos do voto</i>	132
<i>3. Novas dimensões do comportamento eleitoral: qual a importância dos valores?</i>	140
<i>4. Hipóteses</i>	146
<i>5. Análise</i>	149
<i>5.1 Fonte de dados</i>	150
<i>5.2 O eleitor da Frente Nacional</i>	151
<i>5.3 Modelo de regressão multinomial</i>	163
<i>5.4 Construção dos índices de valores: xenofobia, euroceticismo e conservadorismo</i>	166
<i>5.5 Resultados</i>	169
<i>5.6 Discussão</i>	172
<i>6. Conclusões</i>	179

Considerações finais

Referências bibliográficas

Anexos

Introdução

Muitas democracias contemporâneas têm enfrentado o desafio da crescente popularidade de partidos da extrema-direita nas últimas décadas, principalmente na Europa. Estes partidos, caracterizados pela ideologia nativista, populista e autoritária (MUDDE, 2007) representam uma nova família ideológica que se orienta, sobretudo, pelas questões culturais que têm ganhado importância nos diferentes eleitorados. Mudanças estruturais que afetam estas sociedades estão na base da emergência de novas demandas sociais, cujas prioridades se voltam para os princípios morais, questões identitárias e a necessidade de se preservar a soberania e as tradições nacionais em um contexto de intensa globalização.

Diferentes autores interpretaram a emergência destes novos partidos como uma reação à disseminação dos valores pós-materialistas, que são orientados pelo universalismo, pela valorização do indivíduo e seu bem-estar (IGNAZI, 2003; BORNSCHIER, 2010). Conforme teorizado por Inglehart (1977), a modernização econômica dos países mais avançados e a ampliação do acesso à escolaridade promoveram uma massiva adesão a valores pós-materialistas, que se traduzem na priorização de questões não materialistas entre os cidadãos, tais como o aumento da participação nas decisões políticas, a preservação ambiental, a defesa dos mais diversos direitos das minorias, entre outros. Contudo, para Ignazi (2003) e Bornschieer (2010), em tais sociedades emergiu igualmente uma demanda por valores fundamentalmente opostos, cujo embasamento também não é materialista, mas preocupado com questões morais, culturais, identitárias e relativas à soberania nacional.

Kriesi *et al.* (2012) dão centralidade a um elemento extremamente importante para compreender as novas orientações que são mobilizadas ou representadas pelos partidos da extrema-direita: a globalização. Este fenômeno é concebido como a crescente ampliação dos fluxos de atividades, comércio, capital, pessoas e relações na escala mundial, ultrapassando as fronteiras nacionais. Para David Held e Anthony McGrew (2001) o fenômeno da globalização conecta cada vez mais os atores sociais em redes de interação, a distância entre eles e a organização de suas relações sofrem

significativo impacto, criando a percepção de que o globo “encolheu” (IORIS, 2010), de que o mundo se torna “unido” (FEATHERSTONE, 1994) e de que os efeitos de um acontecimento em determinado local do planeta irão repercutir em partes distantes do mundo. Segundo Held e McGrew (2001, p. 13):

a globalização denota a escala crescente, a magnitude progressiva, a aceleração e o aprofundamento do impacto dos fluxos e padrões inter-regionais de interação social. Refere-se a uma mudança ou transformação na escala da organização social que liga comunidades distantes e amplia o alcance das relações de poder nas grandes regiões e continentes do mundo.

A atual transformação das fronteiras territoriais representa um momento crítico para a articulação de uma nova clivagem, segundo Kriesi *et al* (2012), fundamentada na oposição entre integração e demarcação. De acordo com os autores, os efeitos da globalização não são os mesmos para os diferentes membros das sociedades:

the consequences of globalization are not the same for all members of a national community – or among different national communities. We expect globalization (and European integration) to give rise, in economic, cultural, and political terms, to new disparities, new oppositions, and new forms of competition. We assume that globalization creates new groups of ‘winners’ and ‘losers’ who constitute political potentials – that is, latent groups ready for the articulation of their conflicting interests and demands by political parties, interest groups, and social movements. Finally, we assume that these new oppositions between ‘winners’ and ‘losers’ of denationalization are not aligned with, but cross-cut, the older structural cleavages referred to by Lipset and Rokkan (1967). (KRIESI *et al.*, 2012, p.12)

A globalização dá origem a três dimensões de conflito, que contribuem para a formação dos grupos de “ganhadores” e “perdedores” do fenômeno: as dimensões econômica, cultural e da integração política, a qual se refere à transferência de autoridade política a instituições que estão acima do Estado Nacional. Na dimensão econômica, o argumento é de que a globalização promoveu a intensificação da competição econômica transnacional e no interior dos Estados de Bem-Estar Social, o que aumentou os riscos sociais e econômicos. Na dimensão cultural, a globalização é responsável pelo significativo aumento da diversidade cultural no interior das sociedades. Apesar de existir o argumento de que a imigração pode intensificar a competição por recursos escassos, como emprego, moradia e benefícios sociais, estudos

demonstram que os reais efeitos econômicos da imigração são menos relevantes do que a percepção das pessoas acerca desses efeitos (HAINMUELLER & HISCOX, 2007). Nesse sentido, os sentimentos anti-imigração têm muito mais a ver com valores culturais relacionados à concepção de identidade nacional do que com preocupações direcionadas às circunstâncias econômicas pessoais. Em outras palavras, o que motiva os indivíduos a se oporem à imigração são valores e crenças culturais e não sua condição econômica, visto que tal posicionamento não está relacionado com a inserção dos indivíduos no mercado de trabalho, mas ultrapassa este critério.

A terceira fonte de conflito gerada pela globalização é a integração política. A liberalização dos mercados financeiros reduziu drasticamente a independência da política macroeconômica dos países. Este processo é particularmente evidente no caso da União Europeia, em que a autonomia da política monetária nacional foi eliminada em função da criação do Banco Central Europeu. A progressiva importância da União Europeia é um dos fatores que modificou a dinâmica da decisão política dos Estados e a *accountability* dos governantes (KRIESI, 2014). Os eleitores possuem menos clareza acerca dos processos decisórios e da responsabilização de tais decisões. Os indivíduos que possuem uma grande identificação com a comunidade nacional percebem o enfraquecimento das instituições nacionais e a transferência de funções para o nível supranacional como uma perda e demandam alternativas políticas capazes de protegê-los da situação de vulnerabilidade cultural e política.

As victims of the cultural-political openness of a country, they demand compensation for their cultural vulnerability and insecurity, which they seek to obtain in the form of national protection from immigration, preservation of national sovereignty, and reservation of the welfare state for members of the national community. (KRIESI *et al.*, 2012, p.17)

No processo de emergência do novo conflito político fundamentado nas modificações causadas pela globalização, tende a predominar a lógica cultural da mobilização eleitoral (KRIESI *et al.*, 2012). As críticas à globalização enfatizam as consequências negativas da diversidade cultural e da integração política, ao passo que interpretam os conflitos econômicos em termos culturais. As razões para a emergência e o domínio da lógica cultural podem ser interpretadas à luz da teoria do pós-materialismo, que, justamente, prevê novas prioridades de caráter não materialista nas sociedades desenvolvidas, portanto, os temas econômicos tendem a perder importância.

A centralidade de *issues* culturais também está relacionada ao estabelecimento de um consenso neoliberal em termos econômicos e sociais a nível global, o que limita a diferenciação dos projetos econômicos dos partidos tradicionais, que tendem a se assemelhar em suas propostas (KITSCHELT, 1995). Como os partidos políticos tradicionais não se diferenciam de forma significativa em termos econômicos, os eleitores se tornam indiferentes a esta dimensão e passam a orientar suas preferências a partir de *issues* culturais. Por essas razões, a dimensão cultural tende a dominar o conflito político, constituindo a principal preocupação dos eleitores. Em tal contexto, a extrema-direita possui um papel privilegiado no debate político, pois articula as demandas dos chamados “perdedores” da globalização em termos culturais, dimensão na qual este grupo de indivíduos converge em suas orientações e preferências políticas.

Esta dissertação pretende contribuir para as discussões sobre a extrema-direita e incentivar outros pesquisadores de instituições brasileiras a se interessarem pelo tema, ainda pouquíssimo estudado no Brasil, mas central em países europeus e norte-americanos. Apesar de não ser um fenômeno encontrado na América Latina, a emergência de tais partidos se insere em uma discussão mais ampla sobre a articulação de novas demandas sociais nos sistemas partidários já existentes. Nesse sentido, consiste em uma questão de relevância para as democracias de maneira geral, pois à medida que determinadas problemáticas vão sendo resolvidas ou se tornam ultrapassadas, a tendência é de que novos conflitos ganhem espaço na arena política, demandando novas ofertas eleitorais ou a adaptação das propostas anteriormente predominantes. O regime democrático e suas instituições devem dar conta deste processo, particularmente se as novas demandas emergentes representarem algum tipo de confronto com os fundamentos da democracia, conforme podem ser interpretadas determinadas demandas da nova extrema-direita.

Em busca de melhor compreender a adesão eleitoral à extrema-direita, este trabalho irá discutir o apoio ao partido Frente Nacional na França. A proposta é realizar uma análise que parte do nível macro, a partir da discussão teórica sobre a extrema-direita na Europa, para gradativamente chegar ao estudo empírico em nível micro, quando serão analisadas as motivações individuais para a preferência eleitoral pela extrema-direita em uma eleição específica. Dessa forma, no primeiro capítulo será estudada a extrema-direita no nível continental, onde será explorado seu contexto de

emergência, características e desempenho. No segundo capítulo, o foco será voltado para o país escolhido, a França. No terceiro capítulo, examinaremos o desempenho da extrema-direita e os fatores que exercem impacto em seus resultados no nível subnacional, nos departamentos franceses. No quarto capítulo, a análise será focalizada no indivíduo, através da exploração de dados de *survey*.

O objetivo não é explicar a emergência da Frente Nacional ou as causas de sua progressão eleitoral, mas tentar compreender melhor quais são os fatores mais importantes para o voto a favor do FN em um momento em particular, as eleições presidenciais de 2012. Pretende-se testar a hipótese de que os valores são determinantes para este tipo de decisão eleitoral e que, portanto, as preferências dos eleitores diante de *issues* culturais estão relacionadas com este tipo de apoio político, conforme fundamentado pela discussão brevemente introduzida acima.

Na seção a seguir iremos argumentar sobre a escolha do caso a ser estudado. Em seguida, apresentaremos rapidamente a organização deste trabalho.

A escolha do caso

Este trabalho de dissertação se interessa pelo fenômeno da extrema-direita na França, país onde esta tendência política conseguiu se estabelecer de forma duradoura, tornando-se um elemento essencial do sistema político nacional. Há cinco razões principais para a escolha por este objeto de estudo, que, a nosso ver, justificam de forma apropriada sua importância dentro do tema: I) sua longevidade e consolidação; II) seus resultados eleitorais; III) seu caráter vanguardista; IV) sua classificação como “tipo-ideal”; e V) sua inserção em um sistema eleitoral majoritário de dois turnos.

Em primeiro lugar, a Frente Nacional é o partido de extrema-direita mais longevo do cenário político, sendo o primeiro a adotar um discurso culturalista moderno (BORNSCHIER, 2010). Ele foi criado em 1972 e até hoje permanece sob o mesmo nome. O FN se destaca no tempo e no espaço quando comparado com outros partidos de extrema-direita localizados em diferentes países. Até o momento da cisão partidária ocorrida em 1998-1999, nenhum outro país da Europa contou com uma força de extrema-direita capaz de se implantar a tal nível (entre 10 e 15% dos votos) durante um

período tão longo, ou seja, por mais de uma década (PERRINEAU, 1997). Atualmente o FPÖ austríaco conquista níveis altíssimos de votação para o campo da extrema-direita, geralmente oscilando dentro do intervalo de 20% a 25% dos votos, contudo sua emergência data de 1987, alguns anos após a ascensão eleitoral do FN. O antigo *Vlaams Blok*, atual *Vlaams Belang* da Bélgica prospera apenas na parcela flamenga do país, sem, portanto, apresentar uma implantação nacional. Quanto ao *Movimento Sociale Italiano* (MSI), ele oscilou muito tempo entre 5% e 10%, consolidando resultados mais importantes apenas após se reestruturar e se transformar em Aliança Nacional nos anos 1990.

Em outros países, como na Holanda, a extrema-direita conquista sucessos eleitorais esporádicos e isolados, sem ainda apresentar uma base eleitoral consolidada. Por outro lado, em países tais como Alemanha, Portugal, Reino Unido e Espanha, os grupos da mesma família partidária não conquistaram uma base eleitoral importante, exibindo, ainda, resultados relativamente baixos nas urnas.

No que se refere aos resultados conquistados nas urnas, apesar do significativo enfraquecimento eleitoral decorrente da cisão de uma facção interna liderada por Bruno Mégret em 1998-1999, o FN parece ter se renovado e se recuperado politicamente nos últimos anos a partir da nova liderança assumida por Marine Le Pen em um contexto de crise econômica, centralidade de temáticas como a União Europeia, a imigração e o Islã; e instabilidades no interior do sistema político-partidário francês. O revigorecimento das questões identitárias, securitárias, culturais e religiosas a partir do avanço da crise econômica eclodida em 2008, assim como a crise de confiança dos eleitores nos partidos tradicionais, favorecem sua presença no debate político e midiático, tornando-o mais atrativo do ponto de vista eleitoral e mais competitivo diante dos tradicionais grupos de esquerda e de direita, que enfrentam crescente falta de credibilidade por parte dos eleitores (TAGUIEFF, 2012). Desde o ano de 2010 constata-se uma trajetória ascendente de seus resultados eleitorais: 11,42% no primeiro turno das eleições regionais de 2010; 17,81% no segundo turno do mesmo pleito; 17,90% nas presidenciais de 2012; 13,60% no primeiro turno das legislativas do mesmo ano, seguidas de 31,70% no segundo turno. As últimas eleições legislativas representaram o retorno do FN na Assembleia Nacional, visto que sua primeira e até então única representação dentro da instituição havia sido em 1986. O mais recente resultado de

peso foi conquistado nas eleições para o Parlamento Europeu em 2014, quando o FN obteve 24,9% dos votos válidos, sendo o partido mais votado em todo o país.

Em terceiro lugar, o FN representa a vanguarda da extrema-direita na Europa, pois seu crescimento eleitoral inaugurou o fortalecimento da popularidade de outras siglas análogas e suas estratégias de campanha inspiraram partidos da mesma família ideológica em outros países. O partido francês representa um caso de sucesso eleitoral no contexto de ascensão desta família partidária e é tomado como referência por outros partidos de similar posicionamento político, influenciando diretamente as orientações ideológicas e os temas centrais de outras siglas de extrema-direita no continente europeu. Givens (2005) e Perrineau (2002) destacaram a interação comunicacional entre a Frente Nacional e os partidos de extrema-direita de outros países no intuito de trocar experiências e adotar estratégias que se mostram promissoras na conquista de melhores desempenhos eleitorais, em que o FN representa um referencial a ser seguido em direção ao sucesso.

Pour les partis d'extrême droite en Europe qui se sont développés depuis les années 1980, le Front National (FN) représente 'la' référence. (...) Le FN a acquis ce rôle de premier plan d'abord en raison de ses performances électorales depuis sa première percée aux élections européennes de 1984 où il avait obtenu 9,8%. Dans toutes les élections qui suivent jusqu'à l'élection présidentielle et législative de 2007, il n'est jamais descendu sous ce seuil. (IGNAZI, 2012, p.37)

Suas ideias, visões de mundo, interpretações e até mesmo *slogans* de campanha foram recuperados por outros partidos de extrema-direita europeus. O FN elaborou um perfil ideológico que reformula fontes tradicionais do pensamento antidemocrático e antiliberal que se tornou uma referência para outros movimentos de similar orientação ideológica em escala europeia (IGNAZI, 2012).

Desde os primeiros estudos comparativos sobre a extrema-direita, o FN foi tratado com destaque. Kitschelt (1995) o considerou o “tipo-ideal” da chamada “nova direita radical”, devido ao apelo autoritário no plano sociocultural em seu discurso, combinado com propostas de defesa do livre mercado. Apesar de este ter sido o posicionamento ideológico do FN durante os anos 1970 e 1980, o partido reformulou suas propostas econômicas na década de 1990, desta vez em direção a uma orientação protecionista e em defesa das políticas de bem-estar social (LAUDE, 2011), posicionamento fortemente defendido atualmente por Marine Le Pen (IVALDI, 2011).

Contudo, conforme apresentaremos no capítulo 1 deste trabalho, as principais temáticas para a definição da extrema-direita moderna são aquelas de natureza valorativa, pois estes partidos priorizam temas culturais e políticos em suas plataformas. Nesse sentido, o FN representa a centralidade que os *issues* da imigração e da identidade nacional possuem dentro das orientações desta família partidária, temas também importantes para a preferência do eleitor destes partidos. A França aparece como o caso em que a imigração é o principal fator relacionado à preferência pelo FN nas eleições nacionais (KRIESI *et al.*, 2012). Também Ignazi (2003) apresentou o FN como um caso emblemático de ascensão da extrema-direita, considerado pelo autor como um protótipo deste modelo de partido.

Além da longevidade da existência da Frente Nacional e extensa duração de sua implantação eleitoral, em que demonstra uma parcela de eleitores consolidada, a Frente Nacional é um partido inserido em um sistema eleitoral majoritário de dois turnos. Contrariamente ao sistema eleitoral do tipo proporcional, que favorece a representação de partidos médios e pequenos nas instituições democráticas, visto que distribui cargos e cadeiras com base na votação obtida pelos diferentes atores políticos, o sistema majoritário de dois turnos dificulta o fortalecimento destes atores e sua inserção nas instituições representativas (DELWIT, 2012), pois requer a maioria dos votos para a obtenção de um cargo. Um dos efeitos deste tipo de regra eleitoral é a constituição de uma disputa bipolar, onde dois partidos ou dois blocos ideológicos predominam nas competições. A dinâmica competitiva polarizada pressiona os partidos menores a constituírem alianças eleitorais no segundo turno para conseguirem ascender ao poder, pois é necessário obter a maioria dos votos para adquirir os principais cargos políticos no nível nacional.

Entretanto, no caso da Frente Nacional, a política de alianças não obteve sucesso, particularmente no plano nacional, sendo que o partido segue sua trajetória de maneira isolada. Apesar disso, o FN foi capaz de desestabilizar o monopólio da disputa eleitoral por parte dos partidos tradicionais de esquerda e de direita e atualmente corresponde a um protagonista do sistema político francês.

Por fim, nenhum partido de extrema-direita obteve a centralidade adquirida pelo FN na imprensa internacional e no discurso público. O impacto deste ator ultrapassa a

arena eleitoral, pois suas ideias adquiriram uma existência durável no sistema partidário. A França nos parece corresponder a um dos casos de maior expressão de mudanças profundas na dinâmica do comportamento eleitoral e da competição partidária nas democracias consolidadas da Europa ao longo das últimas décadas. Essas transformações vão em direção à incorporação de novas temáticas e novas lógicas de decisão do voto, em que temas como a imigração, a identidade nacional e a integração europeia ganham peso no posicionamento dos partidos políticos e na edificação da preferência dos eleitores (KITSCHOLT, 1995; KRIESI *et al.*, 2012). Em poucas décadas a temática da imigração, que antes não era endereçada por nenhum dos partidos tradicionais do sistema, adquiriu centralidade nas competições eleitorais francesas (PERRINEAU, 1997), passando a diferenciar os grupos de eleitores e a constituir parte importante de suas prioridades políticas.

Importante destacar que, para além do voto a favor do FN, várias pesquisas de opinião pública constatam a maior popularidade e adesão às suas propostas, com evolução progressiva ao longo das séries temporais, o que sinaliza para a existência de um eleitorado em potencial deste partido. Ademais, é possível identificar a adoção de temas previamente “pertencentes” ao partido de extrema-direita por parte da direita *mainstream* nas campanhas eleitorais (DIDIEUR, 2011), a exemplo do controle mais rígido da imigração e da preocupação com a segurança e as tradições nacionais.

Plano do trabalho

No primeiro capítulo, apresentaremos uma discussão aprofundada sobre a família partidária da extrema-direita, abordando seu contexto de emergência, as diferenças em relação aos movimentos nazistas e fascistas do entre guerras e o atual desempenho desses partidos na arena eleitoral europeia. Ademais, discutiremos a definição teórica da família partidária da extrema-direita com base na elaboração de Mudde (2007) e justificaremos a preferência pelo uso do termo “extrema-direita” diante de outras terminologias encontradas na literatura.

No segundo capítulo, será tratado especificamente o caso da Frente Nacional na França, onde discutiremos sobre seu desenvolvimento histórico e sua atual importância dentro do sistema partidário do país. Ao longo do tempo, o FN cresceu no que se refere

ao percentual de votos conquistados, mas também foi capaz de exercer impacto no sistema partidário já existente, pois introduziu temáticas anteriormente ausentes na agenda político-eleitoral.

No terceiro capítulo, avaliaremos a capacidade explicativa da composição social, de variáveis socioeconômicas e políticas na compreensão do desempenho do FN nas presidenciais de 2012 em nível departamental. Foram extraídas da literatura sobre o tema determinados fatores sociológicos, socioeconômicos e políticos comumente considerados como explicativos para o desempenho de tais partidos. Através de um modelo estatístico multilinear o intuito é avaliar o real efeito destas variáveis no caso da votação de Marine Le Pen nas presidenciais de 2012 nos diferentes departamentos da França continental. Visto que o argumento fundamental deste trabalho consiste na centralidade dos temas culturais para compreender o voto na extrema-direita, espera-se que os fatores sociológicos e socioeconômicos tenham impacto limitado nos resultados do partido.

No quarto capítulo, analisaremos a base de dados do *survey* pós-eleitoral *Enquête Électorale Française* de 2012, realizada dentro do projeto colaborativo *Comparative Study of Electoral Systems* (CSES) e disponibilizada pelo *Centre de Recherches Politiques de Sciences Po* (Paris). O objetivo desta análise é verificar o efeito dos valores na decisão eleitoral a favor de Marine Le Pen no nível individual, controlando por variáveis sócio demográficas, econômicas e atitudinais baseadas nos principais pressupostos das escolas clássicas do comportamento eleitoral.

Ao final, serão apresentadas as principais conclusões do trabalho, que apontam para a importância das orientações culturais e preferências políticas, assim como a desconfiança em relação à classe política como motivações para o apoio ao FN. As evidências do caso francês sugerem que a preferência eleitoral pela extrema-direita deve ser pensada em termos de adesão a um sistema de valores que estão vinculados a um projeto de sociedade específico, que rejeita os princípios universalistas e a abertura cultural ao mundo, buscando preservar os costumes tradicionais e a identidade em torno de um referencial que parece estar sendo ameaçado pela globalização: o Estado-Nacional.

Capítulo 1

A extrema-direita na Europa

1. Introdução

Desde meados dos anos 1980 um novo grupo de partidos de direita tem chamado a atenção dos pesquisadores devido ao seu potencial de acelerado crescimento eleitoral e suas propostas radicais. Em um primeiro momento, tais partidos foram assimilados aos antigos movimentos nazistas e fascistas surgidos no entre guerras, mas logo se constatou que suas estratégias, orientações políticas e a composição de seu eleitorado eram muito diferentes das organizações de extrema-direita daquela época. O grande diferencial da nova extrema-direita é a abordagem de temáticas atuais em suas preocupações, tais como a imigração e a União Europeia, questões ausentes das inquietações emergentes nos anos 1920-1930 em função das particularidades do contexto macrossocial em que tais grupos surgiram.

Este capítulo irá tratar da extrema-direita na Europa, primeiramente apresentando o contexto de emergência e as diferenças desses partidos em relação aos movimentos nazistas e fascistas dos anos 1920-1930. Em seguida, será discutida a definição da extrema-direita enquanto família partidária, suas principais características e a justificativa para empregar o termo escolhido para uso neste trabalho. Adotamos a concepção proposta por Cas Mudde (2007), segundo a qual estes partidos são definidos pela ideologia nativista, autoritária e populista. Na quarta seção, será apresentado o quadro geral do atual desempenho eleitoral desta família de partidos em alguns países europeus. Na seção seguinte, discorreremos brevemente sobre a relação entre crise econômica e fortalecimento da extrema-direita. Ao final do capítulo apresentaremos as principais conclusões.

2. A emergência dos partidos de extrema-direita: contexto macrossocial e diferenças do nazi-fascismo

Para compreender a emergência dos partidos de extrema-direita é importante ter em mente o contexto em que se desenvolveram, além de delimitar o que os define enquanto família partidária. Nesta seção iremos apresentar o contexto de emergência específico dos partidos da atual extrema-direita europeia e suas principais diferenças dos antigos partidos fascistas e nazistas que nasceram no período entre guerras. Na seção seguinte será apresentada a definição desta nova família de partidos.

Na literatura sobre o tema ainda não há um consenso sobre como denominar este novo grupo de partidos, o que faz com que diferentes terminologias sejam utilizadas por variados autores. Por outro lado, em geral, há um considerável acordo em relação às siglas que fazem parte deste agrupamento, com recorrentes inclusões dos mesmos partidos em diferentes análises (RYDGREN, 2008). Ademais, há grande consentimento de que são partidos diferentes dos partidos nazistas e fascistas surgidos no período entre guerras, entre os anos 1920 e 1930 (KITSCHOLT, 1995; HAINSWORTH, 2008; GIVENS, 2005; NORRIS, 2005; BRANDALISE, 2005; LAUDE, 2011; IGNAZI, 2003).

O fascismo enquanto movimento surgiu especificamente na Itália nos anos 1920, tendo sido fundado por Benito Mussolini. O contexto histórico àquela época se caracterizava pelos estragos sociais e econômicos decorrentes do fim da Primeira Grande Guerra, quando o país se deparava com sérios problemas econômicos como o acelerado crescimento da inflação e do desemprego. A Itália, enquanto país tardiamente industrializado, se encontrava em estado de transição de sua economia, que ainda era predominantemente agrária. Alguns anos depois, na Alemanha também aniquilada pela miséria, pela crise social e pela desmoralização de seu povo devido à responsabilização pelo conflito de 1914-19, emergiu o movimento nacional socialista, de similar natureza ideológica e organizativa. Além do impacto destrutivo da Primeira Guerra Mundial, a Alemanha enfrentou os dramáticos efeitos da crise de 1929, que agravaram de forma profunda as condições socioeconômicas do país.

O nazismo é considerado uma vertente do fascismo e ambos são movimentos revolucionários que objetivavam superar as limitações estruturais das sociedades

liberal-capitalistas. Seus fundamentos ideológicos são, no entanto, historicamente anteriores à organização dos movimentos políticos, datando das reações contra as revoluções europeias progressistas transcorridas ao longo do século XIX. Tais fundamentos constituem parte de uma reação intelectual pós-revolucionária mais ampla contra o Iluminismo (IGNAZI, 2003). Por estabelecer um ataque à concepção de igualdade, o pensamento anti-iluminista se opõe radicalmente à política liberal e à democracia moderna (FINCHELSTEIN, 2008).

Os movimentos extremistas de direita criados nos anos 1920-1930 eram essencialmente anticomunistas, contra o liberalismo econômico, marcados pela violência, pela defesa de uma organização corporativista da sociedade e pelo racismo clássico, baseado nas características biológicas dos indivíduos. No caso do nazismo especificamente, fez-se a defesa do mito da purificação racial, visão na qual a nação estava associada à unidade étnica e a raça ariana era considerada superior às demais. O Império Nazista deveria ser criado em torno de uma única população, sendo que todos os que não eram considerados parte daquela comunidade, do ponto de vista étnico, deveriam ser excluídos ou eliminados (RODOGNO, 2008).

Explicitamente opostos à democracia liberal e instrumentalizados pela força, os movimentos nazifascistas eram vinculados a organizações paramilitares altamente armadas e disciplinadas, responsáveis pela perseguição de seus opositores, principalmente socialistas e comunistas. Assim como o Partido Fascista Italiano, os Nacionais Socialistas germânicos se assumiam como os defensores da ordem contra o chamado “perigo vermelho”. Apesar de apresentarem algumas diferenças, três pontos uniam o nazismo e o fascismo: o expansionismo, o anticomunismo e o antissemitismo (RODOGNO, 2008).

O atual fenômeno da extrema-direita emergiu em um contexto socioeconômico e político muito diferente do fascismo/nazismo do entre guerras (KITSCHOLT, 1995). Enquanto o nazi-fascismo surgiu em sociedades que transitavam para o capitalismo e para a democracia liberal após o fim da Primeira Guerra Mundial, momento em que este sistema político-econômico ainda estava muito fragilizado, a nova extrema-direita emergiu em sociedades industriais avançadas, com democracias representativas já

consolidadas e em um mundo que testemunhava o fim próximo da Guerra Fria, portanto, onde o comunismo se mostrava já muito enfraquecido em termos ideológicos.

Nesse sentido, a importância que o anticomunismo representava para a antiga extrema-direita não é encontrada na mesma intensidade entre os partidos da nova extrema-direita, cujas preocupações centrais são outras. Com o fim da União Soviética, em 1991, a oposição ao comunismo deixou de ser uma questão central para as ideologias direitistas radicais emergentes. Não há mais o mesmo sentido em sustentar o anticomunismo como doutrina nuclear para os atuais partidos da extrema-direita, que se orientaram em direção a outros temas, como a oposição ao Islã e outras minorias tais como os ciganos na Europa do Leste, a classe política dirigente e os partidos tradicionais, também considerados como “inimigos” (LAUDE, 2011).

O contexto macrossociológico dos novos partidos de extrema-direita é marcado pelo avanço do fenômeno da globalização, pelos questionamentos direcionados a uma democracia representativa duradoura e estabelecida, pelo multiculturalismo e grandes fluxos migratórios, fenômenos que inexistiam no contexto dos movimentos e partidos nazistas e fascistas. Além disso, a construção da União Europeia modificou consideravelmente a referência identitária compartilhada pelos países do continente europeu, sendo que esta noção de pertencimento à mesma comunidade de países foi recentemente expandida para o leste e para o sul do continente, além de unificar as nações alemã, italiana, francesa e britânica em torno de objetivos comuns, algo que não era evidente no período entre guerras.

Prowe (1994) destaca seis diferenças cruciais nas sociedades europeias pós-guerra com as quais a nova extrema-direita deve lidar: sociedades multiculturais, a descolonização e seus episódios violentos, um estendido período de paz, uma sociedade de consumo estável e próspera, ampla aceitação das normas democráticas e intensa urbanização. Nesse sentido, a velha e a nova extrema-direita são muito distintas entre si, pois são fruto, cada uma delas, de seu próprio contexto, profundamente modificado com o passar das décadas; e desenvolvem suas propostas e programas em respostas às circunstâncias de seu tempo. De acordo com Hainsworth (2008, p.2):

The contemporary extreme right has emerged in socio-political and historical circumstances that are very different to the pre-war and war-time ones. Notably, liberal and capitalist democracy has become more

embedded in Western Europe, and the international climate has evolved from Cold War to thaw, to take in the “fall of the wall” and the retreat from communism.

A maioria dos novos partidos de extrema-direita nasceu nos anos 1980 e 1990, sendo que alguns deles foram ainda criados na década de 1970, como no caso da Frente Nacional francesa. Começaram a ganhar apoio eleitoral mais significativo em meados dos anos 1980 e possuem uma tendência a se denominar como Frentes ou Blocos, como Forças pela Democracia, Liberdade e Progresso (HAINSWORTH, 2008), evitando, assim, a presença do termo “partido” em suas denominações oficiais, pois este termo é considerado como legitimador de clivagens sociais e como fragmentador da sociedade, uma forma de opor grupos pertencentes a um mesmo corpo coletivo. A depender dos próprios partidos, suas lideranças e membros, eles não se auto classificam como pertencentes ao campo da extrema-direita (GIVENS, 2005). Ainda que alguns deles tenham origens reais vinculadas a ex-fascistas ou outros grupos de apoio a estes movimentos extremistas de direita do passado, atualmente todos eles procuram se distanciar de tal estereótipo, percebido de forma negativa pela opinião pública (IGNAZI, 2003).

Na visão de Kitschelt (1995), nenhum dos novos partidos de extrema-direita corresponde à velha direita fascista/nazista, pois há diferenças no eleitorado e na demanda por estes partidos, assim como em suas origens e estrutura organizativa. Ambos os atuais partidos de extrema-direita e os partidos fascistas/nazistas do entre guerras podem ser localizados no extremo à direita do espectro político-ideológico, mas não representam as mesmas ideias e projetos de sociedades. Em outras palavras, os partidos fascistas/nazistas são de extrema-direita, mas nem todo partido de extrema-direita deve ser considerado fascista/nazista.

Um dos fatores que diferenciam a antiga e a nova extrema-direita são os horizontes temporais em direção aos quais seus projetos se orientam. O nazi-fascismo era orientado para o futuro e pretendia romper completamente com a ordem social existente e instalar uma organização de sociedade inteiramente nova. Sustentava uma visão de que a sociedade estava a ponto de viver uma profunda mudança, um profundo renascimento, o que foi denominado por Griffin (1991, *apud* RYDGREN, 2008) como “the palingenetic myth”. Por sua vez, a nova extrema-direita não pretende explicitamente substituir o atual sistema por uma nova ordem, mas sim promover

mudanças pontuais na sociedade, ainda que drásticas. São partidos principalmente orientados para o passado – ou uma idealização do passado -, desejosos em restaurar o *status quo* de antes, vinculado à tradição cultural nacional (RYDGREN, 2008).

Os partidos da nova extrema-direita, em oposição aos antigos movimentos nazifascistas, em princípio aceitam a democracia liberal e não fazem uso da violência organizada como forma de ascender ao poder. Seu principal lócus de competição é a arena eleitoral, o que faz com que sejam atores que aceitam as regras do jogo democrático, sem lançar mão da violência que era característica dos movimentos nazistas e fascistas (IGNAZI, 2003).

No que se refere à hostilidade em relação a determinados grupos percebidos como inimigos, a nova extrema-direita lança mão da lógica do “direito à diferença” para justificar as propostas anti-imigração ou de oposição a minorias étnicas, ao contrário do racismo clássico defendido pelos movimentos nazifascistas. A ideia do “direito à diferença” defende que para que os povos preservem o direito de serem diferentes entre si, eles devem ser mantidos separados. É uma concepção distinta do racismo biológico, baseado na superioridade biológica de uma raça sobre outras, pois justifica a separação de grupos com base na diferença cultural, tratando-os como incompatíveis entre si e como portadores de costumes e valores inassimiláveis. Enquanto a raça era o núcleo do racismo clássico, a cultura está no centro do racismo moderno. O primeiro modelo defendia a subordinação de determinadas raças a outras, ao passo que o segundo modelo defende a conquista da homogeneidade cultural através da expulsão dos que não fazem parte da mesma comunidade de valores. De acordo com Fennema (2005 *apud* RYDGREN, 2008, p.244) “whereas old racism, common in colonial settings, aimed at subordination, the ethno-pluralist doctrine basically aims at expulsion”.

A velha extrema direita nasceu antes da multiculturalização da Europa, enquanto a nova extrema-direita é, em parte, produto desta multiculturalização (KITSCHOLT, 1995). No sentido da tese do “direito à diferença”, também chamado de “pluralismo étnico”, estes novos partidos são contra o multiculturalismo por considerá-lo uma forma de miscigenação da sociedade, o que produziria o fim das particularidades e a perda das identidades culturais que caracterizam comunidades tradicionais díspares.

Do ponto de vista de sua percepção sobre o mercado, a nova extrema-direita também se diferencia da antiga extrema-direita. Os movimentos do entre guerras se opunham ao capitalismo em defesa de um modelo corporativista de produção, altamente centralizado nas mãos do Estado, denominado modelo de “economia nacional controlada” (RODOGNO, 2008). A nova extrema-direita inicialmente apresentou um posicionamento pró-mercado e a defesa de propostas neoliberais, a favor de um Estado mínimo e forte, associado à livre concorrência de mercado (KITSCHOLT, 1995; RYDGREN, 2008). Tal orientação econômica foi predominante durante a década de 1980, mas a partir dos anos 1990, muitos destes partidos adaptaram suas políticas econômicas em direção a uma lógica protecionista, hostil à elevada competição econômica no nível internacional, mantendo a defesa da diminuição de impostos e sem colocar em questão a economia de mercado em si, pois apoiam o capitalismo no nível nacional, apesar de serem contra a globalização. Entretanto, não há uma linha econômica clara seguida por todos os partidos de extrema-direita, cujas orientações neste plano variam no tempo e no espaço. Conforme veremos mais adiante, a economia é um tema secundário na pauta destes grupos.

Além das disparidades no contexto da emergência dos partidos aqui tratados e de suas orientações políticas e econômicas, há diferenças significativas em relação aos grupos de apoio a cada um deles. O nazi-fascismo perpassou várias classes sociais, atraindo, sobretudo, indivíduos com poucos vínculos sociais ou reduzidos laços com organizações políticas. Estas pessoas eram, sobretudo, trabalhadores qualificados (*skilled blue collar workers*), católicos da classe média assalariada, pequena burguesia, inclusive intelectuais (KITSCHOLT, 1995). A classe média possuía especial importância entre o eleitorado nazi-fascista, um movimento que direcionava sua campanha e recolhia seu apoio majoritariamente entre esta parcela da sociedade. Os trabalhadores de baixa qualificação, os operários, eram sub-representados dentre estes apoiadores (KITSCHOLT, 1995). Esta tendência pode ser explicada pelo fato de que o nazi-fascismo era completamente hostil ao comunismo, uma ideologia de esquerda, que tendencialmente ganhava apoio entre o proletariado. Os movimentos extremistas de direita do entre guerras se dirigiam claramente e diretamente à classe média, composta pelos pequenos proprietários, lojistas, artesão e comerciantes, através do discurso de

oposição ao grande capitalismo industrial e financeiro, de um lado, e do proletariado e da ameaça bolchevista do outro.

Both in Italy and in Germany, and especially before they took power, Fascists made their appeal clearly and directly to this group [the middle class]. They hurled invective against Moscow-directed labor unions and against “international”, “Jewish” or simply “big” capital. In Italy, Mussolini’s black shirts found their first and greatest strength in the center of the peninsula, between the farmers of the south and the northern industrial area, in provinces where small property owners and tenant farmers predominated, a class of Italians tied both by tradition and material interest to the middle class. In Germany, the same was true. The “forgotten man”, type individual of this middle class whether urban or rural, Catholic or Protestant, carried both Mussolini and Hitler to power (BARNES, 1936, p.28).

A nova extrema-direita também recebe apoio de várias classes sociais. Inicialmente sua base eleitoral se concentrava na pequena burguesia, entre os comerciantes, artesão e agricultores. No entanto, desde os anos 1990 estes partidos têm sido principalmente atrativos para os trabalhadores de baixa qualificação e operários, crescendo entre os setores populares, mais jovens e de menor escolaridade (LUBBERS & SHEEPERS, 2002). O apoio inicial aos partidos da nova extrema-direita se concentrava em grandes metrópoles e centros urbanos, ao contrário do fascismo, que era ancorado nas pequenas áreas rurais. Atualmente há uma reduzida importância da classe média independente e dos intelectuais entre os eleitores da nova extrema-direita, o que pode estar relacionado ao posicionamento anti-elite e ao anti-intelectualismo destes partidos (IGNAZI, 2003). Outra explicação para a mudança do perfil de seu eleitorado nas últimas décadas consiste na reorientação econômica da atual extrema-direita, que desde os anos de 1990 tem adotado uma posição mais protecionista e defensora das políticas de Bem-Estar Social, ainda que isso não seja generalizável para todos os partidos desta família.

A extrema-direita deseja estar próxima do povo, próxima dos cidadãos mais carentes e vulneráveis social e economicamente. Estes partidos são, sobretudo, fortes entre indivíduos com escolaridade baixa ou média, que se sentem em situação de vulnerabilidade econômica, social ou cultural nas sociedades contemporâneas. A alta escolaridade tem constituído uma importante barreira para os apelos nacionalistas, anti-imigração, eurocéticos e populistas desta família ideológica (KITSCHOLT, 1995, NORRIS, 2005), pois indivíduos que frequentam longos estudos formais tendem a ser

mais tolerantes, culturalmente mais liberais e orientados a favor da globalização (KRIESI *et al.*, 2012). Estes partidos modernos progressivamente atraem indivíduos ateus ou sem religião, que não possuem vínculos com as religiões católicas. Seu grande inimigo passou a ser o Islã, uma religião vista como adversa aos valores de igualdade, laicidade, universalismo, que são, por sua vez, associados à civilização ocidental. Os valores do Islã são considerados culturalmente incompatíveis com a matriz valorativa das sociedades ocidentais por parte da extrema-direita e por isso as culturas ocidental e muçulmana são vistas como concorrentes, inassimiláveis entre si.

Os muçulmanos constituem uma das classes de imigrantes que representam riscos específicos para as sociedades ocidentais, na visão dos partidos de extrema-direita, especialmente após os ataques terroristas de 11 de setembro de 2001, ocorridos nos Estados Unidos. Esta oposição à comunidade islâmica não se justifica a partir de um discurso racista, mas em termos de diferenças culturais e de identidade. Muitas vezes a oposição ao Islã é justificada com base nos valores centrais das democracias avançadas do ocidente, como, por exemplo, a defesa da laicidade e dos direitos das mulheres. Nesse sentido, o Islã e o modo de vida dos muçulmanos seriam incompatíveis com os valores ocidentais e, conseqüentemente, com a democracia, em função da inseparabilidade das esferas da política e religião ou devido à repressão das mulheres supostamente praticadas por esta religião.

The new extreme right justifies its aversion to Islam not in racist terms of superiority of one race over another, but in terms of cultural differences and identity. The "national preference" applies not only in the areas of work and the economy, but is also extended to the cultural field. In this way the Muslim religion is considered as radically incompatible with Europe because it subverts its traditions, culture and roots. In addition common arguments are used with a "progressive" content in discussions on the veil or niqab or directly assimilating Islam with terrorism, as did Geert Wilders, leader of the Islamophobic Party of Freedom, in his famous documentary Fitna. Most of these parties also often link the Muslim population with the rise in crime and public insecurity. This is the case with the Vlaams Belang, whose rejection of immigration is concentrated primarily on Muslims, accused of trafficking in drugs and being responsible for citizen insecurity. (CRESPO, 2010¹)

¹ Artigo publicado em 05 de outubro de 2010 na página International View Point – Disponível em <http://www.internationalviewpoint.org/spip.php?article1931>.

A interpretação de Ignazi (2003) sobre a emergência dos partidos de extrema-direita ao final do século XX evidencia o avanço dos valores pós-materialistas nas sociedades pós-industriais como catalisador do nascimento desses partidos. A princípio é algo paradoxal, pois os valores pós-materialistas defendem justamente a maior participação política dos cidadãos, a igualdade de direitos, a valorização da liberdade individual e a auto expressão. A progressiva adesão a estes valores nas sociedades estabilizadas economicamente, nas quais o acesso à educação se tornou amplo, deu origem a novas demandas políticas, cujos representantes passaram a ser os partidos ecologistas e libertários da esquerda.

No entanto, a teoria da “revolução silenciosa” de Inglehart (1977) não esperava pela reação conservadora em oposição à emergência destes novos temas na agenda política. O avanço das orientações seculares e de auto expressão, juntamente com o declínio das clivagens econômicas e da identidade nacional por causa da edificação de instituições supranacionais, incentivou a emergência de novas demandas, também de natureza não materialista, do outro lado do espectro político-ideológico. Isso deu origem aos partidos da extrema-direita, que encarnam a contraposição aos valores pós-materialistas, também baseados em novos *issues*, cuja ancoragem não se encontra na dimensão econômica. Estes partidos representam uma “contrarrevolução silenciosa”, conforme explica o autor:

the same process of class and value de-alignment provoked by post-industrialism has produced different and even opposite concerns. While on one side the post-material agenda and its political by-products—the left-libertarian and green parties—expressed the drive for self-affirmation, on the other, a different set of post-industrial outcomes such as the weakening of state—and national—authority in the domestic and international arena, the erosion of traditional social bonds, the perceived collapse of conventional moral standards and sexual mores, and the waning of an ordered, hierarchical, homogeneous, and safe society fuelled the need for self-defense and self-reassurance. (IGNAZI, 2003, p.201)

Por esta razão verifica-se o crescimento dos partidos de extrema-direita, sobretudo, nas sociedades de economia e democracia mais avançadas, sob as mesmas circunstâncias em que nasceram os partidos da Nova Esquerda (IGNAZI, 2003).

Apesar das profundas diferenças entre a extrema-direita emergente no entre guerras e a sua atual versão, é possível identificar algumas semelhanças entre elas.

Ambos são movimentos nacionalistas, que exaltam a comunhão entre Estado e Nação. Contudo, o nacionalismo dos grupos fascistas e nazistas é identificado como do tipo expansionista, enquanto este sentimento da nova extrema-direita é considerado como do tipo defensivo (PROWE, 1994). O nacionalismo das organizações nazifascistas objetivava a guerra e a expansão territorial, algo que não acontece no nacionalismo dos atuais partidos da extrema-direita, que buscam o fechamento das fronteiras nacionais como forma de evitar a presença de imigrantes, a influência estrangeira e a perda da soberania nacional. Nesse sentido, os partidos da nova extrema-direita procuram se defender das ameaças externas, garantindo a sobrevivência do estilo de vida tradicional dentro do Estado e não possui como objetivo a apropriação de outros espaços territoriais, conforme pretendia o projeto imperialista e expansionista nazifascista.

Ambos também adotam um estilo populista, caracterizado pela oposição entre dois grupos rivais, um correspondente aos “inimigos” e outro representado pelos “amigos” (KITSCHOLT, 1995); pelo discurso anti-político e polarizador; e pela estratégia personalista e carismática, buscando forte apelo carismático em sua comunicação com os cidadãos (CARNEIRO, 2009). Eles disseminam uma ideia simplificadora de divisão binária de interesses opostos e incompatíveis entre si, alimentada por uma espécie de teoria da conspiração, em que os inimigos estão sempre atuando de forma a destruir ou a prejudicar o grupo apontado como “vítima”. Possuem o objetivo de aproximar a massa do líder político, de forma direta, sem intermediações institucionais, partidárias e de outros tipos.

As duas concepções de mundo são anti-pluralistas e antiliberais, pois são adversas às diferenças, à diversidade, ao consenso e ao diálogo. São percepções que atribuem uma importância muito maior à coletividade, ao corpo coletivo e sua grandeza enquanto grupo unificado e uniforme do que ao indivíduo, suas particularidades, diferenças e liberdades individuais. Assim, ambos apresentam um caráter autoritário, onde a imposição da lei e da ordem, a punição severa dos criminosos, o controle da composição social, dos costumes e da dinâmica da sociedade idealizada por estes partidos deve ser garantida por um Estado forte e central na vida dos cidadãos, capaz de garantir a homogeneidade étnica, no caso do fascismo/nazismo, e cultural, no caso da extrema-direita moderna.

Em resumo, os contextos políticos e socioeconômicos em que emergiram os partidos da atual e da antiga extrema-direita são muito diferentes entre si, assim como suas orientações político-ideológicas, estratégias e grupos de apoio. Os movimentos nazistas e fascistas do entre guerras eram anticomunistas, expansionistas, anticapitalistas, orientados pelo racismo clássico e violentos. Seu principal apoio era proveniente das classes médias. Já os partidos da nova extrema-direita, que nasceram na era da globalização e da ampla disseminação do modelo liberal-democrático, aceitam a democracia liberal enquanto regime político, possuem como principal arena de competição a arena eleitoral e procuram se distanciar dos modelos nazifascistas. Estes jovens partidos priorizam os novos temas emergentes na agenda política, que não se restringem a interesses de classe ou à dimensão econômica. Eles pretendem defender suas populações e países das ameaças externas e dos efeitos considerados essencialmente perversos da globalização, como a imigração, o enfraquecimento da soberania nacional e a perda da identidade nacional. Seu maior apoio provém das classes populares.

3. A extrema-direita como família partidária: terminologias e definições

Os partidos da extrema-direita contemporânea são, certamente, bastante heterogêneos entre si (GUIMARÃES, 2011; LAUDE, 2011; MUDDE, 2007; ARZHEIMER, 2009). Partidos políticos são fruto de seu contexto e, neste caso, não é diferente, pois cada um possui um histórico próprio, incorporou questões e temas particulares às circunstâncias nacionais em que se desenvolveu e adota as estratégias consideradas mais relevantes para o perfil das eleições em que concorre, afinal os sistemas eleitorais e os aspectos institucionais variam consideravelmente no âmbito doméstico, sendo estes elementos importantes para o condicionamento das estratégias dos atores, tanto dos partidos políticos quanto dos eleitores (NORRIS, 2005; GIVENS, 2005).

Contudo, é notório o processo de aprendizagem que estes partidos cultivam entre si, observando as estratégias e os programas de outros grupos similares localizados em países vizinhos para incorporar eventuais adaptações que objetivem conquistar melhores resultados eleitorais (GIVENS, 2005). Além deste processo de aprendizagem, há

elementos socioeconômicos e culturais que são comuns ao contexto macroestrutural em que emergiram os partidos de extrema-direita, conforme mencionamos anteriormente, o que faz com que tenham características aglutinadoras, compartilhem problemáticas comuns e incorporem temáticas próprias de seu tempo capazes de diferenciá-los de outras famílias ideológicas.

Os sistemas políticos europeus ainda são predominantemente controlados pelos tradicionais partidos da esquerda e da direita, particularmente pelas famílias dos partidos conservadores, democrata-cristãos, socialistas, socialdemocratas e liberais (MUDDE, 2007). Apesar do aumento da volatilidade eleitoral e da maior fluidez dos sistemas políticos europeus a partir dos anos 1970 (THOMASSEN, 2005), ainda há um grande domínio da política por parte de entidades partidárias que são mais antigas do que seus próprios eleitorados, capazes de estruturar as clivagens políticas e incorporar as principais demandas sociais em suas pautas programáticas (GUNTHER & HSIN-CHI, 2007).

Desde a Segunda Guerra Mundial apenas duas novas famílias de partidos conseguiram se estabelecer em uma multiplicidade de países do continente europeu: os Verdes (ou Nova Política) e a extrema-direita, denominada “direita radical populista” (*populist radical right*) por um dos principais estudiosos do tema, Cas Mudde (2007). Apenas esta última família de partidos tem sido capaz de conquistar resultados eleitorais significativos em ambas as regiões da Europa, ocidental e oriental.

Ainda não há consenso na literatura sobre a melhor forma de denominá-los, mesmo que exista um considerável acordo sobre quais siglas incluir dentro deste perfil de partidos (RYDGREN, 2008; MUDDE, 2007). Os termos mais comumente empregados são “extrema-direita” (*extreme right*) (MUDDE, 2000; IGNAZI, 2003; HAINSWORTH, 2008; LAUDE, 2011; ARZHEIMER, 2009; PERRINEAU, 2011) e “direita radical” (*radical right*) (KITSCHOLT, 1995; NORRIS, 2005; GIVENS, 2005). Mas existem muitas outras denominações que estão também presentes na literatura, como “novo nacional populismo” (TAGUIEFF, 2012), “direita populista” (EISMANN, 2002 *apud* MUDDE, 2007), partidos “anti-imigrantes/anti-imigração” (VAN DER BREUG & FENNEMA, 2007), “direita radical populista” (MUDDE, 2007) e “nova direita radical” (RYDGREN, 2008). Esses são apenas alguns exemplos de uma

literatura que não poderá ser apresentada de forma exaustiva neste trabalho, mas que ilustram a ampla discussão existente acerca do tema, assim como a variedade das terminologias empregadas pelos autores.

Em grande medida, a dificuldade em se estabelecer uma terminologia única está vinculada aos embates na definição desta família partidária, o que envolve a discussão acerca de seus elementos constitutivos, os pontos essenciais para a classificação de um partido como parte do grupo, assim como compreende elementos metodológicos e operacionais para realizar esta classificação. No entanto, de acordo com Mudde (2007), as diferenças terminológicas não são em si um problema central para o estudo sobre o tema, mas sim a falta de definições claras e o uso intercambiável de termos distintos que se referem a um fenômeno comum, algo que não favorece a comparação:

Differences of opinion on which term to use and how to define the core characteristics of this phenomenon are themselves not a big problem. Rather, the lack of clear definitions and the interchangeable use of different terms for identical phenomena undermine the ability to compare insights between studies and thereby further the general knowledge on this topic. (MUDDE, 2007, p.6)

As principais características que a literatura evoca na tentativa de uma definição desta família partidária serão apresentadas a seguir. Em nossa compreensão, é possível identificar três classes de atributos que são mais comumente associadas à família da extrema-direita, ainda que os autores não necessariamente combinem as três dimensões entre si, denominem estas propriedades de variadas formas e atribuam pesos específicos a determinadas qualidades, considerando uma ou outra mais importante na definição da extrema-direita.

Em nossa opinião, o que define a extrema-direita como família partidária é uma matriz ideológica comum, constituída pelo nativismo, autoritarismo e populismo, conforme estabelecido por Mudde (2007). Existem outras formas de se classificar uma família partidária, a exemplo do critério “genético”, referente ao momento histórico de surgimento dos partidos, contudo a ideologia constitui a principal base de agrupamento de partidos e sua classificação em famílias partidárias (MUDDE, 2000). Vamos apresentar mais detalhadamente estes conceitos e estabelecer um diálogo com outras percepções encontradas na bibliografia, mas que podem ser interpretadas como

similares ou oriundas umas das outras. No final desta seção exporemos e justificaremos a terminologia e definição escolhidas para guiar este trabalho.

3.1 Dimensão 1: Nativismo, nacionalismo, xenofobia ou posicionamento anti-imigração

As duas principais características recorrentemente associadas à extrema-direita são o nacionalismo (GIVENS, 2005, MUDDE, 2000; HAINSWORTH, 2008; MUDDE, 2007) e a orientação anti-imigração (VAN DER BRUG & FENNEMA 2007). De acordo com Van der Brug e Fennema (2007) a oposição aos imigrantes é tão forte que é considerada um fator distintivo desta categoria de partidos, os quais deveriam ser nomeados “anti-imigrante” ou “anti-imigração”, “because their common denominator is that the immigration issue is their unique selling point” (p.474).

Entretanto, apesar da importância da oposição à imigração no apelo destes partidos, consideramos que não são partidos orientados unicamente por este tema (*single-issue parties*), pois abordam outras questões em seus programas e discursos, possivelmente ganhando votos com base em propostas que vão além da questão imigratória. Muitos dos partidos de extrema-direita não foram fundados com base neste posicionamento anti-imigração, mas adotaram tal temática com o passar do tempo, atribuindo centralidade a ela em momentos posteriores a sua criação. Ademais, a oposição à imigração é um posicionamento e não uma ideologia, sendo aquele derivado da ideologia mais abrangente que pode ser denominada nativismo.

Antes de apresentarmos o que é o nativismo, iremos falar do nacionalismo, a segunda característica recorrentemente associada aos partidos de extrema-direita. O nacionalismo denota uma visão de que a unidade política e a unidade cultural devem ser congruentes entre si. Na definição de Mudde (2007, p. 16), o nacionalismo significa:

a political doctrine that strives for the congruence of the cultural and the political unit, i.e. the nation and the state, respectively. In other words, the core goal of the nationalist is to achieve a monocultural state. As Koen Koch (1991) has elaborated, a key process for achieving this is internal homogenization, which ensures that the state includes only people from one's 'own' nation. Internal homogenization can be achieved by (a combination of) various strategies, including separatism, assimilation, expulsion, and ultimately genocide.

Esta doutrina centrada na unidade monocultural da nação pode ser expressa na defesa exacerbada dos valores, tradições e identidade nacionais ou na demanda por independência de um Estado ou região, por exemplo. O nacionalismo busca a convergência da unidade cultural e política de uma sociedade, ou seja, sua homogeneização dentro do território nacional. Isto pode ser atingido por diferentes meios ou pela combinação deles, tais como o separatismo, a assimilação, a expulsão ou, em uma situação extrema conforme foi o nazismo, o genocídio.

Contudo, o termo nativismo leva o nacionalismo mais adiante, pois além de preconizar a unidade da comunidade nacional, unificando as noções de Estado e Nação, considera negativo, perigoso e ameaçador tudo aquilo que é proveniente do mundo externo. O termo nativismo tem a capacidade de excluir as formas liberais de nacionalismo, que pode ser encontrada entre outras famílias partidárias, como a dos conservadores. De acordo com Mudde (2007, p. 19): “In comparison to the broad term nationalism, nativism has the advantage of excluding liberal forms of nationalism.”.

A concepção de que o Estado deve ser habitado exclusivamente por membros do grupo considerado nativo e que tudo o que não é nativo é visto como uma ameaça corresponde à combinação de nacionalismo e xenofobia. Nesse sentido, o nativismo dá origem ao posicionamento contra a imigração, assim como a outras oposições a inimigos considerados estrangeiros, pois o nativista considera que tudo o que é externo ou desviante das convenções da nação são negativos e correspondem a uma ameaça (MUDDE, 2000). “This applies not only to the cultural values of other ethnic communities, but also to the values of particular minorities within their own ethnic community, such as homosexuals and the left.” (MUDDE, 2000, p. 172). Este tipo de posicionamento, que recusa tudo o que é estrangeiro ou externo à comunidade nacional, é também interpretado por outros autores como apelos xenófobos (KITSCHOLT, 1995) ou xenofobia “etno-nacionalista” (RYDGREN, 2008).

Portanto, nos parece que o melhor termo para englobar esta dimensão de valorização do nacional e rejeição daquilo que é estrangeiro, com proposições exclusivistas, é o conceito de nativismo, definido por Mudde (2007, p. 19) da seguinte forma:

nativism is defined here as an ideology, which holds that states should be inhabited exclusively by members of the native group (“the nation”) and that non-native elements (persons and ideas) are fundamentally threatening to the homogeneous nation-state. The basis for defining (non) “nativeness” can be diverse, e.g. ethnic, racial or religious, but will always have a cultural component.

O conceito de nativismo é mais amplo que o de xenofobia anti-imigrante e de nacionalismo, capaz de incorporar os dois posicionamentos simultaneamente. Enquanto o nacionalismo significa a congruência da unidade política e cultural, o nativismo denota uma concepção exclusivista de nação, onde os recursos políticos e econômicos devem ser reservados e garantidos aos cidadãos de determinado Estado, excluindo outros grupos externos, considerados diferentes e não pertencentes àquela comunidade homogênea. A base para definição do que é nativo não necessariamente consiste na etnia, mas pode ser a raça, a cultura ou a religião, pois a definição daquilo que é nativo é subjetiva, mítica, imaginada, assim como a ideia de nação (MUDDE, 2007). Por esta razão, é um termo interessante para descrever a extrema-direita, pois não reduz estes partidos a meros *single-issues* como o termo “anti-imigrante” o faz. Dessa forma, demonstra-se capaz de acomodar partidos da extrema-direita também encontrados em países do Leste Europeu, os quais não experimentam o mesmo tipo e peso de imigração que a Europa Ocidental, mas apresentam reações políticas nacionalistas e xenófobas contra minorias nacionais, a exemplo dos ciganos (MUDDE, 2007).

Esta é, portanto, a primeira e principal característica nuclear da família partidária da extrema-direita, a qual dá origem a posicionamentos similares de recusa do estrangeiro e de outras minorias, combate às diferentes formas consideradas ameaçadoras para a soberania e tradição nacionais, como a União Europeia, a globalização, a “islamização”, entre outros.

3.2 Dimensão 2: Autoritarismo, antipluralismo, antiliberalismo e hostilidade à democracia

É relativamente consensual a concepção de que a nova extrema-direita aceita as regras do jogo democrático e não se opõe explicitamente a este regime, no sentido de pretender combatê-lo enquanto sistema político. Tal posicionamento não seria eleitoralmente viável, visto que o regime democrático é majoritariamente aceito pela

opinião pública (RYDGREN, 2008; IGNAZI, 2003) e sua dimensão procedimental é consideravelmente bem estabelecida nas democracias mais consolidadas, portanto pouco questionada enquanto forma de governo. A aceitação dos procedimentos democráticos, da existência de instituições e a participação nas eleições é um aspecto importante na diferenciação da extrema-direita em comparação com os movimentos nacionalistas de direita do entre guerras e representa uma tentativa clara empregada pelos novos partidos de virar a página do fascismo (TAGUIEFF, 2012), particularmente no caso dos grupos que apresentam origens nos movimentos da antiga extrema-direita.

No entanto, os partidos de extrema-direita são hostis à democracia em duas dimensões: na dimensão valorativa e na dimensão representativa. Primeiramente, em termos valorativos, pois as noções básicas de universalismo e de igualdade são colocadas em xeque pelas duas outras orientações ideológicas destes partidos, o nativismo e o populismo. Na medida em que a extrema-direita possui uma concepção homogênea e exclusivista de nação e prevê o acesso desigual dos indivíduos aos diferentes recursos econômicos, sociais e políticos fundamentado no pertencimento étnico, racial, cultural ou religioso, ela é antiliberal e anti-igualitária, pois os indivíduos não são considerados como portadores dos mesmos direitos independentemente de suas características ou origens.

Além disso, a visão de que a comunidade nacional deve corresponder a uma unidade homogênea, sem oposições ou discordâncias, demonstra que a extrema-direita é adversa ao consenso, ao compromisso e à garantia dos direitos das minorias, pois o mais importante para esta família ideológica é garantir a uniformidade da comunidade político-cultural e a realização da vontade do povo, mesmo que esta vontade implique em mudanças das regras ou desrespeito às instituições.

Segundo Hainsworth (2008), apesar de manifestarem fé na democracia liberal, os partidos de extrema-direita são inclinados a discursos e posições extremistas “that diverge from the values of the political order in which they operate (...) They do not reject democracy *per se*, but have reservations about its actual workings” (p.11-12). Nesse sentido, a adesão destes partidos à democracia liberal não deve ser exagerada, pois eles desejam basicamente um outro sistema de valores, onde concepções como a identidade nacional, a cultura e a tradição obtenham centralidade.

Em segundo lugar, a extrema-direita é hostil à democracia representativa e à forma como suas instituições funcionam, uma percepção decorrente de seu perfil populista, conceito que apresentaremos no próximo item. De acordo com Taguieff (2012), a promessa populista visa o princípio de soberania do povo e a sua união em torno da nação: “Le populisme peut être sommairement défini comme l’acte de prendre publiquement le parti du peuple contre les élites, ou encore par le ‘culte du peuple’, avec diverses connotations (souveraineté populaire, culture populaire, etc).” (p.39). O imaginário populista se aproxima das promessas da democracia direta, pois pretende radicalizar a democracia, promovendo constantes consultas populares através de referendos e plebiscitos, a aproximação entre o povo e os líderes políticos e a prevalência da vontade popular, vista como mais importante do que a manutenção das instituições em si ou a proteção constitucional das minorias, pontos essenciais para a qualidade da democracia liberal.

Finalmente, o caráter autoritário da extrema-direita não faz referência à defesa de um regime não democrático, mas sim a uma concepção mais abrangente de adesão a valores autoritários ou tendência ao autoritarismo, conforme Mudde (2007, p.23) define:

authoritarianism is defined here as the belief in a strictly ordered society, in which infringements of authority are to be punished severely. In this interpretation, authoritarianism includes law and order and ‘punitive conventional moralism’ (Smith 1967:vi). It does not necessarily mean an antidemocratic attitude, but neither does it preclude one.

Desta concepção autoritária se originam outras preocupações morais e comportamentais recorrentes destes partidos, como a valorização da ordem, da hierarquia social, da segurança, da pena de morte. Eles são altamente defensores de um Estado forte e centralizador, capaz de combater a criminalidade e os supostos desvios no comportamento social, como o aborto ou a homossexualidade.

3.3 Dimensão 3: Populismo, orientação protestatária e antissistema

O populismo pode ser entendido como um estilo político ou como uma ideologia. Enquanto estilo político, consiste em uma estratégia baseada no emprego de uma retórica que opõe dois grupos heterogêneos considerados como inimigos entre si: o

povo e a elite. Nesse sentido, o estilo populista não está vinculado a uma ideologia específica, podendo ser adotado tanto por partidos de esquerda como de direita, personalidades ou lideranças individuais, que pretendem se aproximar dos eleitores através desta retórica.

Por outro lado, o populismo enquanto ideologia política significa uma concepção de mundo baseada na soberania e no culto do povo (TAGUIEFF, 2012) e em sua oposição à elite. Em outras palavras, não é uma oposição apenas retórica, mas ideologicamente fundamentada. Para Mudde (2007, p. 23):

(...) populism is defined as a thin-centered ideology that considers society to be ultimately separated into two homogeneous and antagonistic groups, ‘the pure people’ versus ‘the corrupt elite’, and which argues that politics should be an expression of the *volonté générale* (general will) of the people.

Apesar de não ser exclusivo ao campo da direita, o populismo é uma característica constituinte dos partidos da extrema-direita e distintiva desta família, em combinação com as demais propriedades ideológicas apresentadas acima (MUDDE, 2007; TAGUIEFF, 2012).

Estes partidos se colocam como os verdadeiros porta-vozes do povo e defendem a implementação de práticas da democracia direta, como o uso constante de plebiscitos e referendos, assim como a aproximação entre líderes políticos e povo, sem intermediações institucionais (TAGUIEFF, 2012). Tais partidos podem ser considerados protestatórios, pois empregam uma estratégia de oposição aos atores e ao funcionamento da democracia representativa, através das denúncias dos atos de corrupção e da atuação em interesse próprio por parte dos partidos e lideranças dominantes do sistema. Eles se apresentam como alternativas externas (provenientes de fora daquele sistema estabelecido) contra o sistema vigente e, por essa razão, desejam se associar à imagem de serem os únicos capazes de mudar o funcionamento da política, considerado eminentemente corrupto e ineficiente. São grupos que mobilizam a insatisfação e o descontentamento com o funcionamento da democracia representativa.

As entidades partidárias classificadas como de extrema-direita rejeitam a classe política e todo tipo de divisão na sociedade, como os próprios partidos políticos e as clivagens ideológicas de esquerda e de direita, por isso encarnam constantemente os

extremos ou a figura do “nem de esquerda, nem de direita”. Pretendem romper com o sistema político existente e mudá-lo radicalmente, extinguindo a burocracia, a partidocracia, a plutocracia, a tecnocracia e tudo o que é considerado incompatível com o povo e a manifestação do interesse geral (TAGUIEFF, 2012). Na democracia populista nada é mais importante do que a vontade do povo, nem mesmo os direitos humanos ou as garantias constitucionais (MUDDE, 2007).

3.4 Economia: uma dimensão de importância secundária

Uma das obras de referência para o estudo sobre a extrema-direita é a de Kitschelt (1995), em que o autor define este grupo de partidos como pró-capitalista em termos econômicos e xenófobo-autoritário em termos socioculturais. No entanto, a própria evolução dos partidos de extrema-direita, que experimentou mutações em suas propostas econômicas, e a condução de estudos posteriores voltados para a ideologia destes partidos demonstrou que o posicionamento econômico não pode ser considerado tema central na classificação desta família partidária (HAINSWORTH, 2008; MUDDE, 2007). Ao contrário do que se esperaria em relação aos partidos localizados no extremo à direita do espectro ideológico em termos econômicos, os grupos aqui estudados não são de extrema-direita por serem neoliberais.

Há duas razões pelas quais a extrema-direita não deve ser definida como tal pelo posicionamento diante da economia. Em primeiro lugar, estes partidos não advogam pela economia do livre mercado, mas apoiam majoritariamente o Estado de Bem Estar Social (ainda que suas políticas sejam voltadas exclusivamente para os nativos), assim como práticas protecionistas no cenário internacional. Conforme apresentamos anteriormente, o que define estes partidos como de direita não é o posicionamento em relação à economia, mas sim em relação aos valores socioculturais, uma dimensão, para eles, de primeira importância. Seu posicionamento localizado na extremidade à direita no eixo dos valores significa que são autoritários no plano sociocultural. Não há comprometimento da extrema-direita com o mercado no sentido dos valores liberais (individualismo, desigualdade econômica, internacionalismo, progresso e assim por diante) (RYDGREN, 2008) e, portanto, ela não pode ser considerada uma defensora exacerbada do liberalismo econômico.

Em segundo lugar, os partidos de extrema-direita também não devem ser definidos por seu posicionamento econômico porque este é um ponto que não é comum entre as diferentes siglas classificadas como pertencentes a esta família partidária (MUDDE, 2007), havendo inclusive ambiguidades dentro de um mesmo partido e modificações de propostas econômicas ao longo do tempo. Os trabalhos sobre o tema constataam que há uma mudança importante no posicionamento econômico destes partidos no decorrer das últimas décadas, com uma predominância do posicionamento neoliberal durante os anos 1980, em defesa do Estado mínimo e da não intervenção econômica, que foi sendo modificada para orientações predominantemente protecionistas a partir dos anos 1990 (HAINSWORTH, 2008). São partidos mutáveis diante desta questão, com tendência a adaptar seu discurso em função de suas estratégias eleitorais, portanto, o elemento econômico não é um componente essencial de sua ideologia (LAUDE, 2011).

Em síntese, a economia é assunto de segunda ordem para os partidos de extrema-direita e o chauvinismo de Estado, juntamente com as propostas protecionistas, podem ser entendidos como uma visão nativista da economia. Portanto não consistem em elementos de uma ideologia nuclear desta família partidária (MUDDE, 2007), mas são orientações provenientes, originárias do conceito-chave definidor desta família partidária, que é o nativismo.

3.5 Justificativa do uso do termo “extrema-direita”

O termo “extrema-direita” é considerado como o mais apropriado na referência aos partidos aqui estudados, pois é o que melhor reflete sua natureza ideológica e seu posicionamento no espectro político-ideológico, que vai da esquerda à direita, conseqüentemente, diz sobre seu lugar no sistema partidário. Este é o termo mais popularmente empregado pela literatura (MUDDE, 2007; ARZHEIMER, 2009).

Não consideramos, como Norris (2005), que seja um termo apologético ao uso da violência e que, pelo fato de serem partidos que aceitam o jogo democrático, não podem estar associados a este recurso. Dito de outra forma, é certo que não são partidos caracterizados pelo uso da violência como forma de ascender ao poder, entretanto a associação mecânica do termo “extremo” a tal prática não é uma justificativa

convicente para descartar o uso da terminologia proposta. Esta associação só se justificaria caso a concepção desta família de partidos fosse vinculada à velha extrema-direita e, conforme demonstramos, este não é o caso.

Autores argumentam que o termo “extrema-direita” esteve exclusivamente associado aos movimentos nacionalistas autoritários dos anos 1920-1930 apenas até os anos 1980 (IGNAZI, 2003). Entretanto, este fenômeno não se repete no contexto macroestrutural e institucional contemporâneo, o que faz com que hoje tenha outro significado (TAGUIEFF, 2012; RYDGREN, 2008).

O sentido atribuído ao termo “extrema” é diferente em nossa concepção e na referência ao atual fenômeno observado nas sociedades europeias. Em primeiro lugar, são partidos classificados no extremo à direita do espectro político-ideológico, ocupando uma posição ainda mais à direita do que os partidos das famílias mais tradicionais deste campo, sejam conservadores, liberais ou democrata-cristãos. Contrariamente ao uso do termo “radical”, que, a nosso ver, sugere a necessidade de se definir a versão “moderada” do mesmo fenômeno (radical em relação a quê ou a quem?), o uso do termo “extrema” deixa claro um posicionamento que não é fixo, mas que é espacialmente identificado. Ainda que este posicionamento seja relativo a outros partidos, não é necessário defini-los *a priori*, porque se compreende que o que é extremo estará mais distante que os demais, estará na extremidade, portanto, mais próximo de um dos polos da escala.

Além do sentido espacial, a extrema direita é “extrema” por questões de orientação ideológica referentes à democracia. Esta família partidária é considerada como “extrema” porque é contra os valores pluralistas e liberais. Ela trata as clivagens, oposições e ambivalências como ilegítimas, mesmo que aceite a democracia procedimental e participe das eleições. Nesse sentido, apesar de não ser explicitamente contra, ela é hostil à democracia liberal, pois não está apta a formar consensos e a garantir os direitos das minorias, mas defende a unidade e o monismo político, entendido como a rejeição daquilo que é universal e igualitário, ambos conceitos identificados como valores constitutivos da democracia (RYDGREN, 2008). O caráter autoritário, na compreensão anteriormente discutida (que não significa um regime não democrático) também pode ser traduzido pelo termo “extremo” desta tipologia, pois o

que é extremo remete a alternativas radicais, a transformações profundas e drásticas, seja do sistema de valores, do sistema político ou institucional.

Por sua vez, o que significa a orientação de direita da extrema-direita? Por que esta família partidária é considerada de direita? Se levarmos em consideração a definição básica de esquerda e direita elaborada por Bobbio (1994), fundamentada no lugar da (des)igualdade na visão de mundo de cada um destes campos ideológicos, os partidos desta família são de direita porque percebem as desigualdades entre os seres humanos como naturais. Tais partidos ainda vão além, pois não só as percebem como naturais, mas defendem a atuação do Estado no tratamento desigual de cidadãos em função de seu pertencimento etno-cultural, como bem demonstra o conceito de “preferência nacional” defendida por muitos destes partidos. O conceito de “preferência nacional” defende que os cidadãos nacionais tenham prioridade sob os estrangeiros no acesso a diferentes recursos, como moradia, emprego, benefícios sociais e direitos.

Outra forma mais específica e clássica de se definir o que é de esquerda e o que é de direita, recorrente na literatura da Ciência Política, é o posicionamento dos partidos ou eleitores em relação à política econômica, mensurada pelo grau de intervencionismo do Estado na economia. Conforme vimos, esta não é uma dimensão essencial na definição da família ideológica de extrema-direita, porque a economia é tema secundário em sua matriz programática. A emergência de tais partidos e suas prioridades programáticas estão vinculadas a temas (*issues*) socioculturais, particularmente relacionados à identidade nacional. Nesse sentido, a classificação como de direita não se deve ao posicionamento em relação à economia, mas sim à sua localização no eixo “autoritarismo-liberalismo”, que reflete as orientações socioculturais. Estes temas passaram a adquirir importância na política europeia a partir da queda do Muro de Berlim (KITSCHELT, 1995).

Em resumo, a extrema-direita é assim denominada porque se encontra na extremidade do espectro político-ideológico, à direita de todos os demais partidos do sistema. Ela rejeita os valores pluralistas e liberais, é desigualitária e autoritária no plano sociocultural, aquele relacionado aos valores. A família partidária da extrema-direita pode ser definida através da combinação de três atributos ideológicos: o nativismo, o autoritarismo e o populismo (MUDDE, 2007).

4. O atual desempenho da extrema-direita europeia na arena eleitoral

A participação de partidos de extrema-direita nos governos da Áustria² e da Itália³ e a presença de um candidato da Frente Nacional (FN) no segundo turno das presidenciais francesas de 2002 foram eventos que chamaram a atenção de politólogos, pesquisadores e jornalistas para partidos e movimentos de características nacionalistas, radicais, anti-imigração e opostos à integração europeia nas democracias consolidadas do Velho Continente. São fatos que evidenciam que a extrema-direita não pode mais ser ignorada pelos líderes políticos, pelos demais partidos e pela opinião pública, nem tida como irrelevante nos sistemas partidários de muitos países. Nas últimas décadas, autores identificam uma nova onda de atividades de partidos desta família partidária, que já existem em quase todos os países europeus e vêm ganhando popularidade e apoio eleitoral (KITSCHOLT, 1995; MUDDE, 2000; HAINSWORTH, 2008).

Entre o final da Segunda Guerra Mundial e meados dos anos 1980, partidos radicais, nacionalistas e xenófobos obtinham apoio insignificante e se encontravam em situação de marginalidade nos sistemas partidários europeus de maneira geral. Atualmente, mesmo quando estes partidos não obtêm, de fato, resultados eleitorais altos ou não conseguem transformar seus votos em cadeiras e cargos, eles são capazes de contagiar as ideias de outros partidos políticos e as opiniões do público (CAMUS, 2008)⁴, além de estarem presentes na mídia e no debate público como quaisquer outros atores da democracia representativa. Paul Hainsworth (2008) afirma que a emergência de partidos de extrema-direita é um dos temas-chave da política europeia na atualidade. Portanto, é necessário compreender este fenômeno para entender as mudanças mais

² Nas eleições legislativas de 1999, o partido de extrema-direita *Freiheitliche Partei Österreichs* (FPÖ) conquistou 26,9% dos votos válidos, ficando a frente do partido conservador *Österreichische Volkspartei* (ÖVP). Este resultado levou o ÖVP a formar uma coalizão governamental com o FPÖ.

³ Na Itália, o partido *Alleanza Nazionale* (AN), sucessor do neo-fascista *Movimento Sociale Italiano*, obteve 13,4 % nas eleições legislativas de 1994. Com este resultado, ficou posicionado em terceiro lugar geral, sendo o segundo partido de direita mais bem votado, atrás apenas do *Forza Itália* de Silvio Berlusconi. Para obter maioria no parlamento, Berlusconi contou com a participação da *Alleanza Nazionale* em sua coalizão de governo. Posteriormente, nas legislativas de 2001, o AN obteve 12,02% e ficou em quarto lugar geral, sendo o segundo partido de direita mais bem votado, novamente atrás apenas do *Forza Itália* de Berlusconi. Silvio Berlusconi nomeou o líder do AN Gianfranco Fini como Presidente da Câmara italiana.

⁴ Entrevista com Jean-Yves Camus publicada em *Aide-mémoire*, n°43, edição de jan. Fev. Mar. 2008.

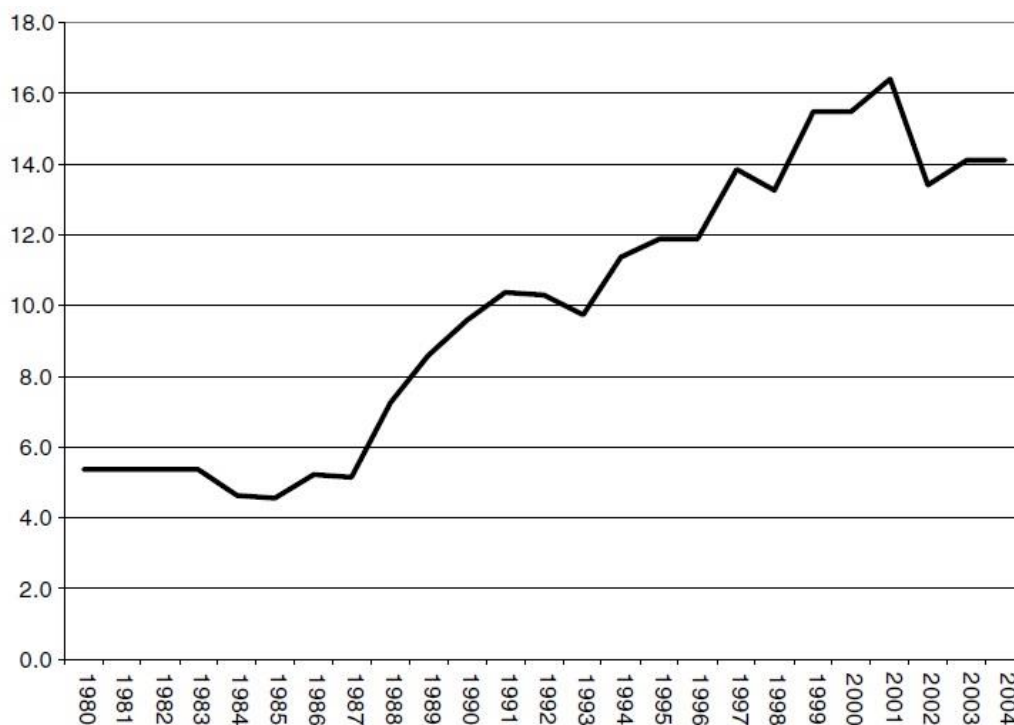
profundas que têm ocorrido nessas democracias avançadas ao longo das últimas décadas.

Ainda que o fortalecimento destes partidos não ocorra de forma homogênea em todos os países europeus, sendo que, em muitos casos, este apoio pode variar consideravelmente ao longo do tempo e entre tipos de eleições, este parece ser um fenômeno de relevância para a atual situação política do continente, que tem presenciado importantes e profundas mudanças na dinâmica da competição partidária e no comportamento eleitoral, em seus sistemas de valores e nos *issues* que organizam a política. O que aparentava corresponder a casos isolados e erráticos de votação a favor de partidos desta natureza durante os anos 1970, passou a representar uma constante nas sociedades europeias a partir de meados dos anos 1980, com a multiplicação de siglas em diferentes países e o aumento da popularidade eleitoral de muitos destes partidos de extrema-direita. De acordo com Pippa Norris (2005, p. 6-9):

The initial electoral record of these parties remained erratic and uncertain during this decade [the 1970's]: by the early 1980s, national parliaments in Western democracies contained only a half-dozen parties which could be classified as constituting part of the radical right family, even by the most generous definition. Today, by contrast, multiple contenders jostle for power. (...) in the early 1980s, support remained flat and the radical right was often excluded from parliament through failing to meet the necessary vote thresholds over successive elections. The surge gathered momentum from the mid-1980s onwards until these parties eventually reached a slight plateau in 2001, with the support of around one in six European voters. To summarize, during the last two decades, popular support for these parties almost tripled. (...)By now, too many gains have occurred in too many countries to accept the idea that the radical right is simply a passing fad or fashion, a temporary phenomena which will eventually fade away on the contemporary political scene.

A figura 1 abaixo apresenta a evolução da votação média de sete partidos de extrema-direita na Europa Ocidental entre os anos 1980 e 2004, quais sejam: MSI/AN (Itália), FPÖ (Áustria), Schweizerische Volkspartei - SVP (Suíça), Frihedspartiet - FP/ Dansk Folkeparti - DF (Dinamarca), Fremskrittspartiet - FrP (Noruega), Vlaams Belang - VB (Bélgica) e FN (França).

Figura 1: Evolução da votação média de sete partidos de extrema-direita na Europa Ocidental (1980-2004)



Fonte: Pippa Norris, 2005, p. 8.⁵

A evolução da média dos resultados dos partidos analisados por Pippa Norris no período 1980-2004 revela que estes movimentos obtinham resultados baixos e relativamente estáveis durante os primeiros anos da década de 1980 (média menor do que 6% dos votos), mas sofreram um pico de ascensão a partir de 1986/87, continuando a progredir em termos eleitorais de forma considerável durante toda a década de 1990, ainda que em ritmo menos acelerado. A partir dos anos 2000 houve uma ligeira queda nestes resultados médios, mas uma tendência que não se confirmou nos anos seguintes, sendo que este patamar de votações foi mantido em 14%. A evolução do resultado de tais partidos de extrema-direita confirma que o crescimento de seu percentual eleitoral não foi um fenômeno efêmero e volátil, nem isolado, mas demonstra que estes grupos jamais retornaram ao patamar inicial de média de resultados conforme apresentavam nos primeiros anos de participação nas competições eleitorais.

⁵ A figura, retirada do trabalho “Radical Right: Voters and Parties in the Electoral Market” de Pippa Norris (2005), ilustra de forma sintética a média do percentual de votos obtidos para a Câmara Baixa entre 1980 e 2004 dos seguintes partidos, que participaram de contínua série de eleições parlamentares nacionais desde 1980: MSI/NA (Itália), FPÖ (Áustria), SVP (Suíça), FP/DF (Dinamarca), FrP (Noruega), VB (Bélgica) e FN (França). Todos estes partidos podem ser definidos como “relevantes” na concepção da autora, o que significa que atingiram acima de 3% das votações em uma ou mais eleições para o parlamento nacional dentro do período analisado.

Apesar da tendência geral de evolução, há diferenças significativas em relação à força eleitoral destes partidos entre os países do continente europeu. Em alguns deles tais atores possuem um desempenho eleitoral já bem estabelecido e um histórico estável, como o FN na França, o *Vlaams Belang* (VB) na Bélgica, o *Freiheitliche Partei Österreichs* (FPÖ) na Áustria e o Partido Progressista Norueguês (*Fremskrittspartiet*). Na Itália e na Áustria a extrema-direita participou do governo através de coalizões, conforme mencionado anteriormente. Na Holanda e na Dinamarca estas entidades partidárias têm tido algum sucesso em termos eleitorais, se consolidado entre as três principais forças políticas do país, mas seu apoio é ainda consideravelmente volátil.

A Áustria é um dos países evidenciados pela literatura como caso de desempenho duradouro e bem-sucedido da extrema-direita. As regras proporcionais facilitam a entrada de pequenos partidos e a fragmentação do sistema partidário. Esta configuração tem beneficiado a presença do FPÖ em diferentes instâncias representativas. Em maio de 1989, o líder do FPÖ, Jörg Haider, conquistou 29% dos votos no primeiro turno das eleições provinciais e, através de uma coalizão estabelecida com o Partido Conservador Austríaco (ÖVP) foi eleito governador da Caríntia. O sucesso do partido tem sido relativamente estável no país: 17% nas eleições legislativas de 1990; 23% nas legislativas de 1994; 27,6% nas europeias de 1996; 26,7% nas legislativas de 1999. Em fevereiro de 2000, o FPÖ participou da constituição da coalizão de governo entre ÖVP e FPÖ sob a direção do chanceler conservador Wolfgang Schüssel, obtendo ministérios e, portanto, participando da administração do Estado (BRANDALISE, 2005). Mais recentemente, o FPÖ conquistou 18% dos votos nas legislativas de 2008 e 20,5% nas legislativas de 2013.

Por outro lado, em países como a Alemanha, o Reino Unido, a Grécia, a Espanha e Portugal os partidos da mesma família têm tido reduzido apoio eleitoral no nível nacional, mas, em alguns casos, como na Alemanha e no Reino Unido, constata-se recente progresso em seu desempenho no nível subnacional (HAINSWORTH, 2008). A pequena expressividade destes grupos em determinados casos é explicada por razões diversas pelos estudiosos. Na Alemanha, destaca-se o peso do passado nazista, as barreiras eleitorais e a fragmentação da extrema-direita (GIVENS, 2005). No Reino Unido, evidencia-se a natureza majoritária do sistema eleitoral e a violência racial associada à extrema-direita nos países (HAINSWORTH, 2008). E nos países do Sul da

Europa, faz-se referência ao legado autoritário incorporado pelos partidos tradicionais e a memória recente de regimes ditatoriais (MUDDE, 2007), o que não deixa espaço para a extrema-direita encarnar determinados temas que estão a ela associados em outros países (HAINSWORTH, 2008; GIVENS, 2005; LAUDE, 2011).

No caso do Reino Unido, os partidos frequentemente evocados pela literatura como de extrema-direita, o *British National Party* (BNP), liderado por Nick Griffin, e o *British National Front* (NF), não possuem um apoio eleitoral relevante, são considerados movimentos muito violentos e ainda fortemente marginalizados do sistema partidário (GIVENS, 2005). O *United Kingdom Independence Party* (UKIP) é um partido mais recente, criado em 1993 e especificamente voltado para a questão da retirada do Reino Unido da União Europeia. Na análise de Pippa Norris (2005), o UKIP deve ser classificado como de extrema-direita, mas de acordo com a definição da categoria por outros autores, a inclusão deste caso é discutível.

Outra possível explicação para o desempenho ruim da extrema-direita nos países da Europa do Sul é que este tipo de partido não se desenvolveria em democracias industriais não avançadas ou em democracias tardiamente estabelecidas, como é o caso dos países mediterrâneos, que foram democratizados apenas nos anos 1970 (KITSCHOLT, 1995; IGNAZI, 2003). Contudo, esta questão merece uma discussão mais aprofundada, que não poderá ser realizada neste trabalho, pois se acredita que, a depender da definição conceitual de partido de extrema-direita este pode sim ser encontrado em democracias mais recentes, como no Leste Europeu e nos países mediterrâneos.

De acordo com a tabela 1 abaixo, os resultados eleitorais das últimas eleições ocorridas dentro do período de 2008 a 2012 no âmbito doméstico (presidenciais, legislativas ou regionais) apontam para a atual importância eleitoral de partidos de extrema-direita em países como Sérvia, Áustria, Suíça, França, Hungria, Finlândia e Holanda, onde ultrapassam a marca de 15% das votações, chegando a quase 30% nos casos da Áustria e da Sérvia. Em outros países, os partidos que fazem parte da mesma família encontram-se em posição intermediária ou apresentam baixa votação, como na Alemanha e na Romênia.

**Tabela 1: Resultados eleitorais da extrema-direita por país
(eleições presidenciais, legislativas ou regionais entre 2008 e 2014)**

País	Partido	Tipo de eleição	Ano	Votos
<i>Áustria</i>	Partido Libertário da Áustria (FPÖ)	Legislativas	2013	20,50%
<i>Bélgica</i>	Interesse Flamengo (VB)	Regionais	2009	15,30%
<i>Bulgária</i>	Coalizão Ataque (Ataka)	Legislativas	2009	9,40%
<i>Dinamarca</i>	Partido do Povo Dinamarquês (DF)	Legislativas	2011	12,30%
<i>Eslováquia</i>	Partido Nacional Eslovaco (SNS)	Legislativas	2010	5,10%
<i>França</i>	Frente Nacional (FN)	Presidenciais	2012	17,90%
<i>Finlândia</i>	Verdadeiros Finlandeses	Legislativas	2011	19,10%
<i>Grécia</i>	Aurora Dourada	Legislativas	2012	7,00%
<i>Holanda</i>	Partido para a Liberdade do Povo Holandês (PVV)	Legislativas	2010	15,40%
<i>Hungria</i>	Movimento por uma Hungria Melhor (Jobbik)	Legislativas	2010	16,70%
<i>Itália</i>	Liga do Norte (LN)	Regionais	2010	14,80%
<i>Letônia</i>	Tudo pela Letônia (VL) ⁶	Legislativas	2010	7,70%
<i>Lituânia</i>	Ordem e Justiça (TT)	Legislativas	2008	12,70%
<i>Noruega</i>	Partido do Progresso (FrP)	Legislativas	2013	16,30%
<i>Romênia</i>	Partido da Grande Romênia (PRM)	Legislativas	2008	3,20% ⁷
<i>Sérvia</i>	Partido Radical Sérvio (CPC)	Legislativas	2008	29,50%
<i>Suécia</i>	Democratas Suecos (SD)	Legislativas	2014	12,90%
<i>Suíça</i> ⁸	União Democrática do Centro (UDC)	Federais ⁹	2011	26,60%

Fonte: Elaboração da autora a partir de dados de Perspective Monde - Université de Sherbrook (<http://perspective.usherbrooke.ca/>)

Mais recentemente, o desempenho eleitoral de partidos nacionalistas, anti-imigração e eurocépticos nas eleições europeias de 2014 foi surpreendente em número importante de casos. Na França, no Reino Unido e na Dinamarca eles ficaram, pela primeira vez, no topo das votações para o Parlamento Europeu. No caso da França, a Frente Nacional obteve 24,9% dos votos (cinco pontos percentuais à frente da direita tradicional *Union pour un Mouvement Populaire* - UMP) contra apenas 6,3% conquistados em 2009 (quando ficou em 5º lugar). No Reino Unido e na Dinamarca o UKIP obteve 26,8% e o DF 26,6% dos votos, respectivamente. Na Finlândia o apoio ao

⁶ O VL realizou tal resultado em aliança com dois partidos conservadores.

⁷ Foram selecionadas aquelas eleições em que o partido de extrema direita de cada país obteve melhor resultado entre o período 2008 a 2012. Para as eleições legislativas foi considerado o resultado obtido pelo partido em nível nacional.

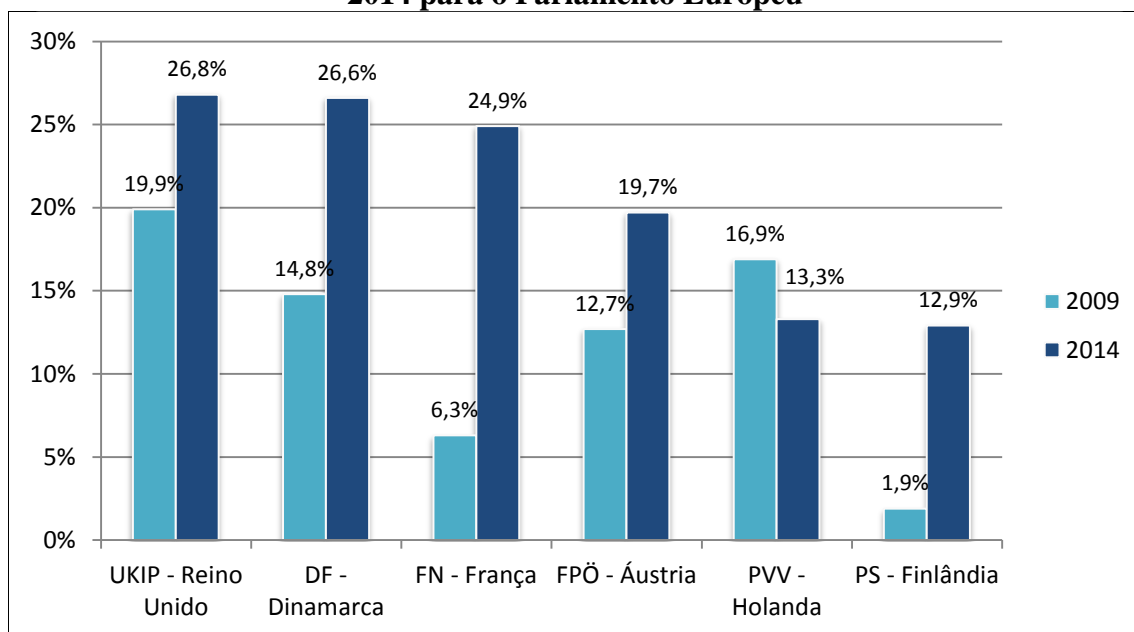
⁸ A extrema direita participa do governo ou o apoia na Suíça, Holanda, Dinamarca e Itália.

⁹ Eleições para o Conselho Federal da Suíça.

Perussuomalaiset (PS) cresceu mais de dez pontos percentuais, visto que era menor do que 1,9% em 2009 e saltou para 12,9% em 2014.

Conforme demonstra o gráfico 1 abaixo, em todos estes países onde se observou uma extrema-direita significativa nas eleições para o Parlamento Europeu de 2014, com exceção da Holanda, houve crescimento relevante do apoio conquistado por estes partidos em comparação com os resultados de 2009. No Reino Unido houve progresso de 6,9 pontos percentuais entre os dois pleitos, na Dinamarca o aumento foi de 11,8 p.p., na França, 18,6 p.p. e na Áustria 7 p.p. No caso da Holanda, em que houve queda, a variação do apoio não foi grande, reduzindo em pouco mais de três pontos percentuais a preferência pelo *Partij voor de Vrijheid* (PVV) entre 2009 e 2014.

Gráfico 1: Resultados dos partidos de extrema-direita mais votados nas eleições de 2014 para o Parlamento Europeu



Fonte: Parlamento Europeu (<http://www.resultados-eleicoes2014.eu/>)¹⁰.

¹⁰ A votação a favor do *Perussuomalaiset* (PS) da Finlândia em 2009 foi muito pequena, ficando agrupada na categoria “outros partidos” na fonte de dados consultada, esta somando 1,9% dos votos na ocasião. Portanto, o valor incluído no gráfico (1,9%) não corresponde ao resultado obtido somente pelo PS, mas à soma da votação deste e dos demais partidos incluídos na categoria “outros partidos”.

Legenda das siglas partidárias: UKIP - United Kingdom Independence Party, DF - Dansk Folkeparti, FN – Front National, FPÖ - Freiheitliche Partei Österreichs, PVV - Partij voor de Vrijheid e PS – *Perussuomalaiset*.

É importante evidenciar que a análise deste trabalho irá se concentrar na força eleitoral da extrema-direita, mensurada em termos dos votos obtidos por estes partidos e não através de mandatos ou cadeiras conquistados por eles. Alguns trabalhos não deixam esta escolha muito clara, o que pode trazer consequências metodológicas que incidem em suas implicações teóricas. Por exemplo, Givens (2005) chegou à conclusão de que os sistemas eleitorais que induzem o voto estratégico são menos propensos para o sucesso de partidos da extrema-direita, mas sua variável dependente sofreu modificação ao longo do estudo, passando de votos para cadeiras (VAN DER BRUG & FENNEMA, 2007). É muito diferente mensurar o sucesso eleitoral de determinados partidos em termos de votos ou de cadeiras, pois a depender do que se trata, a avaliação de seu potencial pode variar, sendo seu sucesso político supervalorizado ou sobrevalorizado.

Um caso ilustrativo da relevância desta discussão operacional é o desempenho da Frente Nacional na França. Este é um país regido por um sistema majoritário de dois turnos e historicamente dominado pela constituição de dois blocos ideológicos, um da esquerda e outro da direita, que competem as eleições e se alternam no poder desde a instauração da V República. O sistema eleitoral majoritário incentiva, mais do que o sistema proporcional, o chamado voto estratégico, que se distingue do voto sincero ou voto ideológico, pois o eleitor sente-se coagido a escolher um candidato ou partido com reais chances de se eleger, ainda que tal opção não corresponda à sua primeira escolha em termos de afinidades programáticas. Dessa forma, o eleitor estará evitando o “desperdício” de seu voto, contribuindo para a eleição de um candidato ou partido que, ainda que não seja seu preferido, possua reais chances de obter um mandato e é, de fato, capaz de combater o competidor que aquele eleitor mais rejeita dentre as ofertas disponíveis.

Na França, o FN manteve um histórico de votações muito baixo, que sequer atingia 1% durante toda a década de 1970, mas, assim como outros partidos de extrema-direita, realizou um crescimento importante a partir de meados dos anos 1980, passando a atingir resultados constantemente próximos de 10% em todos os tipos de eleições. É uma margem ainda muito fraca para obter cargos em um sistema que trabalha com a lógica de formação de maiorias para a constituição do governo nacional, mas que significa um progresso importante comparado aos resultados conquistados previamente,

o que o coloca entre as três maiores forças políticas do atual sistema partidário. Em termos de cadeiras, estes dados não fornecem fundamento para afirmar que o FN sofreu uma ascensão eleitoral, entretanto em termos de votação, sim.

Em 1985 houve uma modificação das regras eleitorais francesas, que assumiram uma lógica proporcional nas eleições legislativas do ano seguinte, em 1986. O presidente socialista François Mitterrand realizou esta reforma com o intuito de fragmentar a oposição da direita tradicional, constituída à época pelos partidos *Union pour la Démocratie Française* (UDF) e *Rassemblement pour la République* (RPR). Com a votação de 9,65% o FN ingressou, pela primeira vez na história, na Assembleia Nacional, elegendo 35 parlamentares. Posteriormente, o sistema majoritário foi reestabelecido, mas o partido de extrema-direita continuou apresentando o mesmo patamar de votações, apesar de se deparar com a completa ausência de seus candidatos no parlamento nacional. Este é um caso, portanto, em que o fato mais surpreendente não foi a entrada do FN no parlamento graças à mudança do sistema eleitoral, visto que o sistema proporcional facilita a representação de partidos minoritários, mas sim o fato de que a mudança do sistema eleitoral, com retorno às regras majoritárias, exerceu pouco impacto nos posteriores desempenhos eleitorais do partido, ainda que tenha impactado drasticamente em sua representação parlamentar e consequente presença no governo.

Estudos sobre o tema têm demonstrado que os sistemas eleitorais impactam nas estratégias dos atores, inclusive estabelecendo se será mais vantajoso para um partido adotar uma demarcação ideológica forte ou um comportamento *catch-all* na ampliação de suas bases eleitorais (NORRIS, 2015). As diferentes estratégias podem ser mais compensadoras a depender do funcionamento da competição eleitoral e das normas que estabelecem a tradução de votos em cadeiras. No entanto, Carter (2002 *apud* VAN DER BRUG & FENNEMA, 2007) demonstrou que a representação proporcional não possui impacto significativo no percentual de votos obtidos pelos partidos da extrema-direita, hipótese que é também confirmada por Vander Brug *et al.* (2005 *apud* Van der Brug e Fennema, 2007).

Em síntese, ainda que o sistema eleitoral determine de que forma os resultados eleitorais obtidos serão traduzidos em representação parlamentar ou conquista de cargos

no poder executivo, esta variável institucional não parece explicar a variação *cross-national* do percentual de votos obtidos por estes partidos (NORRIS, 2005).

Os sistemas eleitorais dos países europeus variam muito entre si e, como as regras institucionais exercem efeitos mecânicos nos partidos, interferindo em seu tamanho na arena governamental, assim como efeitos psicológicos nos diversos atores que participam da competição política, as normas para a tradução de votos em cadeiras também possui impacto significativo na presença da extrema-direita nas instituições representativas.

Apesar de os partidos de extrema-direita terem aumentado sua representatividade nos governos europeus desde os anos 1980, inclusive dentro do Parlamento Europeu, é necessário avaliar de forma consciente a atual força desta família partidária na esfera política de uma forma geral. Em termos eleitorais, o ritmo de crescimento observado durante a década de 1980 diminuiu comparativamente aos anos subsequentes. Não se deve superestimar o potencial destes grupos, pois eles não são majoritários e a dinâmica eleitoral e a administração do Estado ainda são predominantemente conduzidas pelos partidos tradicionais de esquerda e de direita (MUDDE, 2007). Apesar de tal tendência, a extrema-direita nos parece um objeto de estudo relevante devido ao fato de ter introduzido na agenda política temas anteriormente ausentes do debate, de exercer impacto no posicionamento de outros partidos do sistema e também representarem a preferência de uma parcela significativa do eleitorado em diversos países, aparentemente canalizando demandas inéditas.

5. A crise econômica e o fortalecimento da extrema-direita

Nos últimos anos percebe-se uma intensa discussão sobre a possível relação entre crescimento da extrema-direita e a crise econômica que atingiu a Europa em 2008. Esta discussão está presente, sobretudo, na mídia, que constantemente ressalta a coincidência entre os dois fenômenos, muitas vezes sugerindo que tais acontecimentos estabeleceriam uma relação causal entre si. Certamente os partidos de extrema-direita se aproveitam dos efeitos da crise econômica e utilizam do descontentamento das pessoas diante dos impactos que tal fenômeno tem provocado para mobilizar os votantes. Mas se a crise em si lhes rende mais votos e por quais razões ainda são questões que não

estão suficientemente compreendidas nas investigações sobre o tema. Apesar de não consistir o objetivo deste trabalho, consideramos importante apresentar algumas pontuações acerca do assunto.

Por um lado, poderia se esperar que a emergência da crise reforce os sentimentos de intolerância à imigração por parte dos cidadãos, pois em momentos de decadência econômica os recursos como emprego, moradia e benefícios sociais se tornam ainda mais escassos. Nesse sentido, os nativos tenderiam a perceber com maior intensidade a imigração como uma ameaça ao seu próprio bem-estar e, por isso, adeririam com mais facilidade a propostas xenófobas e nacionalistas (LUBBERS & SHEEPERS, 2002). De acordo com esta interpretação, esperar-se-ia que a crise econômica fortalecesse os partidos de extrema-direita de forma similar à emergência do nazi-fascismo no contexto de profunda crise econômica e social do período entre guerras, quando se acentuou a necessidade em se identificar um culpado para os infortúnios da sociedade (*scapegoating*) (HALIKIPOULOU & VASILOPOULOU, 2015).

O atributo populista dos partidos de extrema-direita os tornaria capazes de mobilizar, de forma oportunista, várias queixas e demandas protestadas pelos eleitores ao longo do tempo. Dessa forma, tais movimentos poderiam adaptar seu apelo eleitoral em diferentes circunstâncias, notadamente em tempos de crise, quando a insatisfação dos votantes com os partidos tradicionais é particularmente acentuada (ALLEN, 2015).

Por outro lado, a recorrência de crises econômicas colocaria novamente na pauta político-eleitoral os *issues* econômicos como emprego, desigualdade, renda, impostos. Como parte da literatura enfatiza que o desempenho da extrema-direita está vinculado à emergência dos *issues* socioculturais, como a identidade e a soberania nacional, a crise seria desfavorável a estes partidos, cujos temas prioritários perderiam relevância durante a depressão e cujas plataformas econômicas são consideradas ambíguas, portanto, incapazes de fornecer resoluções concretas para as perturbações econômicas (ALLEN, 2015). Como a teoria de Inglehart (1977) prevê a ascensão de valores pós-materialistas em tempos de segurança e estabilidade econômica, esperar-se-ia que com o retorno de crises os valores materialistas também progredissem na vida política e, conseqüentemente, isso seria desfavorável aos partidos que priorizam questões culturais em suas agendas, como os partidos de extrema-direita.

Em termos empíricos, é possível identificar que em determinados países, como na Hungria e na Grécia, há uma tendência clara de crescimento de partidos de extrema-direita a partir da eclosão da crise (HALIKIPOULOU & VASILOPOULOU, 2015). Em outros casos, a extrema-direita já se encontrava em um patamar alto de resultados muito antes da depressão econômica, como na França e na Áustria. Em outros países, ainda, a extrema-direita perdeu apoio após a eclosão da crise (MUDDE, 2013). Cas Mudde (2013) demonstrou que os partidos de extrema-direita ganharam apoio eleitoral apenas em 11 dos 28 países-membros da União Europeia (39% dos casos) e aumentaram seu desempenho de forma substancial em apenas 5 deles (18% dos casos).

Portanto, não é possível identificar um padrão uniforme entre a crise e fortalecimento da extrema-direita em todo o continente europeu. Possivelmente os efeitos da crise foram importantes em determinados casos, mas não atuaram sozinhos no crescimento dos partidos em questão, como demonstram Halikipoulou e Vasilopoulou (2015). Estes autores verificaram as razões para que a crise estimulasse o crescimento da extrema-direita na Hungria e na Grécia, mas não em países que sofreram similares efeitos de depressão econômica, como Portugal, Espanha e Itália. Suas conclusões apontaram para um efeito limitado da crise econômica, posto que ela está associada à ascensão eleitoral da extrema-direita apenas em contextos onde outros fatores também estiveram simultaneamente presentes. O potencial da extrema-direita é considerado maior em tempos de crise apenas quando não há clivagem identitária no interior do país e o nacionalismo é do tipo concentrado, ou seja, não opõe diferentes grupos étnicos, culturais, religiosos ou linguísticos no interior do país, mas unifica toda a comunidade no nível nacional em torno deste sentimento. Em tais circunstâncias, a crise funciona como um fator que unifica e reforça o sentimento nacionalista, o que conseqüentemente favorece os partidos de extrema-direita.

Em nossa interpretação e a partir das informações disponíveis sobre o assunto até o presente momento, não existe uma relação causal clara entre crise econômica e fortalecimento da extrema-direita. É necessário desenvolver estudos mais aprofundados para elucidar o efeito que a conjuntura econômica exerce na evolução do apoio a estes partidos.

6. Conclusões

Nas últimas décadas, novos partidos de extrema-direita têm sido criados e ganham popularidade na Europa. Esta nova família de partidos apresenta algumas características dos movimentos nazistas e fascistas surgidos no entre guerras, tais como a estratégia populista, o nacionalismo e a tendência autoritária. Contudo, a emergência destes novos partidos corresponde a um fenômeno inteiramente diferente comparativamente ao extremismo de direita dos anos 1920-1930, sobretudo em função de seu contexto de emergência, de seus posicionamentos e de seu apoio eleitoral. A nova extrema-direita foi capaz de explorar as contradições do sistema democrático-liberal, os desafios impostos pelo processo de globalização e a centralidade da dimensão não materialista ou de temas não econômicos nas sociedades pós-industriais.

Conforme discutido neste capítulo, a extrema-direita pode ser definida pela ideologia nativista, populista e autoritária (MUDDE, 2007). Este núcleo ideológico dá origem a seus posicionamentos e molda seu discurso de protesto, orientados contra a imigração, a União Europeia, a classe política e outros “inimigos”. Esta família partidária não é definida em função de suas orientações econômicas, pois a economia é um tema secundário.

O desempenho da extrema-direita é bastante heterogêneo entre os diferentes países europeus, podendo ainda variar em função dos tipos de eleições dentro de um mesmo país. Apesar de não corresponder a uma força majoritária na arena eleitoral das democracias avançadas, seus resultados globais estão longe de ser irrelevantes. Mais do que isso, tais partidos tem sido capazes de introduzir temas no debate público, forçando as organizações tradicionais do sistema a abordarem seus *issues* prioritários, como a imigração, a União Europeia, o peso do Islã na Europa.

No próximo capítulo, iremos analisar especificamente o caso da extrema-direita na França, explorando a evolução histórica, as características e o protagonismo do partido de extrema-direita mais antigo do continente europeu: a Frente Nacional.

Capítulo 2

A Frente Nacional na França: das margens do sistema para o protagonismo político

1. Introdução

No contexto europeu de emergência da extrema-direita destaca-se o caso da Frente Nacional na França, o partido mais longo desta família ideológica em todo o continente e um dos mais estudados pela literatura especializada. A sigla foi criada em 1972, liderada por Jean-Marie Le Pen durante quase quarenta anos, o qual foi recentemente sucedido por sua própria filha, Marine Le Pen. Desde sua fundação, a Frente Nacional permaneceu sob o mesmo nome. Ficou marginalizada do sistema partidário até meados dos anos 1980, quando conquistou seu primeiro resultado eleitoral de impacto nas eleições municipais de Dreux, em 1983, atingindo a marca de 16,7% dos votos válidos no primeiro turno. No segundo turno o FN estabeleceu uma aliança local com a direita tradicional, representada pelos partidos *Rassemblement pour la République* (RPR) e *Union pour la Démocratie Française* (UDF), ingressando na administração municipal pela primeira vez em sua história.

A ascensão nas urnas proporcionou visibilidade midiática e política ao partido e a Jean-Marie Le Pen, o que contribuiu para seu primeiro desempenho significativo em eleições de dimensão nacional: as eleições para o Parlamento Europeu de 1984. Durante os anos 1980 e 1990 o FN vivenciou uma evolução ascendente de seus resultados, assim como a centralidade dos temas caros à sua matriz ideológica no debate público, como a imigração, a identidade nacional e a União Europeia. Entretanto, seu crescimento foi prejudicado devido ao episódio de fragmentação vivenciado em 1998-1999 sob a liderança de Bruno Mégret, o que provocou uma queda significativa em seus resultados eleitorais.

Sua fase mais recente compreende um período de relançamento e renovação, fundamentado pelas novas estratégias implementadas por Marine Le Pen, especificamente a chamada “desdiabolização” do partido. Os efeitos da crise econômica eclodida em 2008, da massiva imigração em direção à Europa e do agravamento das condições de vida dos setores mais populares da sociedade também são fatores que podem ter favorecido a difusão de suas ideias e propostas radicais, pois os cidadãos se mostram desiludidos com as soluções tradicionalmente apresentadas pelos atores políticos estabelecidos, descrentes nas instituições e tendem a aderir a posicionamentos mais intolerantes (PERRINEAU, 1997).

Ao longo de sua trajetória, o partido de extrema-direita francês foi capaz não apenas de progredir numericamente nas diferentes competições eleitorais, mas também de introduzir suas temáticas centrais no debate público e na agenda política (DELWIT, 2012), induzindo, inclusive, os partidos tradicionais da esquerda e da direita a se posicionarem diante de *issues* como a imigração, a religião islâmica, a União Europeia e a identidade nacional, temas objeto de crescente preocupação entre os eleitores. Estes temas não materialistas têm ganhado espaço nas sociedades onde as identidades sociológicas clássicas, como o pertencimento de classe ou religião, e as identidades partidárias têm perdido influência na orientação das decisões políticas. O FN tem demonstrado que sua preferência eleitoral não é esporádica, nem restrita ao voto de protesto, visto que há uma parcela consolidada do eleitorado que adere ao voto frentista com certa regularidade.

Atualmente, o partido de extrema-direita se encontra entre os três mais relevantes e expressivos do sistema partidário francês. Foi o mais votado nas últimas eleições para o Parlamento Europeu (2014), quando conquistou 24,9% do apoio eleitoral e obteve 24 das 74 cadeiras que a França possui dentro da instituição supranacional. Atualmente Marine Le Pen aparece no topo das pesquisas de intenções de voto para as presidenciais de 2017¹¹.

Na próxima seção deste capítulo, iremos discorrer sobre as principais características do sistema eleitoral francês. Em seguida, apresentaremos o histórico da

¹¹ Pesquisa de opinião intitulada « Les intentions de vote pour l'élection présidentielle de 2017 », realizada pelo instituto IFOP para o jornal Le Figaro nos dias 3 e 4 de setembro de 2014. <http://www.lefigaro.fr/politique/2014/09/05/01002-20140905ARTFIG00167-sondage-marine-le-pen-en-tete-de-la-presidentielle-dans-tous-les-cas-de-figure.php> (link consultado em 10 de novembro de 2014).

Frente Nacional, desde sua criação, em 1972, até os mais recentes acontecimentos relevantes para o partido. Na quarta seção analisaremos sua importância no interior do sistema político francês e, por fim, apresentaremos as principais conclusões.

2. Características do sistema eleitoral francês¹²

A V República Francesa foi estabelecida pela Constituição de 04 de outubro de 1958, sendo um de seus objetivos centrais atribuir maior protagonismo ao Executivo nacional em detrimento do controle político do Parlamento (CHAGNOLLOU, 1993). A paralisia do processo legislativo e a instabilidade ministerial vivenciados durante os regimes precedentes – III e IV República – condicionaram poderes relativamente reduzidos ao Parlamento na V República. Esta instituição é constituída por duas câmaras: a Assembleia Nacional, eleita por sufrágio universal direto, e o Senado, eleito por sufrágio indireto.

As eleições para designar os membros da Assembleia Nacional ocorrem a cada cinco anos, um mês após as presidenciais. O mais recente pleito legislativo ocorreu em meados de junho de 2012. No entanto, caso o Presidente da República dissolva a Assembleia, novas eleições legislativas antecipadas podem ser convocadas. Neste pleito são eleitos 577 deputados, cada um em uma circunscrição legislativa, através do voto majoritário uninominal em dois turnos. Isso significa que cada distrito eleitoral elege um representante para a câmara baixa. É possível que um candidato seja eleito no primeiro turno em sua circunscrição eleitoral caso obtenha mais de 50% dos votos válidos e ao menos 25% dos votos dos eleitores inscritos nas listas eleitorais. Geralmente, ocorre segundo turno na semana seguinte. Para se apresentar no segundo turno, o candidato deve obter ao menos 12,5% dos votos válidos no primeiro turno. Portanto, mais de dois candidatos podem disputar o segundo turno. No entanto, se apenas um candidato atingir essa barreira, o segundo colocado pode participar da segunda etapa da competição. É requerida maioria relativa para ser eleito no segundo

¹² Todas as informações relativas às eleições foram obtidas de fontes oficiais: página da Assembleia Nacional francesa (<http://www.assemblee-nationale.fr/>), Ministério do Interior (<http://www.interieur.gouv.fr/>) e Vie Publique (<http://www.vie-publique.fr/>)

turno das legislativas, ou seja, aquele que recolhe mais votos é eleito, ainda que não conquiste mais de 50% do eleitorado.

O Senado, por sua vez, é renovado pela metade a cada seis anos a partir do voto indireto. As últimas eleições senatoriais ocorreram no dia 28 de setembro de 2014. No total a casa é composta por 348 membros, eleitos pelo voto majoritário de dois turnos ou voto proporcional de lista fechada a depender do número de senadores a serem eleitos em cada departamento. Os eleitores dos senadores são representantes eleitos pelo voto direto nas outras instituições representativas: deputados, conselheiros regionais, conselheiros departamentais e delegados dos conselhos municipais.

O exercício da função governamental é dividido entre Presidente da República e Primeiro Ministro. O Presidente possui exclusividade na garantia da independência nacional e integridade do território. Ele detém o poder de nomear o Primeiro Ministro e pode declarar a dissolução da Assembleia Nacional, convocando eleições antecipadas. O governo é dirigido pelo Primeiro Ministro, responsável por conduzir a política da Nação. As instituições da V República apresentam traços dos regimes parlamentaristas e dos regimes presidencialistas simultaneamente, o que conduz certos constitucionalistas a denominar o regime como “semipresidencialista” (CHAGNOLLOU, 1993). A autoridade do Presidente tem se reforçado progressivamente ao longo do tempo. Inicialmente o mandato presidencial possuía duração de sete anos, mas desde o ano de 2000 uma revisão constitucional aprovada por referendun popular reduziu a duração do mandato para cinco anos.

O Presidente da República é eleito pelo voto universal direto, uninominal majoritário em dois turnos. Apenas os dois candidatos mais votados no primeiro turno participam do segundo turno. Todo cidadão francês com idade igual ou superior a dezoito anos tem o direito de se candidatar a Presidente na condição de conseguir obter o “apadrinhamento” (*parrainage*) de 500 representantes eleitos da esfera nacional ou subnacional. Há dispositivos complementares que impõem a repartição geográfica das assinaturas destes apoiadores, os quais devem provir de, ao menos, trinta departamentos diferentes sem que mais de um décimo deles proceda do mesmo departamento.

Inicialmente a V República herdou a centralização administrativa da III República, mas a partir dos anos 1970 as reformas realizadas pelos presidentes Georges

Pompidou e Valéry Giscard d'Estaing promoveram progressiva descentralização das atribuições administrativas. Atualmente os municípios (*communes*), os departamentos (*départements*) e regiões (*régions*) possuem numerosas competências transferidas pelo Estado. No entanto, apesar de existir uma transferência de atribuições administrativas a unidades subnacionais, a França não é caracterizada por um regime federalista, pois o país não possui os três poderes (executivo, legislativo e judiciário) independentemente eleitos e politicamente autônomos em todas as unidades político-administrativas.

Os municípios constituem o nível territorial mais antigo e próximo dos cidadãos. Em tal esfera, o prefeito (*maire*) é nomeado por um conselho municipal, cuja designação dos membros ocorre através de eleições diretas a cada seis anos. O prefeito é representante do Estado no nível local, visto que detém competências em matéria de estado civil e política administrativa, assim como é o representante do Executivo municipal, pois prepara e executa as decisões do conselho municipal. As regras para a eleição dos conselheiros municipais dependem do número de habitantes do município e algumas modificações foram realizadas a partir da lei de 17 de maio de 2013.

Atualmente, nos municípios com menos de 1000 habitantes (limite anteriormente estabelecido em 3500), a votação é do tipo majoritária plurinominal em dois turnos. Os candidatos se apresentam através de uma lista, mas os eleitores podem modificar as listas, fazer “panache”, acrescentar ou retirar candidatos sem que o voto seja anulado. Listas incompletas e candidaturas individuais são autorizadas. A contagem dos votos é realizada individualmente por candidato e não por lista. São eleitos no primeiro turno os candidatos que obtenham maioria absoluta dos votos válidos e recolham ao menos um quarto do sufrágio dos eleitores inscritos. No segundo turno os candidatos são eleitos por maioria relativa.

Nos municípios com mais de 1000 habitantes o voto é proporcional de lista fechada com “prime” majoritária (sem a possibilidade de modificação da lista) e acontece em dois turnos. No primeiro turno, a lista que obtém a maioria absoluta dos votos válidos recebe um número de cadeiras igual à metade do total de postos disponíveis. As demais cadeiras são distribuídas através da representação proporcional de maior média entre todas as listas que tenham conquistado ao menos 5% dos votos válidos. Caso nenhuma das listas obtenha a maioria absoluta dos votos válidos no

primeiro turno, é realizado um segundo turno com todas as listas que tenham conseguido 10% dos votos válidos na primeira etapa. A partir dos resultados do segundo turno, a repartição de cadeiras acontece conforme as regras aplicáveis ao primeiro turno. Nas grandes aglomerações de Paris, Lyon e Marselha, o voto é proporcional de lista fechada em dois turnos no quadro de setores eleitorais. Os eleitores elegem, ao mesmo tempo, um conselho municipal e conselhos de bairros (*d'arrondissement*), neste caso a partir das mesmas regras que regem as cidades de mais de 1000 habitantes. As últimas eleições municipais ocorreram em março 2014.

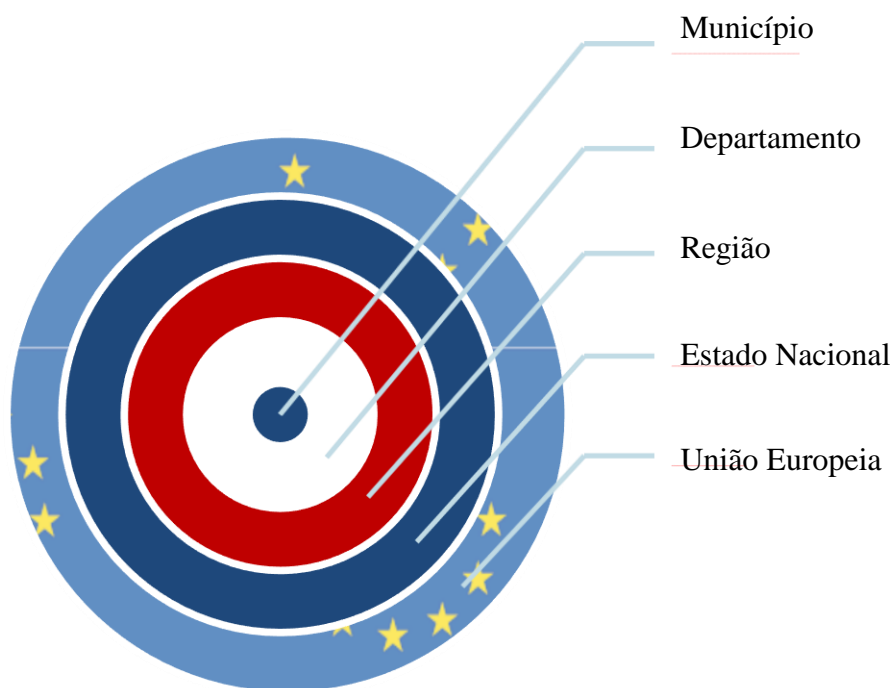
Os departamentos totalizam 101 unidades, das quais 96 se encontram na França continental (*métropolitaine*). Os territórios franceses não continentais, chamados *d'outre-mer*, são: Guadalupe, Martinica, Guiana, Reunião e Mayotte, cujo status administrativo e legislativo apresenta determinadas particularidades. Os departamentos são circunscrições de ação do Estado, cujo representante é o presidente do conselho departamental. Este representante é designado a cada seis anos pelos membros do conselho departamental, também renovado a cada seis anos. As alterações previstas pela lei de 17 de maio de 2013 estabelecem o sufrágio universal direto, binominal majoritário de dois turnos, em que dois conselheiros são eleitos por cantão (circunscrição eleitoral do departamento) dentre os binômios ou duplas de candidatos que incluem um homem e uma mulher. Anteriormente as eleições departamentais eram denominadas eleições cantonais.

As regiões agrupam diferentes departamentos e totalizam 22 unidades na França continental e 5 no território *d'autre mer*. As eleições regionais possuem uma periodicidade de seis anos. São eleitos conselheiros regionais, que escolhem, por sua vez, um presidente do conselho regional. O sistema que rege esse tipo de eleição é um sistema misto, ou proporcional em dois turnos, com “prime” majoritária. Caso uma lista obtenha maioria absoluta no primeiro turno, a eleição se termina neste momento. A lista vencedora conquista 25% das cadeiras, enquanto os 3/4 restantes são distribuídos proporcionalmente entre todas as listas que atingirem a barreira de 5% de votos, inclusive para a lista posicionada em primeiro lugar. Caso nenhuma lista conquiste a maioria absoluta no primeiro turno, realiza-se um segundo turno apenas com as listas que tenham obtido ao menos 10% dos votos válidos no primeiro turno. A partir do resultado do segundo turno, são distribuídas as cadeiras através das mesmas regras

válidas para o primeiro turno, sem a necessidade de alguma lista conquistar maioria absoluta.

As três unidades organizativas apresentadas – município, departamento e região – correspondem simultaneamente a níveis de administração territorial e circunscrições de ação do Estado Nacional, cujos representantes são, respectivamente, o *maire*, o *préfet* e o *préfet de région*. A figura 2, abaixo, apresenta de forma esquemática os diferentes níveis administrativos e eleitorais da França.

Figura 2: As esferas de organização político-territorial da França



Fonte: Elaboração da autora

Além das eleições nacionais, regionais, departamentais e municipais, a França vai às urnas a cada cinco anos para escolher seus 74 deputados no Parlamento Europeu, localizado em Estrasburgo. Para eleger tais representantes, a votação se realiza no quadro de oito circunscrições que agrupam várias regiões do país. Tal organização dos distritos eleitorais foi estabelecida em 2003, sendo que anteriormente o território francês

correspondia a uma única circunscrição eleitoral de dimensão nacional. O voto é proporcional de lista fechada e ocorre em apenas um turno. As cadeiras são distribuídas entre as listas eleitorais que atingirem a barreira de 5% dos votos válidos de acordo com sua votação. O quadro abaixo sintetiza as diferentes eleições que ocorrem no país, do nível local ao nível supranacional.

Quadro 1: Síntese das diferentes eleições na França

Municipais	Eleição direta de conselheiros municipais, que irão designar o prefeito; Ocorrem a cada 6 anos; Nos municípios com menos de 1000 habitantes, a votação é do tipo majoritária plurinominal em dois turnos. Nos municípios com mais de 1000 habitantes o voto é proporcional de lista fechada em dois turnos.
Departamentais	Eleição direta de conselheiros departamentais, que irão designar o presidente do conselho departamental a cada 6 anos; Voto binominal majoritário de dois turnos, dois conselheiros de sexo diferente são eleitos por cantão (circunscrição eleitoral do departamento) dentre os binômios de candidatos.
Regionais	Eleição direta de conselheiros regionais a cada 6 anos, que escolhem, por sua vez, um presidente do conselho regional; O voto é proporcional de lista fechada com “prime” majoritária e acontece em dois turnos.
Legislativas	577 deputados eleitos pelo voto direto a cada 5 anos; Sistema majoritário uninominal em dois turnos; Participam do 2º turno todos os candidatos que obtiverem 12,5% dos votos válidos no 1º turno e é eleito aquele que obtém mais votos no 2º turno.
Senatoriais	348 membros, eleitos pelo voto indireto (representantes eleitos das demais instituições legislativas); Renovação de metade dos membros a cada 3 anos; Sistema majoritário de dois turnos ou voto proporcional de lista fechada (a depender do número de senadores a serem eleitos em cada departamento).
Presidenciais	Voto direto; Mandato de 5 anos renovável apenas uma vez de maneira consecutiva; Sistema majoritário uninominal em dois turnos.
Europeias	Eleição de 74 representantes franceses do Parlamento Europeu; Voto direto, proporcional com listas fechadas em apenas um turno; 8 distritos eleitorais, que agrupam diferentes regiões do país.

Fonte: Página oficial da Assembleia Legislativa da França (<http://www.assemblee-nationale.fr/>)

Na seção a seguir iremos apresentar o histórico da Frente Nacional, dentro do qual serão mencionadas as diferentes eleições que acontecem periodicamente no país.

3. O histórico da Frente Nacional

3.1 A criação

O pensamento de extrema-direita é muito antigo na França, com raízes no período que sucedeu a Revolução Francesa de 1789. Em suas origens, orientou-se em torno de um posicionamento contrarrevolucionário, monarquista, antiparlamentarista, xenófobo, antissemita e católico (CRÉPON, 2012), mas ao longo do tempo foi se adaptando às circunstâncias históricas e políticas, incorporando novas temáticas e transformando determinados posicionamentos ideológicos, mantendo, no entanto, o fundamento anti-igualitarista, nacionalista e antiliberal característico da extrema-direita (DELWIT, 2012; CRÉPON, 2012).

Historicamente, as diferentes correntes de extrema-direita foram multifacetadas e fragmentadas no país, apresentando grande número de grupos, clubes, seitas e tendências políticas semi-organizadas (KITSCHOLT, 1995). O caráter grupuscular e extra institucional de tais organizações dificultou a expansão política e a unificação desta corrente ideológica em torno de um agrupamento comum. Além disso, o contexto pós-II Guerra Mundial descredibilizou e estigmatizou as ideias de extrema-direita, que ressurgiram apenas através do movimento Poujadista em meados dos anos 1950.

Uma das primeiras tentativas de introduzir a extrema-direita no terreno eleitoral ocorreu quando o movimento Poujadista criou, em 1953, a UDCA - *Union de Défense des Commerçants et Artisans* (União de Defesa dos Comerciantes e Artesãos) e participou das eleições legislativas de 1956 através da lista “União e Fraternidade Francesa”. Na ocasião, a UDCA obteve 11,6% dos votos válidos e, graças ao sistema de representação proporcional em vigor, elegeu 52 deputados para a Assembleia Nacional (em um total de 595 cadeiras na época).

O movimento que deu origem à UDCA, denominado Poujadismo, foi uma mobilização de artesãos e comerciantes da cidade de Saint-Céré, liderado por Pierre Poujade, em revolta contra os controladores fiscais. Esta mobilização em defesa dos interesses setoriais dos comerciantes, artesãos e pequenos produtores que se sentiam prejudicados com o sistema tributário em vigor apresentava delineamentos ideológicos antissemitas e contrários à independência da Argélia, duas orientações que marcaram a

extrema-direita francesa durante muito tempo. Entretanto, o Poujadismo não conseguiu se instalar de forma definitiva no sistema partidário e se desintegrou após o estabelecimento da V República, em 1958 (DELWIT, 2012).

De forma similar à UDCA, outros agrupamentos de extrema-direita foram dissolvidos pelo governo durante o período que precedeu a criação da Frente Nacional, sobretudo em função de enfrentamentos violentos com grupos da extrema-esquerda nos quais estavam envolvidos, visto que o principal motor destes movimentos era o anticomunismo de choque. Algumas dessas organizações interrompidas pelo poder estatal foram o *Front National des Combatants* (criado em 1957 e dissolvido em 1958), o *Front National Combatant* (criado em 1958 e dissolvido na semana das barricadas da Argélia, em 1960) e o *Front National pour l'Algérie Française* (dissolvido em 1961 durante o Putsch dos Generais¹³) (ALBERTINI & DOUCET, 2013). Todos estes três movimentos estavam engajados na defesa da Argélia francesa, ou seja, eram contra o fim do império colonial francês e contra a independência da Argélia. Foram concebidos e dirigidos por Jean-Marie Le Pen, que futuramente se tornaria o presidente da Frente Nacional.

Jean-Marie Le Pen foi deputado Poujadista da 3ª circunscrição do departamento da Seine de 1956 a 1962, um dos principais organizadores da direita nacionalista e coordenador da campanha de Jean Louis Tixier-Vignancour durante as presidenciais de 1965. O nacionalista Tixier-Vignancour, por sua vez, havia sido Secretário Geral da Informação no governo de Vichy durante a ocupação nazista e havia apoiado a tentativa de golpe de Estado dos generais em 1961.

A organização de extrema-direita *Ordre Nouveau*, fundada em 1969 após a dissolução de outros dois grupos ultradireitistas (*Occident* e *Groupe Union Défense - GUD*) devido ao envolvimento em combates violentos está na base da criação da Frente Nacional. A organização *Ordre Nouveau* correspondia a um agrupamento de estudantes nacionalistas, ativistas antidemocráticos e xenófobos.

¹³ O Putsch dos Generais, ocorrido em 21 de abril de 1961, correspondeu a uma tentativa de golpe de Estado organizada por uma parcela de militares de carreira das Forças Armadas Francesas situadas na Argélia, então colônia da França, e conduzida por quatro generais: Maurice Challe, Edmond Jouhaud, Raoul Salan e André Zeller. Esta operação foi uma reação à política anticolonialista assumida pelo então presidente francês Charles de Gaulle e seu governo, o que foi considerado uma traição na visão dos generais envolvidos, cuja revolta em tentativa de manter a Argélia sob o domínio da França fracassou.

Cansada de ser associada a atuações violentas e objetivando “desdiabolizar” as teses de extrema-direita, *Ordre Nouveau* procurou reunir as correntes daquele campo ideológico sob uma organização federativa, que incluísse os dissidentes dos diversos agrupamentos colocados na clandestinidade, dentre eles os remanescentes de Vichy, os paramilitares que se opunham à independência da Argélia e os participantes da campanha de Tixier-Vignancour (ALBERTINI & DOUCET, 2013). Foi com este objetivo e aspirando a participação nas eleições legislativas de 1973 que *Ordre Nouveau* criou a Frente Nacional em 05 de outubro de 1972. Jean-Marie Le Pen, após ter rompido com Pierre Poujade e também com Tixier-Vignancour, foi convidado pela organização para ocupar a presidência do novo partido. Ele era uma figura com experiência política e histórica participação em movimentos de extrema-direita, mas, ao mesmo tempo, uma personalidade que não estava abertamente associada ao nazismo (IGNAZI, 2003). O fato de ter sido deputado e diretor da campanha presidencial de Tixier-Vignancour inspiraria legitimidade para o partido, na visão daqueles que o convidaram para assumir o cargo.

O primeiro programa eleitoral do FN, lançado nas legislativas de 1973, intitulou-se “Defender os Franceses” e apresentou uma linha reacionária e anticomunista. No plano econômico, o partido preconizava a livre economia de mercado, a criação de uma legislação antitruste, a retirada dos obstáculos jurídicos e fiscais para o comércio e o crescimento econômico. A defesa do Estado mínimo e do mundo do comércio estava enraizada no Poujadismo, que inicialmente exerceu importante influência nas orientações do partido recém-criado. A imigração ainda não constituía tema fundamental do FN, que, no contexto da Guerra Fria, definia-se, sobretudo, pela orientação anticomunista.

Os resultados conquistados nas urnas nas legislativas de 1973 foram desmotivadores, chegando a apenas 0,5% dos votos válidos no nível nacional. Além disso, a coabitação de tendências ideológicas tão variadas dificultou a criação de uma linha clara e coesa na Frente Nacional, assim como provocou descontentamentos internos entre os representantes de diferentes correntes ideológicas que procuravam se sobressair dentre as demais.

A organização *Ordre Nouveau*, que coexistia com o partido político de sua criação, sentiu-se decepcionada com os resultados eleitorais obtidos e com a dificuldade em se impor os ideais de edificação de um Estado nacionalista, os quais a haviam motivado desde o início do projeto de criação do partido político. Sendo assim, a ON se afastou da Frente Nacional e se relançou nas ações extra institucionais. No mesmo ano de 1973 a ON foi dissolvida pelo Ministro do Interior, juntamente com a Liga Comunista, devido ao confronto violento que opôs estes dois movimentos. O acontecimento deslegitimou a organização *Ordre Nouveau* e abriu espaço para a ascensão de Jean-Marie Le Pen dentro do partido recém-criado.

3.2 Um grupúsculo aspirante a partido político

Durante sua primeira década de existência, a Frente Nacional passou por sérias dificuldades em se consolidar como organização partidária e conquistar um espaço eleitoral relevante. Confrontada com restrições de recursos materiais e ideológicos, além da competição com outras organizações de extrema-direita que eventualmente também participavam das eleições, tais como o *Parti des Forces Nouvelles* (PFN) - formado pelos dissidentes da *Ordre Nouveau* -, o FN colecionou baixíssimos resultados nas urnas até meados dos anos 1980. Nas presidenciais de 1974, Jean-Marie Le Pen obteve 0,75%, nas legislativas de 1978 o partido atingiu apenas 0,30% no nível nacional e nas presidenciais de 1981 seu presidente sequer conseguiu reunir as 500 assinaturas de representantes eleitos necessárias para se oficializar como candidato, conforme preveem as regras eleitorais do país. Nas legislativas do mesmo ano, o partido conquistou míseros 0,40%.

Desde sua criação até os anos 1980 a Frente Nacional representava um posicionamento direitista explicitamente assumido (CRÉPON, 2012). Nesse sentido, ela demonstrava disponibilidade em estabelecer alianças com partidos localizados à direita no espectro ideológico e a mobilizar seus eleitores para derrotar as forças de esquerda. Suas posições no plano econômico eram essencialmente liberais, ao passo que no plano societário o partido defendia medidas conservadoras, tais como a criminalização do aborto, a pena de morte e o modelo conservador de família.

Ao final dos anos 1970 duas importantes tendências de pensamento conquistaram abertura no FN e passaram a apoiar o partido e seu líder: os solidaristas (movimento historicamente definido como a busca por uma terceira via entre liberalismo e socialismo, propondo uma visão organicista da empresa e da sociedade) e os católicos fundamentalistas. Ambos os grupos contribuíram para a evolução do partido no plano doutrinal e organizacional. Essas contribuições foram particularmente importantes porque trouxeram ao FN quadros, conteúdo ideológico, credibilidade e legitimidade diante de determinados segmentos da sociedade. Por outro lado, reforçou a heterogeneidade já existente dentro do movimento, algo que seria ainda intensificado com a entrada de personalidades do *think thank Nouvelle Droite*, uma sociedade intelectual que pretendia dar novo formato e fundamento para as teses da direita nacionalista com base em elementos culturais.

As eleições de 1978 marcaram uma transformação ideológica importante dentro da Frente Nacional, pois foi a partir de então que a temática da imigração entrou no discurso frentista, especificamente moldado pela lógica do “diferencialismo étnico” e da associação do fenômeno de recepção de estrangeiros com o aumento do desemprego e da criminalidade. A ideia, proveniente do grupo *Nouvelle Droite*, permitiu a singularização da Frente Nacional no cenário político nacional e a elaboração de um discurso coeso e compreensível pela opinião pública. A articulação entre os temas em questão resultou no famoso *slogan* de campanha das legislativas de 1978: “Un million de chômeurs, c’est un million d’immigrés en trop” (Um milhão de desempregados corresponde a um milhão de imigrantes em excesso).

3.3 *Ascensão, enraizamento e consolidação eleitoral*

Ao final dos anos 1970 e início dos anos 1980 a sociedade francesa se deparou com intensas mudanças sociais, econômicas e políticas. Vários eventos estiveram na base destas transformações, tais como a crise do petróleo de 1973-1974, que gerou um crescimento significativo do desemprego e teve efeitos negativos sob a indústria nacional. O desemprego atingiu especialmente as populações originárias da imigração, a maioria mão de obra de baixa qualificação proveniente do Magrebe. Também houve uma expansão do mal-estar urbano em decorrência da intensificação dos problemas

sociais, como a insegurança, a convivência de populações culturalmente diversificadas e a queda da qualidade de vida (PERRINEAU, 1997).

No contexto internacional emergiram líderes neoliberais como Margaret Thatcher (Reino Unido) e Ronald Reagan (Estados Unidos), os quais encarnaram uma revolução conservadora a partir de sua ascensão ao poder. Na França, por sua vez, foi eleito em 1981 o primeiro presidente socialista sob a V República, com o apoio dos comunistas. A ascensão da esquerda ao poder incomodou muito as correntes de direita e de extrema-direita, que incorporaram um discurso reacionário diante das medidas de nacionalização, descriminação do aborto, aumento do salário mínimo e suspensão das expulsões de estrangeiros implementadas pelo novo governo.

Todas essas mudanças conjunturais e estruturais exerceram papel importante na configuração das condições da expansão eleitoral e do progressivo enraizamento da Frente Nacional na sociedade francesa. Diante da crise econômica generalizada e do avanço crescente do desemprego, se solidificou no interior do partido a apropriação do tema da imigração como principal causa dos males da sociedade: o desemprego e a insegurança. A partir de então esta temática se tornou central para o partido, em torno do qual se cristalizaram outras questões.

Os melhores resultados do FN começaram no nível local e foram se expandindo para outras eleições subsequentes. Em 1983, Jean-Marie Le Pen conquistou 11,3% dos votos válidos no 20º *arrondissement* de Paris, sendo eleito conselheiro municipal. Em seguida, o partido conquistou seu primeiro resultado de efeito nas municipais parciais da cidade de Dreux: 16,7%. Nessas eleições foi formada uma aliança inédita entre a extrema-direita e a direita tradicional, representada pelos partidos UDF e RPR. A união eleitoral foi percebida, à época, como natural, em função do objetivo maior que constituía a derrota das forças de esquerda. Apesar de demonstrar alguns poucos opositores no campo da direita tradicional, a aliança possibilitou a eleição da coalizão com 55,3% no segundo turno e atribuiu a primeira participação local ao FN.

Poucos meses depois, a crescente relevância do FN no campo político se manifestou nas eleições para o Parlamento Europeu de 1984, quando o partido obteve 10,95% dos votos válidos e elegeu 10 parlamentares. O resultado não se distanciou

muito do desempenho de 11,2% obtido pelo Partido Comunista e colocava a sigla de Jean-Marie Le Pen na corrida dos grandes (DELWIT, 2012).

O fortalecimento da extrema-direita suscitou, por outro lado, importantes manifestações antirracistas e antifascistas dos grupos de esquerda, sobretudo entre os jovens. Essas mobilizações atuaram como uma forma de reorientação do combate do Partido Socialista, que havia tido sua imagem desgastada em decorrência da exposição ao poder (PERRINEAU, 1997). Quanto mais Jean-Marie Le Pen e seu partido cresciam e ganhavam visibilidade, mais a esquerda se fortalecia como contracorrente, pois canalizava as atitudes antirracistas. Ao mesmo tempo, o aumento da popularidade do FN provocava a fragmentação do campo da direita, posto que havia uma divergência dentro de tais partidos em relação à formação ou não de alianças eleitorais com o FN.

Em uma manobra estratégica que visava o enfraquecimento da oposição de direita, Mitterrand instaurou regras proporcionais para as legislativas de 1986, o que possibilitou a entrada da extrema-direita na Assembleia Nacional. O FN conquistou 9,65% na ocasião, elegendo 35 deputados. A esta altura a política de isolamento por parte da direita tradicional estava consolidada no nível nacional, RPR e UDF se recusaram a fazer alianças com o FN e a apoiar qualquer ação de seus parlamentares na câmara baixa. Apesar da manobra de Mitterrand, a oposição de direita foi força majoritária dentro do parlamento, o que deu origem à primeira coabitação na França, quando o presidente da esquerda, François Mitterrand, teve que governar com um primeiro ministro de tendência política divergente, Jacques Chirac, do RPR.

Em 1988, Le Pen participou das eleições presidenciais e conquistou 14,5%, um novo recorde para a sigla. A direita, interessada nos votantes de extrema-direita, procurou o líder do FN, mas não conseguiu estabelecer um acordo em troca de seu apoio no segundo turno. Le Pen aconselhou, então, o voto nulo e Mitterrand (PS) foi reeleito.

O peso eleitoral do FN passara a ser relevante, se não para garantir a própria eleição, para interferir no resultado dos demais partidos, especificamente na conquista de cargos pela direita tradicional, pois os resultados conquistados pelo FN e a manutenção de seus candidatos no segundo turno enfraqueciam a possibilidade de ganhar a maioria dos votos por parte da direita, posto que os eleitores de tendência

similar se dividiam entre FN e RPR-UDF. No mesmo ano, o presidente socialista reeleito dissolveu o parlamento e convocou eleições legislativas antecipadas. Mas ainda enquanto Primeiro Ministro durante a coabitação, Jacques Chirac havia reestabelecido a regra eleitoral majoritária em dois turnos, impondo as dificuldades institucionais já conhecidas pela Frente Nacional, que conseguiu conservar apenas um deputado em 1988, apesar de manter os patamares de votação em 9,66%.

A presença do FN no cenário político não foi invalidada pela mudança das regras, tanto no que se refere ao plano propriamente eleitoral, como ao plano político, devido ao poder de introduzir temas no debate público. A visibilidade adquirida com a presença no parlamento e a preparação do partido em direção à legitimação e sofisticação de sua ideologia o levou a lançar determinadas ideias e introduzir vocabulários no debate público, notadamente as noções de “identidade”, “*établissement*” e “preferência nacional” (ALBERTINI & DOUCET, 2013, p. 168). A restituição do sistema majoritário de dois turnos para as legislativas dificultou a presença do FN na Assembleia Nacional, mas não modificou o desempenho eleitoral do partido e o poder que suas ideias exerceram para a radicalização da direita tradicional.

Ao final dos anos 1980, a Frente Nacional se abriu a personalidades provenientes da direita tradicional e de grupos intelectualizados da direita nacionalista. O objetivo era conquistar respeitabilidade ao partido e lançar candidatos em maior número de localidades, assim como exercer pressão nos partidos de direita. Foi então que integrantes do círculo de pensamento *Club de l'Horloge*, que havia sido criado em 1974 e se proclamava como liberal-nacionalista, ingressaram no partido.

Dentre os novos integrantes encontrava-se o antigo membro do RPR Bruno Mégret, que desejava concretizar a proposta do *Club de l'Horloge* de união da direita com a extrema-direita. De acordo com Albertini e Doucet (2013) Mégret visava « *crédibiliser le mouvement lepéniste pour lui faire prendre l'ascendant sur les partis de droite 'classique'* » (p.157). Nesse sentido, Mégret implementou uma estratégia de profissionalização, legitimação e credibilização do FN, especificamente através da formalização de sua doutrina política e da cuidadosa elaboração programática.

No segundo turno das municipais de 1989, o FN ultrapassou 20% dos votos válidos nas cidades de Toulon, Perpignan, Dreux e Sevrans. Conquistou, ainda, a

primeira prefeitura local em Saint-Gilles, no departamento de Gard. No mesmo ano, atingiu 11,7% nas eleições europeias, conservando os 10 deputados anteriormente eleitos. Contudo, o “cordão sanitário” estabelecido pela direita persistia, pois RPR e UDF se recusavam oficialmente a constituir alianças com o FN em função da imagem polêmica que Jean-Marie Le Pen transparecia na mídia. Ainda assim, foram firmadas algumas coalizões locais entre o FN e as listas de direita, especificamente na região Provence-Alpes-Côte d’Azur (PACA), localizada no sudeste do país.

Durante os anos 1990 a expansão do partido continuou e a sigla de Le Pen consolidou seus resultados, sobretudo no nível local. Foi a década mais importante para o FN em termos de sustentável crescimento nas urnas e da penetração em um eleitorado mais heterogêneo, particularmente expansivo em direção aos setores populares. Ademais, foi o período em que o FN reelaborou suas propostas e ideologia em torno na noção de identidade e preferência nacional, herdadas do grupo *Club de l’Horloge*.

Bruno Mégret desempenhou um papel muito importante nesse processo de edificação de uma estratégia de pressão sob a direita tradicional e de reconstrução da doutrina partidária frentista. Lançou importantes documentos que formalizaram e articularam as propostas do FN, demonstrando que o domínio de sua especialidade ultrapassava a questão singular da imigração. O material de propaganda partidária “51 mesures pour faire le point sur le social”, apresentado ao público em 1992, articulou questões socioeconômicas e até mesmo considerações sobre a ecologia (ALBERTINI & DOUCET, 2013). O intuito era demonstrar que o partido tinha propostas formuladas para lidar com os mais diversos assuntos.

As eleições presidenciais e municipais de 1995 foram marcantes para a Frente Nacional, tanto pelos resultados conquistados em ambos os pleitos, como pelas mudanças na característica do voto a favor do partido, seu enraizamento e estabilidade (PERRINEAU, 1997). Nos anos 1980 o frentismo era, sobretudo, sustentado por grupos sociais e indivíduos que apresentavam orientações características da direita. O eleitorado de Le Pen era apoiado majoritariamente por eleitores que se auto localizavam como de direita, provenientes da pequena ou média burguesia independente e partidários das teses econômicas liberais (PERRINEAU, 1997; MAYER & PERRINEAU, 1990). No entanto, a partir dos anos 1990 essa dinâmica de apoio mudou

e as clientelas de esquerda, provenientes dos meios populares que estavam expostas a maiores dificuldades socioeconômicas, passaram a constituir a parte mais importante do eleitorado frentista (PERRINEAU, 1997; ALBERTINI & DOUCET, 2013). Ilustrativo desta transformação sociológica foram as presidenciais de 1995, em que 30% dos operários escolheram votar em Le Pen no primeiro turno (ALBERTINI & DOUCET, 2013).

Nas municipais de 1995 o FN conquistou as prefeituras de Toulon, Marignanne e Orange, todas disputadas no segundo turno entre três concorrentes, as chamadas “triangulares”. Estas três cidades estão localizadas no sudeste do país, onde os resultados frentistas nas eleições de nível nacional historicamente constavam entre os melhores, o que ilustra a capacidade de implantação do partido naquela região. Em várias outras municipalidades o FN deixou de ser eleito por pouco, como em Dreux, Mureaux, Noyon e Vitrolles. Em 1997 novas eleições foram convocadas na cidade de Vitrolles, em função de irregularidades encontradas no pleito de 1995. A cidade foi acrescentada na lista de municípios governados pela Frente Nacional, sendo que a esposa de Bruno Mégret, Catherine Mégret, foi eleita para ocupar o cargo.

A estratégia encabeçada por Bruno Mégret se mostrava muito bem-sucedida, pois capaz de impactar os resultados dos partidos de direita e de conquistar cargos para a Frente Nacional. Por esta razão, o quadro ganhava popularidade dentro do partido e diante da imprensa. No entanto, Le Pen se sentiu ameaçado e sabia que estava perdendo a direção absoluta do aparelho partidário. Jean-Marie Le Pen não tinha intenções de transmitir a presidência do FN a outra liderança. Muitos relatos indicam que sua relação com o partido era extremamente personalista e patrimonialista, pois ele considerava que a organização correspondia a um empreendimento pessoal, estritamente ligado a sua própria história política e que, portanto, deveria ser por ele pessoalmente conduzido (ALBERTINI & DOUCET, 2013).

3.4 Cisão e enfraquecimento

Os antagonismos entre Le Pen e Mégret não se davam apenas em função das opostas estratégias defendidas em relação às alianças com a direita, mas, sobretudo em decorrência de um conflito de personalidades. Enquanto Mégret representava a

modernização e a profissionalização do partido, no intuito de demonstrar a vocação direitista do movimento e de ingressar de fato no poder com a direita tradicional, Le Pen representava uma forma personalista de autoridade, baseada no carisma e nos laços afetivos com o líder. Ademais, o histórico líder do FN representava uma posição antissistema, anti-política e anti-ideológica, atribuindo um caráter populista ao partido. Por exemplo, Le Pen se referia aos quatro demais partidos relevantes do sistema (RPR, UDF, PS e PCF) como “a gangue dos quatro”, em uma insinuação à presença absolutamente dominante destes partidos na mídia. Constantemente o líder do FN tratava os mais importantes partidos da direita e da esquerda como parte de um mesmo grupo, classificado como corrupto, monopolizador do sistema em benefício próprio, politicamente ineficaz, entre outros.

A ascensão da Frente Nacional ao poder aparentemente passava pela superação da liderança de Jean-Marie Le Pen, que constantemente se envolvia em escândalos midiáticos e atitudes polêmicas, tais como a referência às câmaras de gás como um mero “detalhe da história da II Guerra Mundial” (ALBERTINI & DOUCET, 2012). As consequências eram a crescente repulsão por parte dos partidos tradicionais, a intensificação do “cordão sanitário” praticado pelos partidos políticos *mainstream* tendo como finalidade o isolamento da extrema-direita e, portanto, o distanciamento do objetivo de Bruno Mégret em estabelecer a convergência entre os campos da direita e da extrema-direita para chegar ao poder.

A rivalidade entre Jean-Marie Le Pen e Bruno Mégret era evidente desde 1997 e explodiu quando Le Pen foi condenado a dois anos de inelegibilidade em função de uma reação violenta do líder frentista contra a candidata socialista Annette Peulvast-Bergeal durante a campanha legislativa de 1997. A condenação de Le Pen o impedia de concorrer nas europeias de 1999, o que causou a expectativa interna e externa de que Mégret ocuparia seu lugar como cabeça da lista. Entretanto, Jean-Marie fez questão de manter seu sobrenome na propaganda eleitoral e inesperadamente colocou sua esposa Jany Le Pen, sem nenhuma experiência política, como candidata principal. O episódio deslanchou a cisão megretista de 1998-1999, que esvaziou os quadros do FN e deu origem à criação do *Mouvement National Républicain* (MNR), fundado em 1999 por Bruno Mégret.

A separação foi fatal para os resultados eleitorais da extrema-direita, a partir de então dividida. Nas europeias de 1999 o FN recolheu apenas 5,7%, enquanto o MNR de Mégret conquistou 3,3%, sequer atingindo o limite de 5% necessários para obter representação parlamentar. A Frente Nacional enfrentou a pior crise de sua história, saindo extremamente enfraquecida diante da cisão (IVALDI, 2011).

Surpreendentemente, em 2002 Jean-Marie Le Pen disputou o segundo turno das presidenciais contra o candidato da direita, Jacques Chirac (RPR), o que foi um feito inédito para a extrema-direita na França. As configurações das estratégias dos partidos naquele momento são relevantes para compreender este resultado, pois a esquerda mostrou-se particularmente fragmentada, lançando sete candidatos diferentes dentre os dezesseis concorrentes do primeiro turno. A abstenção eleitoral também foi recorde (28,8%), atingindo o maior marco desde as presidenciais de 1969. Este conjunto de fatores contextuais parece mais importante do que a própria campanha do FN para compreender seu resultado, visto que o partido estava enfraquecido e sofria com a falta de militantes e quadros.

Os resultados entre um turno e outro não demonstraram um realinhamento eleitoral: Le Pen obteve 16,86% no primeiro turno e 17,79% no segundo, sendo incapaz de atrair votantes novos para sua base eleitoral. A esquerda se mobilizou nas ruas contra Jean-Marie Le Pen, através de manifestações e passeatas populares e do massivo apoio ao candidato do RPR no segundo turno. Além disso, Jacques Chirac (RPR) se recusou a participar contra Le Pen do clássico debate televisivo que usualmente opõe os dois concorrentes do segundo turno das presidenciais, fato que deslegitimou o FN e debilitou ainda mais seu líder histórico.

A presença de Jean-Marie Le Pen no segundo turno de 2002, no entanto, consolidou a Frente Nacional como monopólio da extrema-direita francesa e sepultou as chances de progresso eleitoral do concorrente MNR (IVALDI, 2002). Também foi um acontecimento que introduziu na Frente Nacional a necessidade de criar uma nova imagem ao partido, afastando a sigla do estereótipo violento, antidemocrático e xenófobo que ainda carregava. Na visão dos dirigentes do partido, isso havia contribuído intensamente para a incapacidade do partido em expandir sua base eleitoral entre os dois turnos das presidenciais.

As presidenciais de 2007 ilustram e amplificam o enfraquecimento da dinâmica frentista (DELWIT, 2012), quando Le Pen teve, pela primeira vez, seu percentual de votos reduzido nas eleições presidenciais desde a primeira vez em que concorreu neste tipo de eleição. Ele obteve apenas 10,4% dos votos e se posicionou em quarto lugar no primeiro turno. Além das razões inerentes ao partido frentista, o movimento teve seu eleitorado esvaziado pela emergência do candidato da direita Nicolas Sarkozy, proveniente de uma rearticulação partidária das diversas correntes de direita e centro-direita em torno do partido *Union Pour un Mouvement Populaire* (UMP), lançado em 2002. Uma parcela considerável dos eleitores de Jean-Marie Le Pen em 2002 optou por Nicolas Sarkozy no primeiro turno de 2007 (38%), sendo que apenas 20% dos votantes de Le Pen em 2002 escolheram o mesmo candidato em 2007 (DELWIT, 2012).

O fraco desempenho do FN em 2007 reflete algumas tendências do eleitorado, além das especificidades do próprio partido em crise. Nonna Mayer (2007) destacou o desejo de renovação da classe política e o reflexo do “voto útil” após o 21 de abril de 2002, quando Le Pen chegou ao segundo turno, mas não conseguiu ampliar seu eleitorado, o que provocou um sentimento de desperdício do voto entre seus eleitores, desiludidos com a possibilidade real de seu candidato ascender ao poder. Nicolas Sarkozy apresentou uma orientação de direita mais radical, especialmente voltada para os temas da imigração e da insegurança, ao passo que naquele momento a imagem de Jean-Marie Le Pen era a de um líder arcaico com posições extremistas que não estavam em sintonia com a realidade. Portanto, o chefe da Frente Nacional exibia, diante da opinião pública, uma imagem desgastada e desatualizada, sem credibilidade e sem capacidade de renovação, o que prejudicava o crescimento do próprio partido.

3.5 Marine Le Pen: o relançamento de um projeto político

A tarefa de renovação da Frente Nacional foi concedida a Marine Le Pen, que desde 2002 foi ganhando espaço dentro do partido e assumindo importantes funções, notadamente relacionadas à comunicação com a imprensa (CRÉPON, 2012). Em 2011 ela foi eleita com 67,65% dos votos internos como a sucessora de Jean-Marie Le Pen na direção do partido. Sua imagem, que apresenta crescente popularidade diante da opinião pública, reflete a modernização do partido, a “republicanização” de seu discurso

(ALBERTINI & DOUCET, 2013) e a abordagem de novas temáticas, mais atuais (IVALDI, 2011).

A filha de Jean-Marie Le Pen tem implementado evoluções no plano das ideias e nas estratégias do partido objetivando uma maior credibilidade para a sigla. Marine Le Pen não é a primeira a tentar “desdiabolizar” o FN – sua própria criação foi uma tentativa de “desdiabolizar” o movimento *Ordre Nouveau* à época -, mas certamente ela é a primeira a conseguir fazê-lo, apesar de todas as ambiguidades do novo FN (ALBERTINI & DOUCET, 2013).

A imigração e a insegurança são mantidos como temas nucleares da Frente Nacional, mas Marine Le Pen dirige uma atenção especial para novas problemáticas, particularmente em torno do Islã, do liberalismo econômico, da globalização, da tradição republicana e da laicidade (IVALDI, 2011; CRÉPON, 2012). Ademais, o partido tenta recuperar a atenção concedida a questões econômicas e sociais, longo tempo tratadas de forma secundária em seu discurso.

Mesmo que a imigração ainda seja tratada como intrinsecamente vinculada aos problemas socioeconômicos como o desemprego e a criminalidade, o discurso de Marine Le Pen dá atenção especial à temática da imigração enquanto ameaça cultural à nação e tradição francesas. Nesse sentido, o tema da “islamização da França”, ainda timidamente evocado nas presidenciais de 2007, é evidenciado como um fenômeno de invasão demográfica e ideológica do país pela religião muçulmana. O republicanismo e a laicidade tornam-se elementos importantes na construção de uma oposição cultural entre as civilizações francesa e muçulmana, posto que tais conceitos representam os valores democráticos, nacionais, de tolerância e de distinção entre Estado e religião, o que não é associado ao Islã. Na interpretação do FN, a religião muçulmana representa aquilo que é contrário aos valores da sociedade francesa e da civilização europeia de forma geral, pois é essencialmente vinculada ao terrorismo, à violência, ao extremismo, à intolerância, ao desrespeito dos direitos individuais e ao fundamentalismo religioso. Por isso a imigração deve ser combatida e a identidade nacional, exaltada.

Dessa forma, a retórica de Marine Le Pen foi capaz de distorcer o discurso republicano e em defesa da laicidade em favor do nacionalismo, pois a defesa dos valores nacionais, em oposição ao “comunitarismo” e à ditadura da religião na vida

social - supostamente característicos dos grupos muçulmanos - se coloca justamente em oposição aos supostos valores do Islã. Há um esforço em mascarar a orientação islamofóbica do partido através de referências à herança republicana (IVALDI, 2012).

Além da condenação do Islã e dos imigrantes muçulmanos, considerados uma ameaça para os valores e as tradições nacionais, a nova Frente Nacional mantém um programa repressivo em relação à questão securitária, defendendo a expulsão dos delinquentes estrangeiros, o fim do sentimento de impunidade e o reestabelecimento da pena de morte (IVALDI, 2012). Por outro lado, Marine Le Pen propõe certa flexibilidade acerca de algumas questões societárias, que até então eram tratadas de forma extremamente conservadora por Jean-Marie Le Pen. A nova liderança se opõe ao casamento e à adoção homossexual, contudo não se manifesta contra o PACS (*Pacte Civil de Solidarité*), que permite a união civil de pessoas do mesmo sexo. Também não combate explicitamente o aborto, mas propõe a realização de um referendun popular sobre a revogação do direito à interrupção da gravidez. A nova líder do FN procura se distanciar da estratégia de provocação característica de seu pai, notadamente diante das questões relativas à II Guerra Mundial e ao Holocausto (IVALDI, 2012).

Devido à oposição à globalização de forma geral, Marine Le Pen adota uma posição contra a União Europeia e a favor da retirada da França da zona do Euro, além de medidas protecionistas para a indústria e os produtores nacionais. Ela procura conciliar os interesses do eleitorado dual do FN. Por um lado, a pequena burguesia, que é seduzida pela retórica anti-tributária e anti-burocrática. Por outro, as classes populares, sensíveis aos temas da proteção social, para as quais a proposta de “preferência nacional” se mostra particularmente atrativa. Esta medida preconiza a garantia dos benefícios do Estado de Bem Estar Social unicamente aos cidadãos franceses.

Outra característica marcante da Frente Nacional, herdada dos anos 1990, é o posicionamento “*ni droite, ni gauche*” assumido pelo partido, que se recusa a ser posicionado no espectro político-ideológico tradicional e pretende se colocar como a única alternativa viável diante dos partidos considerados arcaicos e eminentemente corruptos de esquerda e de direita, que dominam o sistema em benefício próprio. O caráter populista do partido de extrema-direita, cujas críticas ferrenhas ao funcionamento da democracia, às instituições, à classe política e à elite econômica

visam legitimá-lo como defensor dos setores mais vulneráveis da sociedade, transparecem também em suas orientações econômicas:

Les orientations économiques du FN dévoilées en avril 2011 restent profondément structurés par cette vision populiste de la sphère économique et sociale, où sont systématiquement opposés «gros» (entreprises du CAC40, patrons voyous, grande distribution, banques, etc.) et «petits» (PME, ouvriers, fonctionnaires, classes moyennes, consommateurs), le parti lépeniste entendant clairement prendre défense de ces derniers. (IVALDI, 2012, p.41)

As estratégias de relançamento da Frente Nacional colocadas em prática por Marine Le Pen aparentemente renovaram o fôlego do partido, que tem conquistado crescentes resultados nas urnas desde 2010. Nas eleições departamentais (antigas cantonais) de 2011 o FN obteve 15,1% no primeiro turno. A tendência ascendente nas presidenciais, que havia sido interrompida no pleito de 2007, também foi retomada, quando Marine Le Pen conquistou um novo recorde de 17,9% para o partido, em 2012.

Além do terceiro lugar nas presidenciais de 2012, o partido garantiu seu retorno à Assembleia Nacional com a eleição de dois deputados (Gilbert Collart e Marion Maréchal-Le Pen). Embora não tenha traduzido todos os votos em cadeiras, devido ao constrangimento exercido pelo sistema majoritário de dois turnos, a Frente Nacional obteve forte desempenho nas últimas eleições legislativas, posicionando cinco candidatos em primeiro lugar no primeiro turno do pleito, conforme mostra a tabela 2 abaixo.

Tabela 2: Resultados dos candidatos de maior desempenho pelo FN – eleições legislativas de 2012

Candidato	Circunscrição eleitoral	Resultado no 1º turno
Marine Le Pen	11ª circunscrição de Pas-de-Calais	42,36 %
Marion Maréchal-Le Pen	3ª circunscrição de Vaucluse	35 %
Gilbert Collard	2ª circunscrição de Gard	34,57 %
Stéphane Ravier	3ª circunscrição de Bouches-du-Rhône	29,87 %
Charlotte Soula	2ª circunscrição de Pas-de-Calais	25,69 %

Fonte: Elaboração da autora a partir de dados extraídos do jornal Le Monde, 10 de junho de 2012.

A tabela 3, abaixo, sintetiza todos os resultados eleitorais do FN desde sua criação para as eleições presidenciais, europeias, legislativas e regionais. Verifica-se a trajetória ascendente a partir das europeias de 1984 até as regionais de 1998. Após a cisão partidária, os resultados do FN diminuíram consideravelmente até o ano de 2009. A partir de 2010 a extrema-direita demonstra ter recuperado o fôlego eleitoral, conforme discutido.

Tabela 3: Desempenho eleitoral da Frente Nacional – 1973 a 2014

Ano	Tipo de eleição	Nº de votos obtidos	Percentual de votos obtidos	Nº de Eleitos	Percentual de Eleitos
1973	Legislativas	122 000	0,5	0	0
1974	Presidenciais	190 921	0,75	-	-
1978	Legislativas	82 743	0,3	0	0
1981	Legislativas	44 414	0,4	0	0
1984	Europeias	2 210 299	10,95	10	12,34
1986	Legislativas	2 703 442	9,65	35	5,54
1988	Presidenciais	4 375 864	14,5	-	-
1988	Legislativas	2 359 280	9,66	1	0
1989	Europeias	2 129 668	11,73	10	12,34
1993	Legislativas	3 152 543	12,42	0	0
1994	Europeias	2 050 086	10,52	11	12,64
1995	Presidenciais	4 571 138	15,5	-	-
1997	Legislativas	3 785 383	14,94	1 depois 0**	0
1998	Regionais	3 273 549	15,01	275	
1999	Europeias	1 005 225	5,69	5	5,75
2002	Presidenciais	1º turno: 4 804 713 2º turno: 5 525 032	1º turno: 16,86 2º turno: 17,79	-	-
2002	Legislativas	2 862 960	11,34	0	0
2004	Europeias	1 684 868	9,8	7	8,97
2004	Regionais	1º turno: 3 564 059 2º turno: 3 199 392	1º turno: 14,70 2º turno: 15,10*	156	8,3
2007	Presidenciais	3 834 530	10,44	-	-
2007	Legislativas	1 116 005	4,29	0	0
2009	Europeias	1 091 681	6,34	3	4,17
2010	Regionais	1º turno: 2 223 800 2º turno: 1 943 307	1º turno: 11,42 2º turno: 17,81*	118	6,28
2012	Presidenciais	6 421 426	17,90	-	-
2012	Legislativas	1º turno: 3 528 373 2º turno: 842 684	1º turno: 13,60 2º turno: 31,70*	2	0,35
2014	Europeias	4 712 417	24,9%	24	32,4

(*) Percentual calculado sobre o total das regiões ou circunscrições onde o FN esteve presente no segundo turno.

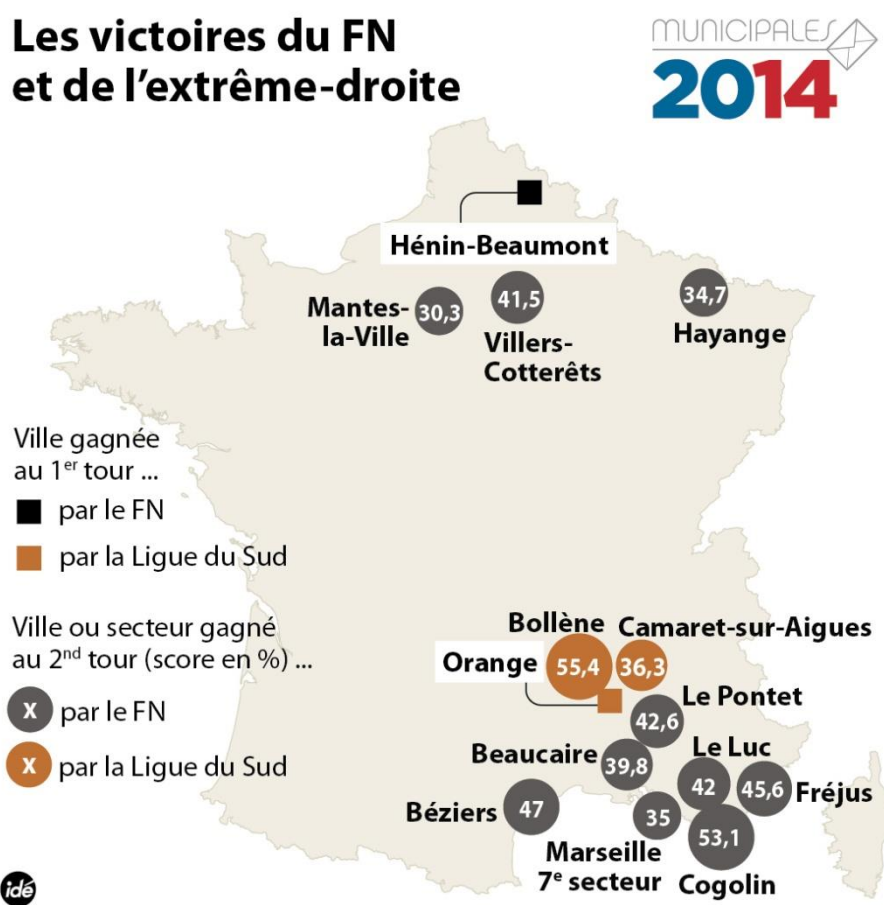
(**) Em 1997, Jean-Marie Le Chevallier foi eleito, mas sua eleição foi invalidada em menos de um ano depois. Em seguida, o candidato do FN não foi eleito nas eleições legislativas parciais de 1998.

Fonte: Elaboração da autora a partir de dados do *Ministère de l'Intérieur de France* e *Perspective Monde* (<http://perspective.usherbrooke.ca/>)

Nas eleições europeias de 2014, a lista da extrema-direita ficou no topo das votações na França, conquistando 25% dos votantes, e nas mais recentes eleições

municipais a relevância política do partido persistiu. O candidato Steeve Briois foi eleito no primeiro turno na cidade de Hénin-Beaumont e outros 11 ficaram em primeiro lugar no primeiro turno. No final dessas eleições locais, a Frente Nacional conquistou 11 prefeituras, um número inédito desde a criação do movimento, em 1972. As municipalidades obtidas pelo FN estão representadas na figura 3, abaixo.

Figura 3: Municipalidades conquistadas pela Frente Nacional e pela Liga do Sul em 2014



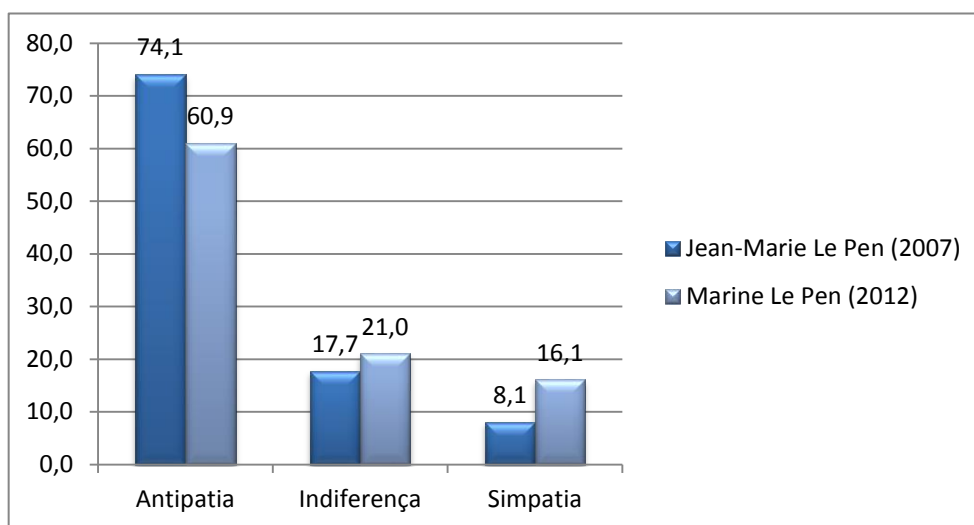
Fonte: Le Nouvel Observateur¹⁴

No que se refere à simpatia dos eleitores, Marine Le Pen também representa um avanço em relação a Jean-Marie Le Pen. Ela é vista com mais afinidade do que o antigo

¹⁴ Le Nouvel Observateur, 30 de março de 2014. Disponível em <<http://tempsreel.nouvelobs.com/elections-municipales-2014/20140330.OBS1874/municipales-ces-villes-qui-tombent-aux-mains-du-front-national.html>> (acesso em 02 de dezembro de 2014).

líder partidário, apesar de ainda inspirar uma antipatia generalizada entre a opinião pública. Conforme demonstram os dados do *survey* pós-eleitoral *Enquête Électorale Française*, representados no gráfico 2 abaixo, quando comparamos o sentimento em relação à figura de Jean-Marie Le Pen verifica-se que a avaliação positiva da nova dirigente quase dobrou entre os dois pleitos eleitorais, passando de 8,1% para 16,1%.

Gráfico 2: Sentimento dos eleitores em relação a Jean-Marie Le Pen (2007) e Marine Le Pen (2012) - %



Fonte: Enquête Électorale Française, 2007 e 2012¹⁵

As posições intermediárias, que indicam uma indiferença em relação à imagem de Marine Le Pen, também são mais elevadas do que os resultados referentes a Jean-Marie Le Pen em 2007. O antigo líder do FN era visto com antipatia por 74,1% dos entrevistados após as eleições de 2007, ao passo que Marine Le Pen possui tal imagem negativa para 60,9% dos respondentes. Estes dados indicam que Marine Le Pen possui certa flexibilidade para trabalhar sua imagem diante da opinião pública, que aparenta uma receptividade mais positiva do que aquela vinculada a Jean-Marie Le Pen anteriormente, ainda que, em geral, ela não seja bem avaliada pelo público. Na próxima

¹⁵ A pergunta original solicita aos respondentes atribuir uma nota de 0 a 10 a determinadas personalidades políticas. Nessa escala, 0 significa “tenho total antipatia por esta personalidade” e 10 significa “tenho total simpatia por esta personalidade”. No gráfico apresentado, os dados foram reclassificados da seguinte forma: Antipatia – respostas de 0 a 3, Indiferença – respostas de 4 a 6 e Simpatia – respostas de 7 a 10.

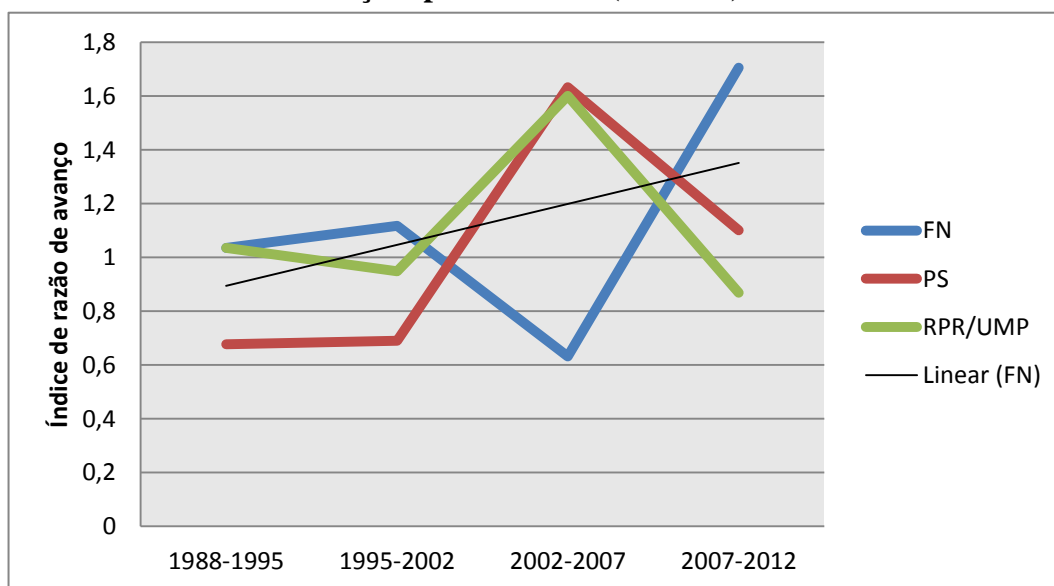
seção, iremos verificar a importância que o FN tem atualmente dentro do sistema partidário francês.

4. O lugar da Frente Nacional no sistema político-eleitoral

Ao longo dos anos, a Frente Nacional passou de uma posição isolada e marginal no sistema partidário para desempenhar um papel de protagonista na política nacional e europeia, exercendo importante impacto nas estratégias dos partidos políticos dominantes e nas ideias que permeiam a sociedade através da introdução de novas temáticas nas disputas políticas, particularmente as questões da imigração e da identidade nacional.

Avec l'immigration, cheval de bataille du parti, l'émergence de 'l'identité nationale' ou la place de l'islam en France est à cet égard symptomatique de la capacité du FN à imposer certains de ses thèmes de prédilection au sein du débat public. Elle témoigne du poids croissant des questions de société (immigration, identité, sécurité, etc.) aux côtés des enjeux économiques traditionnels. (IVALDI, 2011, p.25)

Gráfico 3: Evolução do índice de razão de avanço de FN, PS e RPR/UMP nas eleições presidenciais (1º turno)¹⁶



Fonte: Cálculos realizados pela autora a partir de dados eleitorais do *Ministère de l'Intérieur de France* e do site <http://www.france-politique.fr/>

Em 1981, o partido de extrema-direita não lançou candidato nas eleições presidenciais, pois Jean-Marie Le Pen não conseguiu obter as 500 assinaturas de representantes eleitos requeridas para se oficializar como concorrente. Conforme demonstra o gráfico 3 acima, entre 1988 e 1995, a evolução do voto FN acompanhou a evolução do resultado da direita RPR, apresentando um padrão de ligeiro crescimento em oposição ao decréscimo dos resultados da esquerda socialista, o que sugere que a lógica da competição partidária ainda girava em torno de uma oposição entre dois blocos ideologicamente opostos, sendo que o FN se aproximava do bloco da direita.

Isso reflete a organização estratégica e ideológica da Frente Nacional à época, conforme apresentamos na seção sobre o histórico do partido. Até meados dos anos 1990, o partido de Jean-Marie Le Pen era orientado pelas proposições econômicas de direita, defendendo o liberalismo econômico e o Estado mínimo. Nesse sentido, sua implantação eleitoral se dava, sobretudo, entre os grupos classicamente identificados

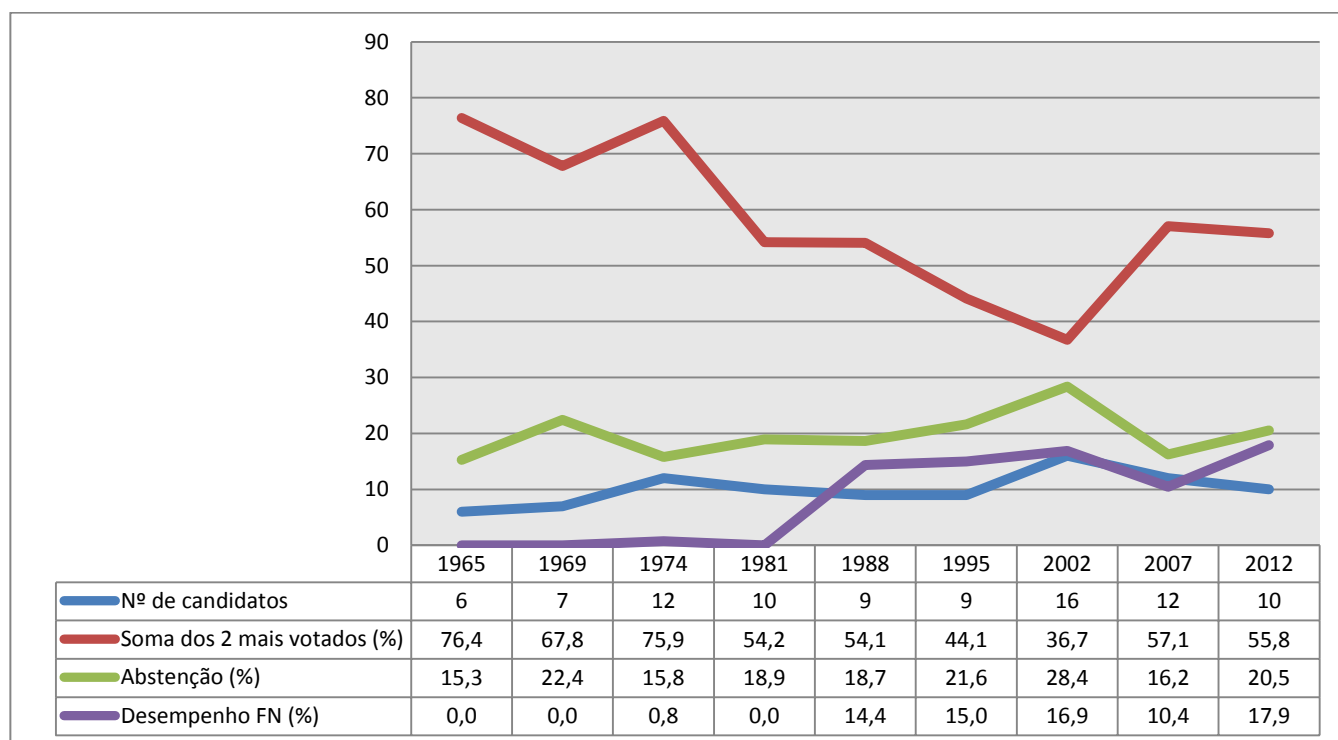
¹⁶ O Índice de Razão de Avanço (IRA) é calculado a partir da votação absoluta de determinado partido e do comparecimento eleitoral entre dois pleitos. O índice, elaborado por Simas (2001) e encontrado em Telles (2007), mensura o apoio agregado de um partido em dois tempos eleitorais distintos e através dele é possível obter o impacto do ingresso de novos eleitores. O cálculo pode ser realizado em forma de razão $(V1/C1)/(V0/Co)$ ou em forma de subtração $(V1/C1) - (V0/Co)$, onde $V0$ = número de votos obtidos pelo partido no tempo "0"; $V1$ = número de votos obtidos pelo partido no tempo "1"; Co = total de eleitores que compareceram para votar no tempo "0"; $C1$ = total de eleitores que compareceram para votar no tempo "1". Neste caso, o IRA foi calculado em forma de razão, sendo que os valores acima de 0 indicam crescimento eleitoral entre uma eleição e outra.

com as proposições de direita: a pequena burguesia, empresários e comerciantes, setores que, por razões ideológicas, tendem a votar nos partidos de direita.

A partir de meados dos anos 1990, no entanto, o FN passou a apresentar um padrão de competição diferenciado e de oposição aos partidos tradicionais, desvinculado tanto da esquerda quanto da direita, visto que seu potencial eleitoral mostrou-se relacionado com o desempenho da esquerda e da direita tradicionais. Em outras palavras, o avanço eleitoral do FN entre 1995 e 2002 e, posteriormente, entre 2007 e 2012, ocorreu em circunstância de decréscimo eleitoral de PS e RPR/UMP. Ao mesmo tempo, a queda do desempenho do partido de extrema-direita de 2002 a 2007, ocorrida no período de enfraquecimento político-eleitoral do grupo, foi acompanhada de crescimento dos partidos *mainstream* da esquerda e da direita, o que sugere uma dinâmica eleitoral que opõe as forças do sistema ao FN, representante de uma alternativa anti-sistema.

Com exceção do IRA 2002-2007, quando o FN apresentou significativo declínio de seu apoio eleitoral por razões anteriormente mencionadas, as quais podem ser resumidas nos efeitos da cisão partidária de 1998-1999 e também da ascensão de Nicolas Sarkozy, que encarnou orientações mais radicais à direita e a renovação da classe política, a tendência do IRA do FN é crescente ao longo do tempo nas competições presidenciais.

Gráfico 4: Tendências nas eleições presidenciais (1º turno) – 1965 a 2012



Fonte: Dados eleitorais provenientes do *Ministère de l'Intérieur de France* e do site <http://www.france-politique.fr/>

A partir dos dados apresentados no gráfico 4 acima, é possível verificar, ainda, uma tendência de queda global na soma dos resultados dos dois primeiros colocados no primeiro turno das presidenciais, o que indica perda do monopólio eleitoral por parte dos grupos políticos tradicionais, representados, até 2002, pelo Partido Socialista e pela direita *Rassemblement Pour La République* (RPR). Esta curva foi acompanhada pela tendência oposta do desempenho de Jean-Marie Le Pen a partir de 1988, quando o candidato conquistou 14,4% dos votos válidos. Seus resultados nas urnas seguiram em ascensão até 2002. Entre 2002 e 2007, quando Jean-Marie Le Pen vivenciou significativo esvaziamento de seu eleitorado em detrimento da expansão da “direita descomplexada” representada pela candidatura de Nicolas Sarkozy (IVALDI, 2011), o resultado acumulado dos dois primeiros candidatos voltou a subir, mas a tendência não se manteve nas últimas eleições.

As variações opostas observadas entre a soma do desempenho dos dois candidatos mais votados e o resultado da Frente Nacional nas presidenciais persistem durante toda a série temporal. Este movimento evidencia o caráter antissistema e

desafiante da Frente Nacional diante das forças tradicionais do sistema partidário, que perdem força em momentos em que o FN conquista votação mais expressiva.

Por outro lado, a evolução da abstenção segue em direção crescente, apresentando queda entre 2002 e 2007, mas retomando a tendência ascendente nas últimas eleições de 2012. Contudo, não se observa uma relação clara entre a evolução da abstenção eleitoral e das votações conquistadas pela Frente Nacional, o que indica que não necessariamente este partido é mais forte à medida que a abstenção eleitoral é maior. Por fim, observa-se sensível progresso do número de concorrentes nas presidenciais entre 1965 e 2002, o que revela o caráter fragmentado da disputa. Não se percebe oscilações bruscas em relação a este dado ao longo das disputas presidenciais, mas nos três últimos pleitos é possível destacar uma tendência decrescente do número de candidatos que competem no primeiro turno.

5. Conclusões

A Frente Nacional tem se consolidado como força alternativa e desafiadora do sistema, capaz de politizar questões societárias e culturais no debate político. Seu histórico evidencia que o movimento não pode mais ser ignorado dentro da dinâmica política francesa e seus mais recentes resultados eleitorais revelam um poder de renovação e uma capacidade de expansão significativa de seu eleitorado.

No próximo capítulo abordaremos mais especificamente os fatores contextuais que nos parecem relevantes para compreender o desempenho de Marine Le Pen nas últimas presidenciais, em 2012, de forma a verificar em que medida os indicadores socioeconômicos e os fatores políticos possuem efeito no desempenho da candidata frentista. A preocupação com estas eleições se deve em função do potencial que a nova liderança tem em alargar os limites do eleitorado da extrema-direita. A distribuição geográfica de seus melhores resultados testemunha sua capacidade de expandir as bases do FN. Conforme veremos no próximo capítulo, há regiões dentro da França onde o FN claramente conquista votações mais expressivas e há significativa variação de seu desempenho no espaço. O objetivo da próxima análise é, portanto, evidenciar quais são as características departamentais capazes de explicar a variação do desempenho eleitoral de Marine Le Pen nas presidenciais de 2012.

Capítulo 3

O impacto limitado da composição social e do contexto socioeconômico nos resultados de Marine Le Pen

1. Introdução

Este capítulo pretende contribuir para a discussão sobre os fatores estruturais e contextuais que podem interferir na votação a favor da Frente Nacional através da análise no nível departamental do efeito de variáveis de composição social, socioeconômicas e políticas nos resultados de Marine Le Pen nas eleições presidenciais de 2012.

O objetivo desta análise é verificar, através do método de regressão multilinear, se há correlação dos resultados conquistados pelo partido de extrema-direita francês nos diferentes departamentos do país com as seguintes variáveis explicativas: faixa etária, escolaridade, inserção na estrutura produtiva, imigração árabe, criminalidade, desemprego, importância da agricultura no valor agregado, resultado da direita (UMP), abstenção, euroceticismo e resultado de Jean-Marie Le Pen no 1º turno das presidenciais de 2002. A justificativa da escolha destas variáveis, assim como sua operacionalização, será apresentada mais adiante, na seção 3 deste capítulo. Não será estudada a evolução da implantação eleitoral do FN ao longo do tempo, nem o impacto da evolução das variáveis acima citadas no desempenho do partido ao longo do tempo, mas sim os fatores que podem explicar seus resultados em uma eleição em particular.

Em função das concentrações territoriais do voto FN, de sua progressão nos meios populares e da importância dos temas como a presença de imigrantes, o agravamento das condições da vida urbana, desemprego e insegurança em seu discurso, torna-se relevante compreender quais são e em que medida as características estruturais e as condições contextuais dos diferentes departamentos franceses exercem impacto na

performance do partido. Nesse sentido, será possível verificar se as diferentes condições encontradas nos departamentos possuem correlação com os resultados do partido.

Defendemos a hipótese de que a composição social e o contexto socioeconômico exercem impacto limitado na votação de Marine Le Pen e que são as variáveis políticas as mais importantes para compreender tais resultados, particularmente o euroceticismo e o voto precedente em Jean-Marie Le Pen. O apoio eleitoral à extrema-direita é, sobretudo, guiado pelas preferências e orientações dos eleitores acerca dos temas políticos e culturais. Portanto, não necessariamente haverá relação entre localidades onde há maior degradação das condições socioeconômicas ou presença de imigrantes e voto a favor de Marine Le Pen, posto que os eleitores da extrema-direita são mobilizados através de argumentos culturais acerca destas temáticas e não de seus efeitos econômicos reais. A percepção das pessoas acerca dos efeitos de determinados fenômenos, como a imigração, são mais relevantes do que suas implicações econômicas reais. Portanto, espera-se encontrar reduzida relevância do contexto socioeconômico e da estrutura social, assim como a importância do desempenho precedente do FN para seus atuais resultados.

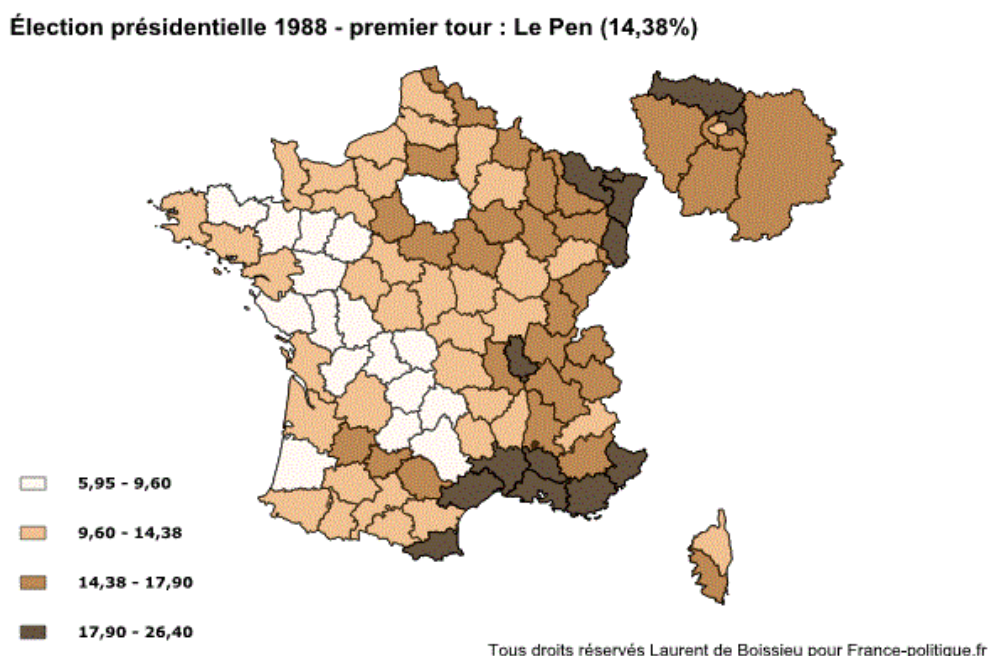
Primeiramente, será apresentado de forma mais detalhada como se distribui o voto Le Pen geograficamente, desde as eleições presidências de 1988 até os últimos resultados conquistados por Marine Le Pen, nas presidenciais de 2012. Em seguida, apresentaremos o modelo de análise. No interior desta terceira seção serão discutidas as particularidades do caso estudado, a relevância em se empregar uma análise comparativa, a discussão teórica que deu origem às hipóteses e variáveis e, por último, o método aplicado. Na quarta parte do capítulo serão apresentados os resultados da análise empírica e, por fim, as principais conclusões.

2. A distribuição territorial dos resultados de Le Pen nas presidenciais

Nas eleições presidenciais de 1988, Jean-Marie Le Pen conquistou 14,4% dos votos válidos no 1º turno no nível nacional. Seus melhores resultados se concentraram na costa mediterrânea, a sudeste do país, na região da Alsácia e a noroeste de Paris, considerados pela literatura como os territórios de implantação histórica do FN, visto que desde o início de sua participação nas eleições e nos diferentes tipos de disputa o

partido conquistava médias superiores à nacional (PERRINEAU, 1997, GOMBIN, 2012; DELWIT, 2012).

Figura 4: Distribuição departamental dos resultados obtidos por Jean-Marie Le Pen no 1º turno das presidenciais de 1988

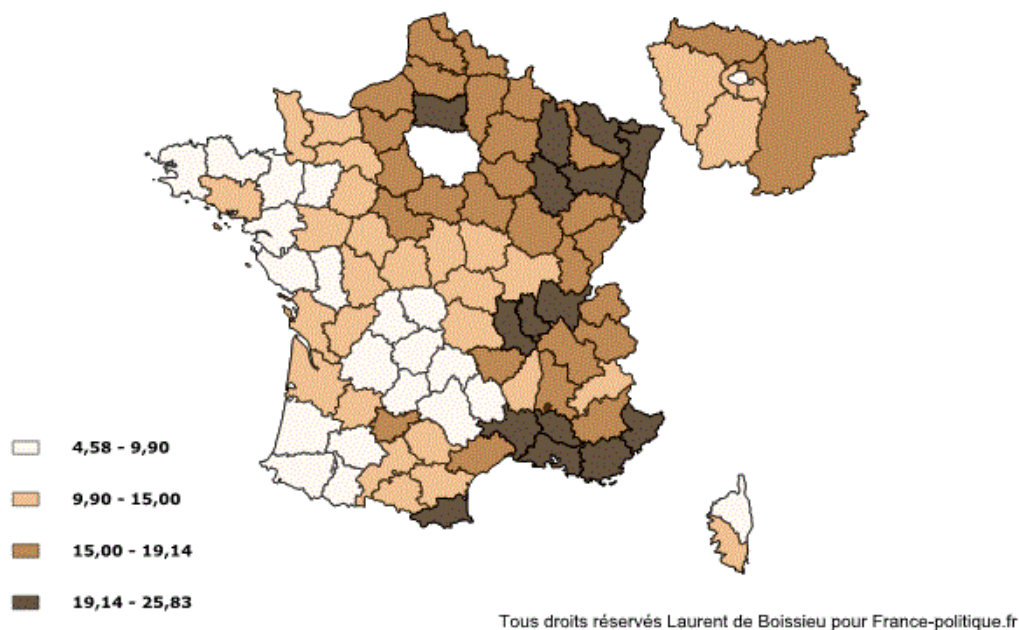


Fonte: France-politique.fr

No pleito de 1995 a implantação geográfica do voto lepenista sofreu importante expansão na região nordeste (Alsácia), no departamento de Oise (a norte de Paris) e em Aine, Rhône e Loire, departamentos localizados na região Rhône-Alpes (em direção ao sudeste, acima da costa mediterrânea). Naquelas eleições, Le Pen conquistou sua maior votação entre os operários até então, correspondendo à preferência de 30% desta categoria sócio profissional (PERRINEAU, 1997), o que evidenciou a vocação popular deste partido e inaugurou uma transformação intensa de sua estruturação geográfica. Este tipo de distribuição dos melhores resultados da Frente Nacional manteve os mesmos padrões também nas presidenciais de 2002, mas em 2007 Jean-Marie Le Pen perdeu considerável apoio onde o FN tradicionalmente obtinha seus melhores resultados: na costa mediterrânea, na região de Rhône-Alpes, Alsace-Moselle e na grande bacia parisiense.

Figura 5: Distribuição departamental dos resultados obtidos por Jean-Marie Le Pen no 1º turno das presidenciais de 1995

Élection présidentielle 1995 - premier tour : Le Pen (15,00%)

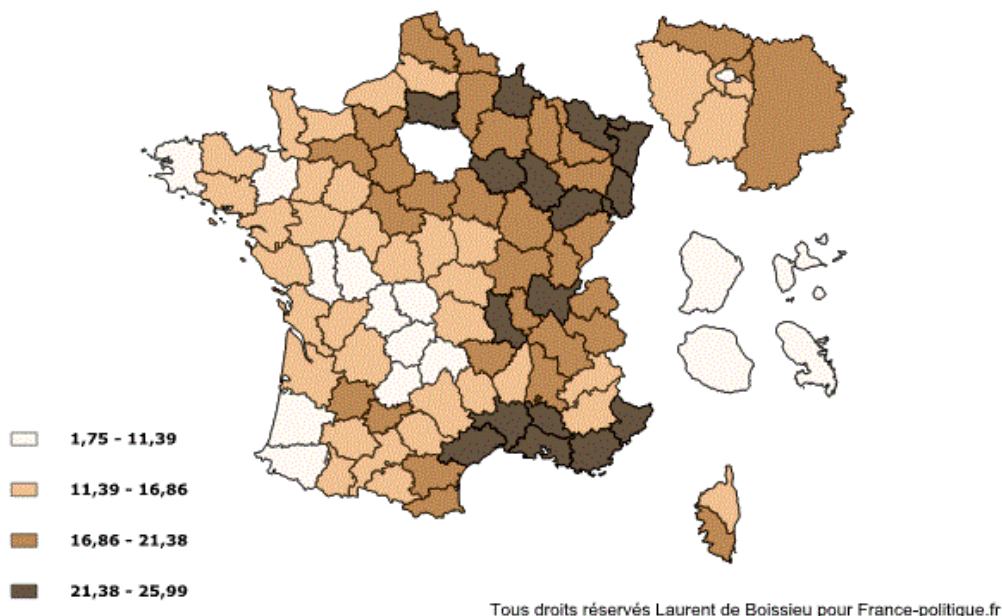


Fonte: France-politique.fr

A Alsácia é caracterizada pelo elevado voto não apenas no FN desde meados dos anos 1980, mas na direita em geral. Uma de suas particularidades eleitorais é a timidez do voto de esquerda desde 1945, a partir do momento em que as tendências alternativas à direita tradicional sempre foram as forças de centro-direita ou de extrema-direita (a partir de 1984). Em 1981, na ocasião da massiva votação a favor do socialista François Mitterrand no nível nacional, a Alsácia permaneceu ancorada à direita, tanto nas eleições presidenciais quanto nas legislativas, apresentando uma tendência à contracorrente da França como um todo (SCHWNGLER, 2012).

Figura 6: Distribuição departamental dos resultados obtidos por Jean-Marie Le Pen no 1º turno das presidenciais de 2002

Élection présidentielle 2002 - premier tour : Le Pen (16,86%)



Fonte: France-politique.fr

Nas eleições presidenciais a diferença entre o resultado do FN na Alsácia comparativamente à média nacional do partido é ainda mais acentuada, chegando a quase oito pontos percentuais em 1988 e passando de dez pontos percentuais em 1995 (SCHWENGLER, 2012). Por sua vez, o recuo do partido de extrema-direita no pleito de 2007 também demonstrou relação com sua queda na região da Alsácia, onde a tendência foi acompanhada por forte progressão da direita tradicional UMP. Os temas evocados por Nicolas Sarkozy, como a insegurança, a identidade nacional e a revalorização do trabalho o permitiram atrair uma parte importante do eleitorado do FN da região, assim como na França em geral (BUSSI *et al.*, 2012).

Na região da Alsácia, portanto, a extrema-direita representa uma força que compete com a direita tradicional, sendo que os resultados constantemente baixos da esquerda são pouco afetados pelo desempenho do FN. Desde 1988, o elevado nível da Frente Nacional colocou fim à hegemonia da direita *mainstream*. Inicialmente caracterizado por um voto urbano, o voto FN na Alsácia foi se tornando um voto de forte composição operária, o que modificou sua geografia de implantação, que passou a se concentrar nas periferias das grandes aglomerações e nas zonas rurais de forte

composição operária. Desde os anos 1990 o caráter rural do voto frentista foi também aumentando, o que pode ser explicado pela composição operária de tais zonas geográficas mais do que por uma clivagem urbano-rural (SCHWENGLER, 2012).

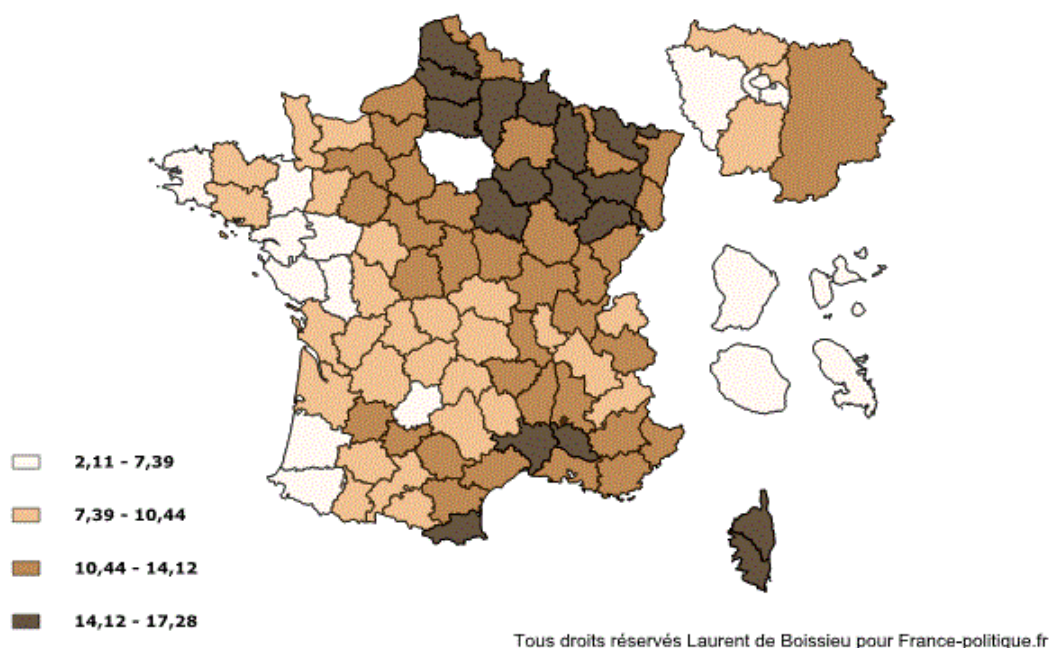
De maneira contrária ao que se passa na Alsácia, o FN tem conquistado o terreno da esquerda no norte da França, apesar de sua implantação ocorrer de maneira tardia na região. Inicialmente, seu sucesso eleitoral era extremamente localizado, sendo que suas melhores votações se concentravam na metrópole de Lille e nos bairros nobres das grandes cidades, o que levou Dolez e Laurent (2012) a interpretarem este apoio como fundamentalmente relacionado ao sentimento xenófobo – visto que nestas localidades se concentravam as populações imigrantes - e à radicalização do eleitorado clássico de direita diante do contexto da administração socialista dos anos 1980.

Nas primeiras participações do FN nas eleições, as médias obtidas pelo partido nos departamentos ao norte e nordeste do país se mostravam recorrentemente abaixo da média nacional. No entanto, a partir da transformação do eleitorado FN em meados dos anos 1990, que adquiriu um caráter popular (PERRINEAU, 1997), foram justamente nos departamentos do norte e do nordeste onde o partido mais progrediu, regiões onde o peso eleitoral dos operários oscila entre um quinto e um quarto da população (MAYER, 1997).

Marcada pela desestruturação da indústria, pela crise social, econômica e urbana, as terras populares do norte da França passaram a corresponder a uma parcela relevante da preferência eleitoral pelo FN nas últimas décadas. No novo ciclo de resultados do partido, iniciado a partir de 2008, seu desempenho na região tem sido superior à média nacional em todos os tipos de eleições (DOLEZ & LAURENT, 2012). Para Dolez e Laurent (2012, p. 178): « dans le Nord-Pas-de-Calais plus qu'ailleurs, l'approfondissement de la crise économique a sans doute joué un rôle clef dans la vitalité du vote FN », o que indica que as condições socioeconômicas podem ser fatores relevantes para compreender a evolução deste apoio eleitoral.

Figura 7: Distribuição departamental dos resultados obtidos por Jean-Marie Le Pen no 1º turno das presidenciais de 2007

Élection présidentielle 2007 - premier tour : Le Pen (10,44%)



Fonte: France-politique.fr

Ao mesmo tempo em que o programa do FN se tornou mais complexo, abordando questões socioeconômicas e reelaborando o discurso sobre a imigração, de forma a se distanciar do enquadramento racista, o partido passou a crescer entre as categorias populares e a se espalhar nas regiões periurbanas, se dirigindo às vítimas da globalização, aos abandonados do sistema e aos setores sociais mais vulneráveis. A imigração deixou de ser veiculada como a única causa da insegurança, do desemprego e dos déficits públicos, o que deu espaço para a abordagem crítica da globalização, das grandes organizações internacionais e das elites políticas e econômicas em geral. Conforme Dolez e Laurent (2012) explicam, a geografia do voto FN foi se modificando na medida em que a sociologia de seu eleitorado também evoluiu:

Aujourd'hui, le discours du Front national joue surtout sur le ressentiment et les angoisses sociales des catégories menacées de déclassement. Le sentiment d'être relégué à la périphérie de l'espace social, ou le sentiment d'être menacé d'y être bientôt relégué, constitue aujourd'hui un des ressorts les plus puissants du vote FN. (p.180)

De acordo com esta interpretação, portanto, o voto FN estaria mais vinculado à degradação e ao medo de *déclassement* por parte das classes populares do que especificamente ao sentimento xenófobo em relação às populações estrangeiras por questões étnicas, culturais ou religiosas. Pode-se dizer que, neste caso, a aversão aos imigrantes seria derivada da crescente concorrência por emprego, moradia e benefícios sociais, explicada pela chamada “teoria do interesse econômico” apresentada por Lubbers e Scheepers (2002) da seguinte forma:

On the basis of the Realistic Conflict Theory, we indeed expect that manual workers are more likely to vote for the *Front National*, because manual workers may perceive a stronger competitive threat from ethnic minorities than other occupational categories, as immigrants foremost operate in the same labor market segments as manual workers do. (p.123)

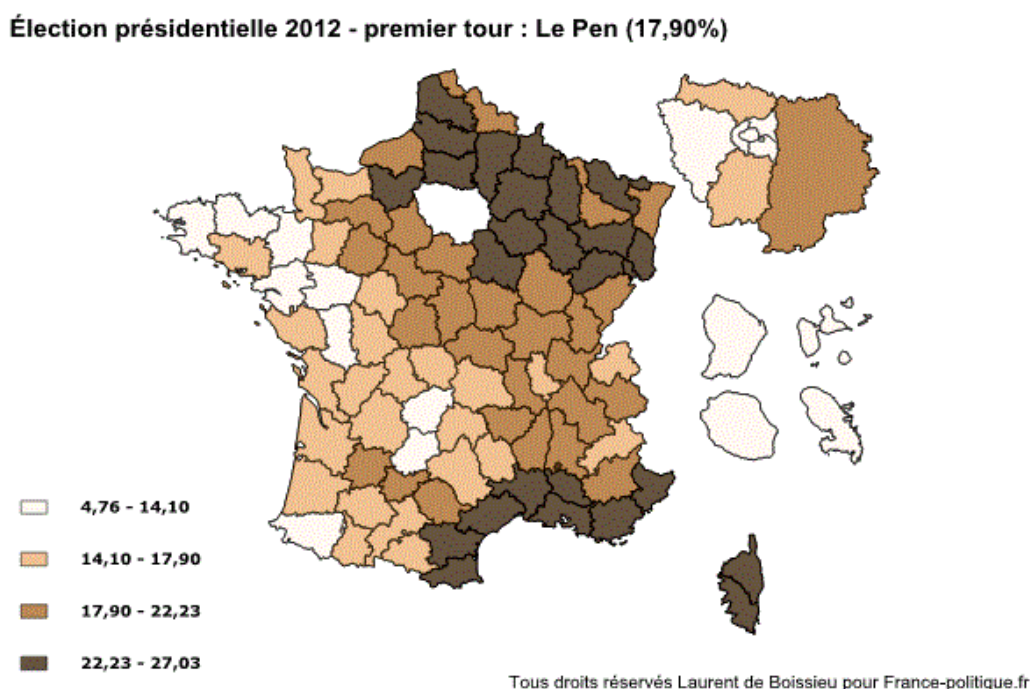
Em termos geográficos, o voto Le Pen é fortemente estruturado pela dimensão centro-periferia no norte da França. Ao longo do tempo e também no espaço, observa-se o enfraquecimento de seu apoio eleitoral nas metrópoles e o fortalecimento nas periferias das cidades. Esta configuração faz com que Le Pen seja forte nos espaços periurbanos, particularmente nas zonas de tradição industrial atualmente em decadência e nos espaços rurais. São localidades com reduzido dinamismo econômico e distantes do epicentro do mercado de trabalho, onde as condições socioeconômicas das populações mais vulneráveis, desencantadas com a atuação dos partidos de esquerda, se mostram propícias ao discurso populista e protecionista do FN (CRÉPON, 2012).

O perfil popular vinculado à concentração periférica do voto FN também foi identificado por Gombin (2012) no bastião eleitoral do partido correspondente à costa mediterrânea, onde, desde as eleições europeias de 1984, sua média de votos é recorrentemente maior do que a média nacional. A dimensão determinante para o resultado do FN nas cidades é a presença de população com baixo capital econômico e social. Nesse sentido, nas localidades periféricas dos grandes polos urbanos e nas zonas rurais em vias de urbanização - onde a presença de operários e assalariados é importante - foram identificados os melhores resultados de Jean-Marie Le Pen (GOMBIN, 2012).

Em 2007, assim como em outras regiões e também no nível nacional, houve uma transferência significativa dos votos conquistados por Jean-Marie Le Pen em 2002 para Nicolas Sarkozy, o que foi determinante para a vitória do candidato do UMP

(GOMBIN, 2012; BUSSI *et al.*, 2012). Contudo, apesar de certa porosidade entre o eleitorado da direita e da extrema-direita na região de Provence-Alpes-Côtes d'Azur, observou-se uma oposição sociológica entre o voto Sarkozy, que se concentra entre as classes médias e altas, e o voto Le Pen, que atrai, sobretudo, as classes populares.

Figura 8: Distribuição departamental dos resultados obtidos por Marine Le Pen no 1º turno das presidenciais de 2012



Fonte: France-politique.fr

Em 2012, Marine Le Pen não apenas expandiu ainda mais a base eleitoral do FN nas regiões ao norte e nordeste do país, como também recuperou o bastião mediterrâneo tradicional do partido de extrema-direita, atraído por Nicolas Sarkozy em 2007. Ela permaneceu apresentando baixa performance na área ocidental da França, que aparece como território de forte implantação socialista e difícil progresso dos candidatos do FN:

Dans tous ces territoires très ruraux et historiquement très catholiques, l'urbanisation, le recul de l'agriculture et de la pratique religieuse ont permis une progression de la gauche depuis le début des années 1980. Si la religion a perdu du terrain dans ces régions, la culture catholique continue d'imprégner indirectement les mentalités locales, plutôt en phase avec des discours politiques modérés et pro-européens. (BUSSI *et al.*, 2012, p.949)

Portanto, de forma geral, ainda que tenha modificado consideravelmente suas estratégias de campanha, a nova líder conservou a estrutura de implantação geográfica do FN, concentrando seus melhores resultados nos departamentos localizados ao norte e nordeste do país, na região da Alsácia e na costa mediterrânea, tradicionais bastiões de Jean-Marie Le Pen. Isso indica que o voto FN não é um voto aleatório e nem pode ser resumido ao voto de protesto, pois ele representa uma continuidade no tempo e no espaço, apesar da evolução das condições socioeconômicas. Tampouco as estratégias partidárias parecem ser suficientemente explicativas acerca do desempenho da extrema-direita na França, visto que Marine Le Pen continuou forte nas mesmas regiões em que Jean-Marie Le Pen já conquistava seus melhores números e a nova dirigente tampouco conseguiu melhorar seus resultados na parcela oeste do país. A reprodução de padrões espaciais dos melhores resultados do partido parece estar relacionada com fatores de longo prazo que estão presentes nas diferentes localidades. Nesse sentido, nos parece interessante analisar quais são as variáveis mais importantes para explicar o desempenho da nova dirigente do partido nos diferentes departamentos do país.

3. Discussão teórica e modelo de análise

3.1 Considerações sobre o caso francês

O desempenho da Frente Nacional nos diferentes tipos de eleições não se distribui de forma aleatória no espaço territorial. Desde os primeiros resultados nas urnas, suas melhores atuações se concentravam no sudeste do país, na região parisiense e no entorno da Alsácia, particularmente nos grandes centros urbanos, cidades com maior presença de população estrangeira e confrontadas com o crescimento da insegurança (PERRINEAU, 1997), conforme vimos na seção anterior. Tal configuração mostrou-se muito diferente do voto Poujadista dos anos 1950 e 1960, que era mais forte, sobretudo, na região central do país em direção a oeste, caracterizada pelo perfil rural e pela tradição da religião católica, aproximadamente onde se encontra a região de Poitou-Charentes.

A partir de meados dos anos 1990, as localidades onde Jean-Marie Le Pen mais progrediu em termos eleitorais foram nas zonas periféricas, de forte presença operária, particularmente no norte do país, uma região historicamente industrializada, operária e

tradicionalmente de esquerda. Estudos focalizados em unidades territoriais ainda mais detalhadas como cantões e municipalidades também identificaram este padrão de transformação da implantação geográfica do voto frentista, que passou a conquistar seus melhores resultados, anteriormente concentrados nos centros das grandes metrópoles, em aglomerados semiurbanos ou zonas rurais com forte composição operária (DOLEZ & LAURENT, 2012; GOMBIN, 2012; SCHWENGLER, 2012). Esta migração do centro para a periferia urbana e rural foi também identificada dentro das regiões em que a Frente Nacional já era historicamente mais forte, como na Alsácia e em Provence-Alpes-Côte d’Azur (SCHWENGLER, 2012; DOLEZ & LAURENT, 2012).

Entre o final dos anos 1990 e a primeira década dos anos 2000, o partido de Jean-Marie Le Pen passou por uma fase de significativo enfraquecimento eleitoral, conforme vimos no capítulo 2 deste trabalho, obtendo um apoio consideravelmente baixo em comparação aos períodos anteriores. Sua votação nas presidenciais e legislativas de 2012, contudo, cresceu bastante em relação a 2007, inclusive em regiões onde historicamente o partido era fraco, como no norte da França, considerado como uma “terra de missão” para o FN (DELWIT, 2012). Por outro lado, o mapa eleitoral de Marine Le Pen em 2012 revela a continuidade da estruturação geográfica de seu eleitorado comparado às conquistas de Jean-Marie Le Pen, ainda que ela tenha expandido sua votação:

(...) le vote pour Marine Le Pen en 2012, calculé sur les cantons français, est corrélé à 0,95 avec le score de Jean-Marie Le Pen en 2007 : difficile d’y voir une rupture géographique comparable à la rupture de ton de la candidate frontiste, ou même un élargissement spatial net des sphères d’influence du Front national. (BUSSI *et al.*, 2012, p.942)

Em termos globais, os resultados de Marine Le Pen em 2012 parecem recuperar ou dar continuidade à trajetória ascendente vivenciada pelo movimento nos pleitos presidenciais desde seu lançamento, tendência que havia sido interrompida em 2007, por um lado devido aos efeitos da cisão megretista de 1998-1999. Outro fator que exerceu significativa influência na diminuição dos resultados conquistados por Jean-Marie Le Pen em 2007 foi a emergência da liderança de Nicolas Sarkozy (UMP) e a encarnação de um discurso mais radical pela direita tradicional, especificamente preocupado com o controle da imigração, o combate à criminalidade e a valorização da identidade nacional (DELWIT, 2012; BUSSI *et al.*, 2012). Por esta razão, as

presidenciais de 2012 nos parecem particularmente relevantes para compreender a distribuição geográfica do desempenho da Frente Nacional.

O período selecionado para a análise também se justifica devido à crise econômica eclodida em 2008, que afetou de forma intensa as condições econômicas e sociais do continente europeu. Seus efeitos não foram homogêneos entre os países e nem mesmo nas diferentes regiões de um mesmo país. No caso da França, por exemplo, os impactos da crise foram particularmente intensos nas zonas industriais em decadência, como no norte do território, onde estão concentradas as taxas de desemprego dentre as mais elevadas do país. Nesse sentido, se a crise econômica for relevante para compreender o voto FN, então as localidades mais afetadas por este fenômeno estarão correlacionadas com os melhores desempenhos do partido.

Em função das razões explicitadas acima, as últimas eleições presidenciais de 2012 constituem um momento relevante para compreender os fatores relacionados ao desempenho eleitoral do FN, visto que o partido conquistou um recorde de 17,9% dos votos válidos, em um contexto de crise econômica, de mudanças nas estratégias partidárias e renovação de sua liderança. Foram as primeiras eleições presidenciais disputadas pela nova dirigente, Marine Le Pen. Esta liderança representa a encarnação de um discurso mais flexível e moderado, que aborda temáticas atualizadas, com o propósito de atrair um eleitorado mais heterogêneo e de expandir sua atratividade eleitoral em todos os cantos do país. Além de reformular o conteúdo de propostas voltadas à imigração, que atualmente possuem um tom mais culturalista e evita um enquadramento racista, o partido passou a se voltar de forma clara para as regiões rurais da França, através da defesa dos serviços públicos, das propostas protecionistas e ações destinadas ao fortalecimento dos pequenos e médios agricultores e produtores nacionais.

A escolha pelas presidenciais justifica-se em função da importância que estas eleições possuem tanto para os eleitores quanto para a Frente Nacional. Apesar de ter realizado seu *breakthrough* em eleições consideradas como de segunda ordem, primeiramente nas municipais de 1983 na cidade de Dreux e em seguida nas europeias de 1984, foram nas presidenciais que o FN progrediu com mais consistência e conquistou, de forma recorrente, novos recordes de votação, com exceção do pleito de 2007. Quando verificadas as eleições de dimensão nacional, a Frente Nacional realizou

seus maiores desempenhos nas presidenciais comparativamente às europeias ou legislativas. A única exceção foi a última eleição para o parlamento europeu, em que o partido atingiu a marca de 24,9% dos votos válidos, resultado que, pela primeira vez, superou o desempenho nas presidenciais. Quando não consideramos este último evento, que nos parece atípico na trajetória do FN, o padrão de resultados do partido nas urnas demonstra ser diferente se comparado ao desempenho de outros movimentos de similar orientação ideológica na Europa, que costumam ser mais bem votados nas eleições para o Parlamento Europeu do que nas eleições presidenciais. Este padrão observado em outros países pode ser explicado em função do caráter proporcional das eleições para o Parlamento Europeu e também por serem consideradas eleições de segunda ordem, portanto, de menor importância para o eleitor, que tende a se abster mais.

No que diz respeito aos votantes, há uma mobilização eleitoral mais ampla nas presidenciais em comparação aos outros tipos de competição, nas quais tendem a se abster em maior número (SCHWENGLER, 2012). Kriesi *et al.* (2012) identificaram, ainda, que determinada categoria de eleitores, aqueles identificados como os “perdedores da globalização” devido à rejeição que expressam diante deste fenômeno, atribui maior legitimidade ao Estado Nacional como locus apropriado para a tomada de decisão política. Por isso, esses eleitores tendem a recorrer a formas institucionalizadas ou convencionais de participação política, estando mais ausentes de formas alternativas de participação ou de outros níveis de competição eleitoral.

Os autores citados acima demonstraram que as orientações valorativas dos indivíduos, especialmente seu posicionamento em relação à maior ou menor abertura cultural e econômica do país, estão fortemente relacionadas com diferentes atitudes de legitimação e modos de participação política. Enquanto os cidadãos de alta escolaridade, adeptos ao cosmopolitismo e comumente pertencentes à nova classe média recorrem com maior frequência a protestos políticos e às eleições europeias como formas de engajamento político, os trabalhadores de reduzida qualificação, com baixa escolaridade e que se identificam fortemente com a comunidade nacional demonstram uma atuação política voltada para o nível nacional, ou seja, estão mais presentes nas eleições nacionais do que nas outras arenas políticas. Este perfil de eleitor é particularmente do nosso interesse, pois considerado o público-alvo dos partidos de extrema-direita na teoria de Kriesi *et al.* (2012), visto que este segmento da população

identifica nesses partidos a alternativa necessária para enfrentar a globalização e seus efeitos através do insulamento nacional e da atuação central do Estado no provimento do bem-estar dos cidadãos nativos. Por isso consideramos importante o estudo das eleições presidenciais.

3.2 O método comparativo

O estudo comparativo de Kitschelt (1995) sobre a extrema-direita na Europa ocidental identificou a presença de uma demanda específica nas sociedades pós-industriais por este tipo de partido, visto que estas sociedades apresentariam características sócio demográficas e econômicas particulares que favoreceriam a adesão ao apelo liberal no plano econômico e autoritário no plano societário de tais partidos. As características que beneficiariam a emergência destes atores seriam a economia de serviços, o aumento do desemprego e a presença de populações multiculturais. Devido ao surgimento de novas condições e demandas na sociedade e diante da ausência de oferta eleitoral que se preocupasse com tais temáticas emergentes, surgiria um espaço eleitoral propício para uma nova alternativa, correspondente à extrema-direita. Em decorrência de interpretações como esta, alguns autores procuram compreender o voto na Frente Nacional – e em outros partidos da extrema-direita - a partir das condições sociais, econômicas e demográficas encontradas nos diferentes países ou localidades de interesse (NORRIS, 2005; LUBBERS & SCHEEPERS, 2002; GIVENS, 2005).

A grande maioria destes estudos desenvolve análises a partir de uma perspectiva nacional, seja ela *cross-national* ou longitudinal, dentro de um mesmo país (GIVENS, 2005; NORRIS, 2005; KITSCHOLT, 1995; PERRINEAU, 2011; EATWELL, 2000; MAYER & PERRINEAU, 1990). São minoritárias, portanto, as pesquisas no interior de países, que permitam explorar as diferenças dos resultados eleitorais da extrema-direita nas variadas unidades subnacionais ou regiões. Esta questão coloca-se como importante na medida em que, se a literatura leva em conta fatores socioeconômicos e demográficos na análise sobre o voto na extrema-direita, localidades com variação nestas condições e características poderiam explicar diferenças no desempenho destes partidos também no nível subnacional. Os partidos políticos costumam ser

historicamente mais fortes em determinadas regiões geográficas e podem adaptar seu discurso a demandas locais específicas.

A comparação entre os departamentos franceses constitui interessante método de investigação porque permite o controle de determinados fatores explicativos do apoio à extrema-direita presentes na literatura sobre o tema, como as instituições e as regras eleitorais, por exemplo, e a ênfase em outros elementos que podem variar de acordo com o departamento, como as condições socioeconômicas e variáveis políticas. Como o sistema político francês e as eleições presidenciais são regidos pelas mesmas regras e funcionamento em todos os departamentos estudados, poderemos controlar estas variáveis institucionais como fatores que exercem efeito no desempenho eleitoral do FN, pois são características mantidas constantes em todas as unidades observadas.

Os estudos focados no nível nacional obscurecem significativas diferenças entre os percentuais conquistados por um partido no nível subnacional. Por exemplo, o apoio do FN nas presidenciais de 2002, em que o candidato Jean-Marie Le Pen obteve 16,8% dos votos válidos no primeiro turno e disputou o segundo turno, variou de 5% a 30% entre os departamentos do país (STOCKEMER & LAMONTAGNE, 2007). Em termos gerais, a literatura sobre o voto FN identifica que o partido é eleitoralmente mais forte no sudeste do território, ao longo da linha que percorre as regiões Le Havre – Valence - Perpignan. Por outro lado, o partido conquistaria menores resultados no oeste da França. No entanto, mesmo na região onde seu apoio é historicamente mais elevado do que a média nacional, há significativas diferenças nos resultados por ele conquistados e na estrutura geográfica de tal apoio. A concentração de suas melhores votações mostra-se relacionada com determinadas características socioeconômicas dos cantões e municipalidades dentro dos departamentos do sudeste, tais como a composição sociológica destas localidades (GOMBIN, 2012).

A análise proposta neste capítulo apresenta variação satisfatória do percentual de votos válidos obtidos pelo partido Frente Nacional nas eleições presidenciais de 2012, admitida como a variável dependente. Seus resultados eleitorais são diferentes entre as unidades subnacionais incluídas na análise, variando de 6,2% em Paris-Ile-de-France a 27,03% em Vaucluse. Ao mesmo tempo, as características socioeconômicas, demográficas e políticas no nível departamental também variam consideravelmente.

Fatores institucionais poderão ser controlados. Como o foco da análise concentra-se em apenas uma eleição, a comparação no espaço permitirá uma considerável ampliação do número de observações, o que favorece a aplicação do modelo estatístico.

Trabalharemos apenas com os departamentos da França metropolitana devido às seguintes razões: I) a Frente Nacional é um partido nativista (MUDDE, 2007), que evoca constantemente as tradições francesas europeias, assim como a história da França continental em seu programa e discurso. Apesar de não excluírem os franceses das ilhas como parte constituinte da nação em termos de direitos dos cidadãos, o partido se refere a estas regiões como um grupo à parte, apresentando propostas econômicas e sociais específicas para estas localidades; II) há diferenças muito significativas na estrutura social, cultural e histórica das sociedades provenientes das ilhas, o que as tornam localidades muito particulares comparativamente ao grupo dos departamentos franceses continentais, apesar de serem considerados departamentos. Os fenômenos sociais, econômicos e políticos possuem significados muito diferenciados daqueles referentes à França continental, a exemplo da estrutura etária e do tipo de economia das populações das ilhas; III) muitos dos dados sócio demográficos e econômicos referentes aos territórios de origem colonial não estão disponibilizados ou não representam a mesma categoria de informações que os dados encontrados para os departamentos da França metropolitana, o que inviabiliza sua comparação com as demais unidades subnacionais.

3.3 Hipóteses e variáveis explicativas

Com o objetivo de identificar quais são os fatores explicativos mais relevantes para compreender o desempenho de Marine Le Pen nas presidenciais de 2012, agrupamos as variáveis independentes em três categorias, quais sejam: I) Composição social, II) Variáveis socioeconômicas e III) Variáveis políticas.

I) Composição social:

As variáveis deste grupo se referem à estrutura da população e foram selecionadas com base na literatura sobre o voto na extrema-direita, que identifica determinados grupos sociais como mais propícios a optar por este tipo de partido:

jovens, operários e setores menos escolarizados. São variáveis predominantemente estáveis ao longo do tempo, que irão controlar possíveis efeitos de composição das populações analisadas no desempenho do FN.

A sociologia eleitoral fundamenta sua explicação sobre o comportamento político com base em determinantes de nível macro (BERELSON *et al.*, 1954). Nesse sentido, os fatores estruturais, culturais e relativos ao contexto social dos eleitores são extremamente relevantes para compreender sua decisão política. O voto é considerado uma experiência de grupo, pois as pessoas que fazem parte do mesmo círculo social - estabelecido com base em diferentes referenciais como a classe social, a religião, o *status* socioeconômico, a idade, entre outros – compartilham das mesmas experiências sociais, percepções e interações, conseqüentemente tendem a votar de maneira semelhante. Os grupos sociais tendem a ter comportamentos similares, portanto, a partir de determinadas características sociodemográficas é possível prever qual o comportamento mais esperado dos eleitores. Dessa forma, espera-se que as bases eleitorais dos diferentes partidos apresentem ancoragens específicas em determinadas coletividades sociais. De acordo com Telles *et al.* (2009, p.92): “O principal pressuposto [da teoria sociológica do voto] é o de que eleitores com condições socioeconômicas semelhantes tendem a um comportamento político também similar, uma vez que as condutas políticas derivam de posições estruturais ou dos chamados ‘coletivos sociais’”.

a) Faixa etária: eleitores jovens

Vários estudos sobre o eleitorado da extrema-direita identificam que os setores mais jovens representam a parte mais importante dos votantes destes partidos em diferentes países (MUDDE, 2007; KITSCHOLT, 1995; PERRINEAU, 2002; LUBBERS & SHEEPERS, 2007; MAYER & PERRINEAU, 1990). Indivíduos com idades intermediárias ou mais avançadas estariam sub-representados entre o eleitorado de tais partidos. Também na França esta tendência é identificada (PERRINEAU, 1997), sendo que pouco antes das eleições presidenciais de 2012, Marine Le Pen apresentava um percentual de intenções de voto entre os eleitores de 18 a 22 anos equivalente a 23%, portanto maior do que as intenções de voto globais da candidata, que ficou atrás

apenas do candidato socialista François Hollande (31%)¹⁷ na mesma categoria etária. A importância da parcela de jovens no eleitorado de Marine Le Pen demonstrou continuidade em relação aos resultados tradicionalmente conquistados por Jean-Marie Le Pen, também mais elevados entre este grupo da população (PERRINEAU, 1997).

Uma das explicações para esta tendência em escolher partidos de extrema-direita entre os jovens é a vulnerabilidade social a que estão expostos, posto que os jovens têm mais dificuldade em ingressar e conquistar uma posição estável no mercado de trabalho, sobretudo em contextos de crise econômica. A juventude é considerada como uma categoria menos integrada na sociedade e, em busca de atingir esta integração, pode ser atraída pelo programa nacionalista dos partidos de extrema-direita (LUBBERS & SCHEEPERS, 2002). Perrineau (1997) identificou que entre os jovens de baixa escolaridade e provenientes de meios populares a presença do voto frentista é ainda mais elevada em função desta vulnerabilidade social. Considerando-se as classes de idade, foi também entre a juventude que o partido mais cresceu nas presidenciais no período de 1988 a 2012, variando em 9 pontos percentuais entre os eleitores de 18 a 24 anos e em 8 pontos percentuais na categoria 25 a 34 anos ao longo de todo o período (BURNI, 2012).

Além da vulnerabilidade social dos jovens, este grupo de idade também é considerado como não conformista e contestatório (LUBBERS & SCHEEPERS, 2002). Isso quer dizer que tais indivíduos tendem a apresentar atitudes de protesto e atitudes anti-sistema com mais intensidade do que outros setores da população (MUDDE, 2007), o que pode potencializar a preferência pelos partidos extremistas e anti-sistema ao invés das alternativas tradicionalmente dominantes do sistema partidário.

Compreendemos que a análise no nível individual é diferente da análise desenvolvida a partir de dados agregados. Os resultados em cada perspectiva devem ser interpretados de maneira diferente e com cuidado, a fim de evitar generalizações incorretas para outros níveis de análise. No entanto, as conclusões já apresentadas em estudos com foco no nível individual, em que as idades jovens, o perfil operário e a baixa escolaridade foram identificados como características marcantes do eleitorado da

¹⁷ Os dados foram obtidos da pesquisa de intenção de voto realizada em março de 2012 pelo instituto Ifop, reportada em artigo encontrado na página da internet do jornal Le Figaro (<http://elections.lefigaro.fr/presidentielle-2012/2012/03/14/01039-20120314ARTFIG00632-marine-le-pen-fait-le-plein-de-voix-chez-les-18-22-ans.php>)

extrema-direita podem sugerir hipóteses a serem testadas em análises agregadas comparativas.

No intuito de verificar se há efeitos de composição etária nos resultados conquistados pelo FN nos diferentes departamentos, iremos incluir a variável “faixa etária: eleitores jovens” nesta análise. Esta variável corresponde ao percentual de indivíduos entre 20 e 25 anos na população total do departamento. A idade mínima para votar na França é 18 anos, mas não foi encontrado o percentual de jovens a partir desta idade em diversas fontes de dados consultadas. Outra dificuldade enfrentada na obtenção dos dados foi desagregar outras categorias de idade do banco de dados, pois a parcela de cidadãos entre 25 e 64 anos foi disponibilizada em uma mesma categoria, o que não nos permitiu expandir a categoria de jovens para até 30 anos. Dessa forma, optamos pela parcela da população entre 20 e 25 anos como indicador da parcela jovem no departamento. Os dados foram obtidos no site do Instituto Nacional de Estatística e de Estudos Econômicos (www.insee.fr) e datam de janeiro de 2012.

b) Escolaridade

A literatura sobre o voto na extrema-direita evidencia constantemente o *gap* de escolaridade na preferência por partidos portadores desta ideologia (KITSCHOLT, 1995; NORRIS, 2005; GIVENS, 2005; MAYER & PERRINEAU, 1990; LUBBERS & SHEEPERS, 2002; LUBBERS & SHEEPERS, 2007). Quanto mais alta a escolaridade das pessoas, menor a chance de se votar em partidos da extrema-direita. Indivíduos com estudos mais longos tendem a ser mais críticos às respostas simplistas e de caráter populista fornecidas por partidos de extrema-direita, além de tenderem a ter atitudes mais democráticas, participativas e universalistas. Na teoria de Kriesi *et al.* (2012) as categorias escolarizadas possuem maior capital cultural e qualificação profissional, o que as coloca em situação vantajosa diante do fenômeno de globalização e da crescente competição no mercado de trabalho. Dessa forma, estes indivíduos tendem a ter atitudes positivas em relação ao cosmopolitismo e à intensificação dos intercâmbios internacionais, pois se beneficiam destes processos e isso os coloca em oposição às propostas nacionalistas e protecionistas defendidas pela extrema-direita.

Iremos, portanto, testar se departamentos com maior percentual de indivíduos com escolaridade comparativamente mais baixa, sem o primeiro diploma de ensino

superior francês que permite o acesso aos estudos superiores, o *Baccalauréat*¹⁸, apresentam maior desempenho da Frente Nacional. A variável utilizada para representar baixa escolaridade corresponde ao percentual de pessoas com 15 anos ou mais sem o referido diploma no ano de 2009. A utilização deste dado também ocorre em função de sua disponibilidade no site do Instituto Nacional de Estatística e de Estudos Econômicos (www.insee.fr).

Também neste caso poderemos identificar se há um efeito de composição das sociedades dos departamentos em função de sua estrutura em termos da escolaridade, pois se os setores de alta escolaridade tendem a votar menos na Frente Nacional, onde este grupo for proporcionalmente maior poderia haver reduzido desempenho do partido, mantendo as demais condições constantes.

c) Inserção na estrutura produtiva

Conforme discutimos na seção anterior, a Frente Nacional tem conquistado seus melhores resultados eleitorais principalmente nas localidades mais populares, de forte composição operária. Estas localidades correspondem a zonas industriais atualmente em decadência e, com a crise econômica, apresentam as maiores taxas de desemprego do país. Foi entre a categoria socioprofissional dos operários que o partido mais cresceu desde a década de 1990, principalmente a partir do momento em que o FN integrou temáticas mais diversificadas em seu discurso, atribuindo uma ótica culturalista para justificar a oposição à imigração e formulando propostas mais específicas para a economia e o setor social. As explicações para esta progressão também se baseiam fundamentalmente na vulnerabilidade socioeconômica ou no sentimento de perdas por parte deste grupo, que se sente constantemente desfavorecido cultural e economicamente na sociedade.

Por serem portadores de capital cultural e qualificação profissional mais reduzidos, o que dificulta sua adaptação diante das rápidas mudanças sociais e econômicas, os trabalhadores manuais se sentiriam ameaçados pela imigração e pelo fenômeno da globalização. Dessa forma, optariam pelos partidos de extrema-direita

¹⁸ No Brasil, o equivalente ao *Baccalauréat* é a aprovação no vestibular.

devido às propostas de insulamento que estes partidos apresentam diante dos fenômenos por eles temidos (LUBBERS & SCHEEPERS, 2002).

A variável “inserção na estrutura produtiva” corresponde ao percentual de empregados e operários em cada departamento no ano de 2011. Os dados também foram coletados no site do Instituto Nacional de Estatística e de Estudos Econômicos (www.insee.fr).

II) Variáveis socioeconômicas

As diretrizes do partido de extrema-direita francês, os programas de campanha e os discursos de seus candidatos ressaltam constantemente a questão imigratória, a globalização e a integração europeia como responsáveis pela degradação do bem-estar do cidadão francês. Estes fenômenos seriam responsáveis pela queda do poder de compra das famílias, pelo aumento da violência e da insegurança, além de constituir uma ameaça à cultura e tradição francesas, posto que enfraquecem a soberania e independência da nação.

Alguns estudiosos destacam o momento de crise econômica como potencializador do aumento da preferência eleitoral por partidos de extrema-direita (GUIMARÃES, 2011), pois este fenômeno seria responsável pela depreciação das condições socioeconômicas, o que geraria insatisfação dos cidadãos com os partidos governistas e incentivaria o voto de protesto, a favor de partidos anti-sistema. Momentos de crise econômica também podem ser marcados pela crescente percepção negativa e ameaçadora do estrangeiro ou imigrante por parte dos nativos, pois estes sentiriam que grupos externos aumentariam a concorrência por recursos escassos, como emprego e moradia (PERRINEAU, 1997). Em busca de avaliar o efeito destes fenômenos no desempenho da extrema-direita, incluímos as seguintes variáveis socioeconômicas na análise: imigração árabe, criminalidade, desemprego e importância da agricultura no valor agregado.

d) Imigração árabe

A imigração é considerada pelo partido objeto deste estudo como geradora de gastos, causadora de conflitos sociais e ameaçadora da tradição e cultura francesas. Este

é um tema central na retórica dos partidos de extrema-direita, que se opõem fortemente à entrada de estrangeiros no país e justificam este posicionamento com base em argumentos culturais. Conforme vimos nos capítulos anteriores, nas últimas décadas a oposição ao Islã e aos imigrantes de origem muçulmana tem ganhado centralidade no discurso dos partidos de extrema-direita em geral e da Frente Nacional em particular (WIEVIORKA, 2013).

A oposição à presença de imigrantes pode ser compreendida através da ótica de oposição de modos de vida considerados incompatíveis entre si. As comunidades imigrantes, particularmente de origens não europeias, são vistas pelos partidos de extrema-direita como inimigas, posto que seus valores e costumes são considerados como tão diferentes daqueles dos nativos que os imigrantes não seriam capazes de ser assimilados, mas, ao contrário, procurariam impor no território estrangeiro seu próprio modo de vida. Este tipo de comportamento, na visão dos partidos em questão, seria uma ameaça à identidade nacional, pois responsável pela extinção do modo de vida da comunidade nacional de acordo com suas próprias tradições. Tal interpretação acerca dos imigrantes por parte da extrema-direita seria uma estratégia para unificar e proporcionar coesão ao grupo nacional, pois cria a imagem de um grupo externo que se opõe ao grupo interno, atribuindo homogeneidade a este, que tende a se unificar diante de um inimigo comum (MUDDE, 2007).

A Frente Nacional considera impossível a assimilação de culturas não ocidentais na sociedade francesa devido à oposição de seus valores e defende o controle rígido das fronteiras nacionais. Portanto, nosso objetivo nesta análise é verificar o efeito da presença de um grupo específico de imigração no desempenho do FN e não a presença geral de imigrantes, que já foi testada em vários outros trabalhos (NORRIS, 2005; GIVENS, 2005).

Além das orientações do próprio partido, estudos sobre o comportamento de seus eleitores revelam que os próprios votantes decidem sua escolha com base nas mesmas posições de intolerância a grupos externos em geral e à imigração muçulmana em particular (MAYER & PERRINEAU, 1990; CRÉPON, 2012; EATWELL, 2000). Mas, apesar de ser uma questão recorrentemente abordada em diferentes trabalhos, os achados acerca da correlação entre a presença de imigrantes e o voto em partidos de

extrema-direita não são consensuais e as conclusões podem variar muito a depender do nível de análise.

O estudo de Mayer (1989) não encontrou relação entre número de imigrantes ou a origem deles e o voto a favor do FN. Segundo a autora, o voto no FN seria mais um voto de protesto do que de adesão aos valores de Le Pen em relação à imigração, o que refletiria na incapacidade explicativa da presença de imigrantes com o desempenho do partido.

No entanto, Givens (2005) considerou estas conclusões pouco confiáveis, porque o trabalho de Mayer foi realizado apenas na região de Paris e esta localidade não pode ser considerada uma cidade representativa da França. As conclusões de seu trabalho, por sua vez, são de que o voto FN é mais forte em regiões onde há maior imigração e desemprego. Segundo a autora: “(...) an environment where there are high numbers of immigrants and unemployed workers can be especially conducive to support for the radical right” (p. 85).

Por outro lado, Norris (2005) não encontrou relação entre o voto na extrema-direita e a presença de imigrantes, mas sim uma relação entre a escolha por este tipo de partido e atitudes individuais relacionadas ao protecionismo cultural e ao medo de grupos externos. Isso significa que não são os dados objetivos relacionados à presença de imigrantes que estariam correlacionados ao voto na extrema-direita, mas sim a atitude subjetiva, a percepção dos indivíduos face ao fenômeno da imigração e à presença de estrangeiros.

Acreditamos que não haverá relação entre a presença de imigrantes árabes e o resultado eleitoral do FN no nível departamental, por três razões. Em primeiro lugar porque a presença de estrangeiros não é necessariamente a causa de uma percepção negativa em relação a estas populações. A convivência com pessoas de diferentes origens pode justamente promover atitudes universalistas, de tolerância e aceitação do multiculturalismo. Por outro lado, habitantes de regiões em que não há forte presença de estrangeiros podem ter uma percepção negativa dessas populações a partir de discursos políticos e midiáticos e sentem uma grande necessidade de conservar seu modo de vida e suas tradições (WIEVIORKA, 2013).

Em segundo lugar, a maior presença de imigrantes se concentra nos grandes centros urbanos (PERRINEAU, 1997) e, conforme vimos, nestas localidades o desempenho do FN tem sido menor. Em terceiro lugar, o indicador utilizado contabiliza as pessoas estrangeiras que migraram para a França. Ele não reflete a presença de cidadãos nascidos em solo francês e portadores da nacionalidade francesa, mas descendentes de 2ª ou 3ª gerações de estrangeiros, cujos pais ou avós vieram dos países norte africanos em décadas anteriores. Estas populações são alvo de preconceito e segregação e estão concentradas nos meios sociais mais populares e periféricos. Mesmo sendo cidadãos franceses, estes descendentes de imigrantes árabes costumam preservar a cultura familiar de origem, particularmente a religião muçulmana, à qual o discurso do FN se opõe fortemente (SAMPAIO, 2010) Muitas vezes são estes os grupos que se tornam alvo do discurso do FN e não necessariamente os cidadãos nascidos em território estrangeiro.

A variável “imigração árabe” desta análise corresponde ao percentual de imigrantes estrangeiros provenientes da África do Norte (argelinos, marroquinos, tunisianos e turcos) em cada departamento, dado referente a ano de 2011 e obtido no site do Instituto Nacional de Estatística e de Estudos Econômicos (www.insee.fr).

e) Criminalidade

Assim como o desemprego, a alta da criminalidade é constantemente associada à presença de imigrantes, particularmente de culturas não ocidentais, em território francês. Estas populações e seus descendentes são considerados responsáveis pelo aumento da violência e pelo desrespeito às leis, pois elas não se integrariam ao modelo de sociedade nativo, procurando preservar seus próprios costumes. O discurso e as propostas do partido de Marine Le Pen destacam os supostos prejuízos decorrentes da presença de estrangeiros no país, devido ao seu modo de vida comunitarista e à inflexibilidade de seus costumes, que estariam corrompendo o modo de vida nativo. Além disso, o FN critica as ações tanto do Partido Socialista (PS), como da direita (UMP) face o aumento da insegurança, que teriam sido catastróficas e ineficientes.

No programa presidencial de 2012, a Frente Nacional reforçou sua orientação histórica de “Tolerância Zero” contra a criminalidade, defesa do reestabelecimento da pena de morte e estabelecimento do “racismo anti-francês” como um crime.

A criminalidade representa uma degradação da vida urbana e, quando alta, alimenta um sentimento de medo e ansiedade por parte dos habitantes. Esta percepção negativa da convivência em sociedade e o constante sentimento de insegurança que pode ser causado pela alta criminalidade real tende a potencializar a adesão ao discurso do FN. A hipótese que defendemos é de que departamentos em que há maiores taxas de criminalidade, comparativamente àqueles em que a criminalidade é menor, o FN conquista maiores resultados.

Para testar o efeito da criminalidade no resultado conquistado por Marine Le Pen em 2012 utilizaremos o total da incidência de Infração aos bens, violência física e infração econômica e financeira a cada 100 mil habitantes, dados obtidos no site Instituto Nacional de Estatística e de Estudos Econômicos (www.insee.fr), cuja informação refere-se ao ano de 2011.

f) Desemprego

Altas taxas de desemprego correspondem a um dos sintomas mais indicativos da degradação econômica de uma localidade, pois afetam diretamente o cotidiano e o poder de compra das pessoas. A insatisfação com a própria situação econômica pode gerar desconfiança no governo, nas instituições e na classe política em geral, pois os cidadãos avaliam que os dirigentes do Estado não estão agindo de forma eficiente para resolver seus problemas cotidianos básicos. O desemprego teve alta nos últimos anos, na França e na Europa em geral, em função da crise econômica que afeta o continente. Ademais, o discurso da Frente Nacional relaciona intimamente o aumento do desemprego e a presença de imigrantes, considerando que estes seriam responsáveis pelo aumento da concorrência no mercado de trabalho e pela escassez de oportunidades aos cidadãos nativos. Em seu programa de 2012, o partido defende a política de prioridade nacional, que consiste na atuação do Estado em garantir prioridade de acesso ao emprego às pessoas portadoras da nacionalidade francesa.

Contudo, os indicadores macroeconômicos não necessariamente refletem as opiniões das pessoas acerca de seus efeitos. Ademais, conforme vimos, os temas culturais e políticos são mais importantes para a preferência eleitoral pelos partidos de extrema-direita do que os temas econômicos. Por essas duas razões, esperamos que o desemprego não apresente efeito na variável dependente em nossa análise, pois tal

indicador não necessariamente reflete a percepção que as pessoas possuem em relação à conjuntura econômica e porque a dimensão econômica é secundária para a decisão de voto a favor do FN.

Iremos testar, portanto, se a variação dos resultados do FN no nível departamental pode estar relacionada à taxa de desemprego dos departamentos. Este indicador também foi encontrado no site do Instituto Nacional de Estatística e de Estudos Econômicos (www.insee.fr). Utilizou-se a média do percentual de desemprego dos 2º, 3º, 4º trimestre de 2011 e do 1º trimestre de 2012 de forma a refletir a situação real do desemprego no período de um ano anterior às eleições e não apenas no momento imediatamente precedente ao pleito presidencial.

g) Importância da agricultura no valor agregado

Vimos que o FN tem sido mais expressivo em zonas periféricas e rurais, locais onde a densidade demográfica e a urbanização são mais reduzidos. A densidade demográfica seria um bom indicador para o perfil predominantemente rural ou urbano das cidades e vilarejos, mas não é capaz de refletir a mesma informação se utilizado no nível departamental. Isso porque os diferentes departamentos costumam ter uma ou mais grandes cidades e podem, portanto, apresentar zonas fortemente urbanizadas e fortemente rurais em seu interior. Além disso, os números de densidade demográfica variam exponencialmente entre os departamentos onde há megalópoles, tais como Paris, Lyon, Lille, Marselha, o que torna difícil a criação de uma escala ou categorização sintética desta informação. Mesmo dentre estas cidades, Paris é destoante em termos do número de habitantes por metro quadrado.

Utilizaremos a importância da agricultura no valor agregado como *proxy* da ruralidade do departamento, pois esta informação é capaz de refletir o espaço que a atividade agrícola representa para a economia departamental. Neste sentido, quanto maior a importância da agricultura no valor agregado, mensurada em percentual, maior o caráter rural daquela localidade, pois a atividade agrícola apresenta importância para a dinâmica socioeconômica daquele lugar. Os indicadores datam de 2005 e foram obtidos no site do Instituto Nacional de Estatística e de Estudos Econômicos (www.insee.fr). Espera-se que departamentos de mais forte caráter rural, onde a agricultura representa grande parte da economia, o voto FN será mais expressivo, pois nestas localidades as

pessoas se sentem mais ameaçadas pelo avanço da globalização e pretendem conservar seu modo de vida tradicional.

III) Variáveis políticas

h) Resultado da direita (UMP)

Determinados estudos revelam que um dos fatores relacionados ao sucesso ou crescimento eleitoral da extrema-direita consiste justamente na debilidade, falta de credibilidade ou fragmentação da direita tradicional (GIVENS, 2005), pois a falta de articulação da direita tradicional ou sua debilidade política proporcionariam espaço para apropriação de seus eleitores por parte da extrema-direita. Conforme a teoria de Downs (1957) explica, os eleitores tendem a escolher o partido em quem votar a partir da proximidade entre sua própria ideologia e aquela do partido, pois a ideologia atua como um atalho cognitivo para que o votante obtenha informações. Caso não haja uma oferta partidária compatível com sua própria ideologia ou tal oferta não seja capaz de ganhar as eleições, o eleitor tende a preferir aquela alternativa mais próxima em termos ideológicos. Por isso, como o posicionamento ideológico de direita está mais próximo da orientação de extrema-direita do que da esquerda no espectro político-ideológico espera-se que existam maiores afinidades entre os dois primeiros grupos de eleitores do que em relação à esquerda. Isso facilita a transição de votos entre partidos de direita e extrema-direita, comparativamente à mudança de preferência da extrema-direita em direção à esquerda e vice-versa.

A direita está, portanto, mais próxima da extrema-direita no espectro político-ideológico, possibilitando maior hesitação do eleitor em direção a esta alternativa partidária. Apesar da recusa de aliança do UMP com o FN, os eleitores do UMP possuem certa simpatia pelo FN (STOCKEMER & LA MONTAGNE, 2007). Portanto, testaremos a hipótese de que em departamentos onde a direita tradicional obtém resultados menos expressivos, o FN é mais forte, devido à falta de credibilidade da direita moderada e à mudança de preferência eleitoral por parte dos eleitores de direita em direção à extrema-direita, cuja proximidade ao posicionamento de direita é maior. Espera-se que haja uma correlação entre baixo desempenho da direita tradicional e alto desempenho da extrema-direita em 2012.

Os dados utilizados serão os percentuais de votos válidos do UMP no nível departamental para o 1º turno das presidenciais de 2012, os quais foram obtidos no site do Ministère de l'Intérieur de France (www.interieur.gouv.fr).

i) Abstenção

De acordo com Stockemer e LaMontagne (2007), tendencialmente a extrema-direita teria melhores resultados em regiões e eleições com baixa taxa de participação eleitoral do que em regiões e eleições com alta participação. De acordo com Smirnov e Fowler (2003), citados pelos primeiros autores, eleitores extremistas com preferências à esquerda ou à direita são mais fortemente motivados a votar independentemente das circunstâncias políticas e eleitorais, pois suas preferências são mais intensas. Portanto, a abstenção de outros eleitores poderia favorecer a extrema-direita em termos do percentual de votos válidos conquistado.

Por sua vez, na teoria de Kriesi *et al.* (2012), os eleitores potenciais da extrema-direita, que são os “perdedores da globalização”, tendem a comparecer mais nas eleições nacionais do que nos outros tipos de eleições ou arenas políticas, pois consideram que a esfera do Estado-Nacional tem mais legitimidade para a tomada de decisões políticas. Por essa razão, estes eleitores tendem a participar mais neste tipo de pleito. Nesse sentido, esperar-se-ia que o peso da participação eleitoral de votantes de extrema-direita seja maior nas eleições presidenciais e que, portanto, a abstenção neste tipo de pleito afete outros grupos de eleitores, pois os “perdedores da globalização” atribuem grande importância à participação nas eleições nacionais. Por isso, nossa hipótese é de que onde houver maior abstenção, maior será o desempenho da extrema-direita, tendência política que tende a ver seus eleitores mais participativos em disputas presidenciais.

Os dados relativos ao percentual da abstenção no nível departamental referem-se ao 1º turno das presidenciais de 2012 e foram obtidos no site do Ministère de l'Intérieur de France (www.interieur.gouv.fr).

j) Euroceticismo

A União Europeia possui notável importância nos programas e discursos partidários dos países europeus na atualidade, tanto dos partidos moderados quanto dos

partidos extremistas. A oposição à integração europeia não está vinculada ao posicionamento de esquerda ou direita dos partidos, mas se superpõe a esta lógica ideológica e se concentra nos partidos localizados em ambos os extremos deste espectro, seguindo o comportamento de uma curva côncava (LUBBERS & SCHEEPERS, 2007). Já os partidos moderados, eles tendem a apoiar a União Europeia.

Lubbers e Sheepers (2007) demonstraram através de análise de dados de *survey* que o euroceticismo e a desconfiança em relação ao Parlamento Europeu contribuem para explicar a preferência por partidos extremistas. Em relação à preferência pela extrema-direita, é o sentimento eurocético o que explica porque os setores de menor renda e menor escolaridade votam mais nestes partidos.

Estudos precedentes identificaram relação entre o crescimento da extrema-direita e atitudes de resistência à União Europeia em alguns países (LUBBERS & SCHEEPERS, 2007). Ivarsflaten (2005) demonstrou que o euroceticismo é importante determinante para a preferência por partidos de extrema-direita na França e na Dinamarca, juntamente com atitudes de exclusão e de desilusão política. Van der Burg, Fennema e Tillie (2005) evidenciaram que na França o euroceticismo induz ao voto na extrema-direita.

Tal relação entre atitudes contra a União Europeia e o voto na extrema-direita é esperada porque, contrariamente aos partidos de extrema-esquerda, a oposição da extrema-direita ao projeto europeu se justifica com base em argumentos culturais e políticos. Os setores da sociedade que se opõem à União Europeia costumam se comportar dessa forma porque sentem que a integração supranacional ameaça a soberania e a identidade do país e não em função de questões econômicas, que estão na base da argumentação da extrema-esquerda. Por isso é esperado que o sentimento eurocético esteja relacionado à preferência pela extrema-direita.

A variável escolhida como *proxy* do sentimento contrário a União Europeia foi o percentual de votos válidos contra a adoção da Constituição Europeia no referendun realizado em maio de 2005, obtida através do site do Ministère de l'Interieur de France (www.interieur.gouv.fr). A adoção da Constituição Europeia representaria um intenso avanço na integração política do bloco de países e, para os indivíduos adversos a este modelo de integração, significaria uma perda ainda maior da soberania nacional. Nesse

sentido, departamentos onde a votação contra a Constituição Europeia foi mais expressiva, identifica-se a existência de um maior sentimento eurocético de sua população. Como a oposição à União Europeia atua como fator relevante na preferência pela Frente Nacional, espera-se que os departamentos que mais fortemente se opuseram à Constituição supranacional apresentem efeito no maior desempenho de Marine Le Pen em 2012.

k) Resultado de Jean-Marie Le Pen no 1º turno de 2002

Berelson *et al.* (1954) demonstraram a importância em se conhecer o voto precedente das pessoas, pois, como as escolhas eleitorais tendem a ser estáveis ao longo do tempo – visto que são produto do contexto social e das interações pessoais -, conhecer o opção eleitoral nas eleições passadas fornece informações para prever a decisão futura. Nesse sentido, consideramos importante acrescentar o resultado passado da Frente Nacional de forma a verificar se tal informação exerce impacto nos mais recentes desempenhos do partido. Tal interação poderá revelar se a votação a favor do partido frentista apresenta um padrão de distribuição geográfica que persiste no tempo e apesar da mudança de liderança.

O voto precedente será operacionalizado a partir dos resultados obtidos por Jean-Marie Le Pen em 2002 (percentual de votos válidos em cada departamento). Estas informações também são provenientes do Ministère de l'Intérieur de France (www.interieur.gouv.fr).

3.4 Método

Desenvolveremos uma análise de regressão linear múltipla em três etapas para testar a correlação entre as variáveis independentes apresentadas na seção anterior e a variável dependente, correspondente ao percentual de votos válidos obtidos pela Frente Nacional no 1º turno das presidenciais de 2012 e cada departamento. O número de casos corresponde a 96 unidades subnacionais (departamentos) da França continental. Na primeira etapa do modelo, incluímos apenas as variáveis classificadas como “composição social”, de forma a verificar o poder explicativo destas características estruturais referentes à composição das sociedades dos departamentos. Na segunda

etapa, acrescentamos ao primeiro grupo de fatores o segundo grupo de variáveis, denominado “variáveis socioeconômicas”. Finalmente, na terceira etapa, o modelo incluiu todos os três conjuntos de variáveis explicativas. Os testes de colinearidade entre as variáveis apresentaram resultado satisfatório (média do VIF = 3,104).

4. Resultados e discussão

A primeira etapa do modelo, que incluiu apenas as variáveis de composição social, apresentou pouca capacidade explicativa da variação departamental dos resultados de Marine Le Pen em 2012 (R^2 ajustado=0,304). Isso apontou para a insuficiência unicamente destas variáveis em dar conta das diferenças espaciais do resultado da candidata, apesar de termos visto que a literatura apresenta o FN como mais forte em regiões de expressiva composição operária. A composição social das populações dos departamentos, em termos de escolaridade, presença de empregados e operários e de grupos mais jovens, tem pouco poder preditivo para o desempenho do partido.

Quando acrescentamos as variáveis classificadas como socioeconômicas ao grupo da análise anterior, o modelo adquire uma capacidade explicativa maior, passando a esclarecer cerca de 50% da variação dos resultados de Marine Le Pen (R^2 ajustado=0,516). No entanto, é a inclusão das variáveis políticas, em combinação com os precedentes grupos de fatores explicativos, que permite considerável ganho explicativo ao modelo, que passa a apresentar um R^2 ajustado no valor de 0,921. Isso significa que as variáveis políticas possuem elevada importância para a compreensão dos resultados do FN e que a estrutura social e os indicadores socioeconômicos sozinhos não são os mais relevantes para compreender os resultados do partido. Estes achados são particularmente interessantes, posto que o discurso da Frente Nacional se baseia intensamente nas condições socioeconômicas do país, evocando constantemente indicadores como as taxas de desemprego e as taxas de criminalidade para criticar os partidos governistas e denunciar os efeitos perversos da União Europeia, da imigração e da globalização na vida dos cidadãos franceses. A tabela 4 abaixo apresenta os coeficientes extraídos da análise de regressão linear múltipla.

Tabela 4: Resultados do modelo de regressão linear múltipla para explicar o desempenho departamental da Frente Nacional no 1º turno das eleições presidenciais de 2012

Modelos	Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.	
	B	Std. Error	Beta			
1	(Constant)	-8,809	6,240		-1,412	0,161
	Escolaridade	0,300	0,154	0,206	1,950	0,054
	Faixa etária	0,120	0,149	0,076	0,806	0,422
	Inserção na estrutura produtiva	0,356	0,085	0,445	4,185	0,000
	R ² ajustado = 0,304					
2	(Constant)	-15,928	5,622		-2,833	0,006
	Escolaridade	-0,117	0,144	-0,080	-0,808	0,421
	Faixa etária	0,087	0,146	0,055	0,595	0,553
	Inserção na estrutura produtiva	0,420	0,103	0,525	4,079	0,000
	Desemprego	1,097	0,249	0,426	4,400	0,000
	Importância da agricultura no valor agregado	0,240	0,148	0,145	1,621	0,109
	Criminalidade	-0,143	0,471	-0,046	-0,304	0,762
	Imigração árabe	1,234	0,390	0,339	3,164	0,002
	R ² ajustado = 0,516					
3	(Constant)	-21,534	3,828		-5,626	0,000
	Escolaridade	-0,087	0,059	-,060	-1,483	0,142
	Faixa etária	7,514E-5	0,062	0,000	0,001	0,999
	Inserção na estrutura produtiva	0,059	0,049	0,074	1,211	0,229
	Desemprego	0,264	0,139	0,103	1,904	0,060
	Importância da agricultura no valor agregado	0,143	0,062	0,086	2,312	0,023
	Criminalidade	-0,507	0,197	-0,162	-2,577	0,012
	Imigração árabe	-0,363	0,205	-0,100	-1,772	0,080
	Abstenção	0,279	0,083	0,157	3,356	0,001
	Resultado da direita (UMP)	0,236	0,066	0,193	3,581	0,001
	Resultado de Le Pen em 2002	0,687	0,051	0,670	13,358	0,000
	Euroceticismo	0,278	0,051	0,392	5,482	0,000
	R ² ajustado = 0,921					

Variável dependente: Resultado da Frente Nacional nas presidenciais 2012 (percentual de votos válidos)

Fonte: Elaboração da autora a partir de dados coletados dos sites do Ministère de l'Intérieur de France (www.interieur.gouv.fr) e Instituto Nacional de Estatística e de Estudos Econômicos (www.insee.fr).

As variáveis que apresentaram correlação significativa com a variável dependente na terceira etapa do modelo foram: importância da agricultura no valor

agregado, criminalidade, abstenção, resultado da direita (UMP), resultado de Le Pen em 2002 e euroceticismo. Estes resultados indicam que o FN de Marine Le Pen foi mais forte em departamentos onde a agricultura representa maior importância para a economia, a criminalidade é menor, a abstenção em 2012, o resultado de Sarkozy em 2012, o resultado de Le Pen em 2002 e o euroceticismo são mais elevados. Os fatores políticos são os mais importantes para explicar o fenômeno de interesse.

A correlação entre a importância da agricultura na economia do departamento e o voto FN, assim como o sinal negativo apresentado pela variável criminalidade reforçam a presença deste partido nos departamentos com características rurais mais fortes, visto que as maiores taxas de criminalidade estão concentradas nas grandes aglomerações urbanas (PERRINEAU, 1997). Este resultado também sugere que não são necessariamente as condições socioeconômicas reais das populações que induzem ao voto na extrema-direita, mas que as percepções dos indivíduos, muitas vezes influenciadas pelo discurso midiático e político (WIEVIORKA, 2013), podem exercer um papel mais importante na preferência por este partido. O fato de não termos encontrado correlação significativa das variáveis imigração árabe e desemprego com a variável dependente também indica que as percepções individuais acerca destes temas podem ser mais relevantes para compreender a preferência pela extrema-direita do que os indicadores objetivos. Possivelmente tais percepções são distorcidas em relação aos reais efeitos econômicos e sociais de tais fenômenos, cujos indicadores não aparecem como preditores do resultado do FN.

A correlação positiva do resultado do UMP e da variável dependente é aparentemente incompatível com a hipótese proposta, pois para 2012 resultados mais fortes da direita tradicional também corresponderam a resultados mais fortes da extrema-direita, enquanto esperava-se que os votos entre estes dois polos se alternassem e, portanto, que a extrema-direita fosse mais forte onde a direita fosse mais fraca. Contudo, o padrão encontrado pode se explicar devido ao fato de termos utilizado o desempenho momentâneo de ambos os partidos, ao invés de avaliar a correlação da evolução de seus resultados em um período temporal mais longo.

Provavelmente ao longo do tempo poderia se captar a esperada transferência de votos entre a direita e a extrema-direita no caso das eleições presidenciais. UMP e FN

apresentaram resultados relativamente elevados em 2012, mas o UMP certamente perdeu pontos percentuais em relação a 2007 e, como vimos anteriormente, a conquista de eleitores de Jean-Marie Le Pen foi crucial para a vitória de Nicolas Sarkozy em 2007. Possivelmente uma análise futura que aborde a evolução do resultado dos dois partidos em uma série de eleições permitirá encontrar uma correlação negativa entre o crescimento da direita e o crescimento da extrema-direita.

Por outro lado, os dados aqui encontrados apontam para a hipótese de que existe uma concorrência importante da Frente Nacional com a esquerda atualmente, seja com o Partido Socialista ou o Partido Comunista. Esta hipótese nos parece razoável na medida em que a região norte da França, onde os partidos de esquerda são historicamente fortes, é também uma das regiões onde a Frente Nacional mais tem ganhado terreno nos últimos anos. A implantação eleitoral do FN nos antigos bastiões socialistas e comunistas do norte da França pode ser explicada pelo discurso fortemente estatista e defensor das políticas sociais encarnado por Marine Le Pen, propostas que atrairiam os eleitores provenientes das classes populares e antigos eleitores identificados com a esquerda, mas hoje desiludidos com a atuação destes partidos (CRÉPON, 2012).

A variável mais importante para explicar o desempenho de Marine Le Pen foi o resultado obtido por Jean-Marie Le Pen no 1º turno de 2002 ($B=0,687$). Este resultado confirma a continuidade dos padrões de implantação geográfica do partido mesmo com a mudança de liderança. A alta correlação entre os resultados de Marine Le Pen em relação ao desempenho de seu pai já havia sido encontrada por Bussi *et al.* (2012) no nível cantonal e foi confirmada também para o nível departamental nesta análise. Em termos geográficos, portanto, a preferência por Marine Le Pen não se desvinculou da preferência por Jean-Marie Le Pen. O desempenho do partido demonstra uma continuidade ao longo do tempo. Mais uma vez, parece-nos que outros fatores, de caráter político, que vão além das condições socioeconômicas circunstanciais tais como os níveis de desemprego, a presença de imigrantes e as taxas de criminalidade, estão na base explicativa do voto FN.

Os resultados de Marine Le Pen também podem ser explicados pelo crescimento da abstenção. Nos departamentos onde mais eleitores deixaram de comparecer para depositar seu voto, o FN foi mais forte. Esta correlação está em sintonia com os achados

de Kriesi *et al.* (2012), que encontraram uma maior mobilização dos chamados “perdedores da globalização” nas eleições nacionais, aquele grupo de eleitores que compartilha posicionamentos nacionalistas e protecionistas e que, portanto, são mais propícios a optar por partidos de extrema-direita. Nesse sentido, se os eleitores da extrema-direita tendem a se abster em outros níveis de eleição, mas se mobilizam mais nas eleições para presidente, quanto maior a abstenção de outros tipos de eleitores nas eleições presidenciais, mais a extrema-direita tende a ganhar força. Em termos espaciais, encontramos que os departamentos onde houve maior abstenção, também houve maior votação a favor de Marine Le Pen em 2012.

Finalmente, o euroceticismo demonstrou correlação significativa e positiva com a variável dependente, o que indica que o sentimento contra a União Europeia é um elemento de fato importante para compreender o desempenho do partido de extrema-direita na França. As localidades onde o sentimento eurocético mostrou ser mais intenso foram também os departamentos onde Marine Le Pen foi mais votada em 2012.

5. Conclusões

Este capítulo se preocupou em apresentar o desempenho eleitoral da Frente Nacional a partir de dados agregados, com o objetivo de avaliar a capacidade explicativa de variáveis sociológicas, socioeconômicas e políticas para a variação do desempenho de Marine Le Pen em 2012. Discutimos de que forma os melhores resultados do partido se distribuem dentro do território francês desde 1988 e quais são as características apresentadas pela literatura para explicar tal distribuição. Em seguida, desenvolvemos uma análise empírica para compreender quais foram as variáveis de composição social, socioeconômicas e políticas mais importantes para compreender a variação departamental dos resultados de Marine Le Pen nas presidenciais de 2012. A análise evidenciou que a inclusão das variáveis políticas aumenta consideravelmente o poder explicativo do modelo e que são estes os fatores mais importantes para compreender a variação do desempenho da candidata da extrema-direita.

No entanto, é necessário evidenciar que esta análise também sofre de algumas limitações, especialmente o fato de não abordar a evolução da implantação territorial do partido ao longo do tempo na análise empírica. Nesse sentido, não se pode afirmar que a

evolução das taxas de desemprego ou o aumento da criminalidade ao longo do tempo não tenham impacto no crescimento da preferência pela Frente Nacional, pois a análise desenvolvida neste trabalho avaliou apenas o impacto das variáveis socioeconômicas em um determinado ponto no tempo. Para trabalhos futuros, consideramos importante analisar os resultados eleitorais da Frente Nacional em uma perspectiva que possa captar sua evolução no tempo e no espaço. Essa análise poderia ser realizada através da construção de um modelo hierárquico e do estabelecimento de clusters englobando departamentos que apresentem características comuns.

Como as variáveis de composição social e os elementos socioeconômicos demonstraram reduzido poder explicativo para o resultado do FN em 2012, nos parece interessante partir para o nível microsociológico de análise em busca de explicações atitudinais e comportamentais dos indivíduos para a preferência eleitoral pela extrema-direita na França. Se os dados objetivos relacionados à presença de imigrantes e ao desemprego, temas recorrentemente evocados pelo FN, não apresentaram correlação significativa com a variável dependente e, por sua vez, a criminalidade apresentou uma correlação negativa, possivelmente são as percepções dos eleitores acerca destes temas que estão na base explicativa da decisão do voto. A relevância dos resultados precedentes do FN para os atuais desempenhos do partido sugere, ainda, que elementos de longo prazo poderiam estar no fundamento deste tipo de preferência, pois o desempenho do partido em diferentes pleitos eleitorais estão correlacionados, mesmo após a mudança da liderança do partido e da implementação de novas estratégias eleitorais por parte de Marine Le Pen.

Capítulo 4

A lógica da preferência por Marine Le Pen: qual a importância dos valores para o voto na extrema-direita?

1. Introdução

Muitos estudos que buscam compreender o apoio eleitoral direcionado à extrema-direita evidenciam que não necessariamente os elementos que classicamente explicam o voto nos partidos tradicionais de esquerda e de direita, como a classe social e as preferências econômicas, por exemplo, são determinantes para a escolha por estes partidos mais recentes (MAYER, 2012). Isso ocorre principalmente porque esses partidos dão centralidade a temas diferenciados, como a questão da imigração e da integração europeia, em seus programas e mobilizações eleitorais. Eles procuram deslegitimar e superar a clássica divisão ideológica entre esquerda e direita, tentando se desvincular de qualquer posicionamento estabelecido em tal espectro ideológico e estabelecer, por sua vez, uma nova clivagem, baseada na oposição entre “nacionalistas” e “cosmopolitanistas”. Em outras palavras, tais partidos procuram estabelecer uma nova divisão política entre os defensores dos interesses do Estado Nacional e os defensores da globalização.

Além disso, conforme vimos no primeiro capítulo deste trabalho, a classificação desses partidos como de extrema-direita não se deve em função da defesa de uma política econômica ultraliberal, mas sim da proposta de políticas conservadoras no plano societário, como a defesa da pena de morte, a oposição ao aborto e a hostilidade em relação aos direitos dos homossexuais. Isso sugere que há uma dimensão cultural importante a ser levada em conta para compreender a preferência eleitoral pela extrema-direita, sobretudo porque nas últimas décadas esta dimensão de clivagens tem se demonstrado tão importante quanto, ou mesmo mais importante, do que a dimensão

econômica para a estruturação das competições eleitorais (KRIESI *et al.* 2012; MICHELAT & TIBERJ, 2007; MONTERO & TORCAL, 1994).

Nesse sentido, nos parece relevante tentar entender o voto na extrema-direita francesa com base em aspectos diferenciados, particularmente voltados para as orientações valorativas dos votantes. Por isso, este capítulo irá focar nos diversos fatores individuais potencialmente explicativos da decisão eleitoral a favor da Frente Nacional nas presidenciais de 2012, buscando identificar em que medida os valores são relevantes para compreender esta lógica de decisão de voto em contraposição aos outros elementos recorrentemente revisitados pela literatura sobre comportamento eleitoral, fundamentados nas principais teorias dentro deste campo de estudos.

Realizaremos uma análise de regressão logística multinomial, em que a variável dependente será o voto para presidente no primeiro turno de 2012 e as variáveis independentes serão: xenofobia, euroceticismo, conservadorismo, ideologia, percepção da economia, preferência partidária, satisfação com o funcionamento da democracia, confiança nos políticos, voto no primeiro turno das presidenciais de 2007, sexo, idade, escolaridade, religião e profissão. A base de dados refere-se ao *survey Enquête Électorale Française* de 2012, pesquisa realizada dentro do projeto colaborativo *Comparative Study of Electoral Systems* (CSES) e disponibilizada pelo *Centre de Recherches Politiques de Sciences Po*.

O capítulo está organizado da seguinte maneira: na próxima seção apresentaremos, de forma breve, as teorias clássicas do comportamento eleitoral: a escola sociológica, a escola psicológica e a teoria da escolha racional. Em seguida, na terceira seção, discutiremos as novas dimensões do comportamento eleitoral que têm sido recentemente evidenciadas pela literatura e justificaremos a importância em se abordar aspectos valorativos para a análise do voto na extrema-direita em particular, visto que há uma lacuna no que se refere a esta dimensão nos estudos sobre o comportamento eleitoral. Na quarta seção, iremos apresentar as hipóteses defendidas para explicar o voto em Marine Le Pen. A quinta parte do capítulo será dedicada à análise empírica, onde apresentaremos informações sobre a fonte de dados consultada; analisaremos as características dos eleitores do FN, assim como os aspectos em que se assemelham ou se diferenciam dos demais votantes; explicaremos o modelo de análise

proposto, exporemos os resultados e a discussão de tais achados. Por fim, serão apresentadas as principais conclusões.

2. Modelos explicativos do voto

Ao longo do século XX escolas teóricas sobre o voto se consolidaram como referenciais fundamentais para a área de investigação do comportamento eleitoral, cada uma defendendo a atuação de um grupo distinto de fatores como fundamentais para a preferência do eleitor diante das urnas: o modelo sociológico, a escola psicológica (também chamada Escola de Michigan) e a teoria da escolha racional. Apesar de outros modelos explicativos terem surgido posteriormente, inovando cada vez mais nas dimensões e instrumentos evidenciados como decisivos para a escolha do voto, é necessário revisitar os paradigmas e as variáveis explicativas que se originaram nos modelos tradicionais para avaliar sua aplicabilidade aos novos questionamentos acerca do comportamento dos votantes, assim como identificar seus limites para compreender as diferentes dinâmicas das atuais condutas eleitorais.

A primeira teoria explicativa do voto consiste na escola sociológica, cuja origem se encontra nos anos 1950 dentre os pesquisadores da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos. Em linhas gerais, de acordo com esta teoria os fatores mais importantes para compreender o comportamento político são o contexto social em que o indivíduo vive e as interações interpessoais às quais está exposto. Nesse sentido, os elementos estruturais tais como o pertencimento religioso ou a classe social atuam como predisposições para o voto, pois filtram os efeitos de variáveis de curto prazo, como a imagem de um candidato, as informações provenientes dos meios midiáticos e as campanhas eleitorais.

A escola sociológica do voto atribui considerável importância aos efeitos do contexto social para as atitudes dos indivíduos e, conseqüentemente, sua escolha eleitoral. Os diversos pertencimentos sociais dos eleitores, como idade, etnia, religião e classe social, não induzem o indivíduo a se comportar de determinada forma *per se*, mas determina o contexto de convivência daquela pessoa. Dessa forma, sendo membro de um grupo, o eleitor tende a compartilhar as experiências de vida, os contatos e os

interesses dos demais votantes que fazem parte do mesmo corpo coletivo. Por isso, os grupos sociais tendem a ter comportamentos políticos similares. A partir do conhecimento das características sociodemográficas, é possível prever o comportamento mais esperado do indivíduo (BERELSON *et al.*, 1954).

Quando Berelson *et al.* (1954) desenvolveram seu estudo de painel nos Estados Unidos em busca de compreender como fatores tais quais as atitudes precedentes, expectativas, contatos pessoais e afiliações de grupos exercem impacto na decisão final do voto, descobriram que o indivíduo é produto de diversas condições e influências sociais. As afiliações socioeconômicas e étnicas, seu ambiente familiar, tradição, associações pessoais, atitudes em relação aos temas da atualidade e o pertencimento a organizações e associações são elementos relevantes para compreender seu comportamento político.

No processo de decisão eleitoral, as interações pessoas são cruciais e, como elas ocorrem dentro dos contextos coletivos em que o indivíduo está inserido, tal ambiente é extremamente importante para compreender suas preferências. Em outras palavras, as opiniões individuais são formadas através de conversas com pessoas próximas. É por meio dessas conversas que as disposições vagas que as pessoas possuem sobre os mais diversos assuntos são cristalizadas em atitudes, atos ou votos. Por isso, a influência pessoal é crucial no processo de formação de preferências. Os autores de “Voting” pontuam, ainda, que existem três níveis distintos de interações sociais: grupos primários, representado pelos familiares e amigos, organizações, como partidos políticos ou sindicatos; e unidades sociais mais amplas, como as regiões ou o país. Como a convivência e as conversas interpessoais se concentram no interior dos grupos primários, é neste nível em que se encontra a maior influência social vivenciada pelo indivíduo. Contudo, quando os grupos primários não são politicamente homogêneos, a tendência é a de que os contextos mais distantes exerçam efeito nas preferências individuais.

Muitas vezes o indivíduo está exposto a diversos grupos sociais que podem exercer influências contrárias no processo de formação de suas preferências. Esta condição é denominada como uma situação de “*cross-pressure*”, ou “pressões cruzadas”, cuja combinação de características em determinado contexto social

tenderiam a levar o indivíduo a votar em ambos os candidatos. Como a probabilidade em se votar em determinado candidato é afetada pela posição na estrutura social, os fatores preditivos que levam o eleitor a diferentes posições pode instalar esta situação de “*cross-pressure*”. O indivíduo que se encontra nessa situação, tende a mudar sua intenção de voto ao longo da campanha eleitoral, realizar sua decisão tardiamente ou, ocasionalmente, não votar, optando pela abstenção. Entretanto, na maioria das vezes, após as oscilações de preferência ao longo do processo eleitoral, o indivíduo exposto às pressões cruzadas tende a retornar para a direção do voto que é “natural” para ele em função de seu contexto de convivência. Isso ocorre porque o eleitor sujeito a oscilações “turn to their social environment for guidance, and that environment tends to support the party that is ‘right’ for them also”. (BERELSON *et al.*, p.293).

Nas pesquisas conduzidas pelos especialistas de Columbia, percebia-se frequentemente que dentre os casos de hesitações acerca de qual candidato escolher, as pessoas entrevistadas manifestavam a realização de uma consulta ou discussão com um amigo, cônjuge, pai, irmão ou mãe, cuja figura representava uma posição de maior “autoridade” em relação à política. Portanto, os eleitores hesitantes geralmente consultavam a uma pessoa de seu círculo social a qual consideravam como conhecedora do assunto, antes de definir sua própria escolha.

Tais pesquisas concluíram que as intenções de voto que demonstravam menor probabilidade de encontrar apoio no contexto social do eleitor eram as mais instáveis. As pessoas tendem a abandonar as opiniões consideradas “desviantes” em seu meio de convivência e aderem às posições mais consistentes para aquele grupo. Em síntese, as características sociais atuam como predisposições ao voto e a teoria sociológica prevê que grupos compartilhem das mesmas preferências políticas:

Intentions supported by one’s social surroundings are more predictably carried out than are intentions lacking support. In the field of voting this can be formulated as the ‘rule of political predisposition’. If we find, at the beginning of a political campaign, that certain demographic characteristics are correlated with a particular vote intention, then those who possess the predisposing characteristics are more likely than those without them to carry out this intention on election day (BERELSON *et al.*, p.283)

Ao final dos anos 1950, a chamada Escola de Michigan elaborou a explicação psicológica ou psicossociológica do voto, na qual o indivíduo passa a ser a unidade de

análise fundamental para a explicação do comportamento político, pois o voto é compreendido como uma ação individual que não é apenas fruto de disposições coletivas: “(...)voting is in the end an act of individuals, and the motives for this act must be sought in psychological forces on individual human beings” (CAMPBELL *et al.*, 1960, p.64). Por isso, o voto deve ser analisado a partir de elementos psicológicos. Nesse sentido, as atitudes, crenças e percepções dos eleitores acerca dos temas e objetos da política são relevantes para compreender sua decisão final, apesar de que não se deve descartar a influência dos fatores estruturais provenientes do contexto social em que o indivíduo está inserido para compreender sua conduta final.

Converse *et al.* (1960) criaram a metáfora do “funil de causalidade” para explicar o comportamento político. Esta conduta individual é uma ação complexa, que envolve elementos políticos do passado e do momento presente do votante. Imaginando-se que o início do funil corresponde a aspectos primários que influenciam o voto - ação que se encontra ao final do funil - é possível visualizar a existência de um mecanismo causal ao longo do percurso, em que vários efeitos de fatores diversos influenciam outros fatores subsequentes até que se chegue ao resultado final.

A metáfora do funil permite distinguir os fatores de influência tomados como distantes (fatores históricos e socioeconômicos, valores e atitudes, grupos de pertencimento) dos fatores próximos (temas, candidatos, campanha, situação política e econômica, entre outros). Na entrada do funil estão as características sociológicas, sociais e familiares que influenciam as demais. Tais características contextuais impactam a estruturação da identificação partidária do indivíduo, que, por sua vez, tem papel decisivo na avaliação dos candidatos, percepção dos temas e conversas sobre política. São estas atitudes em direção aos temas e objetos políticos que direcionam o voto, localizado na saída do funil. O elemento “identificação partidária” é, ao mesmo tempo, resultado da conjugação dos fatores de longo prazo e fator moderador do efeito que os elementos de curto prazo exercem sobre o comportamento eleitoral. Ele é o principal elemento a se considerar para compreender o voto, conforme esclarece Antunes (2008, p. 28):

O conceito central deste modelo do comportamento eleitoral é o de identificação partidária, que é concebida como uma afinidade psicológica, estável e duradoura em relação a um partido político, que não se traduz necessariamente numa ligação concreta,

designadamente, inscrição, militância ou votação consistente e sistemática nesse partido.

A identificação partidária é, portanto, o elemento-chave na compreensão da decisão do voto, pois funciona como um filtro perceptivo, através do qual os eleitores valorizam aquilo que é favorável à orientação do partido com o qual estabelecem um vínculo afetivo e ignoram ou desvalorizam aquilo que lhe é desfavorável. Em outras palavras, ela atua como um instrumento de leitura das propostas eleitorais dos candidatos e estabelece a conexão entre os fatores passados (distantes) e presentes (próximos) no funil de causalidade.

Este elemento que estabelece um vínculo de lealdade entre eleitor e partido político possui um caráter psicológico, afetivo e é adquirido através do processo de socialização, por influência dos valores e atitudes da família, dos colegas e dos pares. A identificação partidária não induz mecanicamente ao voto no candidato que pertence àquele mesmo partido, mas influencia o ato de votar na medida em que impacta as demais atitudes do indivíduo que estão relacionadas com sua escolha eleitoral.

Converse *et al.* (1960) deixam claro o fato de que a identificação partidária representa um vínculo psicológico do indivíduo e seu partido, sendo diferente do histórico do voto daquele sujeito. Isso porque a identificação partidária, de natureza subjetiva, tende a ser estável ao longo do tempo, mas o voto corresponde a uma ação momentânea objetiva, que pretende, por sua vez, ser explicada pelo efeito da lealdade partidária. A natureza da identificação partidária e do comportamento eleitoral é distinta e não significa que ambos coincidam em todas as ocasiões. Como a identificação partidária é um elemento de longo prazo, raramente ocorrem mudanças nesta variável, ainda que isso seja possível. Tal reorientação pode ocorrer quando os fatores que estão na origem da identificação partidária, cujo caráter é estrutural, sofrem alterações. Por exemplo, quando há mudança intensa no grupo de inserção social do indivíduo ou transformações do regime político ou do sistema partidário. Por sua vez, os fatores de curto prazo são capazes de alterar a opção eleitoral do votante em uma dada eleição, sem, no entanto, modificar sua identificação partidária.

Finalmente, a identificação partidária atua como um atalho informativo, moldando as atitudes do eleitor em direção aos elementos da política. A política e o funcionamento do governo possuem uma complexidade alta, cujas informações o

votante não é capaz de obter através da própria experiência pessoal. Nesse sentido, o conhecimento político do eleitor é limitado. Por isso a importância da identificação partidária na orientação de seu envolvimento com a política, pois este elemento funciona como um atalho simples para obter informação e avaliar o mundo político (CONVERSE *et al.*, 1960). Os indivíduos que possuem uma identificação partidária tendem a ser mais envolvidos e interessados na política: “The stronger the individual’s sense of attachment to one of the parties, the greater his psychological involvement in political affairs” (CONVERSE *et al.*, 1960, p.143). Por sua vez os independentes costumam apresentar menor interesse, conhecimento e envolvimento em política.

O terceiro modelo de voto que iremos apresentar é a teoria da escolha racional, que originou-se no trabalho *An Economic Theory of Democracy*, de Anthony Downs (1957). Downs assume que eleitores e partidos políticos são atores racionais, que buscam maximizar seus ganhos de acordo com o fim que perseguem. O fim dos partidos políticos é ganhar as eleições, ao passo que o objetivo dos eleitores é eleger o governo que mais lhes proporcione benefícios próprios (DOWNS, 1957). Partidos e eleitores atuam como consumidores em um “mercado político”, onde os partidos querem vender seus produtos e os cidadãos assumem o papel de consumidores, que irão escolher os produtos que maximizem a utilidade de seus ganhos.

Os indivíduos possuem preferências que podem ser hierarquizadas e, para optar por uma alternativa, realizam um cálculo racional das diferenças dos benefícios que cada partido pode lhes trazer, procurando maximizar seus ganhos e reduzir os custos:

Cada cidadão, no nosso modelo, vota no partido que ele acredita que lhe proporcionará uma maior renda de utilidade do que qualquer outro durante o próximo período eleitoral. Para descobrir qual partido é esse, ele compara as rendas de utilidade que crê que receberia, caso cada partido estivesse no poder. A diferença entre essas duas rendas de utilidade esperadas é o *diferencial partidário esperado* do cidadão. Se for positivo, ele vota nos ocupantes do cargo; se for negativo, vota na oposição; se for zero, se abstém. (DOWNS, 1957, p.60)

Como a política é um assunto complexo e a obtenção de informações completas pode apresentar custos altos, a ideologia funciona como um atalho cognitivo. Downs (1957) argumenta que eleitores e partidos podem ser localizados em uma escala ideológica que vai da esquerda para a direita. Na escolha do partido em que votar, o eleitor identifica aquele que está mais próximo de seu próprio posicionamento em tal

contínuo ideológico. Por sua vez, os partidos tenderão a se posicionar num ponto da escala que maximize o número de votos de eleitores.

Além de identificar o partido que se encontra mais próximo de suas preferências políticas, cada cidadão também avalia a possibilidade desse partido vencer as eleições. Se o votante identifica que seu partido preferido não tem chances de ser eleito, ele pode racionalmente optar por outra oferta que corresponda a uma ideologia mais próxima de sua própria localização dentre as demais. Sua escolha se baseia igualmente na avaliação do risco de as eleições serem vencidas por um partido político tido como indesejável. Essa conduta de votar em um partido que não necessariamente é o seu preferido, visando evitar a eleição daquele que mais lhe desagrada, corresponde ao voto útil.

Para a teoria da escolha racional, os fatores de curto prazo são muito importantes para compreender o voto, pois são informações abordadas nos cálculos de utilidade feitos pelos eleitores no momento de realizar sua decisão. Não há predisposições sociais ou psicológicas que atuem na racionalidade do voto. Por isso, elementos como a percepção que o votante possui sobre os candidatos, o desempenho do governo, as realizações passadas dos pleiteantes e suas promessas futuras pesam mais na escolha eleitoral do que as afiliações partidárias e sociológicas (MAYER, 2007).

A partir dos anos 1970, os modelos clássicos de comportamento eleitoral começaram a perder força explicativa, devido ao fato de não conseguirem esclarecer de forma satisfatória a crescente volatilidade dos eleitores ou o fortalecimento de partidos anti-sistema, particularmente de extrema-direita (MAYER, 2007). À medida que os processos de decisão eleitoral foram se tornando mais e mais voláteis, difíceis de prever com base nas variáveis estruturais clássicas das teorias sociológica e psicológica apresentadas acima, a atenção dos pesquisadores se voltou para novos elementos que poderiam ser capazes de elucidar tais mudanças.

Nos Estados Unidos, por exemplo, verificou-se uma proporção crescente de eleitores que entre duas eleições votavam em partidos diferentes, além da considerável queda na identificação partidária dos eleitores. Tal conceito deixou de apresentar a mesma capacidade preditiva das décadas passadas. Além disso, verificou-se que, com o passar dos anos, os jovens se identificavam cada vez menos com os partidos de seus pais (NIE, VERBA & PETROCIK, 1976). Na Europa, por sua vez, onde o papel das

estruturas sociais na política sempre foi mais forte, a divisão esquerda-direita - anteriormente considerada um dos principais fatores estruturadores do espaço político - foi também perdendo o poder em prever o voto. Constatações como essas geraram questionamento dos modelos considerados “deterministas” e colocou em evidência o eleitor individualista, racional, estratégico e mais reativo ao contexto (MAYER, 2007).

Apesar de a teoria da escolha racional proporcionar este enfoque no indivíduo, atribuindo importância aos fatores de curto prazo para a elaboração de sua preferência política, ela dá uma atenção quase exclusiva ao papel dos aspectos de natureza econômica. Por esta razão, este modelo também nos parece insuficiente para compreender o comportamento eleitoral em um contexto onde novas temáticas, como a imigração e a integração europeia, emergem. A maneira como estas questões têm sido articuladas pelos partidos de extrema-direita não está vinculada estritamente à esfera econômica, mas colocam constantemente em evidência a dimensão cultural dos fenômenos como a globalização, a imigração e a União Europeia. Além disso, as mudanças provocadas pela globalização e pela construção de instituições supranacionais dificulta a responsabilização das ações dos atores governamentais (KRIESI, 2014), pois as cadeias de delegação são complexas e pouco transparentes, o que interfere no processo de *accountability* dos governantes e, conseqüentemente, na avaliação de suas ações por parte dos eleitores.

Os autores Nie, Verba e Petrocik (1976) argumentaram que estaria emergindo um novo modelo de votante, que basearia sua escolha nos *issues* de cada eleição. Os eleitores mais instruídos e informados tenderiam a examinar os diferentes posicionamentos dos candidatos acerca dos temas mais importantes das eleições, votando naquele que estaria mais próximo de sua própria posição sobre o tema. Nesse sentido, o voto não estaria atrelado à etiqueta política do candidato, mas sim de seus posicionamentos pontuais em relação a *issues*. Tal dinâmica, de acordo com os autores de “The Changing American Voter” (1976), seria resultado do crescente individualismo e autonomização das sociedades, em que o eleitor racional adapta seu voto às grandes questões políticas, sociais e econômicas do momento, o que faz com que sua escolha seja mais volátil e menos atrelada a predisposições psicológicas ou clivagens sociais.

3. Novas dimensões do comportamento eleitoral: qual a importância dos valores?

Nas últimas décadas, a Europa tem passado por importantes mudanças políticas, especificamente referentes aos partidos políticos e ao comportamento dos eleitores. Vários estudiosos identificam modificações estruturais nas democracias mais avançadas. Essas mudanças apresentam como alguns sintomas a instabilidade das escolhas eleitorais, a crescente volatilidade e fragmentação dos sistemas partidários, realinhamentos eleitorais ou mesmo a introdução de novos temas e novas clivagens políticas (INGLEHART, 1977; KITSCHOLT, 1995; THOMASSEN, 2005; DALTON, 1996), características estas que anteriormente não eram expressivas nas democracias consolidadas, cuja tendência predominante era a estabilidade das escolhas eleitorais. Como as escolas sociológica e psicológica do comportamento eleitoral são importantes para analisar, sobretudo, contextos estáveis, surgiu a necessidade em se elaborar outras teorias para explicar o comportamento em contextos de “desalinhamentos”, como se propõe a abordagem de valores.

Autores como Dalton (1996) consideram que estas sociedades estariam entrando no período da “New Politics”, onde novas clivagens políticas, diferentes das clivagens tradicionais encarnadas pela esquerda e direita que mantinham estreitos vínculos com setores sociais específicos do eleitorado, estariam ganhando força no cenário político. Isso teria impacto nos partidos, nas campanhas, na competição política e na lógica da decisão do voto. Para este autor, o período da “New Politics” corresponde à introdução de novos temas na arena política desde meados dos anos 1970, tais como o ambientalismo, os direitos das minorias e a igualdade social. Esses temas passam a diferenciar o eleitorado em termos de suas preferências políticas de uma maneira distinta das clivagens sociais tradicionais, pois têm o poder de dividir os indivíduos em relação a posicionamentos mais etnocêntricos ou universalistas, por exemplo, transgredindo os limites classistas que as clivagens tradicionais originavam.

Enquanto as clivagens tradicionais vinculavam-se estreitamente aos elementos sócio-estruturais tais como a religião, a classe social e outros pertencimentos identitários referentes a grupos e coletividades, as novas clivagens são edificadas com base nas orientações individuais dos eleitores, sendo estes mais autônomos e independentes dos grupos sociais no momento da decisão do voto. Nesse sentido, o voto

tem adquirido, ao longo do tempo, um perfil muito mais individualista do que no passado. Os eleitores decidem menos em termos de identificação partidária e de outras identidades coletivas, e mais em função da sua análise pessoal da situação, o que faz com que suas orientações diante de *issues* específicos, ou a afirmação de um sistema pessoal de valores pareçam marcar de forma relevante a intenção de voto. Para Ignazi (1993, p. 2): “voting is no longer the confirmation of the belonging to a specific social group but becomes an individual choice, an affirmation of a personal value system: the ‘issue voter’ replaces the traditional ‘party identification voter’”.

Para explicar as profundas mudanças nas preferências eleitorais, Inglehart (1977) defendeu a emergência de novos valores – pós-materialistas – nas sociedades pós-industriais, em oposição aos valores materialistas que no passado seriam predominantes. As questões como a economia, a segurança física, a religião e a autoridade passariam a ter reduzida importância para a política dessas sociedades, dando espaço para a preocupação prioritária dos eleitores e partidos políticos com o meio-ambiente, a qualidade de vida, a igualdade de direitos e a maior participação dos cidadãos nas decisões governamentais.

A teoria do pós-materialismo defendida por Inglehart (1977) prevê um aumento da adesão a valores pós-materialistas à medida que as sociedades se desenvolvem economicamente e passam pelo processo de ampliação do acesso à educação. No sentido apresentado por esta teoria, as sociedades passam por mudanças geracionais em termos de orientações valorativas, apresentando posturas prioritariamente voltadas para a qualidade de vida e a auto-expressão, visto que os indivíduos não devem mais se preocupar fundamentalmente com situações de escassez em meio à instabilidade econômica. Estariam compreendidas dentro desta perspectiva pós-materialista posturas e atitudes mais críticas e participativas, mais interessadas na política e mais democráticas, direcionadas à defesa da igualdade de gênero, direito dos homossexuais, aborto e respeito à diferença de uma forma geral.

A ideia de Inglehart (1977) é a de que estaria em curso uma “revolução silenciosa”, correspondente a uma mudança gradual de valores em direção à dimensão pós-materialista. As gerações mais jovens, escolarizadas e materialmente estabelecidas, posto que nascidas em uma época de pleno crescimento econômico, tenderiam a aderir

cada vez mais a estes valores, os quais teriam também contribuído para o nascimento dos partidos ecologistas e libertários de esquerda ao final do século XX, considerados os herdeiros destas novas demandas da sociedade pós-industrial.

O autor da tese dos valores pós-materialistas previa o fortalecimento dos partidos ecologistas, mas não prognosticou a emergência da outra família mais atual de partidos, a da extrema-direita. Por esta razão, de maneira análoga à ideia de Inglehart, Piero Ignazi (1993) interpretou o crescimento dos partidos de extrema-direita como uma “contrarrevolução silenciosa”, correspondente a uma reação não-materialista diante da emergência das tendências pós-materialistas incorporadas pelos novos partidos de esquerda.

the value change emphasized by Inglehart with his famous thesis of the “silent revolution” (Inglehart, 1977) and reinforced by Dalton’s “new politics” (Dalton, 1988), has, at first, affected the left side of the political space, but then it has stimulated a reaction on the right side. (...) as a result, authority, hierarchy, patriotism, the role of the family and traditional moral values have been partly re-emphasized and partly redefined in response to post materialist issues. (...) Changes in the cultural domain and in mass beliefs have favoured radicalization and system polarization on one side, and the emergence of attitudes and demands not treated by the established conservative parties on the other one. These two broad changes have set the conditions for the rise of extreme right parties. (IGNAZI, 1992, p.2)

A emergência dos partidos libertários e ecologistas de um lado do espectro político-ideológico, cuja principal motivação seria a defesa dos valores seculares e de auto-expressão, teria sido contrabalanceada pela ascensão dos partidos de extrema-direita, localizados na outra extremidade do mesmo espectro. Estes partidos, por sua vez, estariam preocupados com a defesa dos valores tradicionais e morais, com o patriotismo, reforço da lei e da ordem, xenofobia, entre outras temáticas. Eles são interpretados como os defensores do neoconservadorismo, pois se apresentam ao público como uma resposta pós-materialista à agenda da “New Politics”, em contraposição à nova esquerda.

the New Left issues (...) have helped to crowd the economic issues off the agenda and have provoked the emergence of the (...) New Right set of moral and religious issues. (...) This new set of issues includes right to life, anti-women liberties, creationism, anti-pornography, support for traditional and moral values, strong defense, patriotism, law and order enforcement, anti-minority rights, xenophobia”. (INGLEHART & FLANAGAN, 1987, p. 1308, 1312).

Para estes novos grupos de partidos e eleitores, a dimensão cultural passa a ter mais importância do que as orientações meramente econômicas. A interpretação de Kitschelt (1995) acerca deste fenômeno explica que o fim da União Soviética deslocou o eixo da competição partidária da questão fundamentalmente econômica - que colocava em disputa a defesa do socialismo *versus* o capitalismo - para o eixo de valores, relacionado à vida em sociedade, direitos individuais e papel do Estado no plano das condutas das pessoas – que vai de uma postura autoritária até uma postura liberal. Nesse sentido, orientações valorativas estariam adquirindo crescente importância, não só para o posicionamento dos partidos políticos, mas também para a escolha do eleitor.

Em sociedades onde as ideologias e identidades políticas passam a ter poder estruturante reduzido na vida dos eleitores, outros elementos relacionados a orientações individuais crescem em termos do papel exercido na decisão do voto e na participação política. Uma das razões para esta tendência é o fato de as plataformas econômicas dos principais partidos políticos terem se assemelhado drasticamente. Diante de ofertas cada vez mais indiferenciáveis no plano econômico, o eleitor passa a se orientar pelos elementos que mais distinguem as alternativas políticas e estes elementos possuem fundamentos culturais. Conforme coloca Kriesi *et al.* (2012, p. 19) ao abordar a tese da convergência elaborada por Kitschelt:

If economic alternatives are no longer feasible for those who habitually govern or if voters no longer count on parties to propose economic alternatives, opposition to globalization can still be persuasively framed in cultural terms. This is the core of the convergence hypothesis, which argues that in a world where centre-right and centre-left parties – that is, the parties that habitually govern – converge over economics, voters become indifferent to them and increasingly vote for parties clearly distinguishable on cultural grounds (KITSCHELT, 2007).

O eleitor leva em conta prioritariamente elementos de ordem individual e pessoal para fazer sua escolha político-partidária e essa escolha pode ser, em grande medida, influenciada por seus valores. Os valores são orientações atitudinais direcionadas a diferentes conceitos sociais, econômicos e políticos, como ordem, liberdade, direitos políticos, igualdade, o Estado de Bem Estar Social, impostos, o papel do Estado, aborto, religião, participação civil, meio-ambiente, diversidade étnica, entre outros (MORENO, 2013, p.6). Abrangem, portanto, uma variada gama de temas

relacionados à visão do indivíduo sobre o que consiste uma sociedade desejável a seu ver. As orientações valorativas dos indivíduos podem estar por trás de suas atitudes. Por exemplo, as atitudes anti-imigração podem ser motivadas por valores de intolerância étnica e cultural, de oposição à diversidade e etnocentrismo. Valores tendem a ser estáveis no tempo, mas não são imutáveis. Eles podem orientar os posicionamentos dos indivíduos diante dos mais variados temas, motivando determinadas atitudes, inclusive políticas.

Apesar da crescente importância desta dimensão valorativa para o posicionamento de partidos e eleitores, tradicionalmente há pouca atenção das pesquisas sobre comportamento eleitoral direcionada ao tema. Gunther e Hsin-chi (2007) alertaram para a existência de uma lacuna na literatura sobre comportamento eleitoral, a qual é desprovida, segundo eles, de análise comparativa sobre o impacto de clivagens de valores no voto. Uma razão para esta lacuna é o fato de que os paradigmas dominantes ignoraram a existência de clivagens de valores entre os eleitores.

Conforme vimos, a escola sociológica procurou compreender o contexto no qual as decisões políticas ocorrem, focando nos canais pelos quais a informação política é conduzida, mas não explorou o conteúdo específico de tal informação. O paradigma da Escola de Michigan atribuiu centralidade à dimensão psicológica do voto, fornecendo atenção às atitudes e crenças do eleitor individual, mas sua preocupação é quase limitada às lealdades partidárias, as quais interagem com outras atitudes direcionadas a candidatos e *issues* específicos de cada campanha, sem abranger um sistema mais complexo de orientações valorativas que perdurem no tempo e que motivem atitudes políticas.

O enfoque de clivagens sociais que predominou na abordagem europeia, originada na teoria de Lipset e Rokkan (1957), estava ancorada no paradigma socioestrutural, em que os principais conflitos sociais baseados na religião, classe, língua, cultura ou etnia, deram origem às clivagens políticas. Na dimensão individual, estas clivagens foram operacionalizadas de forma restrita através do contínuo ideológico que vai da esquerda à direita, mas que é unidimensional (GUNTHER & HSIN-CHI, 2007). O caráter unidimensional deste espectro é incapaz de refletir o posicionamento

do eleitor em relação a temáticas que não necessariamente obedecem à mesma direção de orientação.

O voto econômico, por sua vez, buscou compreender o comportamento eleitoral como um produto das reações individuais às condições econômicas de curto prazo, ignorando, assim, outras dimensões que suscitam a orientação do eleitor, assim como a influência de um sistema de crenças estabelecido nas escolhas individuais circunstanciais. Basicamente nenhum dos paradigmas dominantes da literatura sobre comportamento eleitoral lida explicitamente com oposições ou clivagens orientadas por valores (GUNTHER & HSIN-CHI, 2007).

Apesar de não se referir explicitamente aos valores e ao seu impacto nas competições eleitorais da Europa contemporânea, a teoria de Kriesi *et al.* (2012) está em consonância com as abordagens que apresentamos acima e fornece elementos adicionais para a compreensão das competições eleitorais a partir da dimensão cultural. As interpretações que apresentamos acima apontam para mudanças estruturais nas sociedades europeias desde os anos 1960-1970, cujo impacto se estenderia de forma intensa à política destes países. Kriesi (2005) destacou a relevância da globalização e da integração europeia para o posicionamento dos partidos políticos e para as atuais disputas nacionais dos países membros do bloco. O posicionamento de eleitores e partidos em relação a estes fenômenos e sua importância para a dinâmica interna dos países membros seria sintoma de um fenômeno mais generalizado de conflito que coloca em evidência a clivagem integração *versus* demarcação, desencadeado pelo avanço do processo de globalização.

En accroissant la compétition au niveau économique (ouverture des frontières), culturel (migrations et minorités ethniques) et politique (nouveaux acteurs transnationaux), la mondialisation génère des gagnants, ceux qui ont les qualifications nécessaires pour en bénéficier, cosmopolites et ouverts à l'international, et des perdants protectionnistes, repliés sur leurs identité nationale, qu'ils le soient objectivement ou qu'il se perçoivent comme tels, dressés contre le changement social, culturel et politique, que s'appuieraient en priorité les nouvelles droites populistes et xénophobes (MAYER, 2012, p. 145)

A nova clivagem originária da globalização opõe dois grupos que possuem orientações opostas: de um lado aqueles que defendem o modelo cosmopolita, cujos recursos humanos, financeiros e políticos os permitem tirar benefícios da crescente

integração da esfera internacional; do outro, os que procuram se fechar mais e mais nas fronteiras nacionais e na comunidade identitária de referência, através da incorporação de um posicionamento nacionalista, protecionista e culturalmente fechado. O segundo grupo, dos chamados “perdedores da globalização”, é composto pelos setores da população que mais possuem dificuldades em se adaptar às rápidas e profundas mudanças desencadeadas pelos processos de integração europeia, multiculturalismo, etc. Portanto, tendencialmente são desprovidos de capital econômico, possuem capital cultural mais reduzido e pertencem às classes populares. A condição de estarem sendo prejudicados com os diferentes fenômenos decorrentes da globalização, ou a simples percepção de estarem em tal situação, os leva a procurar alternativas políticas que garantam sua proteção.

Os “perdedores da globalização” são o público-alvo dos partidos de extrema-direita, que prometem insulá-los no modelo nacional como forma de proteção face às ameaças da globalização. Por isso, este grupo de eleitores é caracterizado por um posicionamento nacionalista, protecionista e contrário ao multiculturalismo.

Em que medida os eleitores de Marine Le Pen podem ser identificados como o público caracterizado como os “perdedores da globalização”? Quais são suas motivações para a escolha eleitoral a favor da extrema-direita e qual o papel das preferências culturais em tal decisão? Em quais aspectos tais eleitores se diferenciam ou se assemelham dos eleitores dos outros partidos políticos? Estas são as indagações que pretendemos responder na análise deste capítulo.

4. Hipóteses

O interesse deste capítulo é compreender a lógica do voto em Marine Le Pen, particularmente o efeito que as orientações valorativas dos indivíduos possuem neste tipo de escolha eleitoral. A partir da discussão que apresentamos na seção anterior, podemos esperar que os valores tenham efeito significativo no voto em Marine Le Pen em 2012, especificamente aqueles voltados para uma postura nacionalista e fechada diante da globalização e seus efeitos, como a imigração e a integração europeia. Se os valores são importantes para explicar a preferência pela extrema-direita na França, os

indicadores desta ordem deverão apresentar efeito estatisticamente significativo na variável dependente mesmo quando controlados por outros indicadores, como as características sociodemográficas dos votantes, suas atitudes políticas e avaliação da economia.

Em função das orientações do próprio partido e da importância que as temáticas culturais têm ganhado nas disputas contemporâneas, espera-se que (H.1) quanto maior a orientação xenófoba do indivíduo, maior será sua chance de votar em Marine Le Pen. O mesmo é esperado em relação ao sentimento eurocético, pois os eleitores que percebem a integração europeia como uma ameaça à soberania e identidade nacionais tendem a preferir alternativas políticas nacionalistas. Dessa maneira, espera-se que (H.2) quanto maior a orientação eurocética do eleitor, maiores as chances de se optar por Marine Le Pen. Conforme vimos nas discussões anteriores, os partidos de extrema-direita em geral e o FN em particular defendem propostas conservadoras no plano societário. Nesse sentido, tais partidos defendem o reestabelecimento da pena de morte, a criminalização do aborto, são contrários aos direitos dos homossexuais (casamento e adoção), entre outros, o que os aproxima dos valores materialistas dentro da teoria de Inglehart (1977). A hipótese em relação aos valores conservadores é a de que (H.3) quanto maior a orientação conservadora dos eleitores, maior a probabilidade de se votar no FN.

Em relação às variáveis sociológicas, acreditamos que determinados pertencimentos sociais exerçam efeito no voto FN. Espera-se que (H.4) quanto maior a escolaridade, menor a probabilidade de se votar no FN, pois, conforme vimos anteriormente, estudos formais mais longos tendem a estar vinculados com atitudes de tolerância, abertura à diversidade cultural e apoio à globalização. Em relação ao sexo, outros estudos demonstraram que mulheres possuem menor probabilidade em optar pelo FN, pois elas se sentem hostis em relação ao posicionamento conservador do partido no plano societário (MAYER & PERRINEAU, 1990), por esta razão, esperamos que (H.5) ser do sexo masculino aumente a probabilidade em se votar no FN; (H.6) No que se refere à religião, quando comparados aos eleitores de esquerda, espera-se que ser católico aumente as chances de se votar no FN. Mas em relação aos eleitores da direita, a religião não exerceria impacto na escolha por Marine Le Pen. (H.7) Ser operário ou

empregado aumenta as chances em se optar por Marine Le Pen, assim como (H.8) quanto mais jovem, maior a probabilidade em se votar no FN.

Em relação às crenças e atitudes políticas, espera-se que (H.9) não possuir preferência partidária irá favorecer as chances de se optar por Marine Le Pen, pois a ausência de identidade partidária pode ser compreendida como um sintoma de desafeição política, sentimento que motivaria os eleitores a votarem em partidos anti-sistema ou antidemocráticos. A desafeição política corresponde ao envolvimento psicológico dos cidadãos com a política (MONTERO, GUNTHER & TORCAL, 1998) e alguns estudos argumentam que tal envolvimento tem diminuído nas últimas décadas, pois as pessoas sentem que suas ações e atitudes não podem influenciar as decisões dos governantes. Consequentemente, elas tendem a se desinteressar pela política, se envolvendo menos com assuntos relacionados ao tema.

Outro indicador de desafeição política, a nosso ver, é a confiança dos cidadãos nos políticos (NORRIS *et al.*, 2006). A confiança nos parece ser um vínculo psicológico ou afetivo estabelecido entre eleitores e classe política, por isso compreendemos que este elemento indicaria desafeição política. Como o FN é um partido anti-sistema, que pretende se colocar como uma alternativa às ofertas predominantes do sistema político, esperamos que (H.10) possuir menor confiança nos políticos levará as pessoas a votarem mais em Marie Le Pen.

Por sua vez, a insatisfação com o funcionamento da democracia é um indicador de descontentamento político dos cidadãos. O conceito de descontentamento político refere-se à avaliação que as pessoas fazem acerca do rendimento do regime democrático (MONTERO, GUNTHER & TORCAL, 1998) e não da legitimidade deste tipo de sistema político em si. A expectativa é de que (H.11) estar mais insatisfeito com o funcionamento da democracia aumente as chances de se votar FN, pois tal voto corresponderia à manifestação de uma frustração com a forma como o sistema está funcionando, posto que o FN é um partido anti-sistema.

A ideologia foi uma variável extraída da corrente da escolha racional, entendida como um atalho cognitivo para coleta de informação por parte do eleitor. Como o FN é um partido de extrema-direita, acredita-se que (H.12) os eleitores que se auto-posicionam à direita no espectro ideológico irão votar mais nesse partido. A ideologia

não sintetiza apenas as preferências de política econômica dos eleitores, mas incorpora outras questões emergentes nas democracias contemporâneas (GUNTHER & HSIN-CHI, 2007). Nesse sentido, o posicionamento mais restritivo em relação à imigração, por exemplo, está mais vinculado ao campo da direita do que da esquerda e assim por diante.

Berelson *et al.* (1954) já chamavam atenção para a importância das escolhas políticas precedentes do eleitor para compreender suas decisões futuras, pois a preferência eleitoral tende a ser estável ao longo do tempo no que se refere ao partido político escolhido. Por isso, julgamos importante acrescentar uma hipótese sobre o efeito do voto nas presidenciais de 2007 sob a escolha de 2012 e, nesse sentido, acreditamos que (H.13) ter votado em Jean-Marie Le Pen no pleito precedente aumenta as chances de se optar por Marine Le Pen em 2012.

Como os temas econômicos possuem importância secundária para partidos e eleitores de extrema-direita, posto que as questões prioritárias desta tendência eleitoral são os temas culturais e políticos, (H.14) espera-se que a avaliação da economia não tenha efeito significativo no voto. A expectativa por este padrão também se justifica devido ao impacto reduzido que se espera que as variáveis de curto prazo exerçam no voto direcionado à extrema-direita. Como se acredita que os valores sejam determinantes para este tipo de escolha eleitoral e tais elementos são de longo prazo, pensamos que os fatores de curto prazo não atuarão de forma central nesta decisão.

5. Análise

Esta seção se dedicará à análise dos dados empíricos. Primeiramente, apresentaremos algumas informações sobre a fonte de dados consultada, em seguida descreveremos o perfil do eleitor da Frente Nacional. Quais são suas principais características e em que aspectos eles se assemelham ou se diferenciam dos demais eleitores? Após esta descrição, explicaremos a construção do modelo de regressão proposto. Ao final, iremos expor os resultados da análise e discutiremos sobre os principais achados.

5.1 Fonte de dados

Os dados de *survey* utilizados para a análise descritiva e para construção do modelo de regressão logística multinomial são provenientes da pesquisa *Enquête Électorale Française* (EEF) de 2012, realizada dentro do projeto de colaboração internacional *Comparative Study of Electoral Systems* (CSES) e disponibilizada pelo *Centre de Recherches Politiques de Sciences Po*. A amostragem da pesquisa englobou 2.014 respondentes, representativos da população francesa (continental) inscrita nas listas eleitorais. As entrevistas foram realizadas face-a-face no domicílio do respondente, entre os dias 09 de maio e 09 de junho de 2012. O trabalho de campo foi feito pelo instituto de pesquisas TNS-Sofres.

O estudo *Enquête Électorale Française* de 2012 consiste em um *survey* pós-eleitoral, realizado na sequência das presidenciais de 2012 sob a coordenação do professor e pesquisador da Sciences Po de Paris, Nicolas Sauger. Este *survey* está inserido na linha das grandes pesquisas eleitorais realizadas na França para todas as eleições presidenciais desde 1988 e recupera, portanto, uma série de indicadores que tradicionalmente foram sondados na série histórica. O questionário deste estudo inclui aproximadamente 300 variáveis sobre as atitudes e comportamento dos eleitores, seu contexto próximo e também sobre as condições de realização das entrevistas. O instrumento de coleta de dados compreende 16 módulos de questões, disponibilizados da seguinte forma:

- 1) Problemáticas do contexto eleitoral (*enjeux*)
- 2) Despesas públicas
- 3) Voto e posicionamento político
- 4) Condições e contexto de vida
- 5) Interesse por política
- 6) Preferências em matéria de política pública
- 7) Valores
- 8) Redistribuição e justiça social
- 9) Tributação e finanças públicas
- 10) Europa e globalização
- 11) Campanha (*mobilisation*)

- 12) Avaliação das políticas públicas
- 13) Riqueza e patrimônio
- 14) Conhecimento político
- 15) Sócio-demográficas
- 16) Avaliação do entrevistador

O questionário em seu formato original encontra-se disponível no Anexo 1 deste trabalho.

5.2 O eleitor da Frente Nacional

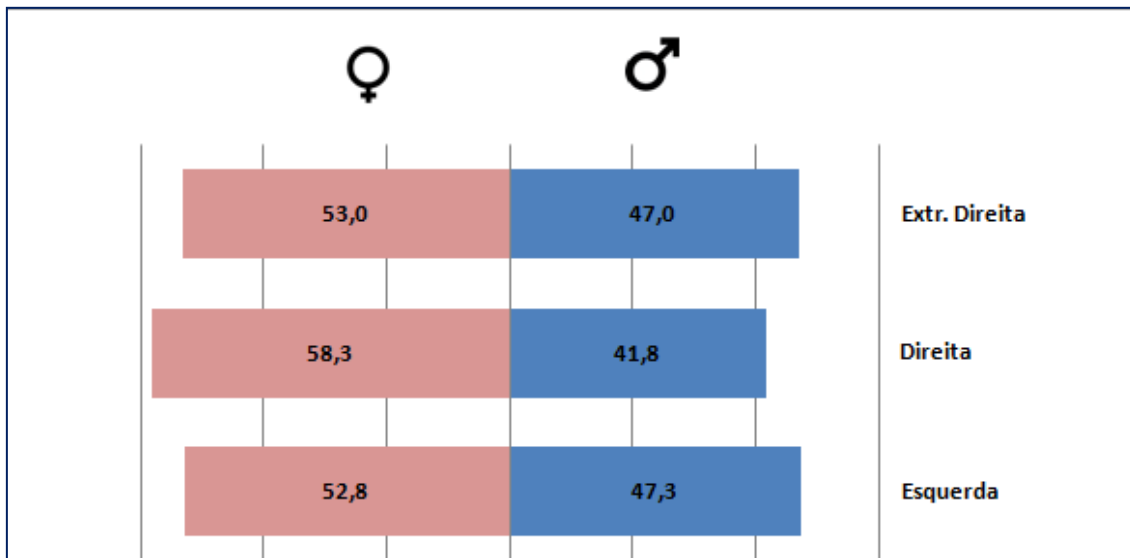
O eleitor da Frente Nacional possui algumas características marcantes que o diferenciam dos demais votantes, principalmente em função de suas orientações diante de temas ou políticas desejáveis. Contudo, como demonstrou Pascal Perrineau (1997), este eleitorado não corresponde a um perfil de votantes radicalizados da direita, tampouco pode ser associado ao estereótipo de nostálgicos do regime autoritário de Vichy:

L'électorat de l'extrême droite ne recouvre pas toutes les caractéristiques de la droite poussées à leurs extrêmes; il est un véritable entre-deux entre la gauche et la droite. D'un point de vue sociologique, démographique, ce n'est pas du tout l'électorat de la droite extrême, il emprunte beaucoup de traits sociaux et démographiques à l'électorat de la gauche (PERRINEAU, 1996, p.5)

Muitos estudos demonstraram que este grupo de eleitores tem um perfil jovem, predominantemente masculino, popular, portador de escolaridade média-baixa (PERRINEAU, 1997; PERRINEAU, 1996; LUBBERS & SHEEPERS) e claramente ancorado à direita, tanto do espectro ideológico, como no plano dos valores, se diferenciando dos outros votantes por sua visão etnocêntrica, autoritária e xenófoba (MAYER, 2012).

Vejamos a partir dos dados do *survey Enquête Électorale Française* de 2012 em que medida tais características persistem e quais aspectos diferenciam ou aproximam os votantes da extrema-direita dos demais grupos de eleitores.

Gráfico 5: Distribuição dos eleitores por sexo (%)



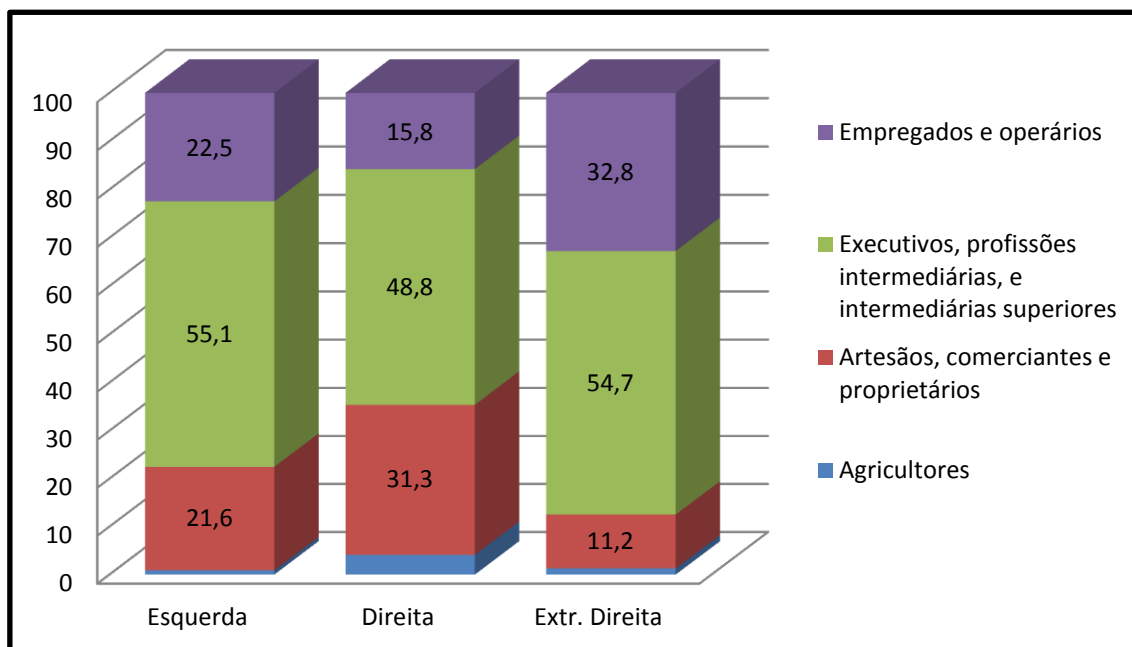
Fonte: Survey *Enquête Électorale Française* de 2012

Antes da liderança de Marine Le Pen, os homens sobressaíam como a principal parcela do eleitorado do FN em termos de gênero (PERRINEAU, 1997), mas nas últimas presidenciais, a distribuição dos eleitores do FN por sexo passou a se assemelhar àquela dos demais grupos de votantes. Proporcionalmente há mais mulheres do que homens dentro do eleitorado de todos os tipos de candidatos, mas dentre os candidatos da direita este percentual é ainda mais acentuado (58,3%) do que no grupo de eleitores de esquerda (52,8%) e da extrema-direita (53%). A parcela de homens e mulheres é mais próxima entre as categorias dos eleitores de esquerda e da extrema-direita, conforme observado no gráfico 5 acima. Provavelmente a figura de Marine Le Pen, uma liderança feminina, mais jovem, moderna e “amigável”, exerceu impacto na percepção das eleitoras francesas, tornando a oferta eleitoral frentistas mais atrativa.

Em termos do perfil sócio-profissional, o eleitorado do FN apresenta um caráter interclassista, assim como outros partidos de extrema-direita na Europa (KITSCHOLT, 1995; PERRINEAU, 1997). A progressiva inserção do FN nos meios mais populares tem sido observada desde meados dos anos 1990, quando o partido passou a ser o mais votado entre os operários e empregados (PERRINEAU, 1996). Conforme se observa no gráfico 6 abaixo, proporcionalmente há mais empregados e operários no eleitorado do FN, tanto comparado à categoria de eleitores da esquerda quanto da direita. É possível identificar, também, reduzida parcela de integrantes da pequena burguesia (artesãos,

comerciantes e proprietários) entre os eleitores do FN (11,2%), grupo que é mais expressivo na categoria da direita (31,3%), seguido pela esquerda (21,6%).

Gráfico 6: Distribuição dos eleitores por categoria sócio-profissional (%)



Fonte: Survey *Enquête Électorale Française* de 2012

No que se refere à idade, também encontramos semelhanças com os padrões de características encontrados em outros estudos (MAYER, 2012), que demonstram que o eleitorado da extrema-direita apresenta um perfil consideravelmente mais jovem. De acordo com os dados da tabela 5 abaixo, a média da idade dos eleitores do FN demonstram que esta categoria de votantes é mais jovem do que os demais. A diferença da média de idade chega a 1,4 anos a menos comparado com os eleitores da esquerda e a 8 anos mais jovens comparado com os eleitores da direita, categoria consideravelmente mais velha do que as demais.

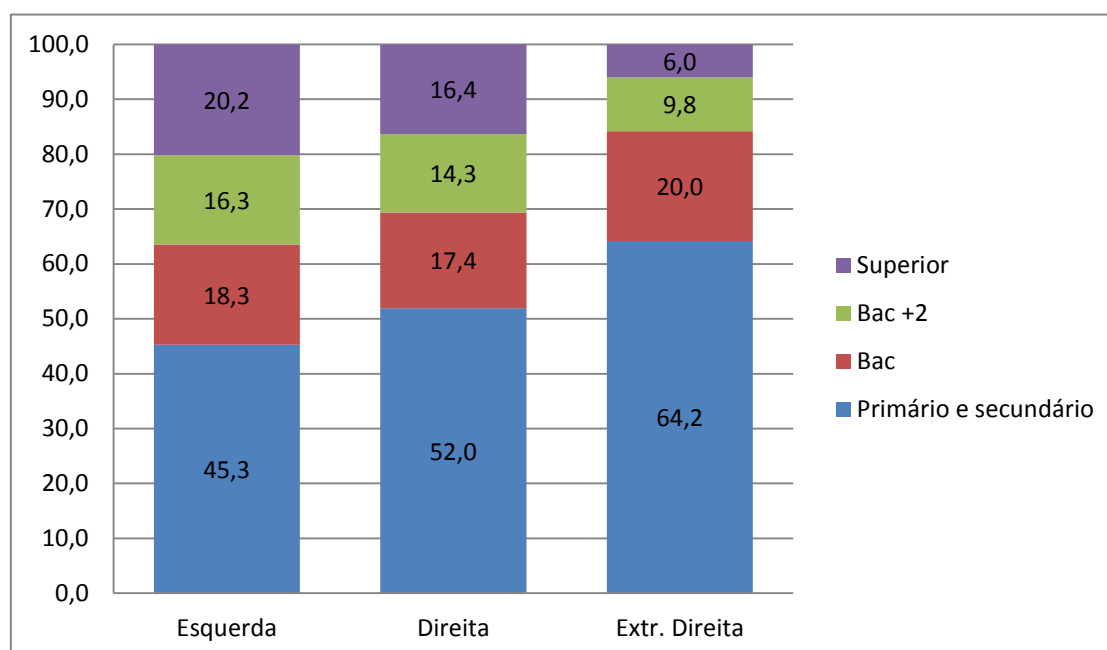
Tabela 5: Média de idade dos eleitores

Categoria de eleitores	Média de idade	Erro padrão	Observações
Esquerda	51,2	17,1	889
Direita	57,8	17,4	386
Extrema-direita	49,8	16,7	265

Fonte: Survey *Enquête Électorale Française* de 2012

Além de serem mais jovens e pertencerem às categorias socioprofissionais mais populares, os eleitores que votaram em Marine Le Pen em 2012 também apresentam escolaridade mais baixa quando comparados às categorias de eleitores da esquerda e da direita. O gráfico 7 abaixo demonstra tais diferenças, onde se observa que os eleitores do FN proporcionalmente possuem grau de instrução mais baixo que os demais. A parcela de respondentes com nível primário ou secundário corresponde a 64,1% dos que votaram em Marine Le Pen, ao passo que o mesmo grupo corresponde a 52% dos que votaram nos candidatos da direita e 45,3% da esquerda, categoria que apresenta maior escolaridade média. Por outro lado, enquanto a parcela de indivíduos com nível superior chega a 20,2% no grupo da esquerda, a mesma parcela é igual a 16,4% no grupo da direita e apenas 6% na categoria da extrema-direita, demonstrando a dificuldade que as ideias da extrema-direita têm em infiltrar os grupos de eleitores mais escolarizados.

Gráfico 7: Distribuição dos eleitores por escolaridade (%)

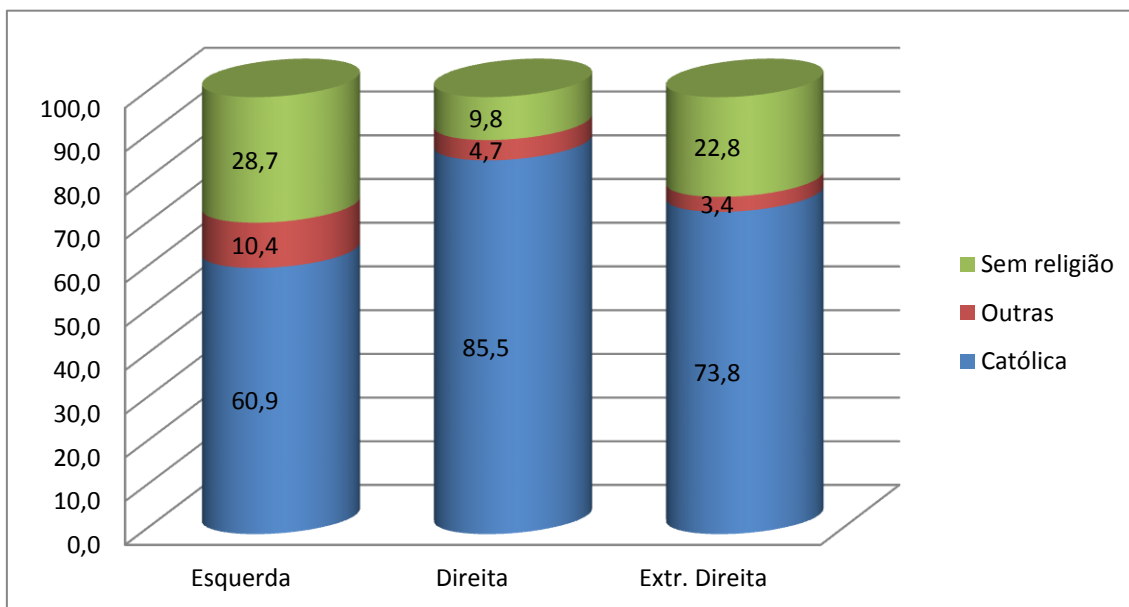


Fonte: Survey *Enquête Électorale Française* de 2012

No que se refere à religião, o eleitorado do FN é aquele que apresenta a maior proporção de respondentes sem religião (28,7%) e de outras religiões (10,4%), assim como a menor parcela de católicos (60,9%) comparativamente aos demais. O percentual

de católicos entre os votantes da direita chega a 85,5%, ao passo que a mesma categoria corresponde a 73,8% dos eleitores da esquerda, conforme demonstra o gráfico 8 abaixo.

Gráfico 8: Distribuição dos eleitores por religião (%)



Fonte: Survey *Enquête Électorale Française* de 2012

Quando analisamos o auto-posicionamento ideológico dos eleitores, verificamos clara tendência de localização à esquerda entre os eleitores que fazem parte desta categoria de votantes, os quais apresentam média igual a 3,09 na escala que vai de 0 a 10. A posição média dos eleitores da esquerda possivelmente se distancia das posições centristas porque incluímos nessa categorias tanto aqueles que votaram em candidatos da extrema-esquerda, como, por exemplo, Jean-Luc Mélechon (Frente de Esquerda), como também os que votaram em candidatos de centro-esquerda, como François Hollande, do Partido Socialista.

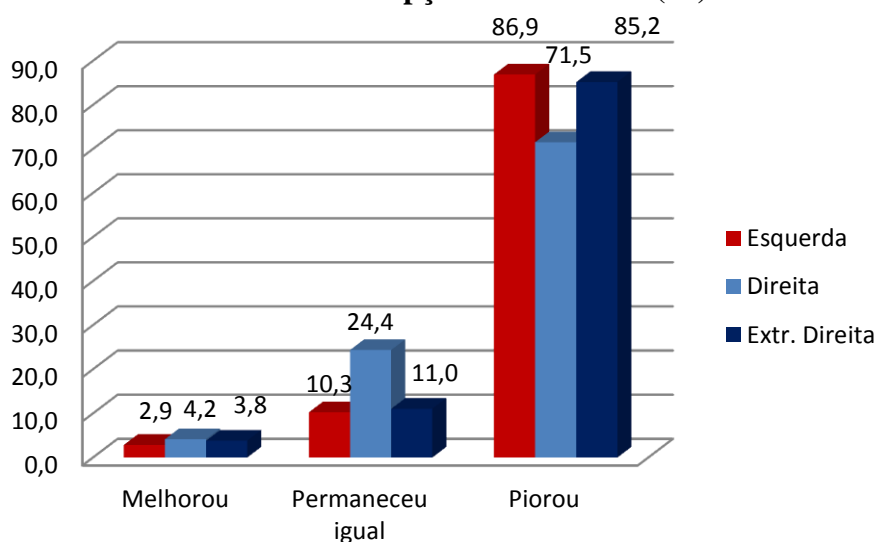
Tabela 6: Média do auto-posicionamento ideológico dos eleitores

Categoria de eleitores	Média do auto-posicionamento na escala ideológica	Erro padrão	Observações
Esquerda	3,09	1,81	874
Direita	6,95	1,56	379
Extrema-direita	6,41	2,29	258

Fonte: Survey *Enquête Électorale Française* de 2012

Conforme demonstrado na tabela 6 acima, tanto eleitores que votaram em partidos da direita como eleitores da extrema-direita apresentam média de posicionamento próximo ao valor 6. Tais resultados são aparentemente inconsistentes com a classificação do FN como um partido de extrema-direita. Contudo, os dados sugerem que Marine Le Pen tem conquistado eleitores de diferentes tendências políticas, que se posicionam de maneira mais heterogênea ao longo do espectro ideológico (erro padrão=2,29). A tendência a se colocarem mais próximo do centro pode também ser um reflexo do discurso anti-ideológico do FN, que se auto-denomina como “nem de direita, nem de esquerda”. A pesquisa de opinião pública “Opinions et Motivations des Électeurs du Front National” realizada pelo Instituto Opinion Way em abril de 2011¹⁹ constatou que, quando é apresentado aos respondentes a alternativa “nem esquerda, nem direita” na questão sobre o auto-posicionamento ideológico, 26% dos eleitores do FN se colocam nessa categoria de respostas. Dentre os que se posicionam no contínuo ideológico, segundo a mesma sondagem, 24% dos frentistas se posicionam à direita e 37% à extrema-direita. Portanto, como na pesquisa *Enquête Électorale Française* de 2012 não foi apresentada a alternativa “nem direita, nem esquerda” ao entrevistado, acreditamos que parte significativa dos eleitores do FN se colocou ao centro sem que isso representasse de fato sua ideologia, mas como forma de sinalizar que ele não se orienta pelos termos de esquerda ou direita.

Gráfico 9: Percepção da economia (%)



Fonte: Survey *Enquête Électorale Française* de 2012

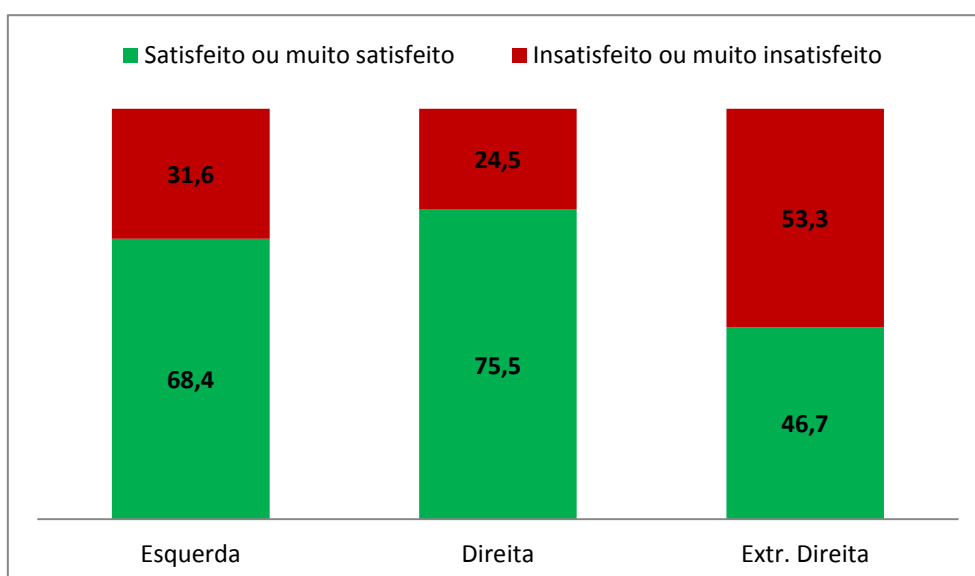
¹⁹ Pesquisa “Opinions et Motivations des Électeurs du Front National”, Opinion Way, 2011. http://www.opinion-way.com/pdf/resultats_sondage_-_lyon_capitale_-_electeurs_fn.pdf

Em relação à percepção da economia, é majoritária entre todas as categorias de eleitores a avaliação de que o setor piorou nos últimos 12 meses, mesmo dentre os que votaram na direita, grupo composto, sobretudo, pelos eleitores de Nicolas Sarkozy (UMP), que era candidato à reeleição. Apesar da generalizada tendência de percepção negativa acerca da economia, os votantes da direita tendem a julgar que a situação econômica permaneceu estável em maior medida do que os demais eleitores, visto que 24,4% deles dizem que o cenário econômico permaneceu igual no último ano.

As teorias que estudam o comportamento eleitoral argumentam que é importante compreender as atitudes dos eleitores para analisar sua conduta diante das urnas. Por isso, verificamos o posicionamento dos cidadãos entrevistados em relação ao seu grau de satisfação com o funcionamento da democracia e confiança nos políticos.

O gráfico abaixo demonstra que os eleitores da esquerda e da direita estão majoritariamente satisfeitos com o funcionamento da democracia no país, respectivamente 68,4% e 75,5% manifestam esta opinião. Por outro lado, os votantes da extrema-direita apresentam a maior parcela de insatisfeitos (53,3%) no quadro comparativo, o que indica que a decisão em se votar no FN ao invés de escolher os partidos dominantes do sistema representa um voto de protesto contra o desempenho da democracia no país.

Gráfico 10: Satisfação com o funcionamento da democracia (%)



Fonte : Survey *Enquête Électorale Française* de 2012

Quando verificamos a média da confiança nos políticos, mensurada em uma escala que vai de 1 a 10, em que 1 significa nenhuma confiança e 10 significa total confiança, verificamos que nenhum dos grupos de eleitores manifesta alta confiança na classe política. A média da confiança dos eleitores da esquerda é ligeiramente mais elevada do que as demais (4,85), seguida do valor pontuado pelo grupo da direita (4,81) e, ao final, da extrema-direita (3,60), categoria que demonstra maior desconfiança nos políticos.

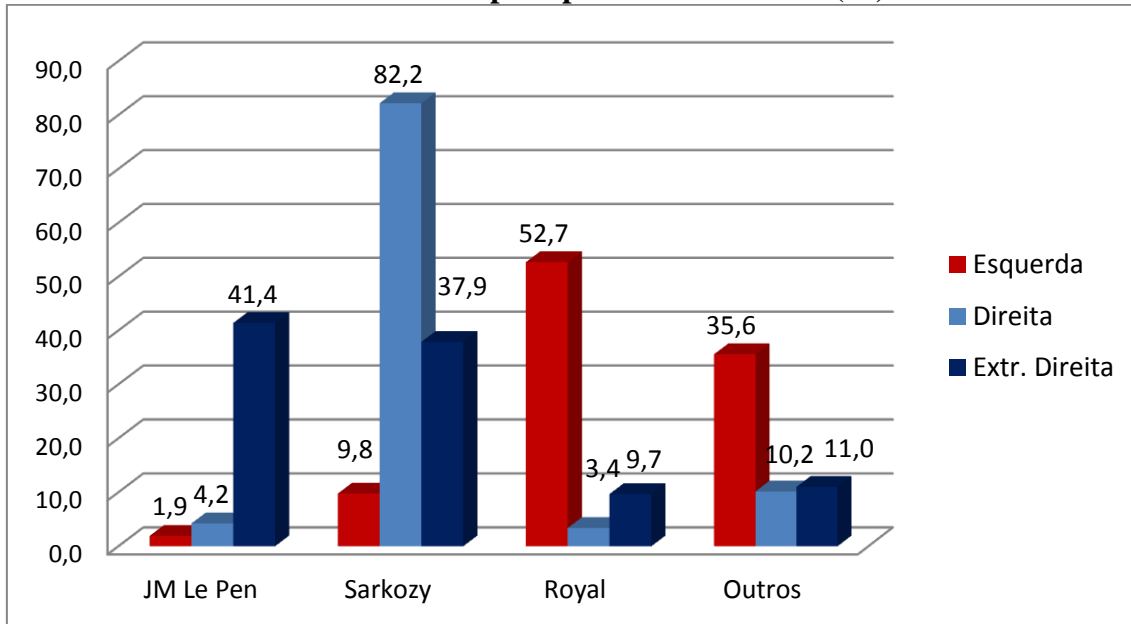
Tabela 7: Média da confiança dos eleitores nos políticos

Categorias de eleitores	Média	Erro padrão	Observações
Esquerda	4,85	1,97	880
Direita	4,81	2,01	387
Extrema direita	3,60	2,32	265

Fonte : Survey *Enquête Électorale Française* de 2012

Ao analisarmos a memória do voto nas presidenciais de 2007 em relação ao voto em 2012, constatamos que parte significativa dos eleitores adotou um comportamento coerente nos dois pleitos. 82,2% dos eleitores de Nicolas Sarkozy em 2007 optaram novamente pela direita tradicional nas eleições de 2012. Os dados também apontam para a capacidade de Marine Le Pen em recuperar os eleitores do FN que haviam votado em Sarkozy em 2007, pois verifica-se que 37,9% dos que votaram na candidata frentista em 2012 haviam votado em Nicolas Sarkozy no pleito anterior. No caso da esquerda os dados são um pouco confusos, pois a categoria analítica da esquerda agrupou eleitores de partidos da esquerda com tendências diversas, que variam de opções mais moderadas a extremas. Para 2007 a categorização não foi a mesma, pois separamos a candidata socialista Ségolène Royal dos demais candidatos. Assim, verifica-se que 52,7% dos que votaram na esquerda em 2012 haviam votado em Ségolène Royal em 2007, ao passo que 35,6% dos que votaram na esquerda em 2012 votaram em outros candidatos no pleito anterior.

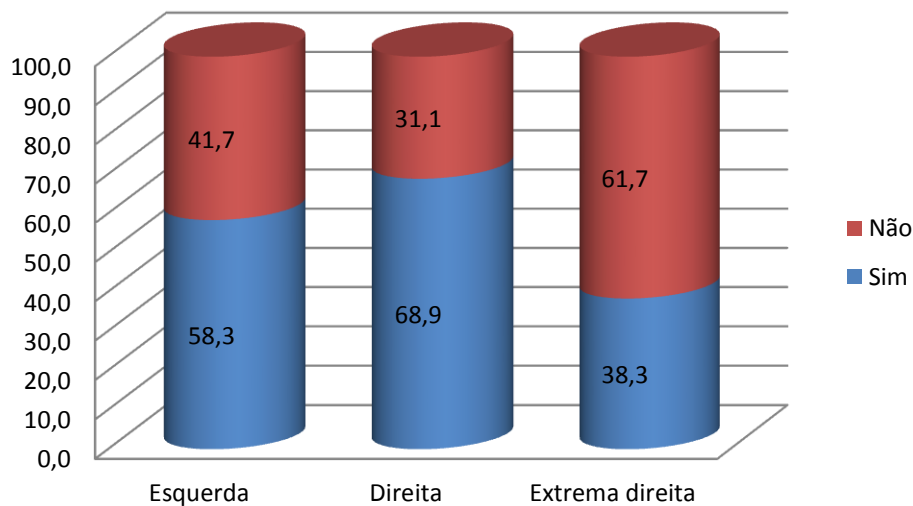
Gráfico 11: Voto para presidente em 2007 (%)



Fonte : Survey *Enquête Électorale Française* de 2012

Os eleitores do FN possuem uma percepção consideravelmente negativa em relação à União Europeia. Enquanto a maioria dos votantes da esquerda (58,3) e da direita (68,9) consideram que a entrada da França na instituição internacional foi em geral positiva, apenas 38,3% dos votantes da extrema-direita compartilham da mesma avaliação, conforme demonstra o gráfico 12 abaixo.

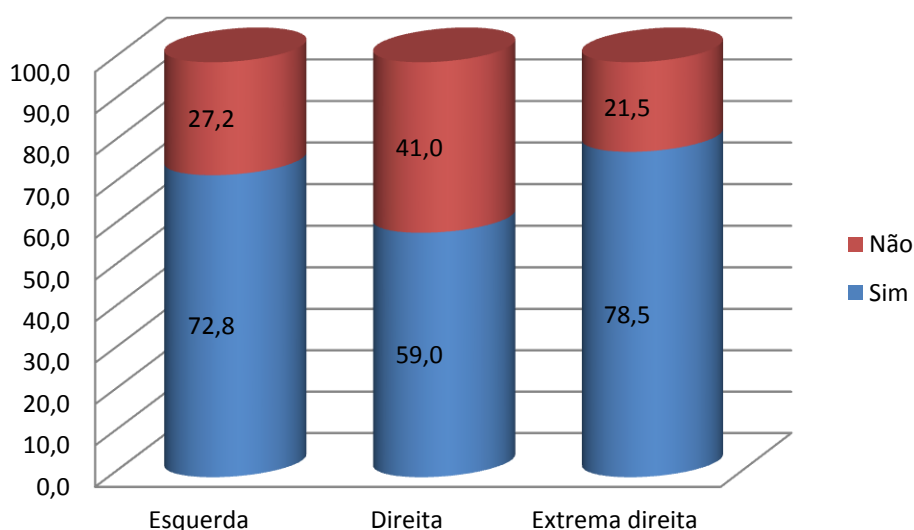
Gráfico 12: A França se beneficiou com sua entrada na União Europeia (%)



Fonte : Survey *Enquête Électorale Française* de 2012

Ainda a respeito do tema da União Europeia, um dos maiores temores dos eleitores da extrema-direita consiste na perda de identidade nacional devido à edificação do projeto supranacional. A parcela dos eleitores de Marine Le Pen que sentem que a UE ameaça a perda de identidade nacional corresponde a 80,7%, ao passo que a mesma categoria de respondentes é igual a 54,6% dentro da direita e apenas 43,1% dentro da esquerda. Estes padrões refletem de forma clara o potencial dos partidos de extrema-direita em atrair os indivíduos que temem os efeitos da globalização, conforme argumentado por Kriesi *et al.* (2012).

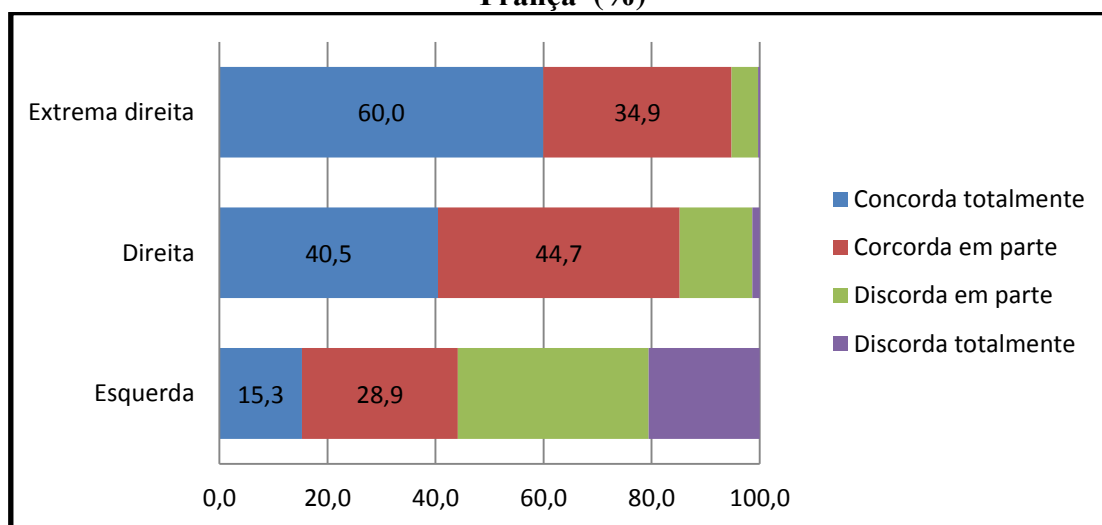
Gráfico 13: Temor em perder a identidade nacional por causa da União Europeia (%)



Fonte : Survey *Enquête Électorale Française* de 2012

Além da União Europeia, outro tema central para compreender a preferência pela extrema-direita é a imigração. Conforme demonstram os dados abaixo, tais eleitores tendem a perceber o fenômeno da imigração de forma mais intensa e negativa. 60% dos votantes de Marine Le Pen concorda totalmente com a afirmativa de que há imigrantes demais na França, ao passo que a mesma categoria de respondentes corresponde a 40,5% dentro da direita e apenas 15,3% dentro da esquerda.

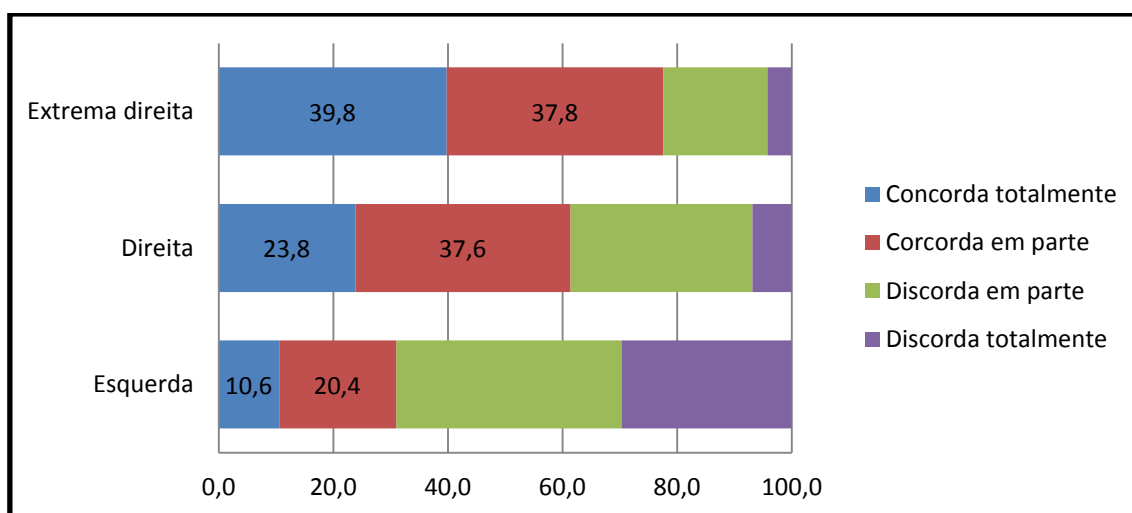
Gráfico 14: Posicionamento em relação à frase “há imigrantes demais na França”(%)



Fonte : Survey *Enquête Électorale Française* de 2012

A percepção da imigração como uma ameaça não está necessariamente vinculada aos efeitos econômicos da presença de estrangeiros, pois um número relativamente reduzido de eleitores da extrema-direita concorda totalmente com a frase “a imigração ameaça os nossos empregos” (39,8%), ainda que este posicionamento seja consideravelmente mais elevado no grupo da extrema-direita comparado aos demais. Ou seja, ainda que os eleitores de Marine Le Pen considerem que há imigrantes em excesso no país, tais respondentes não consideram na mesma medida que tal presença de estrangeiros represente uma ameaça para o emprego.

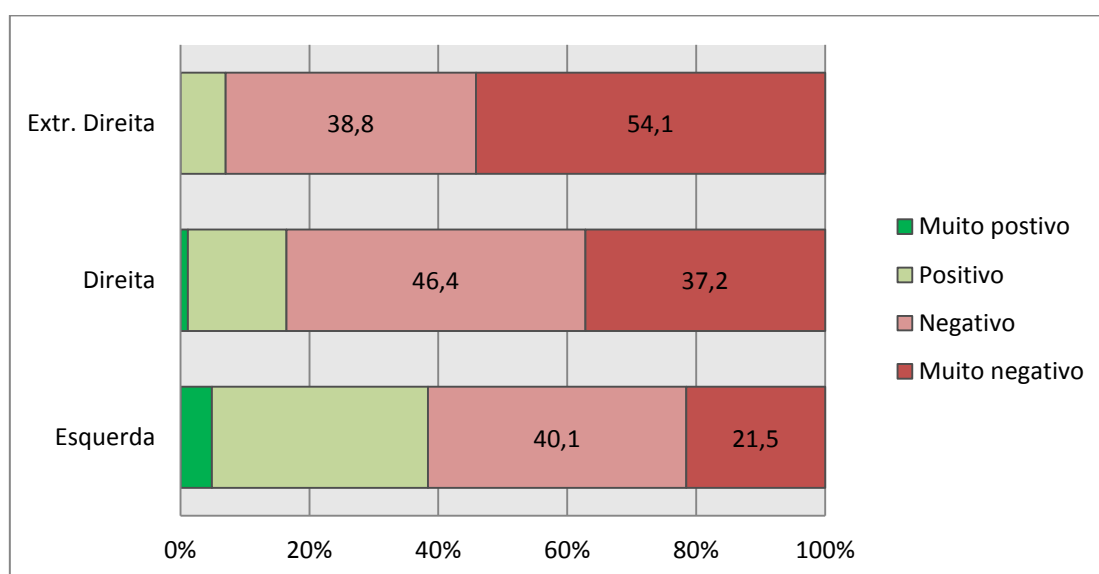
Gráfico 15: Posicionamento em relação à frase “a imigração ameaça nossos empregos”(%)



Fonte : Survey *Enquête Électorale Française* de 2012

Quando indagados sobre a conotação do Islã, os eleitores do FN demonstram uma percepção muito negativa acerca do tema, sendo que 54,1% diz que é algo “muito negativo”. Estes dados fornecem evidência suplementar para a natureza cultural das razões da percepção negativa acerca da imigração por parte dos eleitores frentistas. Não é necessariamente por representar uma ameaça econômica que tais eleitores se opõem ao fenômeno da imigração e do multiculturalismo, mas sim devido ao fato de que estes acontecimentos ameaçam a identidade nacional e a tradição do país, elementos que devem ser preservados na visão desses eleitores.

Gráfico 16: Percepção do Islã (%)



Fonte : Survey *Enquête Électorale Française* de 2012

Por último, vejamos as orientações dos eleitores em relação aos valores tradicionais. Neste caso, é possível identificar maiores semelhanças entre o eleitorado da extrema-direita e da direita, que apresentam orientações mais conservadoras do que a esquerda no que se refere à necessidade de haver hierarquia com chefes e os direitos dos homossexuais. Ambas as tendências do campo da direita são orientadas, então, por uma adesão maior à hierarquia social e pela maior oposição aos direitos dos homossexuais. Entretanto, quando o assunto é igualdade de gênero, verificamos um posicionamento generalizadamente favorável ao igual papel entre homens e mulheres dentre todos os grupos de eleitores, o quais discordam de maneira importante da afirmativa “as mulheres são feitas para ter e criar filhos”.

Tabela 8: Valores tradicionais dos eleitores (%)

	Extrema-direita	Direita	Esquerda
Na sociedade deve haver hierarquia com chefes			
Concorda totalmente	51,3	58,0	28,1
Concorda em parte	40,8	39,1	58,8
Discorda em parte	6,0	1,8	9,6
Discorda totalmente	1,9	1,0	3,5
As mulheres são feitas para ter e criar filhos			
Concorda totalmente	4,9	6,3	2,5
Concorda em parte	14,8	13,9	8,6
Discorda em parte	27,0	30,4	22,6
Discorda totalmente	53,2	49,5	66,4
Os casais homossexuais devem ter o direito de adotar crianças			
Concorda totalmente	11,9	10,1	24,0
Concorda em parte	26,9	22,9	36,6
Discorda em parte	17,4	22,4	19,6
Discorda totalmente	43,9	44,5	19,7

Fonte : Survey *Enquête Électorale Française* de 2012

5.3 Modelo de regressão logística multinomial

O método escolhido para esta análise foi o de regressão logística multinomial. Este tipo de regressão nos pareceu o mais adequado devido ao fato de a variável dependente (candidato em que votou no primeiro turno das presidenciais de 2012) ser do tipo categórica e envolver mais de duas categorias como resposta. O método de regressão logística multinomial permite explicar quais fatores afetam a probabilidade de determinado evento acontecer, neste caso o voto em um candidato, comparado com a probabilidade de se votar em outro. Tal modelo é adequado quando o objetivo é analisar a relação de determinadas variáveis independentes com uma variável dependente, cujas categorias não são ordenadas e representem possíveis escolhas mutuamente excludentes de um indivíduo (CALVET, 2013). A regressão multinomial permite o cálculo simultâneo de um conjunto de parâmetros para cada valor da variável dependente, utilizando uma das categorias como base ou grupo de referência. Neste caso, dois modelos serão estimados, a partir de uma categoria que servirá como referência.

Como o evento que pretendemos explicar é o voto na Frente Nacional em 2012, a variável dependente será o voto para presidente no primeiro turno. A variável original

foi recodificada em três categorias: voto em candidatos de esquerda (1), voto em candidatos de direita (2) e voto em Marine Le Pen (3). Esta última será a categoria de referência do modelo. Optamos pela retirada dos eleitores que votaram nulo ou branco porque esta decisão não nos parece equivalente à escolha por um candidato e poderia estar relacionada a um perfil de eleitor diferente. Esta parcela de eleitores corresponde a apenas 2,2% da base de dados utilizada.

A categorização dos candidatos como de esquerda ou direita foi realizada com base na classificação ideológica de seus partidos políticos, cuja informação foi obtida na base de dados *Perspective Monde*, da Universidade de Sherbrooke (Canadá). Os candidatos classificados como de esquerda foram: François Hollande (Partido Socialista), Jean-Luc Mélenchon (Frente de Esquerda), Eva Joly (Verdes), Philippe Poutou (Novo Partido Anticapitalista) e Nathalie Arthaud (Luta Operária). Os candidatos classificados como de direita foram Nicolas Sarkozy (União por um Movimento Popular) e Nicolas Dupont-Aignan (Levante a República). O candidato François Bayrou, que recolheu 9,1% dos votos válidos e corresponde a 6,6% dos respondentes entrevistados pelo *survey* pós-eleitoral, não foi incluído em nenhuma destas categorias, porque seu partido é classificado como estritamente de centro, sem inclinação para a esquerda ou para a direita. Por sua vez, o candidato Jacques Cheminade não foi incluído na análise porque seu partido Solidariedade e Progresso não apresenta uma linha ideológica claramente definida. Este último obteve apenas 0,2% dos votos válidos e corresponde a 0,1% dos respondentes entrevistados pela pesquisa.

As variáveis independentes também foram recategorizadas de forma a se tornarem mais adequadas para a análise, permitindo uma interpretação mais clara dos resultados. Seus respectivos valores e codificação estão apresentadas no quadro 2 abaixo.

As variáveis “xenofobia”, “euroceticismo” e “conservadorismo” correspondem a índices que foram construídos a partir de múltiplas respostas dos entrevistados. A forma como estes índices foram construídos será explicada abaixo. Por sua vez, os indicadores “ideologia”, “confiança nos políticos” e “idade” foram mantidos em seu formato original, posto que correspondem a medidas escalares, ordinais ou contínuas.

Quadro 2: Variáveis independentes do modelo de regressão logística multinomial

Variável	Tipo	Valores
Xenofobia	Índice	0,1 a 1,2
Euroceticismo	Índice	0,5 a 3
Conservadorismo	Índice	0,1 a 1,2
Ideologia	Escala	0 (esquerda) a 10 (direita)
Percepção da economia	Catagórica	1. Melhorou 2. Permaneceu igual 3. Piorou
Possui preferência partidária	Catagórica (binária)	1 – Sim 0 – Não
Satisfação funcionamento democracia	Catagórica	1 – Satisfeito ou muito satisfeito 2 – Insatisfeito ou muito insatisfeito
Confiança nos políticos	Ordinal	Escala de 0 a 10, em que 0 significa “nenhuma confiança” e 10 significa “total confiança”
Voto em 2007 (1º turno)	Catagórica	1 – Le Pen 2 – Sarkozy 3 – Royal 4 – Outros
Sexo	Catagórica (binária)	1 – Masculino 0 - Feminino
Idade	Contínua	
Escolaridade	Catagórica	1 – Primário e secundário 2 – Bac 3 – Bac +2 4 – Superior
Religião	Catagórica	1 – Católica 2 – Outras religiões 3 – Sem religião
Ocupação	Catagórica	1 – Agricultores 2 – Artesãos, comerciantes, proprietários 4 – Quadros, profissões intermediária e profissões intermediárias superiores 6 – Empregados e operários

Fonte: Elaboração e tradução livre da própria autora. O questionário original encontra-se no Anexo 1.

A categoria de referência da análise multinomial será o voto em Marine Le Pen no primeiro turno de 2012. Portanto, serão originados dois modelos, o primeiro deles se refere aos eleitores dos candidatos de esquerda e o segundo, aos eleitores da direita. Tal

análise permitirá a comparação entre os fatores determinantes da escolha pela Frente Nacional comparado ao grupo dos votantes da esquerda e, em seguida, comparado ao grupo de eleitores da direita.

Antes de realizar o modelo, foram desenvolvidos testes de colinearidade entre as variáveis explicativas, os quais demonstraram resultado satisfatório. Conforme consta na tabela 9 abaixo, a média dos VIF apresentou valor de 1,35, o que significa que as variáveis independentes não apresentam colinearidade.

Tabela 9: Resultados do teste VIF de colinearidade para as variáveis explicativas

Variável	VIF	1/VIF
Xenofobia	1.92	0.519531
Escolaridade	1.67	0.599359
Ideologia	1.65	0.605149
Voto 2007	1.55	0.646675
Conservadorismo	1.45	0.688098
Idade	1.39	0.719355
Profissão	1.38	0.727119
Confiança nos políticos	1.20	0.834421
Euroceticismo	1.19	0.840695
Satisfação com a democracia	1.17	0.852751
Religião	1.15	0.866004
Preferência partidária	1.09	0.917437
Sexo	1.04	0.961119
Avaliação da economia	1.03	0.968229
Média VIF	1.35	

Fonte: Elaboração da autora.

5.4 Construção dos índices de valores: Xenofobia, Euroceticismo e Conservadorismo

Para melhor apreender as orientações valorativas dos indivíduos, foram construídos três índices a partir das variáveis da base de dados, denominados Xenofobia, Euroceticismo e Conservadorismo. Estes índices refletem as preferências dos votantes diante de determinados temas que têm ganhado importância na arena

política nas últimas décadas, tais como a imigração, a integração europeia, o direito dos homossexuais e o papel da mulher na sociedade. Estas questões estão inseridas na discussão apresentada anteriormente sobre o surgimento de novas clivagens políticas ou novas lógicas de decisão do voto, que priorizam aspectos da dimensão cultural em detrimento da dimensão econômica.

Consideramos relevante a construção de índices para mensurar as orientações valorativas dos indivíduos porque muitas vezes uma única questão do *survey* pode ser insuficiente para refletir suas orientações de forma mais abrangente e aprofundada. Por isso, quando levamos em conta diferentes indicadores para construir uma informação sintética relacionada aos valores, há maior consistência na informação obtida, pois ela inclui a resposta do entrevistado em diferentes perguntas relacionadas ao mesmo tema ou dimensão.

O primeiro índice construído, denominado Xenofobia, foi especificamente voltado para o posicionamento do indivíduo em relação à imigração. As variáveis que compõe este índice solicitam ao respondente se posicionar diante das três seguintes frases “Há imigrantes demais na França”, “Atualmente não nos sentimos mais em casa” e “A imigração ameaça nossos empregos”. Para cada uma dessas frases, o entrevistado escolheu entre quatro alternativas, podendo optar por apenas uma delas: “Concorda totalmente”, “Concorda em parte”, “Discorda em parte” e “Discorda totalmente”. Para a construção do índice, cada uma das variáveis, que originalmente assumiam valores de 1 a 4, foi recodificada com valores que vão de 0.1 a 0.4. O índice de Xenofobia corresponde à soma dessas três respostas e sua variação vai de 0.1 a 1.2. Quanto maior o valor da resposta, mais xenófoba a orientação do indivíduo (mais ele concorda com cada uma das frases).

O segundo índice elaborado foi o de Euroceticismo. Este índice buscou captar o sentimento do respondente em relação à União Europeia e foi constituído por três variáveis que apresentavam duas opções de resposta cada uma (binárias). A primeira variável perguntava ao entrevistado se ele considerava que, de uma forma geral, a França beneficiou ou não da entrada na União Europeia. As alternativas de resposta eram “beneficiou” ou “não beneficiou”. A segunda e terceira variáveis foram extraídas da mesma pergunta, destinada a captar o sentimento de medo que a União Europeia

poderia inspirar nos indivíduos. Esta pergunta solicitou ao entrevistado se posicionar diante de duas proposições, tendo em mente a construção europeia. A primeira proposição era “que haja menos proteção social na França” e a segunda era “que a gente perca nossa identidade nacional e nossa cultura”. As alternativas apresentadas para escolha foram: “isso me provoca medo” ou “isso não me provoca medo”. Se o indivíduo teme pela perda da proteção social em seu país e pela perda da identidade nacional e cultural com a construção europeia, podemos interpretar que ele apresenta um posicionamento eurocético. Os valores das três respostas que constituem o índice Euroceticismo foram recategorizados de forma que 0.5 sempre indica a posição mais positiva em relação à União Europeia e 1 significa a posição mais negativa. O índice de euroceticismo corresponde à soma das três respostas dos entrevistados, de forma que quanto maior o valor pontuado, maior é o sentimento de euroceticismo. Tal índice varia entre 0.5 e 3.

O terceiro índice construído, denominado Conservadorismo, abordou três variáveis, que apresentavam o mesmo modelo daquelas utilizadas no índice de Xenofobia. O respondente se posicionou diante das afirmativas “Na sociedade é preciso haver hierarquia e chefes”, “A mulher é feita, antes de tudo, para ter e criar filhos” e “O casais homossexuais deveriam ter o direito de adotar filhos”. As alternativas de resposta eram: “Concorda totalmente”, “Concorda em parte”, “Discorda em parte” e “Discorda totalmente”. Nos dois primeiros casos, quanto maior o acordo com as frases, maior a orientação conservadora do indivíduo. Contudo, como a lógica aparecia de forma inversa no caso da terceira frase, os valores foram recodificadas de maneira contrária, respeitando a regra de que quanto maior o valor da resposta, maior o conservadorismo do indivíduo. Para a construção do índice, que corresponde à soma dessas três respostas, cada uma das variáveis foi recodificada com valores que vão de 0.1 a 0.4, sendo que quanto maior o valor, mais conservadora a orientação do indivíduo (mais concorda com cada frase no caso das duas primeiras frases e mais discorda no caso da terceira afirmativa). O índice de Conservadorismo varia entre 0.1 e 1.2, sendo que, quanto mais próximo de 1.2, mais conservador é o indivíduo.

5.5 Resultados

Conforme evidenciado pelos resultados expostos na tabela 10 abaixo, no primeiro modelo é possível verificar que, comparativamente ao voto em Marine Le Pen, os candidatos de esquerda foram favorecidos pelas seguintes características sociodemográficas: idades mais avançadas, adeptos de outras religiões (em oposição aos católicos), profissões intermediárias, empregados e operários (comparado aos agricultores). Em termos de crenças e atitudes, os preditores do voto na esquerda foram maior confiança nos políticos, posicionamento à esquerda na escala ideológica, voto anterior em qualquer outro candidato que não tenha sido Jean-Marie Le Pen. No que se refere aos valores, os eleitores tendem a escolher mais os candidatos de esquerda à medida que o conservadorismo e a xenofobia diminuem. As variáveis sexo, escolaridade, satisfação com a democracia, avaliação da economia e euroceticismo não apresentaram significância estatística. Por sua vez, o voto em Marine Le Pen apresenta maiores chances de ocorrer entre jovens, católicos (comparado a outras religiões), agricultores, pessoas que possuem desconfiança em relação aos políticos, eleitores de Jean-Marie Le Pen em 2007 e portadores de valores xenófobos e conservadores.

Tabela 10: Parâmetros do modelo de regressão logística multinomial
(Voto em Marine Le Pe como categoria de referência)

Variável dependente: voto para presidente 1º turno 2012	Categoria de referência	<i>Modelo 1: Determinantes do voto em candidatos da esquerda</i>		<i>Modelo 2: Determinantes do voto em candidatos da direita</i>	
		Coef. (β)	RRR	Coef. (β)	RRR
Variáveis independentes					
Sexo	Feminino	-0.164 (0.299)	0,848578	-0.459* (0.273)	0,6316215
Idade	-	0.0332*** (0.0104)	1,033806	0.0291*** (0.00922)	1,029497
Religião (Outras religiões)	Católica	1.789** (0.726)	5.983951	0.812 (0.717)	2,252176
Religião (Sem religião)		0.0832 (0.350)	1,08677	-0.634* (0.354)	0,5305767
Escolaridade (Bac)	Primário ou secundário	-0.249 (0.385)	0,7797137	0.154 (0.343)	1,166002
Escolaridade (Bac +2)		0.0928 (0.448)	1,097235	0.184 (0.423)	1,201522

Escolaridade (Superior)		0.773 (0.604)	2,166338	0.648 (0.534)	1,911376
Profissão (Artesãos, comerciantes)	Agricultores	2.039 (-1.333)	7,68292	0.231 (0.812)	1,259651
Profissão (Quadros, intermediária)		2.180* (-1.293)	8,848338	-0.327 (0.773)	0,7211754
Profissão (Empregados e operários)		2.520* (-1.318)	12,42995	-0.523 (0.787)	0,5925506
Satisfação com funcionamento da democracia	Satisfeito ou muito satisfeito	-0.0135 (0.293)	0,9865474	-0.355 (0.271)	0,7013669
Confiança nos políticos		0.188*** (0.0675)	1,206654	0.147** (0.0619)	1,158641
Avaliação da economia (Igual)	Melhorou	0.951 (0.860)	2,589385	0.444 (0.727)	1,558703
Avaliação da economia (Piorou)		0.296 (0.791)	1,344654	-0.352 (0.671)	0,7035277
Ideologia	-	-0.620*** (0.0765)	0,5380529	0.262*** (0.0724)	1,298968
Possui preferência partidária	Não possui	-0.112 (0.282)	0,8940887	-0.563** (0.268)	0,5692512
Voto em 2007 (Sarkozy)	Jean-Marie Le Pen	1.143*** (0.436)	3,136176	2.199*** (0.360)	9,018693
Voto em 2007 (Royal)		2.778*** (0.465)	16,08132	0.173 (0.617)	1,188955
Voto em 2007 (Outros)		2.725*** (0.473)	15,26177	1.803*** (0.477)	6,07067
Conservadorismo social	-	-1.958** (0.855)	0,1411472	0.663 (0.758)	1,941432
Xenofobia	-	-4.683*** (0.734)	0,0092548	-2.871*** (0.686)	0,0566301
Euroceticismo	-	-0.360 (0.256)	0,6979797	-0.708*** (0.232)	0,4925458
Constante	-	3.410* (-1.978)	30,27456	0.126 (-1.563)	1,133859

Fonte: Survey *Enquête Électorale Française* de 2012

Erro padrão entre parênteses

*** p<0.01, ** p<0.05, * p<0.1

Observações: 1131

Pseudo R²: 0.5753

No segundo modelo, em que os eleitores de candidatos da direita são comparados com os eleitores do FN, observamos que as variáveis que apresentaram efeito estatístico significativo foram: sexo, idade, religião, confiança nos políticos,

ideologia, preferência partidária, voto em 2007 (com exceção do voto em Ségolène Royal), xenofobia e euroceticismo. A partir dos resultados encontrados, é possível enumerar que os candidatos de direita são favorecidos por mulheres, idades mais avançadas, católicos (em oposição aos que não possuem religião), cidadãos que possuem maior confiança nos políticos, auto-localizados à direita no espectro ideológico, que não possuem preferência partidária, que votaram em Sarkozy ou outros candidatos em 2007 (comparado com Jean-Marie Le Pen) e indivíduos que não são orientados por valores xenófobos ou eurocéticos.

No caso do segundo modelo, as variáveis escolaridade, profissão, satisfação com a democracia, avaliação da economia e conservadorismo social não foram estatisticamente significativas para diferenciar a probabilidade de voto em candidatos da direita comparado à escolha por Marine Le Pen. Por sua vez, Marine Le Pen foi favorecida por eleitores do sexo masculino, jovens, sem religião (comparado aos católicos), desconfiados dos políticos, auto-localizados em direção às posições mais centristas ou de esquerda no espectro ideológico (comparado aos eleitores de direita, que tendem a se auto-localizar em posições mais extremas à direita), votantes de Jean-Marie Le Pen em 2007 (com exceção da categoria dos que votaram em Royal, que não apresentou significância estatística) e adeptos a valores xenófobos e eurocéticos.

As variáveis que impactaram a decisão de voto a favor de Marine Le Pen em ambos os modelos foram: idades mais jovens, religião (católicos votam mais em Marine Le Pen comparado aos que possuem outras religiões no modelo 1, mas aqueles que se declaram sem religião votam mais em Marine Le Pen comparado com os católicos no caso do modelo 2), desconfiados dos políticos, ideologia (Marine Le Pen favorecida pela localização à direita comparado aos eleitores de esquerda, mas favorecida por posições menos extremas no caso dos eleitores da direita) eleitores que votaram em Jean-Marie Le Pen em 2007 e xenófobos. A variável conservadorismo social mostrou-se significativa apenas no modelo dos eleitores de esquerda, enquanto a variável euroceticismo exerceu impacto apenas no modelo dos eleitores da direita. Isso sugere que, em termos de valores, o que diferencia os eleitores de Marine Le Pen em comparação aos eleitores da esquerda (além da xenofobia) é o conservadorismo, ao passo que o que distingue o primeiro grupo do grupo de votantes da direita (também além da xenofobia) é o euroceticismo.

5.6 Discussão

Os resultados da análise empírica fornecem evidências interessantes acerca do voto de extrema-direita na França. Em primeiro lugar, o efeito esperado dos indicadores de xenofobia, euroceticismo e conservadorismo foi confirmado e revelam que os valores dos indivíduos importam para este tipo de escolha eleitoral, que não se resume a uma simples atitude de protesto contra o sistema político. A decisão em votar em Marine Le Pen está fundamentada nas orientações xenófobas dos votantes, fator que atua como potencializador da escolha pela extrema-direita tanto diante das alternativas da esquerda como da direita. O posicionamento anti-imigração do FN representa um elemento importante em sua mobilização eleitoral, confirmando a centralidade da dimensão cultural para estes eleitores. Cidadãos que tendem a avaliar o fenômeno da imigração como negativo e particularmente prejudicial para a identidade nacional, procuram a alternativa de rígido controle das fronteiras nacionais oferecida pela extrema-direita, ao passo que aqueles que não se incomodam com a entrada de estrangeiros ou não atribuem importância a este tema no momento de escolher seu candidato, optam pelas demais alternativas do sistema partidário. Estes achados estão em harmonia com outros estudos, que também encontraram efeito positivo das atitudes xenófobas dos eleitores sob o voto frentista (MAYER & PERRINEAU, 1990; MAYER, 2012).

No caso do sentimento eurocético, seu efeito em apenas um dos modelos pode ser explicado pelo distinto impacto que a integração europeia exerce nos partidos localizados nos extremos do espectro ideológico e nos partidos moderados, assim como pela operacionalização dos indicadores utilizados. Kriesi (2005) explicou que a questão da integração europeia divide os partidos da esquerda e da direita entre moderados e extremistas, sendo que os partidos extremistas de ambos os lados do espectro ideológico apresentam posicionamento contrário à União Europeia, ao passo que os partidos de centro-direita ou centro-esquerda tendem a ser favoráveis à integração regional. Cada campo ideológico se confronta com o fenômeno em questão a partir de duas lógicas distintas: a lógica socioeconômica e a lógica cultural. No campo da esquerda, há certo acordo das diferentes tendências em relação à dimensão cultural da integração europeia, posto que tradicionalmente a esquerda é voltada para a internacionalização e para a igualdade cultural. Nesse sentido, as alternativas da esquerda, tanto moderada quanto extrema, tendem a ser favoráveis à integração cultural da Europa, mas se opõem ao

projeto supranacional no que se refere à dimensão econômica. A extrema-esquerda é contra a União Europeia por ser um projeto eminentemente econômico com o objetivo de fortalecer a economia de mercado. Contudo, a esquerda moderada, que flexibilizou sua orientação econômica de forma a se adequar à lógica da globalização e ao fim do socialismo real, apoia o projeto da União Europeia. No campo da direita, há certo consenso entre as ofertas extremas e moderadas no que se refere à dimensão econômica da integração dos países europeus, pois ambas as tendências da direita defendem o sistema capitalista, mas enfrentam um dilema em relação à liberalização cultural propiciada pela União Europeia. A extrema-direita adotou um posicionamento claramente oposto à União Europeia em termos políticos e culturais, argumentando que a forma como esta integração tem sido edificada ameaça o Estado Nacional e a tradição cultural dos diferentes países. A direita moderada, por sua vez, defende a UE por encarnar um posicionamento liberal tanto na dimensão socioeconômica quanto na dimensão cultural.

Na França esta configuração pode ser encontrada, pois os partidos moderados de esquerda e de direita, respectivamente PS e UMP, defendem a União Europeia, a manutenção da França dentro do bloco e as políticas implementadas pelos órgãos supranacionais competentes. Por outro lado, ambos os partidos de extrema-esquerda e de extrema-direita defendem a retirada da França do bloco e se opõem fortemente às políticas provenientes das instituições supranacionais. Nossa análise englobou todos os votantes de partidos da esquerda em uma mesma categoria, portanto não possibilitou a diferenciação destes dois grupos no que se refere ao posicionamento diante da União Europeia e outras temáticas. Esta diferenciação foi evidenciada, no entanto, no segundo modelo, que demonstrou que a orientação pró-Europa dos eleitores da direita (categoria em que os sarkozystas são predominantes) exerce efeito em sua escolha eleitoral e está em harmonia com as propostas do partido. O posicionamento eurocético dos eleitores frentistas, particularmente fundamentado em argumentos culturais, tende a impulsioná-los em direção à extrema-direita e é possível verificar que as orientações em relação a este assunto diferenciam eleitores da direita tradicional daqueles que optam por Marine Le Pen. Possivelmente dentre os eleitores dos partidos da extrema-esquerda tal efeito do euroceticismo no comportamento eleitoral também seria observado, mas como todos os votantes de esquerda foram incluídos na mesma categoria, este efeito foi ocultado.

O conservadorismo está relacionado a uma orientação autoritária diante de *issues* societários e estudos demonstraram que os eleitores de esquerda tendem a ser mais liberais em termos socioculturais do que os eleitores de direita (MONTERO & TORCAL, 1994). Se fizermos um paralelo deste padrão com a teoria do pós-materialismo, podemos interpretar as atitudes favoráveis aos direitos dos homossexuais, à igualdade entre os sexos e outras como orientações pós-materialistas, as quais tendem a caracterizar mais a esquerda do que a direita. A direita possui uma inclinação favorável aos comportamentos materialistas, em que elementos como a religião, a hierarquia e a ordem são prioritários. Nesse sentido, os resultados demonstram que comportamentos mais libertários no plano sociocultural e, portanto, que constituem a matriz de valores pós-materialistas, estão presentes entre os eleitores da esquerda e os diferenciam dos votantes de Marine Le Pen, que são mais conservadores e orientam seu voto em função desta característica. Mas na análise que compara os eleitores frentistas aos demais votantes da direita, o conservadorismo perde seu efeito diferenciador, evidenciando que ambos os grupos demonstram uma orientação materialista, atrelada aos valores tradicionais que constituíram o índice de conservadorismo.

No que se refere às características sociodemográficas, o efeito da idade indica que provavelmente existe um elemento geracional que atua no fenômeno de crescimento da extrema-direita na Europa, cuja investigação merece atenção de estudos futuros. A tendência dos mais jovens a votar na extrema-direita era esperada em função da vulnerabilidade socioeconômica de tais indivíduos, assim como sua maior propensão a atitudes de protesto, que os impulsionaria a escolher partidos anti-sistema e populistas ao invés das alternativas tradicionais dominantes. Por outro lado, nos parece um achado que contradiz a teoria dos valores pós-materialistas de Inglehart (1977), pois essa teoria previa que as gerações mais jovens se tornassem cada vez mais adeptas aos valores pós-materialistas, que são representados pelos partidos da nova esquerda.

Provavelmente a tendência dos mais jovens em aderir às propostas nacionalistas e eurocéticas da extrema-direita está relacionada com o fato de esta geração não ter sido exposta à situação anterior à construção europeia, portanto, ela não vivenciou as guerras e demais disputas que opuseram as nações europeias no passado, cujas consequências socioeconômicas e humanas foram devastadoras. As gerações mais velhas estiveram expostas a circunstâncias como essas e, por isso, tendem a perceber os

efeitos benéficos da União Europeia na manutenção da paz, na construção de cooperações e de prosperidade socioeconômica mais do que os jovens, ao passo que os jovens, que viveram apenas sob o regime europeu, atribuem a instabilidade da economia e a ineficiência das políticas às instituições supranacionais. Nesse sentido, as experiências coletivas de caráter histórico diferenciam as gerações mais jovens das mais velhas, impactando em suas atitudes políticas. Conforme destacou Perrineau (1996), as gerações mais velhas, de 65 anos ou mais, são as que apresentam maior repulsão à Frente Nacional, pois dentro desta geração a memória da Segunda Guerra Mundial ainda é viva, assim como é clara a conexão existente entre os predecessores de Jean-Marie Le Pen (hoje substituído por Marine Le Pen) com a ocupação alemã.

Além das experiências de caráter histórico, as gerações mais jovens foram socializadas em uma era onde os referenciais partidários ou classistas se enfraqueceram significativamente. Por isso, elas compartilham escassos laços sociais e políticos quando comparadas às gerações mais velhas, o que faz com que vivenciem situações de exclusão ou atomização nas sociedades contemporâneas e, conseqüentemente, procurem formas alternativas de referências coletivas, se voltando para as tradições culturais e para o Estado Nacional. O papel dos elementos estruturantes como a classe social, a religião e os partidos políticos na promoção de associativismo, de coesão social e de pertencimento de grupo têm se enfraquecido nas últimas décadas e esta falta de referenciais sociológicos afeta, sobretudo, as gerações mais jovens. São estas gerações que participam menos em organizações como sindicatos ou associações religiosas.

A religião católica, por exemplo, parece ser um elemento que aproxima os eleitores da direita moderada, em oposição à extrema-direita. Os partidos de centro-direita são tradicionalmente apoiados por estes setores religiosos, principalmente pelas mulheres, em função dos valores de tolerância difundidos pela religião católica. Conforme explica Perrineau (1996, p.8):

Le monde des catholiques réguliers est aujourd'hui bien plus proche du message de tolérance diffusé par la Conférence épiscopale de France que des quelques activistes de l'intégrisme catholique appartenant à l'appareil du Front national. À cet égard, l'électorat du Front national est très différent du parti dans lequel on retrouve un nombre non négligeable d'individus formés dans l'intégrisme catholique.

A razão para termos encontrado que os católicos tendem a votar mais em Marine Le Pen comparativamente aos pertencentes a outras religiões no primeiro modelo, em que é analisada a categoria de votantes da esquerda, encontra-se no fato de que a categoria de outras religiões inclui, principalmente, muçulmanos. Devido à oposição do FN ao Islã, os praticantes dessa religião são evidentemente menos propícios a aderir às propostas de Marine Le Pen. Os muçulmanos são frequentemente descendentes de imigrantes e tendem a apoiar os partidos de esquerda em maior medida, devido às orientações inclusivas, favoráveis ao multiculturalismo e ao respeito à diferença por parte de tais partidos.

Os achados a respeito do efeito das categorias socioprofissionais fornecem algumas evidências acerca da tese dos “perdedores da globalização”. Esta tese argumenta que determinadas características sociais estariam vinculadas ao perfil deste grupo de cidadãos, como a baixa escolaridade e a menor capacitação profissional e que estes grupos correspondem ao público-alvo da extrema-direita. A escolaridade não apresentou efeito significativo em nenhum dos modelos. A princípio esperava-se que os empregados e operários votassem mais na extrema-direita devido a sua vulnerabilidade socioeconômica, que os colocaria em condições desvantajosas diante dos efeitos da globalização, visto que são categorias de menor capital cultural e qualificação profissional. Estes setores continuam optando pelos partidos de esquerda, o que sugere que o sentimento de pertencimento de classe e a participação em sindicatos ainda são importantes fatores na atuação da mobilização política dos partidos de esquerda.

Mesmo que o FN tenha crescido entre os operários e empregados nos últimos anos, tais categorias ainda tendem a votar mais nos partidos de esquerda do que no FN. Os agricultores, por outro lado, não estão integrados nas mesmas estruturas organizativas e associativas que os operários, mas igualmente apresentam reduzidas qualificações profissionais. A categoria dos agricultores nos parece ser aquela que mais se sente ameaçada pelos efeitos da globalização em sua dimensão cultural, pois a preservação de seu estilo de vida está iminentemente atrelada à conservação das tradições culturais da comunidade nacional. Ademais, além de a categoria dos agricultores perceber a globalização como uma ameaça a seu modo de vida e à sua condição socioeconômica, os agricultores não estão inseridos em organizações

associativas como os operários, o que faz com que sejam mais facilmente atraídos pelo discurso populista, protecionista e antiglobalização do FN.

A relativa ambiguidade dos efeitos da ideologia podem ser interpretadas pelo fato de que, por portar um posicionamento que pretende superar ou deslegitimar a clássica divisão entre esquerda e direita – divisão que favorece os partidos tradicionais do sistema político francês – o FN atrai eleitores das mais diversas sensibilidades políticas, muitos dos quais se classificam em posições mais centrais devido ao fato de a auto-localização ideológica não apresentar sentido para tais eleitores. Com seu discurso “nem direita, nem esquerda”, Marine Le Pen consegue atrair um eleitorado mais heterogêneo em termos ideológicos do que os partidos que claramente se posicionam em tal espectro, como os partidos de direita o fazem.

O impacto significativo do voto anterior em Jean-Marie Le Pen em ambos os modelos, assim como o impacto de possuir preferência partidária (possivelmente pelo FN) no caso do segundo modelo, indicam o caráter duradouro da escolha eleitoral pela extrema-direita na França. Nesse sentido, o voto em Marine Le Pen corresponde muito mais a uma adesão às orientações e propostas do partido do que a uma simples manifestação de protesto. De fato, a adesão ao programa partidário como motivação da escolha eleitoral foi identificada por Pascal Perrineau (1996, p.17) já em meados dos anos 1990:

Le lepénisme très personnalisé des années 80 est en train peu à peu de se substituer ce que l'on ne peut plus appeler simplement un lepénisme mais une véritable séduction pour des éléments de programme du Front national.

Tal tendência de motivação do voto se verifica em grande medida nos dias de hoje. De acordo com a pesquisa realizada em 2011 pelo *Opinion Way* “Opinions et Motivations des Électeurs du Front National”, 48% dos eleitores declaram que sua maior motivação para escolher o FN é “apoiar um partido que represente seus valores”. Apenas 4% dos respondentes declaram que votam no FN “para apoiar um candidato em particular que gosta”. Os outros 48% declaram que votam no FN “para expressar seu descontentamento com a situação das coisas”. A decisão de votar na extrema-direita nos parece corresponder à convergência deste dois elementos centrais: de um lado, a adesão às ideias do FN e, do outro, ao desejo de manifestar insatisfação com a classe política governista. O voto de extrema-direita não é nem um voto temático, nem um voto puro

de protesto, pois entendê-lo com base em apenas umas dessas dimensões nos parece ser algo insuficiente.

Vimos que a satisfação com o funcionamento da democracia - um indicador de insatisfação política – não apresentou relevância estatística em nenhum dos modelos. Mas o voto em Marine Le Pen está vinculado à desconfiança em direção aos políticos, efeito verificado nos dois modelos. Tal elemento por si só não seria capaz de explicar o voto FN, pois os eleitores guiados por valores universalistas e de tolerância, por exemplo, tenderiam a votar nos partidos de extrema-esquerda para demonstrar esse descontentamento político. Mas, se os eleitores querem manifestar uma sanção em relação aos partidos governistas e, adicionalmente, são simpáticos às propostas do FN, irão votar nesse partido.

Estes achados fornecem argumentos suplementares para a compreensão do FN como um partido anti-sistema e desafiante, pois os eleitores mais desconfiados da classe política – que são as elites que estão no poder, cujo pertencimento majoritário é aos dois maiores partidos da esquerda e da direita tradicionais (PS e UMP) – votam em Marine Le Pen em oposição aos políticos que estão no poder, por desconfiarem deles e enviarem uma mensagem de desaprovação.

Portanto, a combinação de elementos como os valores, o voto precedente, algumas características sociodemográficas e a desconfiança em relação aos políticos demonstram que o voto na extrema-direita não é apenas um voto temático (*issue voting*) nem um voto puramente de protesto, mas um ato que combina insatisfação com a classe política governista juntamente com a adesão aos posicionamentos e projetos do partido. Caso o voto no FN correspondesse a um voto temático unicamente orientado pela questão da imigração, outras variáveis não teriam igualmente impactado esta decisão eleitoral. Se o voto frentista se resumisse a um voto temático, outro partido que se comprometesse de forma confiável com o combate à imigração poderia ganhar os votos do FN. Mas, como vimos, o que diferencia a tendência a optar por tal alternativa envolve também fatores de outra natureza, que possuem uma dimensão estável ao longo do tempo.

Por outro lado, caso a escolha pela extrema-direita se justificasse apenas em função da atitude de protesto contra os partidos governistas, provavelmente observar-se-

ia impacto da avaliação da economia deste tipo de escolha eleitoral, assim como do indicador da satisfação com o funcionamento da democracia, o que não foi verificado. Ademais, caso fosse apenas um voto de protesto, os efeitos dos valores e do voto precedente não existiriam.

6. Conclusões

O objetivo deste capítulo foi identificar quais são os fatores que melhor elucidam a lógica da preferência eleitoral pela Frente Nacional, particularmente verificar o efeito dos valores no voto a favor de Marine Le Pen nas presidenciais de 2012. A literatura sobre comportamento eleitoral tem demonstrado a necessidade em se introduzir novos fatores explicativos do voto, posto que importantes mudanças estruturais nas democracias pós-industriais têm enfraquecido a capacidade das variáveis das escolas clássicas em compreender de forma satisfatória o eleitor contemporâneo. As democracias avançadas têm vivenciado crescente volatilidade eleitoral, mudanças significativas nas agendas partidárias e governamentais e o impacto de um novo eixo de temáticas na vida política de suas sociedades, como os valores pós-materialistas e emergência de questões internacionais.

Particularmente o surgimento e a popularidade dos novos partidos de extrema-direita em diversos países, cuja pauta defende propostas nacionalistas, xenófobas e protecionistas, chamou a atenção dos pesquisadores para a introdução de novas temáticas na agenda político-eleitoral. Torna-se necessário entender melhor qual o impacto destes novos questionamentos, voltados para a dimensão cultural, na preferência por este tipo de partido que fundamenta seu discurso em oposição à globalização, à União Europeia e à imigração, mas também encarna uma oposição à classe política e aos vícios da democracia representativa.

Após realizar uma análise do perfil, atitudes e orientações do eleitor da Frente Nacional em comparação com os votantes de outros candidatos da direita e da esquerda, é possível apresentar algumas conclusões centrais derivadas das discussões e dos dados empíricos trabalhados.

Em primeiro lugar, os valores desempenham um papel central para este tipo de decisão eleitoral. Os votantes de Marine Le Pen possuem orientações conservadoras, xenófobas e eurocéticas, sendo que estas orientações exercem impacto em sua decisão eleitoral. Diante da comparação com os eleitores da esquerda, o que diferencia os eleitores do FN são os valores conservadores e xenófobos. Em relação aos eleitores da direita, os fatores que aumentam a probabilidade de se votar em Marine Le Pen são os valores xenófobos e eurocéticos.

Estes resultados estão em harmonia com a literatura que apresenta a crescente importância dessa dimensão de fatores para a escolha eleitoral a favor da extrema-direita, especialmente as teses de Kriesi *et al.* (2012) e de Ignazi (1992). A primeira destaca que os atuais partidos de extrema-direita atraem os setores da população que se sentem ameaçados pelo avanço da globalização e procuram, portanto, se insular nas fronteiras físicas e culturais do Estado Nacional, sendo atraídos pelo discurso da extrema-direita. Estes são os eleitores do FN, distinguidos pela baixa escolaridade, pelo perfil jovem e popular e pelas orientações xenófobas e eurocéticas, de acordo com a análise descritiva.

Ao lado dos valores nacionalistas e xenófobos por eles compartilhados, os eleitores de Marine Le Pen apresentam um posicionamento conservador, ilustrativo de uma contraposição aos valores pós-materialistas, conforme defendido por Ignazi (1992). Nesse sentido, a hierarquia, a desigualdade entre os sexos e a oposição aos direitos dos homossexuais orientam estes indivíduos e sua escolha eleitoral, atraídos pelo projeto da Frente Nacional.

Em segundo lugar, a discussão revela que concomitantemente à centralidade que os valores culturais representam para os eleitores do FN, a percepção da economia, uma variável proveniente da teoria da escolha racional, não é determinante para esta escolha eleitoral. Isso demonstra que os temas econômicos, centrais para a teoria da escolha racional, são insatisfatórios para compreender o eleitor da extrema-direita. Mesmo em um contexto de crise econômica, são os valores culturais que prevaleceram para este tipo de decisão eleitoral e não a avaliação da economia ou a satisfação com o funcionamento da democracia.

Mas, se as orientações econômicas não explicam o voto em Marine Le Pen, de que forma interpretar o impacto da ideologia nesta escolha? A ideologia tem historicamente orientado os eleitores e estruturado o contexto político na França. As ofertas partidárias são claramente identificadas pelos eleitores no espectro ideológico que vai da esquerda à direita e os dados mostram que quanto mais à direita o eleitor se vê, mais tende a votar em Marine Le Pen, comparativamente aos eleitores da esquerda. Portanto, há uma lógica coerente entre a orientação ideológica e o voto, o que sugere que a incorporação de novos temas na agenda política não desgastou ou superou o papel estruturador e orientador dos termos ideológicos no país. Possivelmente a ideologia tem incorporado estes novos valores, sendo que os valores universalistas, de igualdade e abertura cultural se concentram no campo da esquerda e os valores nacionalistas, de fechamento cultural são mais fortemente incorporados pelos partidos da direita. Como o FN possui uma orientação ambígua no que se refere à economia e, ainda, sustenta um discurso anti-ideológico, existe uma tendência de dispersão de seus eleitores ao longo da escala ideológica, ao passo que os eleitores da direita estão mais homoganeamente localizados nos posicionamentos mais à direita da mesma escala.

Em terceiro lugar, nosso modelo analítico demonstrou que, apesar da importância dos valores para a preferência por Marine Le Pen, determinados elementos de longo prazo, provenientes das teorias sociológica e psicossociológica do voto, persistem em importância também para compreender este tipo de eleitor, que é o da extrema-direita. Interessante o poder explicativo da variável voto nas eleições anteriores, o que revela a existência de continuidade na preferência pelo FN, apesar da mudança da liderança e de sua tentativa em atribuir uma nova imagem ao partido. Os efeitos do voto anterior, da ideologia e das orientações diante de *issues* socioculturais revelam que o eleitor da extrema-direita conscientemente adere ao projeto do partido, às suas ideias e não recorre a esta alternativa como simples atitude de protesto, posto que há coerência entre os valores defendidos pelo partido e pelos eleitores, assim como fidelidade ao projeto do partido ao longo de eleições. Apesar disso, a atitude de desconfiança em relação aos políticos é elemento relevante para compreender esta decisão eleitoral. A nosso ver, é a combinação do elemento de adesão programática com o fator de descontentamento com a classe política o que melhor permite compreender o eleitor da Frente Nacional.

Considerações finais

Esta dissertação analisou o caso da extrema-direita na França, representada pelo partido Frente Nacional, o mais longo desta família partidária em todo o continente europeu. No primeiro capítulo, discutimos a definição do conceito de extrema-direita, apresentando as diferenças entre a antiga e a nova extrema-direita, as características desta mais recente família de partidos e seu desempenho em alguns países da Europa. Partidos dessa natureza não são fortes em todos os países do continente, mas em muitos deles se consolidaram como força política e têm ganhado popularidade, sendo capazes de introduzir determinados temas na agenda político-eleitoral, assim como impactar as propostas e estratégias dos demais partidos do sistema.

No segundo capítulo, focamos a análise no histórico da Frente Nacional na França. Demonstramos que este partido, liderado por Jean-Marie Le Pen durante quase quarenta anos, foi progressivamente conquistando resultados mais importantes nas urnas, tornando-se atualmente o terceiro maior partido do sistema político francês. Nas últimas eleições para o Parlamento Europeu, o FN foi classificado em 1º lugar, obtendo nada menos do que 24,9% dos votos válidos. Ademais, a nova dirigente partidária, Marine Le Pen, aparece como um nome muito forte nas pesquisas de intenções de voto referente às próximas eleições presidenciais, que ocorrerão em 2017, com grandes chances de disputar o segundo turno.

No terceiro capítulo, foi realizada uma análise empírica sobre o efeito dos fatores sociológicos, socioeconômicos e políticos no desempenho do FN no nível dos departamentos franceses. Evidências de que a composição social e os indicadores conjunturais, como desemprego e a presença de imigrantes árabes, não exercem impacto neste tipo de escolha eleitoral foram demonstradas através de um modelo de regressão linear múltipla aplicado ao caso das eleições presidenciais de 2012. Os resultados forneceram fundamentação para a importância das preferências dos eleitores na compreensão deste tipo de decisão, visto que elementos como o euroceticismo e o voto

precedente foram significativos para compreender o apoio a Marine Le Pen nas eleições estudadas.

No quarto capítulo, centralizamos a análise no nível individual, através da exploração de dados do *survey* pós-eleitoral *Enquête Électorale Française* de 2012. O objetivo foi compreender os fatores que explicam o voto em Marine Le Pen também nas presidenciais de 2012. A hipótese defendida foi a de que os valores dos eleitores, particularmente suas orientações culturais e políticas, seriam centrais para esta escolha eleitoral. Realizamos uma análise de regressão logística multinomial, onde a variável dependente foi o voto para presidente em 2012 e as variáveis explicativas foram derivadas das teorias do comportamento eleitoral: sexo, idade, escolaridade, categoria socioprofissional, religião, ideologia, avaliação da economia, satisfação com o funcionamento da democracia, confiança nos políticos, voto para presidente no 1º turno de 2012, euroceticismo, conservadorismo e xenofobia.

Conforme esperado, a avaliação da economia não exerceu impacto neste tipo de escolha eleitoral, cuja lógica está voltada para as orientações e preferências políticas e culturais dos eleitores. Estas preferências apresentam um caráter duradouro no tempo, posto que o voto em Marine Le Pen está ancorado nos valores dos eleitores e no voto precedente, mesmo após a mudança da liderança do FN. Além disso, a preferência pelo partido de extrema-direita pode ser explicada pela desconfiança nos políticos. Tais achados revelam o potencial do FN em captar o descontentamento dos chamados “perdedores da globalização”, assim como daqueles indivíduos que se sentem desiludidos com a política, posto que seus votantes desejam o insulamento político e cultural no interior das fronteiras do Estado, como forma de se proteger dos efeitos da globalização, e manifestam uma atitude de desconfiança em relação à classe política, mas não necessariamente em direção ao funcionamento da democracia.

Apesar de não termos encontrado efeito significativo de um perfil sociológico de eleitor que apresente traços socioeconômicos de vulnerabilidade objetiva diante dos efeitos da globalização, conforme sugere o modelo de Kriesi *et al.* (2012), encontramos evidências para classificar o eleitor de Marine Le Pen como pertencente ao grupo dos “perdedores da globalização” em função da percepção negativa que ele possui acerca dos fenômenos como a imigração e a União Europeia. Os eleitores do FN na França são

“perdedores da globalização” em um sentido subjetivo, porque se veem em uma condição de impotência diante das rápidas mudanças provocadas pelo enfraquecimento das fronteiras nacionais e dos poderes do Estado Nacional.

O fato de que o voto a favor do FN apresente continuidade entre diferentes eleições e traduza as preferências individuais ancoradas em valores possui relevantes implicações para o apoio à extrema-direita na França, assim como para pensar o futuro do partido. Em primeiro lugar, o caráter estrutural deste tipo de escolha eleitoral, característica que afasta tal decisão do simples voto de protesto ou voto temático, alerta para os cuidados que Marine Le Pen deve ter ao conduzir sua estratégia de modernização do partido. Ao procurar “desdiabolizar” o FN, o que significa distanciá-lo da imagem negativa, antidemocrática, violenta e fascista tradicionalmente vinculada ao partido – cuja manifestação principal se dava através da figura de Jean-Marie Le Pen – Marine pretende conquistar eleitores que compartilhem das políticas defendidas pelo partido, mas que até então não se sentiam atraídos por tal oferta eleitoral em função do estereótipo negativo que essa ela encarnava.

Contudo, se Marine Le Pen for longe demais nesse empreendimento, ela poderá contrariar aqueles eleitores que se sentem de alguma forma fidelizados à sigla em função de suas propostas e de sua rígida oposição ao *establishment* político. Nesse sentido, a dirigente deve atentar para os limites da estratégia de construção de uma nova imagem, mais moderada e “amigável”, que não pode incentivar o afastamento os votantes que aderem ao partido há mais tempo. Seu desafio é não ultrapassar a linha tênue entre, de um lado, o desejo de obter maior legitimidade e credibilidade dentro do jogo democrático e, do outro, a encarnação da rígida crítica ao funcionamento do sistema e às elites políticas, na busca da incorporação de uma terceira.

Por sua vez, como valores são aspectos tendencialmente de longo prazo, adquiridos no processo de socialização do indivíduo, eles não podem ser facilmente moldados durante uma campanha eleitoral, por exemplo. Nesse sentido, ainda que a Frente Nacional possua um eleitorado em potencial, capaz de ser atraído pela figura moderna e carismática de Marine Le Pen e pelas críticas do FN aos partidos tradicionais, em curto prazo a ampla adesão às propostas anti-imigração e anti-União Europeia é muito improvável, pois a parcela de cidadãos orientada por valores pós-

materialistas, favoráveis à globalização e ao multiculturalismo tende a preservar tais posicionamentos e guiar suas preferências eleitorais por essas orientações, o que os afasta da escolha pelo FN. Visto que o sistema eleitoral francês é do tipo majoritário, a Frente Nacional inevitavelmente irá se deparar com a necessidade de não apenas conquistar progressivamente mais eleitores, mas de seduzi-los em sua maioria.

Talvez por isso Marine Le Pen esteja direcionando seu discurso, sobretudo, aos mais jovens, pois eles são os que menos estão inseridos em estruturas sociais e sistemas de valores já enrijecidos pelo tempo ou pela experiência política. Os jovens desejam alternativas novas, que sejam verdadeiramente capazes de substituir as ofertas políticas que dominam o poder há décadas, mas que aparentam ser incapazes de inovar a gestão e a participação política. Curioso que esses jovens têm se orientado para valores conservadores e para a esfera anacrônica do Estado Nacional em busca de novos referenciais em política, procurando respostas no passado. No processo de conquista das novas gerações, parece-nos relevante investigar o papel da mídia na difusão ou construção de preferências políticas, particularmente a respeito de temas como a imigração e a União Europeia. Em que medida os valores defendidos pela Frente Nacional poderão ganhar mais espaço na sociedade francesa? Através de quais mecanismos isso poderá ocorrer?

Finalmente, gostaríamos de evidenciar que estamos cientes das limitações deste trabalho. A análise de uma única eleição em apenas um país restringe a capacidade de generalização dos resultados encontrados. Além disso, a análise empírica não abordou a evolução dos diferentes indicadores que podem impactar o voto de extrema-direita ao longo do tempo, por isso é necessário que o tema seja, cada vez mais, abordado em perspectiva comparada e considerando intervalos temporais mais longos. Desenhos de pesquisa que aperfeiçoem tais elementos serão muito importantes para compreender melhor o porquê de tais partidos não apenas terem surgido no cenário das democracias contemporâneas, mas serem capazes de atrair tantos eleitores nos regimes mais avançados e consolidados do mundo.

Referências bibliográficas

ALBERTINI, D.; DOUCET, D. *Histoire du Front National*. Paris : Éditions Tallandier, 2013. 361 p.

ALLEN, T. J. Extreme support and mainstream failure: Far right populism after the financial crisis. No prelo. Disponível em <<http://www.democracy.uci.edu/files/docs/conferences/grad/2014/allen.pdf>>. Acesso em 04 de fevereiro de 2015.

ANTUNES, R. J. da S. *Identificação partidária e comportamento eleitoral. Fatores estruturais, atitudes e mudanças no sentido do voto*. 2008. 508. Tese (Doutorado – Universidade de Coimbra – Coimbra, 2008.

ARZHEIMER, K. Contextual Factors and the Extreme Right Vote in Western Europe, 1980-2002, *American Journal of Political Science*, Vol. 53, nº 2, pp. 259-275, 2009.

BERELSON, B.; LAZARFELD, P.; MCPHEE, W. *Voting: a study of opinion formation in a presidential campaign*. Chicago: The University of Chicago Press, 1954.

BORNSCHIER, S. *Cleavage Politics and the Populist Right*. Philadelphia: Temple University Press, 2010. 261 p.

BOBBIO, N. *Direita e esquerda: as razões e significados de uma distinção política*. Trad. Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Unesp, 2001. 187 p.

BRANDALISE, C. Europe des Patries: Histórico da Extrema-Direita Europeia. *Revista Cena Internacional*, 7 (1), 2005, pp. 50-82.

BUSSI, M *et al.* Analyse et compréhension du vote lors des élections présidentielles de 2012. L'apport de la géographie électorale. *Revue française de science politique*, 2012/5 Vol. 62, p. 941-963.

BURNI, A. *A Frente Nacional na França: Novas estratégias, velhas ideologias da Extrema-Direita*. Novembro de 2012. 83 p. Monografia (Graduação) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2012.

CALVET, I. N. *Determinantes do Voto*. Corrupção e Impacto Eleitoral nas Eleições Presidenciais Brasileiras de 2002 a 2012. Agosto de 2013. 125 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília. Brasília.

CAMPBELL, A.; CONVERSE, P.; MILLER, W.; STOKES D. *The American Voter*. New York: John Wiley & Sons, 1960.

CARNEIRO, G. de O. P. *A Nova Maioria : Determinantes do Apoio Político ao Neopopulismo na América Latina*. 2009. 157. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo 2009.

- CHAGNOLLAUD, D. *La Vie Politique en France*. Éditions du Seuil, 1993. 480 p.
- CRESPO, M. U. Europe: *A continent in crisis, a rising far right*. Disponível em: <<http://www.internationalviewpoint.org/spip.php?article1931>>. Acesso em 04 de fevereiro de 2015.
- CRÉPON, S. *Enquête au Cœur du Nouveau Front National*. Paris : Éditions Nouveau Monde, 2012. 303.
- DALTON, R. Political Cleavages, Issues and Electoral Change. In: LEDUC, L. *et al. Comparing Democracies: Elections and Voting in Global Perspective*. Sage Publications, 1996, 319-342
- DALTON, R. J. *Citizen politics in Western democracies: Public opinion and political parties in the United States, Great Britain, West Germany, and France*. Chatham House Publishers, 1988. 270 p.
- DELWIT, P. Les étapes du Front National (1972-2011). In : DELWIT, P. (Ed.). *Le Front National. Mutations de l'extrême droite française*. Bruxelles : Éditions de l'Université de Bruxelles, 2012. 11-36.
- DELWIT, P. Les étapes du Front National (1972-2011). In : DELWIT, P. (Ed.). *Le Front National. Mutations de l'extrême droite française*. Bruxelles : Éditions de l'Université de Bruxelles, 2012. 11-36.
- DELWIT, P. Le Front National et les élections. In : DELWIT, P. (Ed.). *Le Front National. Mutations de l'extrême droite française*. Bruxelles : Éditions de l'Université de Bruxelles, 2012. 113-142.
- DOLEZ, B. ; LAURENT, A. Voix sans élus. Le vote Front National dans la région Nord-Pas-de-Calais. In : DELWIT, P. (Ed.). *Le Front National. Mutations de l'extrême droite française*. Bruxelles : Éditions de l'Université de Bruxelles, 2012. 171-190.
- DOWNS, A. *Uma teoria econômica da democracia*. São Paulo: EDUSP, 1999 [1957].
- EATWELL, R. The Rebirth of the 'Extreme Right' in Western Europe?. *Parliamentary Affairs*, 53, pp. 407-425, 2000.
- INGLEHART, R; FLANAGAN, S. C. Value Change in Industrial Society. *American Political Science Review*, 81, 4, p. 1308-1312, pp. 1289-1319, 1987.
- GIVENS, T. E., *Voting Radical Right in Western Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. 190 p.
- GOMBIN, J. Le Front National en Provence-Alpes-Côte d'Azur. In : DELWIT, P. (Ed.). *Le Front National. Mutations de l'extrême droite française*. Bruxelles : Éditions de l'Université de Bruxelles, 2012. 191-210.
- GUIMARÃES, M. J. A nova extrema-direita europeia, *Tendências Político-Sociais*, maio de 2011.

- GUNTHER, R.; KUAN, H. Value Cleavages and Partisan Conflict. In: GUNTHER, R.; MONTERO, J. R.; HANS-JÜRGEN, P. (Orgs.) *Democracy, Intermediation, and Voting on Four Continents*. Oxford: Oxford University Press, 2007. p. 255-321
- HAINSWORTH, P. *The Extreme Right in Western Europe*. New York: Routledge, 2008 173p.
- HAINMUELLER, J.; HISCOX, M. J. Educated Preferences: Explaining Attitudes Towards Immigration in Europe. *International Organization*, 2007. 442 p.
- HALIKIPOULOU, D.; VASILOPOULOU, S. *The Golden Dawn's nationalist solution: explaining the rise of the far right in Greece*. Palgrave Macmillan. 2015.
- IGNAZI, P. *Extreme Right Parties in Western Europe*. Oxford: Oxford University Press, 2003. 271 p.
- IGNAZI, P. Le Front national et les autres. Influence et évolutions. In : DELWIT, P. (Ed.). *Le Front National*. Mutations de l'extrême droite française. Bruxelles : Éditions de l'Université de Bruxelles, 2012. 37-56.
- IGNAZI, P. The Silent Counter-Revolution. Hypotheses on the Emergence of Extreme Right-Wing Parties. *European Journal of Political Research*, 22, 1992, pp. 3-34.
- INGLEHART, R. *The Silent Revolution: Changing Values and Political Styles Among Western Publics*. Princeton University Press, 1977. 482 p.
- IVALDI, G. Permanences et évolutions de l'idéologie frontiste. In : DELWIT, P. (Ed.). *Le Front National*. Mutations de l'extrême droite française. Bruxelles : Éditions de l'Université de Bruxelles, 2012. 95-112.
- IVALDI, G. *Extreme right parties in France: an overview, Extreme Right Electorates and Party Success*. Disponible en : http://cidsp.upmf-grenoble.fr/guest/ereps/download/france_overview.htm. 2002
- IVALDI, G. Le front national : sortir de l'isolement politique. In : BRÉCHON, P. (Dir.). *Les partis politiques français*. Les Etudes de la Documentation française, 3e édition, 2011.
- IVARSFLATEN, E. What unites right-wing populists in Western Europe? Re-Examining grievance mobilization models in seven successful cases. *Comparative Political Studies*, 41, 2008, pp. 3-23.
- KITSCHOLT, H. *The Radical Right in Western Europe: A Comparative Analysis*. University of Michigan Press, 1995. 352 p.
- KITSCHOLT, H. Review Article: Growth and Persistence of the Radical Right in Postindustrial Democracies: Advances and Challenges in Comparative Research'. *West European Politics*, 30(5), 2007, pp. 1176-1206.

KRIESI, H.; GRANDE, E. ; DOLEZAL, M. ; HELBLING, M. ; HÖGLINGER, D. ; HUTTER, S.; WÜEST, B. *Political Conflict in Western Europe*. Cambridge University Press, 2012. 370 p.

KRIESI, H. The Populist Challenge. *West European Politics*, 37:2, p. 361-378, 2014.

KRIESI, H. The mobilization of the political potentials linked to European integration by national political parties, Paper presented at the *Conference on "Eurocepticism"*, at the Pulitzer Hotel, Amsterdam, July 1 and 2, 2005.

LAUDE, A. *Droite Populiste et Radicale: un État des Lieux sur un Phénomène Singulier en Union Européenne*, 06 de setembro de 2011. 78 p. Dissertação (Mestrado) – Institut d'Études Politiques de Lyon. Lyon, 2011.

LIPSET, S. M., ROKKAN, S. *Party Systems and Voter Alignments*, New York, Free Press, 1967.

LUBBERS, M.; SHEEPERS, P. Euroscepticism and extreme voting patterns in Europe. In: LOOSVELDT, G.; SWYNGEDOUW, M.; CAMBRÉ, B. *Measuring Meaningful Data in Social Research*. Leuven: Acco, 2007. p. 71-92.

LUBBERS, M.; SHEEPERS, P. French Front National voting: a micro and macro perspective. *Ethnic and Racial Studies*, vol. 25, n° 1, pp. 120-149, January 2002.

MAYER, N.; PERRINEAU, P. Pourquoi votent-ils pour le Front National?. *Pouvoirs*, 55, p. 163-184, 1990.

MAYER, N. Qui vote pour qui et pourquoi?. Les modèles explicatifs du choix électoral, *Pouvoirs*, 2007/1 n° 120, p. 17-27.

MAYER, N. Du vote lepéniste au vote frontiste. *Revue Française de science politique*, 47/3-4,1997, p. 438-453.

MAYER, N. De Jean-Marie à Marine Le Pen: l'électorat du Front National a-t-il changé?. In : DELWIT, P. (Ed.). *Le Front National*. Mutations de l'extrême droite française. Bruxelles : Éditions de l'Université de Bruxelles, 2012. 143-160.

MAYER, N. Le Vote FN de Passy à Barbès, In : MAYER, N. ; PERRINEAU, P. (Eds). *Le Front National à Découverte*. Paris: Presses de la Fondation Nationale des Science Politiques,1989.

MICHELAT, G. ; TIBERJ, V. Gauche, centre, droite et vote. Permanence et mutation d'une opposition, *Revue française de science politique*, 2007/3 Vol. 57, p. 371-392.

MONTERO, J. R., GUNTHER, R.; TORCAL, M. Actitudes hacia la democracia en España: legitimidad,descontento y desafección, *REIS*, 83, 1998.

MORENO, A. La libertad de elegir: comparando América Latina con otras regiones del mundo. In: CARBALLO, M. ; MORENO, A. (Coord.) *El cambio de valores en América Latina*. Hallazgos de la Encuesta Mundial de Valores. México: Centro de Estudios Sociales y de Opinión Pública, 2013.

MONTERO, J. R.; TORCAL, M. *Value Change, generational replacement and politics in Spain*. Working Paper. Madrid: Institute of Advanced Studies, Fundación Juan March, 1994.

MUDDE, C. *The ideology of the extreme right*. Manchester: Manchester University Press, 2000. 225 p.

MUDDE, C. *Populist Radical Right Parties in Europe*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007. 404 p.

MUDDE, C. *Contrary to popular opinion, Europe has not seen a sharp rise in far-right support since the start of the crisis*. Disponível em: <http://blogs.lse.ac.uk/euoppblog/2013/08/22/contrary-to-popular-opinion-europe-has-not-seen-a-rise-in-far-right-support-since-the-start-of-the-crisis/>. Acesso em 04 de fevereiro de 2015.

NORRIS, P.; WALGRAVE, S.; VAN AELST, P. Does protest signify dissatisfaction? Demonstrators in a postindustrial democracy, In: TORCAL, M.; MONTERO, J. R. (eds.) *Political Dissatisfaction in Contemporary Democracies*. Routledge, London and New York, 2006, pp. 279-309.

NIE, N. H.; VERBA, S.; PETROCIK, J. R. *The Changing American Voter*. Cambridge, MA: Harvard University. Press, 1976. 399 p.

NORRIS, P. *Radical Right. Voters and Parties in the Electoral Market*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005. 367 p.

PERRINEAU, P. La montée des droites extrêmes en Europe, *Études*, 397, pp. 605-613, 2002.

PERRINEAU, P. Le retour du Front National. *La Revue Socialiste*, 45-46, p. 105-112, 2011.

PERRINEAU, P. La Crise de la Représentation Politique. In: PERRINEAU, P. ; ROUBAN, L. (Dir.). *La politique en France et en Europe*. Paris: Les Presses de Science Po, 2007. 451 p.

PERRINEAU, P. *Le Symptôme Le Pen : Radiographie des électeurs du Front National*. Éditions Fayard, 1997. 257 p.

RODOGNO, D. Le nouvel ordre fasciste en Méditerranée 1940-1943 : pré-supposés idéologiques, visions et vellétés. *Revue d'Histoire Moderne et Contemporaine*, 3, n° 55-3, 2008, pp. 138-156.

RYDGREN, J. Immigration Sceptics, Xenophobes or Racists? Radical Right-Wing in Six West European Countries. *European Journal of Political Research*, 47, 6, pp. 737-765. 2008.

SAMPAIO, D. P. *Muçulmanos e França: formação de uma minoria e desafios para sua integração*. 2010. 172 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2010.

SCHWENGLER, B. L'Alsace ou le vote Front National dans une région de droite. In : DELWIT, P. (Ed.). *Le Front National. Mutations de l'extrême droite française*. Bruxelles : Éditions de l'Université de Bruxelles, 2012. 191-226.

SMIRNOV, O.; FOWLER, J. H. *A Dynamic Calculus of Voting*. Paper read at Midwest Political Science Association Annual Meeting, at Chicago, IL. 2003

STOCKEMER, D.; LAMONTAGNE, B. Right-wing extremism in France – departmental differences in the vote for the National Front, *Romanian Journal of Political Science*, vol. 7, n. 2, winter, 2007.

TAGUIEFF, P. A. *Le Nouveau National-Populisme*. Éditions CNRS, 2012. 128 p.

TELLES, H. de S. El desempeño de los partidos políticos en las elecciones para la cámara de diputados em Brasil. *América Latina Hoy*, 45, 2007. pp. 141-169.

TELLES, H. de S.; LOURENÇO, L. C.; STORNI, T. P. L. Partidos, Campanhas e voto: Como o eleitor decide nas eleições municipais. *Sociedade e Cultura. Goiânia*, v. 12, nº 1, p. 91-116, jan./jun. 2009.

THOMASSEN, J. *The European Voter: A comparative study of modern democracies*. United States: Oxford University Press, 2005. 376 p.

PROWE, D. « Classic » Fascism and the New Radical Right in Western Europe: Comparisons and Contrasts. *Contemporary European History*, 3, 1994, p. 289-301.

VAN DER BRUG, W.; FENNEMA, M. Causes of voting for the radical right, *International Journal of Public Opinion Research*, vol. 19, n.4, 2007

VAN DER BRUG, W.; FENNEMA, M. Protest or Mainstream? How the European anti-immigrant parties have developed into two separate groups by 1999, *European Journal of Political Research*, 42, pp. 55-76, 2003.

VAN DER BRUG, W.; FENNEMA, M. The support base of radical right parties in the enlarged European Union States. In: MARSH, M.; SLAVA, M.; HERMAN, S. (Ed.). *European Elections after Eastern Enlargement. Preliminary Results of the European Elections Study 2004*, CONNEX Report Series, Vol. 1, Wiesbaden: MZES, 2007, pp. 297-326.

WIEVIORKA, M. *Le Front National: entre extrémisme, populisme et démocratie*. Paris : Éditions de la Maison des sciences de l'homme, 2013. 88 p.

Anexo 1 :

Questionário do *survey* *Enquête Électorale Française* de 2012



TNS Sofres

PART SC : SCREENING

A TOUS

SC1 Etes-vous inscrit sur les listes électorales, ici dans la commune où nous sommes ?

Oui => **ALLER EN H1**

Non => **STOP INTER**

RS

H1 Coder le sexe

1 Homme

2 Femme

MODULE ENJEUX

PROG : HORLOGE

ECRAN DE TRANSITION : ENQUETEURS : ATTENTION CETTE PREMIERE PARTIE COMPORTE DE NOMBREUSES QUESTIONS OUVERTES QUI SONT REPRISES DANS LA SUITE DU QUESTIONNAIRE, VEILLEZ DONC A SAISIR DES REPONSES SUFFISAMMENT CLAIRES ET CONCISES, OU UNE SEULE IDEE EST EXPRIMEE.

E1(CSES3Q2a) Quel est, à votre avis, le problème le plus important POUR LA FRANCE aujourd'hui ?

ENQUETEUR : NE RIEN SUGGERER – NOTER EN CLAIR – REPONSE COURTE – UNE SEULE IDEE EXPRIMEE

REF
DK
NULL

**FILTRE : SI CODE DK, REF OU NULL EN E1 POSER E2
LES AUTRES (CODE DK, REF OU NULL) ALLER AU FILTRE AVANT E5A OU E5B**

E2 (CSES3Q2b) Et en second ?

ENQUETEUR : NE RIEN SUGGERER – NOTER EN CLAIR – REPONSE COURTE – UNE SEULE IDEE EXPRIMEE

REF
DK
NULL

**FILTRE : SI CODE DK, REF OU NULL EN E1 POSER E5A OU E5B
LES AUTRES (CODE DK, REF OU NULL) ALLER AU FILTRE AVANT E6**

POSER E5A AU SPLIT A

E5A (CSES3Q3a) En pensant à [PROG : AFFICHER REPONSE DONNEE EN E1], quel était selon vous le candidat à l'élection présidentielle le plus capable de s'en occuper ?

TENDRE LISTE REPONSE A - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Nathalie Arthaud
 2. Philippe Poutou
 3. Jean-Luc Mélenchon
 4. Eva Joly
 5. François Hollande
 6. François Bayrou
 7. Nicolas Sarkozy
 8. Nicolas Dupont-Aignan
 9. Marine Le Pen
 10. Jacques Cheminade
- REF
DK
NULL

POSER E5B AU SPLIT B

E5B (CSES3Q3a) En pensant à [PROG : AFFICHER REPONSE DONNEE EN E1], quel était selon vous le candidat à l'élection présidentielle le plus capable de s'en occuper ?

TENDRE LISTE REPONSE B - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Marine Le Pen
 2. Nicolas Dupont-Aignan
 3. Nicolas Sarkozy
 4. François Bayrou
 5. François Hollande
 6. Eva Joly
 7. Jean-Luc Mélenchon
 8. Philippe Poutou
 9. Nathalie Arthaud
 10. Jacques Cheminade
- REF
DK
NULL

**FILTRE : SI CODE DK, REF OU NULL EN E2 POSER E6A OU E6B
LES AUTRES (CODE DK, REF OU NULL) ALLER EN E7**

POSER E6A AU SPLIT A

E6A (CSES3Q3b) Et en pensant à [PROG : AFFICHER REPONSE DONNEE EN E2], quel était selon vous le candidat à l'élection présidentielle le plus capable de s'en occuper ?

TENDRE LISTE REPONSE A - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Nathalie Arthaud
 2. Philippe Poutou
 3. Jean-Luc Mélenchon
 4. Eva Joly
 5. François Hollande
 6. François Bayrou
 7. Nicolas Sarkozy
 8. Nicolas Dupont-Aignan
 9. Marine Le Pen
 10. Jacques Cheminade
- REF
DK
NULL

POSER E6B AU SPLIT B

E6B (CSES3Q3b) Et en pensant à [PROG : AFFICHER REPONSE DONNEE EN E2], quel était selon vous le candidat à l'élection présidentielle le plus capable de s'en occuper ?

TENDRE LISTE REPONSE B - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Marine Le Pen
 2. Nicolas Dupont-Aignan
 3. Nicolas Sarkozy
 4. François Bayrou
 5. François Hollande
 6. Eva Joly
 7. Jean-Luc Mélenchon
 8. Philippe Poutou
 9. Nathalie Arthaud
 10. Jacques Cheminade
- REF
DK
NULL

A TOUS

E7 Au cours des 5 dernières années, quelle a été selon vous la décision la plus importante prise par Nicolas Sarkozy et son gouvernement pour la France (enquêteur : si nécessaire préciser : que ce soit en bien ou en mal) ?

ENQUETEUR : NE RIEN SUGGERER – NOTER EN CLAIR – REPONSE COURTE – UNE SEULE IDEE
EXPRIMEE – SI CONSIDERE QUE NICOLAS SARKOZY ET SON GOUVERNEMENT N'ONT RIEN FAIT
CODER NULL

REF
DK
NULL

E9 Est-ce que la décision de [PROG : AFFICHER REPONSE DONNEE EN E7] était selon vous juste ou injuste ? Pour répondre, veuillez utiliser une échelle de 0 à 10 où 0 signifie « Injuste » et 10 signifie « Juste ».

MONTRER ECRAN CAPI – UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. 0 Injuste
 2. 1
 3. 2
 4. 3
 5. 4
 6. 5
 7. 6
 8. 7
 9. 8
 - 10.9
 - 11.10 Juste
- REF
DK
NULL

E10 Et cette décision était-elle selon vous efficace ou pas efficace ? Pour répondre veuillez utiliser une échelle de 0 à 10 où 0 signifie « Pas efficace » et 10 signifie « Efficace ».

MONTRER ECRAN CAPI – UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. 0 Pas efficace
 2. 1
 3. 2
 4. 3
 5. 4
 6. 5
 7. 6
 8. 7
 9. 8
 - 10.9
 - 11.10 Efficace
- REF
DK
NULL

SECTEURS DE DEPENSES PUBLIQUES

PROG : HORLOGE

ECRAN INTERMEDIAIRE : ENQUETEUR VEUILLEZ TOURNER L'ECRAN CAPI AFIN QUE L'INTERVIEWE NE PUISSE LE VOIR

A TOUS

Pour les prochaines questions, dites-moi s'il vous plaît s'il faudrait plus ou moins de dépenses publiques dans les secteurs suivants. Rappelez-vous que si vous dites « plus », cela pourrait entraîner une hausse d'impôts et que si vous dites « moins », cela pourrait entraîner une diminution des services dans ce secteur.

S1 (CSES4Q1a,b,c,d,e,f,g,h) Concernant les dépenses [PROG : INSERER ITEM EN MAJUSCULE], devrait-il y avoir beaucoup plus, un peu plus, pareil, un peu moins ou beaucoup moins de dépenses qu'actuellement ?

TENDRE LISTE REPONSE AVEC ECHELLE - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Beaucoup plus qu'actuellement
 2. Un peu plus qu'actuellement
 3. Pareil qu'actuellement
 4. Un peu moins qu'actuellement
 5. Beaucoup moins qu'actuellement
- REF
DK
NULL

- 1 publiques dans le secteur de la santé
- 2 publiques dans le secteur de l'éducation
- 3 publiques pour l'assurance chômage et l'aide au retour à l'emploi
- 4 militaires de l'Etat
- 5 publiques pour les retraites
- 6 publiques en faveur du commerce et de l'industrie
- 7 publiques pour la police et le maintien de l'ordre public
- 8 publiques pour financer les aides sociales comme les allocations familiales ou les allocations logement

MODULE VOTE & RAPPORT AU POLITIQUE

PROG : HORLOGE

ECRAN DE TRANSITION : NOUS ALLONS MAINTENANT PARLER DES DERNIERES ELECTIONS.

V1 (CSES4Q5P1-a) Beaucoup d'électeurs n'ont pas voté au premier tour de l'élection présidentielle. Vous-même, pouvez-vous me dire si vous avez voté au premier tour de l'élection présidentielle le 22 avril dernier ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Oui, a voté
 2. Non, n'a pas voté
- REF
DK

**FILTRE : SI CODE 1 EN V1 POSER V3A OU V3B
LES AUTRES (CODE 2, DK, REF OU NULL) ALLER EN V6**

POSER V3A AU SPLIT A

V3A (CSES4Q5P1-b) Pour qui avez-vous voté ?

Pour répondre, veuillez m'indiquer la lettre qui correspond à votre réponse ?

TENDRE LISTE REPONSE A ET LAISSER LE REpondant TOURNER LUI-MEME LA PREMIERE PAGE POUR ACCEDER A LA LISTE REPONSE DE FAÇON A CE QUE VOUS NE PUISSIEZ PAS VOIR LES ITEMS CORRESPONDANT AUX LETTRES

ENQUETEUR : CODER LA LETTRE CITEE - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. D - Nathalie Arthaud
 2. U - Philippe Poutou
 3. N - Jean-Luc Mélenchon
 4. H - Eva Joly
 5. R - François Hollande
 6. S - François Bayrou
 7. E - Nicolas Sarkozy
 8. A - Nicolas Dupont-Aignan
 9. J - Marine Le Pen
 10. K - Jacques Cheminade
96. A voté blanc ou nul
REF
DK

POSER V3B AU SPLIT B

V3B (CSES4Q5P1-b) Pour qui avez-vous voté ?

Pour répondre, veuillez m'indiquer la lettre qui correspond à votre réponse ?

TENDRE LISTE REPONSE B ET LAISSER LE REpondANT TOURNER LUI-MEME LA PREMIERE

PAGE POUR ACCEDER A LA LISTE REPONSE DE FAÇON A CE QUE VOUS NE PUISSIEZ PAS VOIR

LES ITEMS CORRESPONDANT AUX LETTRES

ENQUETEUR : CODER LA LETTRE CITEE - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. J - Marine Le Pen
 2. A - Nicolas Dupont-Aignan
 3. E - Nicolas Sarkozy
 4. S - François Bayrou
 5. R - François Hollande
 6. H - Eva Joly
 7. N - Jean-Luc Mélenchon
 8. U - Philippe Poutou
 9. D - Nathalie Arthaud
 10. K - Jacques Cheminade
 96. A voté blanc ou nul
- REF
DK

**FILTRE : SI CODE 1 EN V1 POSER V4
LES AUTRES (CODE 2, DK, REF OU NULL) ALLER EN V6**

V4 (CSES3Q21c) Y a-t-il un ou plusieurs autres candidats pour lequel ou lesquels vous avez sérieusement envisagé de voter ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Oui
 2. Non
- REF
DK

**FILTRE : SI CODE 1 EN V4 POSER V5A OU V5B
LES AUTRES (CODE 2, DK, REF OU NULL) ALLER EN V6**

POSER V5A AU SPLIT A

V5A (CSES3Q21d) Lequel ? Qui d'autre ?

Pour répondre, veuillez m'indiquer la ou les lettre(s) qui correspond(ent) à votre ou réponse(s) ?

TENDRE LISTE REPONSE A ET LAISSER LE REpondANT TOURNER LUI-MEME LA PREMIERE

PAGE POUR ACCEDER A LA LISTE REPONSE DE FAÇON A CE QUE VOUS NE PUISSIEZ PAS VOIR

LES ITEMS CORRESPONDANT AUX LETTRES

ENQUETEUR : CODER LA OU LES LETTRES CITEES - RELANCER AUTANT QUE NECESSAIRE

PLUSIEURS REPONSES POSSIBLES

PROG : NE PAS AFFICHER LE CODE CITE EN V3A OU V3B

1. D - Nathalie Arthaud
 2. U - Philippe Poutou
 3. N - Jean-Luc Mélenchon
 4. H - Eva Joly
 5. R - François Hollande
 6. S - François Bayrou
 7. E - Nicolas Sarkozy
 8. A - Nicolas Dupont-Aignan
 9. J - Marine Le Pen
 10. K - Jacques Cheminade
- REF
DK

POSER V5B AU SPLIT B

V5B (CSES3Q21d) Lequel ? Qui d'autre ?

Pour répondre, veuillez m'indiquer la ou les lettre(s) qui correspond(ent) à votre ou vos réponse(s) ?

TENDRE LISTE REPONSE B ET LAISSER LE REpondANT TOURNER LUI-MEME LA PREMIERE PAGE POUR ACCEDER A LA LISTE REPONSE DE FAÇON A CE QUE VOUS NE PUISSIEZ PAS VOIR LES ITEMS CORRESPONDANT AUX LETTRES
ENQUETEUR : CODER LA OU LES LETTRES CITEES - RELANCER AUTANT QUE NECESSAIRE PLUSIEURS REPONSES POSSIBLES

PROG : NE PAS AFFICHER LE CODE CITE EN V3A OU V3B

1. J - Marine Le Pen
 2. A - Nicolas Dupont-Aignan
 3. E - Nicolas Sarkozy
 4. S - François Bayrou
 5. R - François Hollande
 6. H - Eva Joly
 7. N - Jean-Luc Mélenchon
 8. U - Philippe Poutou
 9. D - Nathalie Arthaud
 10. K - Jacques Cheminade
- REF
DK

A TOUS

V6 (CSES4Q5P2-a) Passons au second tour de l'élection présidentielle. Pouvez-vous me dire si vous avez voté au second tour de l'élection présidentielle le 6 mai dernier ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Oui, a voté
 2. Non, n'a pas voté
- REF
DK

**FILTRE : SI CODE 1 EN V6 POSER V8A OU V8B
LES AUTRES (CODE 2 OU DK, REF OU NULL) ALLER EN V9**

POSER V8A AU SPLIT A

V8A (CSES4Q5P2-b) Pour qui avez-vous voté ?

Pour répondre, veuillez m'indiquer la lettre qui correspond à votre réponse ?

TENDRE LISTE REPONSE A ET LAISSER LE REpondANT TOURNER LUI-MEME LA PREMIERE PAGE POUR ACCEDER A LA LISTE REPONSE DE FAÇON A CE QUE VOUS NE PUISSIEZ PAS VOIR LES ITEMS CORRESPONDANT AUX LETTRES
ENQUETEUR : CODER LA LETTRE CITEE - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. R - François Hollande
 2. E - Nicolas Sarkozy
96. A voté blanc ou nul
REF
DK

POSER V8B AU SPLIT B

V8B (CSES4Q5P2-b) Pour qui avez-vous voté ?

Pour répondre, veuillez m'indiquer la lettre qui correspond à votre réponse ?

TENDRE LISTE REPONSE B ET LAISSER LE REpondANT TOURNER LUI-MEME LA PREMIERE PAGE POUR ACCEDER A LA LISTE REPONSE DE FAÇON A CE QUE VOUS NE PUISSIEZ PAS VOIR LES ITEMS CORRESPONDANT AUX LETTRES
ENQUETEUR : CODER LA LETTRE CITEE - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. E - Nicolas Sarkozy
 2. R - François Hollande
96. A voté blanc ou nul
REF
DK

A TOUS

V9 (CSES4Q5LH-a) Beaucoup d'électeurs n'iront pas voter au premier tour des prochaines élections législatives. Vous-même, pouvez-vous me dire si vous irez voter au premier tour des élections législatives le 10 juin prochain ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Oui, ira voter
 2. Non, n'ira pas voter
- REF
DK

**FILTRE : SI CODE 1 EN V9 POSER V10A OU V10B
LES AUTRES (CODE 2 OU DK OU REF OU NULL) ALLER AU FILTRE AVANT
V13**

POSER V10A AU SPLIT A

**V10A (CSES4Q5LH-d) Pour le candidat de quel parti allez-vous voter ?
Pour répondre, veuillez m'indiquer la lettre qui correspond à votre réponse ?**

TENDRE LISTE REPONSE A ET LAISSER LE REpondANT TOURNER LUI-MEME LA PREMIERE
PAGE POUR ACCEDER A LA LISTE REPONSE DE FAÇON A CE QUE VOUS NE PUISSIEZ PAS VOIR
LES ITEMS CORRESPONDANT AUX LETTRES
ENQUETEUR : CODER LA LETTRE CITEE - UNE SEULE REponse POSSIBLE

1. M - Lutte ouvrière ou NPA (Nouveau parti anticapitaliste)
 2. R - Le Front de gauche (Parti communiste ou Parti de gauche)
 3. P - Le Parti radical de gauche
 4. S - Europe Ecologie – Les Verts
 5. U - Le Parti socialiste
 6. B - Le MoDem
 7. J - Le Nouveau centre
 8. F - L'UMP
 9. A - Le Front National
 10. Un candidat sans étiquette
 11. Un candidat d'un autre parti
 96. Votera blanc ou nul
- REF
DK

POSER V10B AU SPLIT B

**V10B (CSES4Q5LH-d) Pour le candidat de quel parti allez-vous voter ?
Pour répondre, veuillez m'indiquer la lettre qui correspond à votre réponse ?**

TENDRE LISTE REPONSE B ET LAISSER LE REpondANT TOURNER LUI-MEME LA PREMIERE
PAGE POUR ACCEDER A LA LISTE REPONSE DE FAÇON A CE QUE VOUS NE PUISSIEZ PAS VOIR
LES ITEMS CORRESPONDANT AUX LETTRES
ENQUETEUR : CODER LA LETTRE CITEE - UNE SEULE REponse POSSIBLE

1. A - Le Front National
 2. F - L'UMP
 3. J - Le Nouveau centre
 4. B - Le MoDem
 5. U - Le Parti socialiste
 6. S - Europe Ecologie – Les Verts
 7. P - Le Parti radical de gauche
 8. R - Le Front de gauche (Parti communiste ou Parti de gauche)
 9. M - Lutte ouvrière ou NPA (Nouveau parti anticapitaliste)
 10. Un candidat sans étiquette
 11. Un candidat d'un autre parti
 96. Votera blanc ou nul
- REF
DK

A TOUS

**V13 (CSES4Q6a1) Par rapport à l'élection présidentielle qui a eu lieu en 2007
cette fois, pouvez-vous me dire si vous aviez voté au premier tour de l'élection
présidentielle du 22 avril 2007 ?**

CITER : UNE SEULE REponse POSSIBLE

1. Oui, avait voté
 2. Non, n'avait pas voté
 3. N'avait pas le droit de voter / N'était pas inscrit sur les listes électorales
- REF
DK

**FILTRE : SI CODE 1 EN V13 POSER V14A OU V14B
LES AUTRES (CODE 2 OU 3 OU DK OU REF OU NULL) ALLER AU
FILTRE AVANT V15**

POSER V14A AU SPLIT A

V14A (CSES4Q6d1). Pour qui aviez-vous voté ?

Pour répondre, veuillez m'indiquer la lettre qui correspond à votre réponse ?

TENDRE LISTE REPONSE A ET LAISSER LE REpondANT TOURNER LUI-MEME LA PREMIERE

PAGE POUR ACCEDER A LA LISTE REPONSE DE FAÇON A CE QUE VOUS NE PUISSIEZ PAS VOIR

LES ITEMS CORRESPONDANT AUX LETTRES

ENQUETEUR : CODER LA LETTRE CITEE - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. R - Arlette Laguiller
2. T - Olivier Besancenot
3. I - Gérard Schivardi
4. E - Marie-George Buffet
5. A - José Bové
6. L - Dominique Voynet
7. B - Ségolène Royal
8. O - François Bayrou
9. V - Nicolas Sarkozy
10. Q - Philippe de Villiers
11. C - Jean-Marie Le Pen
12. D - Frédéric Nihous
13. A voté blanc ou nul
REF
DK

POSER V14B AU SPLIT B

V14B (CSES4Q6d1). Pour qui aviez-vous voté ?

Pour répondre, veuillez m'indiquer la lettre qui correspond à votre réponse ?

TENDRE LISTE REPONSE B ET LAISSER LE REpondANT TOURNER LUI-MEME LA PREMIERE

PAGE POUR ACCEDER A LA LISTE REPONSE DE FAÇON A CE QUE VOUS NE PUISSIEZ PAS VOIR

LES ITEMS CORRESPONDANT AUX LETTRES

ENQUETEUR : CODER LA LETTRE CITEE - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. C - Jean-Marie Le Pen
2. Q - Philippe de Villiers
3. V - Nicolas Sarkozy
4. O - François Bayrou
5. B - Ségolène Royal
6. L - Dominique Voynet
7. A - José Bové
8. E - Marie-George Buffet
9. I - Gérard Schivardi
10. T - Olivier Besancenot
11. R - Arlette Laguiller
12. D - Frédéric Nihous
13. A voté blanc ou nul
REF
DK

**FILTRE : SI CODE 1 OU 2 OU REF OU DK OU NULL EN V13 POSER V15
LES AUTRES (3) ALLER AU FILTRE AVANT V16A OU V16B**

**V15 (CSES4Q6a2) Toujours par rapport à l'élection présidentielle qui a eu lieu
en 2007, pouvez-vous me dire si vous aviez voté au second tour de l'élection
présidentielle du 6 mai 2007 ?**

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Oui, avait voté
2. Non, n'avait pas voté
REF
DK

**FILTRE : SI CODE 1 EN V15 POSER V16A OU V16B
LES AUTRES (CODE 2 OU 3 OU DK OU REF OU NULL) ALLER EN V17A OU
V17B**

POSER V16A AU SPLIT A

V16A (CSES4Q6d1) Pour qui aviez-vous voté ?

Pour répondre, veuillez m'indiquer la lettre qui correspond à votre réponse ?

TENDRE LISTE REPONSE A ET LAISSER LE REpondANT TOURNER LUI-MEME LA PREMIERE
PAGE POUR ACCEDER A LA LISTE REPONSE DE FAÇON A CE QUE VOUS NE PUISSIEZ PAS VOIR
LES ITEMS CORRESPONDANT AUX LETTRES

ENQUETEUR : CODER LA LETTRE CITEE - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

- 01. G - Ségolène Royal
- 02. B - Nicolas Sarkozy
- 96. A voté blanc ou nul
- REF
- DK

POSER V16B AU SPLIT B

V16B (CSES4Q6d1) Pour qui aviez-vous voté ?

Pour répondre, veuillez m'indiquer la lettre qui correspond à votre réponse ?

TENDRE LISTE REPONSE B ET LAISSER LE REpondANT TOURNER LUI-MEME LA PREMIERE
PAGE POUR ACCEDER A LA LISTE REPONSE DE FAÇON A CE QUE VOUS NE PUISSIEZ PAS VOIR
LES ITEMS CORRESPONDANT AUX LETTRES

ENQUETEUR : CODER LA LETTRE CITEE - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

- 01. B - Nicolas Sarkozy
- 2. G - Ségolène Royal
- 96. A voté blanc ou nul
- REF
- DK

A TOUS

POSER V17A AU SPLIT A

V17A (CSES4Q9) Pourriez-vous donner à chacun des partis suivants une note de 0 à 10, où 0 signifie que vous n'aimez pas du tout ce parti et 10 signifie que vous l'appréciez beaucoup. Si vous ne connaissez pas un de ces partis, n'hésitez pas à me le dire.

MONTRER ECRAN CAPI – CITER - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

SI N'A JAMAIS ENTENDU PARLER DE CE PARTI CODER « JAMAIS ENTENDU PARLER... »

- 1 0 Vous n'aimez pas du tout ce parti
- 2 1
- 3 2
- 4 3
- 5 4
- 6 5
- 7 6
- 8 7
- 9 8
- 10 9
- 11 10 Vous appréciez beaucoup ce parti
- 12 96 Jamais entendu parler de ce parti
- REF
- DK
- NULL

- 1. Le Front de gauche (Parti communiste ou Parti de gauche)
- 2. Europe Ecologie – Les Verts
- 3. Le Parti socialiste
- 4. Le MoDem
- 5. L'UMP
- 6. Le Front National

POSER V17B AU SPLIT B**POSER V18A AU SPLIT A**

V17B (CSES4Q9) Pourriez-vous donner à chacun des partis suivants une note de 0 à 10, où 0 signifie que vous n'aimez pas du tout ce parti et 10 signifie que vous l'appréciez beaucoup. Si vous ne connaissez pas un de ces partis, n'hésitez pas à me le dire.

MONTRER ECRAN CAPI – CITER - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

SI N'A JAMAIS ENTENDU PARLER DE CE PARTI CODER « JAMAIS ENTENDU PARLER... »

- 1 0 Vous n'aimez pas du tout ce parti
 - 2 1
 - 3 2
 - 4 3
 - 5 4
 - 6 5
 - 7 6
 - 8 7
 - 9 8
 - 10 9
 - 11 10 Vous appréciez beaucoup ce parti
 - 12 96 Jamais entendu parler de ce parti
- REF
DK
NULL

- 1. Le Front National
- 2. L'UMP
- 3. Le MoDem
- 4. Le Parti socialiste
- 5. Europe Ecologie – Les Verts
- 6. Le Front de gauche (Parti communiste ou Parti de gauche)

V18A (CSES4Q10) Pourriez-vous donner à chacune des personnalités politiques suivantes une note de 0 à 10, où 0 signifie que vous n'aimez pas du tout cette personnalité et 10 signifie que vous l'appréciez beaucoup. Si vous ne connaissez pas l'une des personnalités, n'hésitez pas à le dire.

MONTRER ECRAN CAPI – UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

SI N'A JAMAIS ENTENDU PARLER DE CETTE PERSONNALITE CODER « JAMAIS ENTENDU PARLER... »

- 1 0 Vous n'aimez pas du tout cette personnalité
 - 2 1
 - 3 2
 - 4 3
 - 5 4
 - 6 5
 - 7 6
 - 8 7
 - 9 8
 - 10 9
 - 11 10 Vous appréciez beaucoup cette personnalité
 - 12 96 Jamais entendu parler de cette personnalité
- REF
DK
NULL

- 1 Jean-Luc Mélenchon
- 2 Eva Joly
- 3 François Hollande
- 4 François Bayrou
- 5 Nicolas Sarkozy
- 6 Marine Le Pen

POSER V18B AU SPLIT B

V18B (CSES4Q10) Pourriez-vous donner à chacune des personnalités politiques suivantes une note de 0 à 10, où 0 signifie que vous n'aimez pas du tout cette personnalité et 10 signifie que vous l'appréciez beaucoup. Si vous ne connaissez pas l'une des personnalités, n'hésitez pas à le dire.

MONTRER ECRAN CAPI – UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

SI N'A JAMAIS ENTENDU PARLER DE CETTE PERSONNALITE CODER « JAMAIS ENTENDU PARLER... »

- 1 0 Vous n'aimez pas du tout cette personnalité
- 2 1
- 3 2
- 4 3
- 5 4
- 6 5
- 7 6
- 8 7
- 9 8
- 10 9
- 11 10 Vous appréciez beaucoup cette personnalité
- 12 96 Jamais entendu parler de cette personnalité
- REF
- DK
- NULL

- 1 Marine Le Pen
- 2 Nicolas Sarkozy
- 3 François Bayrou
- 4 François Hollande
- 5 Eva Joly
- 6 Jean-Luc Mélenchon

POSER V19A AU SPLIT A

V19A (CSES4Q11) En politique les gens parlent de la gauche et de la droite. Sur une échelle de 0 à 10, où classeriez-vous les partis politiques suivants, la note 0 signifiant que le parti est très à gauche et la note 10 signifiant qu'il est très à droite ? Les notes intermédiaires servent à nuancer votre opinion.

MONTRER ECRAN CAPI – UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

SI N'A JAMAIS ENTENDU PARLER DE CE PARTI CODER « JAMAIS ENTENDU PARLER... »

- 1 0 Le parti est très à gauche
- 2 1
- 3 2
- 4 3
- 5 4
- 6 5
- 7 6
- 8 7
- 9 8
- 10 9
- 11 10 Le parti est très à droite
- 12 96 Jamais entendu parler de ce parti
- REF
- DK
- NULL

- 1. Le Front de gauche (Parti communiste ou Parti de gauche)
- 2. Europe Ecologie – Les Verts
- 3. Le Parti socialiste
- 4. Le MoDem
- 5. L'UMP
- 6. Le Front National

POSER V19B AU SPLIT B

V19B (CSES4Q11) En politique les gens parlent de la gauche et de la droite. Sur une échelle de 0 à 10, où classeriez-vous les partis politiques suivants, la note 0 signifiant que le parti est très à gauche et la note 10 signifiant qu'il est très à droite ? Les notes intermédiaires servent à nuancer votre opinion.

MONTRER ECRAN CAPI – UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

SI N'A JAMAIS ENTENDU PARLER DE CE PARTI CODER « JAMAIS ENTENDU PARLER... »

- 1 0 Le parti est très à gauche
- 2 1
- 3 2
- 4 3
- 5 4
- 6 5
- 7 6
- 8 7
- 9 8
- 10 9
- 11 10 Le parti est très à droite
- 12 96 Jamais entendu parler de ce parti
- REF
- DK
- NULL

- 1. Le Front National
- 2. L'UMP
- 3. Le MoDem
- 4. Le Parti socialiste
- 5. Europe Ecologie – Les Verts
- 6. Le Front de gauche (Parti communiste ou Parti de gauche)

POSER V20A AU SPLIT A

V20A Toujours à propos de la gauche et de la droite, en utilisant la même échelle de 0 à 10, où classeriez-vous les personnalités politiques suivantes ?

MONTRER ECRAN CAPI – UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

SI N'A JAMAIS ENTENDU PARLER DE CETTE PERSONNALITE CODER « JAMAIS ENTENDU PARLER... »

- 1 0 Très à gauche
- 2 1
- 3 2
- 4 3
- 5 4
- 6 5
- 7 6
- 8 7
- 9 8
- 10 9
- 11 10 Très à droite
- 12 96 Jamais entendu parler de cette personnalité
- REF
- DK
- NULL

- 1. Jean-Luc Mélenchon
- 2. Eva Joly
- 3. François Hollande
- 4. François Bayrou
- 5. Nicolas Sarkozy
- 6. Marine Le Pen

POSER V20B AU SPLIT B

V20B Toujours à propos de la gauche et de la droite, en utilisant la même échelle de 0 à 10, où classeriez-vous les personnalités politiques suivantes ?

MONTRER ECRAN CAPI – UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

SI N'A JAMAIS ENTENDU PARLER DE CETTE PERSONNALITE CODER « JAMAIS ENTENDU PARLER... »

- 1 0 Très à gauche
- 2 1
- 3 2
- 4 3
- 5 4
- 6 5
- 7 6
- 8 7
- 9 8
- 10 9
- 11 10 Très à droite
- 12 96 Jamais entendu parler de cette personnalité
- REF
- DK
- NULL

- 1 Marine Le Pen
- 2 Nicolas Sarkozy
- 3 François Bayrou
- 4 François Hollande
- 5 Eva Joly
- 6 Jean-Luc Mélenchon

A TOUS

V21 (CSES4Q12) Toujours à propos de la gauche et de la droite et en utilisant la même échelle de 0 à 10, où vous placeriez-vous, vous personnellement ?

MONTRER ECRAN CAPI - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

- 1 0 Très à gauche
- 2 1
- 3 2
- 4 3
- 5 4
- 6 5
- 7 6
- 8 7
- 9 8
- 10 9
- 11 10 Très à droite
- REF
- DK
- NULL

V22 D'une manière générale, avez-vous été très satisfait(e), assez satisfait(e), peu satisfait(e) ou pas du tout satisfait(e) de l'action de Nicolas Sarkozy depuis 2007 ?

CITER - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

- 1. Très satisfait(e)
- 2. Assez satisfait(e)
- 3. Peu satisfait(e)
- 4. Pas du tout satisfait(e)
- REF
- DK
- NULL

V24 (CSES4Q16) D'une manière générale, y a-t-il un parti ou un mouvement politique dont vous vous sentez proche ?

CITER - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

- 1 Oui
- 2 Non
- REF
- DK

**FILTRE : SI CODE 2 OU REF OU DK EN V24 POSER V25
LES AUTRES (CODE 1 OU REF EN V24) ALLER AU FILTRE AVANT V26**

V25 (CSES4Q16a) Y a-t-il néanmoins un parti politique dont vous vous sentez moins éloigné que des autres ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

- 1 Oui
- 2 Non
- REF
- DK

**ECRAN INTERMEDIAIRE : ENQUETEUR VEUILLEZ TOURNER L'ECRAN CAPI
AFIN QUE L'INTERVIEWE NE PUISSE PAS LE VOIR**

**FILTRE : SI CODE 1 EN V24 OU EN V25 POSER V26 ET V27
LES AUTRES (CODE 2 OU REF OU DK OU NULL) ALLER EN C2**

V26 (CSES4Q16b) De quel parti s'agit-il ?

NE PAS CITER – CODER LA REPONSE DONNEE : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE - BIEN
RELANCER SI NECESSAIRE

- 1. Lutte ouvrière ou NPA (Nouveau parti anticapitaliste)
 - 2. Le Parti communiste
 - 3. Le Parti de gauche
 - 4. Le Parti radical de gauche
 - 5. Europe Ecologie – Les Verts
 - 6. Le Parti socialiste
 - 7. Le MoDem
 - 8. Le Nouveau centre
 - 9. L'UMP
 - 10. Le Front National
 - 11. Autre : NOTER EN CLAIR
- REF
DK

V27 (CSES4Q16c) A propos de [PROG : AFFICHER LA REPONSE CODEE EN V26], diriez-vous que vous en êtes très proche, assez proche, pas très proche ou pas proche du tout ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

- 1. Très proche
 - 2. Assez proche
 - 3. Pas très proche
 - 4. Pas proche du tout
- REF
DK
NULL

MODULE CONDITIONS DE VIE

PROG : HORLOGE

A TOUS

ECRAN DE TRANSITION : Nous allons maintenant parler de vos conditions de vie.

C2 Au cours des DIX DERNIERES ANNEES, dans quelle mesure avez-vous l'impression que vos conditions de vie se sont améliorées ou se sont dégradées ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

- 1. Beaucoup améliorées
 - 2. Un peu améliorées
 - 3. Sont restées les mêmes
 - 4. Un peu dégradées
 - 5. Beaucoup dégradées
- REF
DK
NULL

C3 (CSES4Q2) Au cours DES DIX PROCHAINES ANNEES, dans quelle mesure est-il probable ou improbable que vos conditions de vie s'améliorent ? Très probable, plutôt probable, plutôt improbable, ou très improbable ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

- 1. Très probable
 - 2. Plutôt probable
 - 3. Plutôt improbable
 - 4. Très improbable
- REF
DK
NULL

C4 (ESS5A8) D'une manière générale, sur une échelle de 0 à 10, diriez-vous que l'on peut faire confiance à la plupart des gens ou que l'on n'est jamais assez prudent quand on a affaire aux autres ? 0 signifie que l'on n'est jamais assez prudent, 10 signifie que l'on peut faire confiance aux gens.

MONTRER ECRAN CAPI – UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. 0 On n'est jamais assez prudent
2. 1
3. 2
4. 3
5. 4
6. 5
7. 6
8. 7
9. 8
10. 9
11. 10 On peut faire confiance aux gens

REF
DK
NULL

ECRAN INTERMEDIAIRE : ENQUETEUR VEUILLEZ TOURNER L'ECRAN CAPI AFIN QUE L'INTERVIEWE **NE PUISSE PAS LE VOIR**

C7 Diriez-vous que dans votre vie de tous les jours, vous personnellement, il vous arrive d'être victime de racisme... :

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Très souvent
 2. Souvent
 3. Parfois
 4. Jamais
- REF
DK
NULL

**FILTRE : SI CODE 2 EN H1 POSER C8
LES AUTRES (CODE 1 EN H1) ALLER EN C9**

C8 Diriez-vous que dans votre vie de tous les jours, vous personnellement, vous êtes victime de discriminations parce que vous êtes une femme :

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Très souvent
 2. Souvent
 3. Parfois
 4. Jamais
- REF
DK
NULL

A TOUS

C9 Vous est-il arrivé de faire du sport au cours des 12 derniers mois ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

- 1 Oui
 - 2 Non
- REF
DK

C10 Etes-vous allé au cinéma, au théâtre ou à d'autres spectacles au cours des 12 derniers mois ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

- 1 Oui
 - 2 Non
- REF
DK

C11 Etes-vous parti en vacances au cours des 12 derniers mois ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

- 1 Oui
 - 2 Non
- REF
DK

C12 Au cours des 6 derniers mois, avez-vous eu des contacts avec des membres de votre famille autres que vos parents ou vos enfants ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

- 1 Oui
 - 2 Non
- REF
DK

C13 En cas de difficultés, y a-t-il dans votre entourage des personnes sur qui vous puissiez compter pour vous héberger quelques jours en cas de besoin ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

- 1 Oui
 - 2 Non
- REF
DK

INTERET POUR LA POLITIQUE

PROG : HORLOGE

ECRAN DE TRANSITION : Revenons à la vie politique en France.

I1 (CSES4Q7) Certains pensent que quelles que soient les personnes au pouvoir, cela ne change finalement rien. D'autres au contraire pensent que cela peut vraiment changer le cours des choses.

Vous-même, où vous situez-vous sur une échelle de 1 à 5 où 1 signifie que, quelle que soit la personne au pouvoir, cela ne change rien et 5 signifie que cela fait une grosse différence ?

MONTRER ECRAN CAPI - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. 1 Quelle que soit la personne au pouvoir, cela ne change rien
 2. 2
 3. 3
 4. 4
 5. 5 Cela fait une grosse différence
- REF
DK
NULL

I2 (CSES4Q8) Certains pensent que peu importe pour qui les gens votent, cela ne change finalement rien. D'autres au contraire pensent que le vote des gens peut vraiment changer le cours des choses.

Vous-même, où vous situeriez-vous sur une échelle de 1 à 5 où 1 signifie que, quels que soient les gens pour qui on vote, cela ne change rien et 5 signifie que le vote des gens peut faire une grande différence ?

MONTRER ECRAN CAPI - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. 1 Quels que soient les gens pour qui on vote, cela ne change rien
 2. 2
 3. 3
 4. 4
 5. 5 Le vote des gens peut faire une grande différence
- REF
DK
NULL

ECRAN INTERMEDIAIRE : ENQUETEUR VEUILLEZ TOURNER L'ECRAN CAPI AFIN QUE L'INTERVIEWE NE PUISSE PAS LE VOIR

I3 (CSES4Q15) Dans l'ensemble, êtes-vous très satisfait(e), assez satisfait(e), pas très satisfait(e) ou pas satisfait(e) du tout du fonctionnement de la démocratie en France ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Très satisfait(e)
 2. Assez satisfait(e)
 3. Pas très satisfait(e)
 4. Pas satisfait(e) du tout
- REF
DK
NULL

I4 (M7) Vous intéressez-vous à la politique....

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Enormément
 2. Beaucoup
 3. Un peu
 4. Pas beaucoup
 5. Pas du tout
- REF
DK
NULL

I5 (M9) De manière générale, dans quelle mesure diriez-vous que la politique, c'est trop compliqué. Répondez sur une échelle de 0 à 10 où 0 signifie pas du tout compliqué et 10 signifie extrêmement compliqué.

MONTRER ECRAN CAPI - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. 0 Pas du tout compliqué
 2. 1
 3. 2
 4. 3
 5. 4
 6. 5
 7. 6
 8. 7
 9. 8
 10. 9
 11. 10 Extrêmement compliqué
- REF
DK
NULL

I6 (M8) Sur une échelle de 0 à 10 où 0 signifie pas du tout confiance et 10 tout à fait confiance, dans quelle mesure faites-vous généralement confiance aux hommes ou aux femmes politiques en France ?

MONTRER ECRAN CAPI - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. 0 Pas du tout confiance
 2. 1
 3. 2
 4. 3
 5. 4
 6. 5
 7. 6
 8. 7
 9. 8
 - 10.9
 - 11.10 Tout à fait confiance
- REF
DK
NULL

MODULE SPATIALISATION

PROG : HORLOGE

SP1 Certaines personnes pensent qu'il faut arrêter les centrales nucléaires fonctionnant actuellement en France. D'autres pensent qu'il faut continuer à construire des centrales nucléaires pour produire de l'électricité. Vous-même, où vous situeriez-vous sur une échelle de 0 à 10 où 0 signifie « il faut arrêter les centrales nucléaires » et 10 signifie « il faut continuer à construire des centrales nucléaires ».

MONTRER ECRAN CAPI - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. 0 Il faut arrêter les centrales nucléaires
 2. 1
 3. 2
 4. 3
 5. 4
 6. 5
 7. 6
 8. 7
 9. 8
 - 10.9
 - 11.10 Il faut continuer à construire des centrales nucléaires
- REF
DK
NULL

POSER SP2A AU SPLIT A

SP2A S'il fallait placer les candidats à l'élection présidentielle sur cette même échelle de 0 à 10, où 0 signifie « il faut arrêter les centrales nucléaires » et 10 signifie « il faut continuer à construire des centrales nucléaires » où placeriez-vous...

MONTRER ECRAN CAPI - CITER - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. 0 Il faut arrêter les centrales nucléaires
 2. 1
 3. 2
 4. 3
 5. 4
 6. 5
 7. 6
 8. 7
 9. 8
 - 10.9
 - 11.10 Il faut continuer à construire des centrales nucléaires
- REF
DK
NULL

1. Jean-Luc Mélenchon
2. François Hollande
3. François Bayrou
4. Nicolas Sarkozy
5. Marine Le Pen

POSER SP2B AU SPLIT B

SP2B S'il fallait placer les candidats à l'élection présidentielle sur cette même échelle de 0 à 10, où 0 signifie « il faut arrêter les centrales nucléaires » et 10 signifie « il faut continuer à construire des centrales nucléaires » où placeriez-vous...

MONTRER ECRAN CAPI - CITER - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. 0 Il faut arrêter les centrales nucléaires
 2. 1
 3. 2
 4. 3
 5. 4
 6. 5
 7. 6
 8. 7
 9. 8
 - 10.9
 - 11.10 Il faut continuer à construire des centrales nucléaires
- REF
DK
NULL

1. Marine Le Pen
2. Nicolas Sarkozy
3. François Bayrou
4. François Hollande
5. Jean-Luc Mélenchon

A TOUS

SP3 Certaines personnes pensent qu'il faut stopper l'immigration. D'autres pensent au contraire qu'il faut que la France accueille dans les années à venir de nombreux nouveaux migrants. Où vous situeriez-vous sur une échelle de 0 à 10 où 0 signifie « il faut stopper l'immigration » et 10 « il faut que la France accueille de nombreux nouveaux migrants » ?

MONTRER ECRAN CAPI - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. 0 Il faut stopper l'immigration
 2. 1
 3. 2
 4. 3
 5. 4
 6. 5
 7. 6
 8. 7
 9. 8
 - 10.9
 - 11.10 Il faut que la France accueille de nombreux nouveaux migrants
- REF
DK
NULL

POSER SP4A AU SPLIT A

SP4A S'il fallait placer les candidats à l'élection présidentielle sur cette même échelle de 0 à 10, où 0 signifie « il faut stopper l'immigration » et 10 « il faut que la France accueille de nombreux nouveaux migrants » ?, où placeriez-vous...

MONTRER ECRAN CAPI – CITER - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. 0 Il faut stopper l'immigration
 2. 1
 3. 2
 4. 3
 5. 4
 6. 5
 7. 6
 8. 7
 9. 8
 - 10.9
 - 11.10 Il faut que la France accueille de nombreux nouveaux migrants
- REF
DK
NULL

1. Jean-Luc Mélenchon
2. François Hollande
3. François Bayrou
4. Nicolas Sarkozy
5. Marine Le Pen

POSER SP4B AU SPLIT B

SP4B S'il fallait placer les candidats à l'élection présidentielle sur cette même échelle de 0 à 10, où 0 signifie « il faut stopper l'immigration » et 10 « il faut que la France accueille de nombreux nouveaux migrants » ?, où placeriez-vous...

MONTRER ECRAN CAPI – CITER - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. 0 Il faut stopper l'immigration
 2. 1
 3. 2
 4. 3
 5. 4
 6. 5
 7. 6
 8. 7
 9. 8
 - 10.9
 - 11.10 Il faut que la France accueille de nombreux nouveaux migrants
- REF
DK
NULL

1. Marine Le Pen
2. Nicolas Sarkozy
3. François Bayrou
4. François Hollande
5. Jean-Luc Mélenchon

A TOUS

SP5 Certaines personnes pensent qu'il faut réduire le nombre de fonctionnaires. D'autres pensent au contraire qu'il faut l'augmenter. Vous-même, où vous situeriez-vous sur une échelle de 0 à 10 où 0 signifie « il faut réduire le nombre de fonctionnaires » et 10 signifie « il faut augmenter le nombre de fonctionnaires ».

MONTRER ECRAN CAPI - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. 0 Il faut réduire le nombre de fonctionnaires
 2. 1
 3. 2
 4. 3
 5. 4
 6. 5
 7. 6
 8. 7
 9. 8
 - 10.9
 - 11.10 Il faut augmenter le nombre de fonctionnaires
- REF
DK
NULL

POSER SP6A AU SPLIT A

SP6A S'il fallait placer les candidats à l'élection présidentielle sur cette même échelle de 0 à 10, où 0 signifie « il faut réduire le nombre de fonctionnaires » et 10 signifie « il faut augmenter le nombre de fonctionnaires », où placeriez-vous...

MONTRER ECRAN CAPI – CITER - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. 0 Il faut réduire le nombre de fonctionnaires
 2. 1
 3. 2
 4. 3
 5. 4
 6. 5
 7. 6
 8. 7
 9. 8
 - 10.9
 - 11.10 Il faut augmenter le nombre de fonctionnaires
- REF
DK
NULL

1. Jean-Luc Mélenchon
2. François Hollande
3. François Bayrou
4. Nicolas Sarkozy
5. Marine Le Pen

POSER SP6B AU SPLIT B

SP6B S'il fallait placer les candidats à l'élection présidentielle sur cette même échelle de 0 à 10, où 0 signifie « il faut réduire le nombre de fonctionnaires » et 10 signifie « il faut augmenter le nombre de fonctionnaires », où placeriez-vous...

MONTRER ECRAN CAPI – CITER - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. 0 Il faut réduire le nombre de fonctionnaires
 2. 1
 3. 2
 4. 3
 5. 4
 6. 5
 7. 6
 8. 7
 9. 8
 - 10.9
 - 11.10 Il faut augmenter le nombre de fonctionnaires
- REF
DK
NULL

1. Marine Le Pen
2. Nicolas Sarkozy
3. François Bayrou
4. François Hollande
5. Jean-Luc Mélenchon

A TOUS

SP9 Certaines personnes pensent que, pour faire face aux grands problèmes à venir, il faut renforcer les pouvoirs de l'Etat français même si cela doit conduire à limiter ceux de l'Europe. D'autres pensent qu'il faut au contraire renforcer les pouvoirs de l'Europe, même si cela doit conduire à limiter ceux de l'Etat français. Vous-même, où vous situeriez-vous sur une échelle de 0 à 10 où 0 signifie « il faut renforcer les pouvoirs de l'Etat français » et 10 signifie « il faut renforcer les pouvoirs de l'Europe ».

MONTRER ECRAN CAPI - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. 0 Il faut renforcer les pouvoirs de l'Etat français
 2. 1
 3. 2
 4. 3
 5. 4
 6. 5
 7. 6
 8. 7
 9. 8
 10. 9
 11. 10 Il faut renforcer les pouvoirs de l'Europe
- REF
DK
NULL

POSER SP10A AU SPLIT A

SP10A S'il fallait placer les candidats à l'élection présidentielle sur cette même échelle de 0 à 10, où 0 signifie « il faut renforcer les pouvoirs de l'Etat français » et 10 signifie « il faut renforcer les pouvoirs de l'Europe », où placeriez-vous...

MONTRER ECRAN CAPI – CITER - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. 0 Il faut renforcer les pouvoirs de l'Etat français
 2. 1
 3. 2
 4. 3
 5. 4
 6. 5
 7. 6
 8. 7
 9. 8
 10. 9
 11. 10 Il faut renforcer les pouvoirs de l'Europe
- REF
DK
NULL

1. Jean-Luc Mélenchon
2. François Hollande
3. François Bayrou
4. Nicolas Sarkozy
5. Marine Le Pen

POSER SP10B AU SPLIT B

SP10B S'il fallait placer les candidats à l'élection présidentielle sur cette même échelle de 0 à 10, où 0 signifie « il faut renforcer les pouvoirs de l'Etat français » et 10 signifie « il faut renforcer les pouvoirs de l'Europe », où placeriez-vous...

MONTRER ECRAN CAPI – CITER - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. 0 Il faut renforcer les pouvoirs de l'Etat français
2. 1
3. 2
4. 3
5. 4
6. 5
7. 6
8. 7
9. 8
10. 9
11. 10 Il faut renforcer les pouvoirs de l'Europe

REF
DK
NULL

1. Marine Le Pen
2. Nicolas Sarkozy
3. François Bayrou
4. François Hollande
5. Jean-Luc Mélenchon

A TOUS

ECRAN INTERMEDIAIRE : ENQUETEUR VEUILLEZ TOURNER L'ECRAN CAPI
AFIN QUE L'INTERVIEWE **NE PUISSE PAS LE VOIR**

SP11 Nous venons de parler de 4 grandes questions, les centrales nucléaires, l'immigration, le nombre de fonctionnaires et le pouvoir de l'Europe. Pouvez-vous me dire parmi ces 4 questions laquelle est la plus importante pour vous aujourd'hui ?

TENDRE LISTE REPONSE - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Construire ou arrêter les centrales nucléaires
 2. Stopper ou encourager l'immigration
 3. Augmenter ou réduire le nombre de fonctionnaires
 4. Renforcer les pouvoirs de l'Etat français ou ceux de l'Europe
- REF
DK
NULL

PROG : NOUVELLE QUESTION

SP12 Dites-moi si l'élection de François Hollande comme Président de la république est une très mauvaise ou une très bonne nouvelle. Répondez sur une échelle de 0 à 10 où 0 signifie « une très mauvaise nouvelle » et 10 « une très bonne nouvelle ».

MONTRER ECRAN CAPI - CITER - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. 0 Une très mauvaise nouvelle
 2. 1
 3. 2
 4. 3
 5. 4
 6. 5
 7. 6
 8. 7
 9. 8
 10. 9
 11. 10 Une très bonne nouvelle
- REF
DK
NULL

POSER SP12A AU SPLIT A

SP12A Maintenant, concernant ces autres candidats à l'élection présidentielle, pourriez-vous me dire pour chacun d'entre eux si le fait qu'il soit élu aurait été selon vous une très mauvaise ou une très bonne nouvelle. Répondez sur une échelle de 0 à 10 où 0 signifie « une très mauvaise nouvelle » et 10 « une très bonne nouvelle ».

MONTRER ECRAN CAPI - CITER - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. 0 Une très mauvaise nouvelle
 2. 1
 3. 2
 4. 3
 5. 4
 6. 5
 7. 6
 8. 7
 9. 8
 10. 9
 11. 10 Une très bonne nouvelle
- REF
DK
NULL

1. Jean-Luc Mélenchon
2. Eva Joly
3. François Bayrou
4. Nicolas Sarkozy
5. Marine Le Pen

POSER SP12B AU SPLIT B

SP12B Maintenant, concernant ces autres candidats à l'élection présidentielle, pourriez-vous me dire pour chacun d'entre eux si le fait qu'il soit élu aurait été selon vous une très mauvaise ou une très bonne nouvelle. Répondez sur une échelle de 0 à 10 où 0 signifie « une très mauvaise nouvelle » et 10 « une très bonne nouvelle ».

MONTRER ECRAN CAPI - CITER - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. 0 Une très mauvaise nouvelle
 2. 1
 3. 2
 4. 3
 5. 4
 6. 5
 7. 6
 8. 7
 9. 8
 10. 9
 11. 10 Une très bonne nouvelle
- REF
DK

NULL

1. Marine Le Pen
2. Nicolas Sarkozy
3. François Bayrou
4. Eva Joly
5. Jean-Luc Mélenchon

MODULE VALEURS (IMMIGRATION, AUTORITARISME, LIBERALISME ECONOMIQUE)

PROG : HORLOGE

ECRAN INTERMEDIAIRE : ENQUETEUR VEUILLEZ TOURNER L'ECRAN CAPI AFIN QUE L'INTERVIEWE **NE PUISSE PAS LE VOIR**

W1 Voici maintenant une liste de phrases. Pour chacune d'elles, pouvez-vous me dire si vous êtes tout à fait d'accord, plutôt d'accord, plutôt pas d'accord ou pas d'accord du tout ?

TENDRE LISTE REPONSE AVEC ECHELLE – CITER - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE PAR ITEM

1. Tout à fait d'accord
 2. Plutôt d'accord
 3. Plutôt pas d'accord
 4. Pas d'accord du tout
- REF
DK
NULL

1. Il y a trop d'immigrés en France
2. Dans la société il faut une hiérarchie et des chefs
3. Maintenant on ne se sent plus chez soi comme avant
4. Les chômeurs pourraient trouver du travail s'ils le voulaient vraiment
5. La femme est faite avant tout pour avoir des enfants et les élever
6. Les couples homosexuels devraient avoir le droit d'adopter des enfants.
7. Il est acceptable d'enfreindre la loi pour combattre les injustices dans notre société.
8. Sur plusieurs années, l'Etat et les collectivités locales devraient équilibrer déficits et excédents budgétaires

W2 Pouvez-vous me dire, pour chacun de ces mots, s'il évoque pour vous quelque chose de très positif, d'assez positif, d'assez négatif ou de très négatif ?

TENDRE LISTE REPONSE AVEC ECHELLE - CITER - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE PAR ITEM

1. Très positif
 2. Assez positif
 3. Assez négatif
 4. Très négatif
- REF
DK
NULL

1. Privatisations
2. Islam
3. Nationalisations
4. Profit

W3 Pensez-vous qu'il faut accorder la priorité dans les prochaines années...

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE PAR ITEM

1. A la compétitivité de l'économie française
 2. A l'amélioration de la situation des salariés
- REF
DK
NULL

W5 Voici maintenant une liste de phrases. Pour chacune d'elles, pouvez-vous me dire si vous êtes tout à fait d'accord, plutôt d'accord, plutôt pas d'accord ou pas d'accord du tout ?

TENDRE LISTE REPONSE AVEC ECHELLE – CITER - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE PAR ITEM

1. Tout à fait d'accord
 2. Plutôt d'accord
 3. Plutôt pas d'accord
 4. Pas d'accord du tout
- REF
DK
NULL

1. De nombreux immigrés viennent en France uniquement pour profiter de la sécurité sociale.
2. Tous les étrangers résidant en France depuis plusieurs années devraient avoir le droit de vote aux élections municipales
3. L'immigration menace nos emplois

MODULE PERCEPTION REDISTRIBUTION, RICHESSE & JUSTICE SOCIALE

PROG : HORLOGE

R1 (CSES4Q4) Dites-moi si vous êtes d'accord ou pas d'accord avec l'affirmation suivante :

« Le gouvernement devrait prendre des mesures pour réduire les écarts de revenus. »

Etes-vous tout à fait d'accord, plutôt d'accord, ni d'accord ni pas d'accord, plutôt pas d'accord ou pas du tout d'accord ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Tout à fait d'accord
 2. Plutôt d'accord
 3. Ni d'accord ni pas d'accord
 4. Plutôt pas d'accord
 5. Pas du tout d'accord
- REF
DK
NULL

R2 Quel est selon vous le revenu minimum net mensuel pour une famille composée des deux parents et de deux enfants en dessous duquel on ne peut vraiment pas s'en sortir sans difficultés importantes ?

NOTER EN CLAIR

//////// euros

1 >=VAL >= 9999

REF
DK

R3 Et quel est selon vous le revenu net mensuel pour une famille composée des deux parents et de deux enfants à partir duquel on peut dire qu'elle est riche ?

NOTER EN CLAIR

////////// euros

1 >=VAL >= 9999999

REF
DK

R7a Dans notre société, il y a des personnes qui sont plutôt au sommet de la société et d'autres qui sont plutôt en bas. Voici une échelle qui va du sommet au bas. Où vous classeriez-vous sur cette échelle ?

MONTRER ECRAN CAPI - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. 10 Sommet
 2. 9
 3. 8
 4. 7
 5. 6
 6. 5
 7. 4
 8. 3
 9. 2
 - 10.1 Bas
- REF
DK
NULL

R7b Et lorsque vous pensez à la famille où vous avez grandi, où l'auriez-vous située sur cette échelle ?

MONTRER ECRAN CAPI - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. 10 Sommet
 2. 9
 3. 8
 4. 7
 5. 6
 6. 5
 7. 4
 8. 3
 9. 2
 - 10.1 Bas
- REF
DK
NULL

MODULE ECONOMIE ET FISCALITE

PROG : HORLOGE

ECRAN INTERMEDIAIRE : ENQUETEUR VEUILLEZ TOURNER L'ECRAN CAPI AFIN QUE L'INTERVIEWE **NE PUISSE PAS LE VOIR**

EF1(CSES4Q3) Diriez-vous que l'état de l'économie en France s'est beaucoup amélioré, un peu amélioré, est resté stable, s'est un peu dégradé ou beaucoup dégradé au cours des 12 derniers mois ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. S'est beaucoup amélioré
 2. S'est un peu amélioré
 3. Est resté stable
 4. S'est un peu dégradé
 5. S'est beaucoup dégradé
- REF
DK
NULL

A TOUS

EF2 Comment jugez-vous l'action de Nicolas Sarkozy et de son gouvernement pour faire face à la crise économique au cours de ces dernières années ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Très satisfaisante
 2. Plutôt satisfaisante
 3. Plutôt pas satisfaisante
 4. Pas du tout satisfaisante
- REF
DK
NULL

EF3 Parmi les 3 opinions suivantes, de laquelle vous sentez-vous le plus proche ?

TENDRE LISTE REPONSE - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Il faudrait diminuer les impôts, taxes et cotisations sociales en France même si cela devait entraîner une diminution des services fournis par l'Etat ou une hausse des déficits publics
 2. Il faudrait maintenir au même niveau les impôts, taxes et cotisations sociales en France
 3. Il faudrait augmenter les impôts, taxes et cotisations sociales en France même si cela devait entraîner moins de croissance ou moins de pouvoir d'achat
- REF
DK
NULL

EF5 Je vais vous dire différents types d'impôts que l'on paie en France. Pour chacun d'entre eux, dites-moi si vous le trouvez juste ou injuste. Répondez sur une échelle de 0 à 10 où 0 signifie injuste et 10 juste.

MONTRER ECRAN CAPI – CITER – UNE SEULE REPONSE POSSIBLE PAR ITEM

1. 0 Injuste
 2. 1
 3. 2
 4. 3
 5. 4
 6. 5
 7. 6
 8. 7
 9. 8
 10. 9
 11. 10 Juste
- REF
DK
NULL

1. La taxe d'habitation
2. La TVA
3. L'impôt sur la fortune
4. L'impôt sur le revenu
5. Les droits de succession (impôt sur les héritages)

EF6 Pour chacun de ces impôts, dites-moi maintenant si vous souhaiteriez qu'il soit augmenté ou diminué. Répondez sur une échelle de 0 à 10 où 0 signifie le diminuer et 10 l'augmenter.

MONTRER ECRAN CAPI – CITER – UNE SEULE REPONSE POSSIBLE PAR ITEM

1. 0 Le diminuer
 2. 1
 3. 2
 4. 3
 5. 4
 6. 5
 7. 6
 8. 7
 9. 8
 10. 9
 11. 10 L'augmenter
- REF
DK
NULL

1. La taxe d'habitation
2. La TVA
3. L'impôt sur la fortune
4. L'impôt sur le revenu
5. Les droits de succession (impôt sur les héritages)

ECRAN INTERMEDIAIRE : ENQUETEUR VEUILLEZ TOURNER L'ECRAN CAPI
AFIN QUE L'INTERVIEWE **NE PUISSE PAS LE VOIR**

EF7 Supposons maintenant que deux personnes, l'une riche, l'autre pauvre, gagnent chacune 100 euros. Combien chacune devrait-elle payer d'impôt sur ces 100 euros parmi les quatre réponses suivantes ?

TENDRE LISTE REPONSE - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. La personne riche paie 60 euros, celle pauvre 10 euros.
2. La personne riche paie 50 euros, celle pauvre 20 euros.
3. La personne riche paie 40 euros, celle pauvre 30 euros.
4. La personne riche paie 30 euros, celle pauvre 30 euros.

REF
DK
NULL

EF11 Seriez-vous favorable ou défavorable à l'instauration d'un contrat de travail unique remplaçant CDD et CDI. Il serait plus facile de licencier qu'avec un CDI mais les indemnités de licenciement augmenteraient avec l'ancienneté ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. très favorable
2. plutôt favorable
3. plutôt défavorable
4. très défavorable

REF
DK
NULL

MODULE EUROPE – GLOBALISATION

PROG : HORLOGE

G2 Tout bien considéré, estimez-vous que la France a bénéficié ou non de son appartenance à l'Union européenne ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. A bénéficié de son appartenance à l'Union européenne
2. N'a pas bénéficié de son appartenance à l'Union européenne

REF
DK
NULL

G3 Certaines personnes peuvent avoir des craintes concernant la construction européenne. Pour chacune des propositions suivantes, dites-moi si vous en avez personnellement peur ou non.

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE PAR ITEM

1. ça vous fait peur
2. ça ne vous fait pas peur

REF
DK
NULL

1. qu'il y ait moins de protection sociale en France
2. que l'on perde notre identité nationale et notre culture

G4 Pensez-vous que la mondialisation de l'économie a un effet très positif, plutôt positif, plutôt négatif ou très négatif ou n'a pas d'effet du tout sur:

TENDRE LISTE REPONSE AVEC ECHELLE – CITER - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Très positif
2. Plutôt positif
3. Plutôt négatif
4. Très négatif

REF
DK
NULL

1. la protection sociale en France
2. le chômage en France
3. les prix des produits de consommation en France

MODULE MOBILISATION

PROG : HORLOGE

M1 Disposez-vous d'une adresse de courrier électronique (email) ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Oui
2. Non

REF
DK

M2 Utilisez-vous internet en moyenne... ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Tous les jours
2. Plusieurs fois par semaine
3. Une fois par semaine
4. Plusieurs fois par mois
5. Moins d'une fois par mois
6. Jamais

REF
DK
NULL

M3 (CSES4Q17) Au cours de la campagne pour l'élection présidentielle, candidat a-t-il pris contact avec vous, que ce soit en personne ou par d'autres moyens ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Oui
2. Non
REF
DK

**FILTRE : SI CODE 1 EN M3 POSER M3A A M3E
LES AUTRES ALLER AU FILTRE AVANT M3E**

M3a (CSES4Q17a) Vous ont-ils contacté en personne, en face-à-face ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Oui
2. Non
REF
DK

M3b (CSES4Q17b) Vous ont-ils contacté par courrier ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Oui
2. Non
REF
DK

M3c (CSES4Q17c) Vous ont-ils contacté par téléphone ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Oui
2. Non
REF
DK

M3d (CSES4Q17d) Vous ont-ils contacté par SMS ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Oui
2. Non
REF
DK

**FILTRE : SI CODE 1 EN M3 ET M1 1 POSER M3E
LES AUTRES ALLER AU FILTRE AVANT M3F**

M3e (CSES4Q17e) Vous ont-ils contacté par courrier électronique ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Oui
2. Non
REF
DK

**FILTRE : SI CODE 1 EN M3 ET M2 5, 6, DF, REF, NULL POSER M3F
LES AUTRES ALLER AU FILTRE AVANT M3G**

M3f (CSES4Q17f) Vous ont-ils contacté par l'intermédiaire de réseaux sociaux ou toute autre méthode sur Internet ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Oui
2. Non
REF
DK

**FILTRE : SI CODE 1 EN M3 POSER M3GA OU M3GB
LES AUTRES ALLER EN M4**

POSER M3GA AU SPLIT A

M3GA (CSES4Q17g) Quels candidats vous ont contacté par n'importe lequel de ces moyens ?

TENDRE LISTE REPONSE A - PLUSIEURS REPONSES POSSIBLES

RELANCER : ET QUELS AUTRES CANDIDATS ?

1. Nathalie Arthaud
2. Philippe Poutou
3. Jean-Luc Mélenchon
4. Eva Joly
5. François Hollande
6. François Bayrou
7. Nicolas Sarkozy
8. Nicolas Dupont-Aignan
9. Marine Le Pen
10. Jacques Cheminade
REF
DK

POSER M3GB AU SPLIT B

M3GB (CSES4Q17g) Quels candidats vous ont contacté par n'importe lequel de ces moyens ?

TENDRE LISTE REPONSE B - PLUSIEURS REPONSES POSSIBLES

RELANCER : ET QUELS AUTRES CANDIDATS ?

1. Marine Le Pen
2. Nicolas Dupont-Aignan
3. Nicolas Sarkozy
4. François Bayrou
5. François Hollande
6. Eva Joly
7. Jean-Luc Mélenchon
8. Philippe Poutou
9. Nathalie Arthaud
10. Jacques Cheminade

REF
DK

A TOUS

M4 (CSES4Q18) Pendant la campagne, est-ce que l'un de vos amis, un membre de votre famille, un voisin, un collègue ou une autre de vos connaissances a essayé de vous convaincre de voter pour un candidat particulier ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Oui
 2. Non
- REF
DK

**FILTRE : SI CODE 1 EN M4 POSER M4A A M4D
LES AUTRES ALLER AU FILTRE AVANT M4E**

M4a (CSES4Q18a) Ont-ils essayé de vous convaincre en personne, en face-à-face ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Oui
 2. Non
- REF
DK

M4b (CSES4Q18b) Ont-ils essayé de vous convaincre par courrier ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Oui
 2. Non
- REF
DK

M4c (CSES4Q18c) Ont-ils essayé de vous convaincre par téléphone ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Oui
 2. Non
- REF
DK

M4d (CSES4Q18d) Ont-ils essayé de vous convaincre par SMS ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Oui
 2. Non
- REF
DK

**FILTRE : SI CODE 1 EN M4 ET CODE 1 EN M1 POSER M4E
LES AUTRES ALLER AU FILTRE AVANT M4F**

M4e (CSES4Q18e) Ont-ils essayé de vous convaincre par courrier électronique ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Oui
 2. Non
- REF
DK

**FILTRE : SI CODE 1 EN M4 ET CODE 5, 6, DK, REF, NULL EN M2 POSER M4F
LES AUTRES ALLER AU FILTRE AVANT M5**

M4f (CSES4Q18f) Ont-ils essayé de vous convaincre par les réseaux sociaux ou toute autre méthode sur Internet ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Oui
 2. Non
- REF
DK

**FILTRE : SI CODE 5, 6, DK, REF, NULL EN M2 POSER M5 A M7
LES AUTRES ALLER EN M8**

M5 (CSES4Q19) Avant que la campagne ne commence ou pendant celle-ci, avez-vous utilisé Internet ou votre téléphone mobile pour souscrire à des informations ou à des alertes d'un parti ou d'un candidat ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Oui
 2. Non
- REF
DK

M6 Dites-moi s'il vous plaît si, au cours du dernier mois de la campagne électorale pour l'élection présidentielle, vous avez eu l'une des activités suivantes sur Internet, en relation avec les partis politiques en France ou avec des candidats.

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE PAR ITEM

1. Oui
 2. Non
- REF
DK
1. Est-ce que vous avez lu ou accédé à un site Internet d'un parti ou d'un candidat
 2. Est-ce que vous vous êtes inscrits comme soutien, ami ou « follower » d'un parti ou d'un candidat sur leur site Internet ou sur les réseaux sociaux
 3. Est-ce que vous avez utilisé des moyens permis par Internet pour aider un parti ou un candidat dans leur campagne

M7 Laquelle ou lesquelles des activités suivantes avez-vous eu sur Internet au cours du dernier mois de la campagne électorale pour l'élection présidentielle ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE PAR ITEM

1. Oui
 2. Non
- REF
DK
1. Lu ou accédé à des sites d'actualité généralistes ou à des blogs sur l'actualité pour avoir des informations sur la campagne.
 2. Vu ou accédé à des vidéos avec un contenu électoral non officiel.
 3. Rejoint ou créé un groupe sur la politique ou les élections sur les réseaux sociaux.
 4. Posté des commentaires avec un contenu politique sur un blog ou le mur d'un réseau social.
 5. Fait suivre du matériel de campagne non officielle (liens avec des vidéos, actualités, blagues,...) à certaines de vos connaissances.

6. Inclus ou reposté du contenu de campagne non officielle (liens avec des vidéos, actualités, blagues,...) sur vos propres pages Internet

A TOUS

M8 Voilà une liste d'activités que certaines personnes font et que d'autres ne font pas. Pour chacune d'entre elles, dites-moi si vous l'avez faite au cours des 12 derniers mois. Au cours des 12 derniers mois, avez-vous...

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE PAR ITEM

1. Oui
 2. Non
- REF
DK
1. [PROG : AFFICHER SI M1=1] Contacté un politicien ou un responsable politique local ou national par email
 2. Contacté un homme ou une femme politique, un élu ou une élue au niveau national ou local en personne, par téléphone ou par courrier
 3. [PROG : AFFICHER SI M1=1] Discuté de politique avec des membres de votre famille ou avec des amis sur internet (par email ou par un groupe de discussion)
 4. Discuté de politique avec des membres de votre famille ou avec des amis en personne (de vive voix ou par téléphone)
 5. [PROG : AFFICHER SI M2 5, 6, DK, REF, NULL] Signé une pétition sur internet
 6. Signé une pétition sur papier
 7. [PROG : AFFICHER SI M2 5, 6, DK, REF, NULL] Donné de l'argent par internet à un parti, une organisation, ou une cause politique
 8. Donné de l'argent de l'argent à un parti, une organisation, ou une cause politique sans passer par Internet

**FILTRE : SI CODE 5, 6, DK, REF, NULL EN M2 POSER M9
LES AUTRES (CODE 5, 6, DK, REF OU NULL) ALLER EN M10**

M9 Je vais maintenant vous lire une série de choses que l'on peut faire sur internet. Certaines personnes ont fait ces choses, d'autres non. Dites-moi lesquelles vous avez faites.

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE PAR ITEM

1. Oui
 2. Non
- REF
DK
1. Envoyer une pièce jointe avec un email.
 2. Poster un fichier audio, une vidéo, ou une image sur internet.

3. Concevoir vous-même un blog ou une page internet.
4. Télécharger un programme informatique depuis internet.

A TOUS

M10 Je vais maintenant vous lire une série d'activités que certaines personnes font dans leur travail ou dans leurs activités de tous les jours. Lesquelles d'entre elles avez-vous faites au cours des 12 derniers mois dans votre vie professionnelle ou quotidienne ?

CITER - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE PAR ITEM

1. Oui
2. Non
- REF
- DK

1. Ecrire une lettre.
2. Aller à une réunion où vous avez pris part aux décisions.
3. Organiser ou présider une réunion.
4. Faire une présentation orale ou un discours.

PROG : NOUVELLE QUESTION

M11 Quel est le journal quotidien que vous lisez la plupart du temps ?

NE PAS CITER – CODER LA REPONSE - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Le Monde
2. Le Figaro
3. Libération
4. Aujourd'hui en France
5. La croix
6. L'Humanité
7. Les échos
8. La tribune
9. 20 minutes
10. Métro
11. Direct matin
12. Presse régionale
13. Autre
- REF
- DK
- NULL

MODULE EVALUATION

PROG : HORLOGE

ECRAN DE TRANSITION : Revenons maintenant au bilan de l'action de Nicolas Sarkozy et de son gouvernement depuis 2007.

L1 Pour commencer, sur une échelle de 0 à 10 où 0 signifie « très mauvais » et 10 « très bon », je voudrais que vous donniez une note à l'action de Nicolas Sarkozy et de son gouvernement dans les domaines suivants :

MONTRER ECRAN CAPI - CITER - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE PAR ITEM

1. 0 Très mauvais
2. 1
3. 2
4. 3
5. 4
6. 5
7. 6
8. 7
9. 8
10. 9
11. 10 Très bon
- REF
- DK
- NULL

1. L'emploi des jeunes
2. L'industrie et le commerce extérieur
3. La fiscalité
4. La maîtrise des dépenses publiques
5. Le logement
6. La place de la France dans le monde

L2 Nicolas Sarkozy et son gouvernement ont procédé à une réforme des retraites pendant le dernier quinquennat. L'une des mesures importantes a été de porter l'âge légal de la retraite à 62 ans.

Est-ce que vous trouvez cette décision juste ou injuste ? Répondez sur une échelle de 0 à 10 où 0 signifie injuste et 10 juste.

MONTRER ECRAN CAPI - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. 0 Injuste
2. 1
3. 2
4. 3
5. 4
6. 5
7. 6
8. 7
9. 8
10. 9
11. 10 Juste
- REF
- DK
- NULL

PROG : NOUVELLES QUESTIONS L2A ET L2B

POSER L2A AU SPLIT A

L2A Et est-ce que vous trouvez que cette décision est efficace pour limiter les déficits publics ? Répondez sur une échelle de 0 à 10 où 0 signifie inefficace et 10 efficace.

MONTRER ECRAN CAPI - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. 0 Inefficace
 2. 1
 3. 2
 4. 3
 5. 4
 6. 5
 7. 6
 8. 7
 9. 8
 10. 9
 11. 10 Efficace
- REF
DK
NULL

POSER L2B AU SPLIT B

L2B Et est-ce que vous trouvez que cette décision est efficace pour assurer l'avenir du système de retraites français ? Répondez sur une échelle de 0 à 10 où 0 signifie inefficace et 10 efficace.

MONTRER ECRAN CAPI - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. 0 Inefficace
 2. 1
 3. 2
 4. 3
 5. 4
 6. 5
 7. 6
 8. 7
 9. 8
 10. 9
 11. 10 Efficace
- REF
DK
NULL

A TOUS

POSER L4A, L4B AU SPLIT A

L4 Une autre décision importante de Nicolas Sarkozy et de son gouvernement a été la mise en place du RSA. Une disposition importante a été que l'Etat verse un complément de salaire aux titulaires du RSA qui est d'autant plus important qu'ils ont beaucoup travaillé.

Est-ce que vous trouvez cette décision juste ou injuste ? Répondez sur une échelle de 0 à 10 où 0 signifie injuste et 10 juste.

MONTRER ECRAN CAPI - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. 0 Injuste
 2. 1
 3. 2
 4. 3
 5. 4
 6. 5
 7. 6
 8. 7
 9. 8
 10. 9
 11. 10 Juste
- REF
DK
NULL

L4B Et est-ce que vous trouvez que cette décision est efficace pour encourager le retour à l'emploi des chômeurs ? Répondez sur une échelle de 0 à 10 où 0 signifie inefficace et 10 efficace.

MONTRER ECRAN CAPI - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. 0 Inefficace
 2. 1
 3. 2
 4. 3
 5. 4
 6. 5
 7. 6
 8. 7
 9. 8
 10. 9
 11. 10 Efficace
- REF
DK
NULL

POSER L6A, L6B AU SPLIT B

L6A Une autre décision importante de Nicolas Sarkozy et de son gouvernement a été l'augmentation du taux de TVA pour compenser une baisse des cotisations sociales sur les salaires.

Est-ce que vous trouvez cette décision juste ou injuste ? Répondez sur une échelle de 0 à 10 ou 0 signifie injuste et 10 juste.

MONTRER ECRAN CAPI - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. 0 Injuste
 2. 1
 3. 2
 4. 3
 5. 4
 6. 5
 7. 6
 8. 7
 9. 8
 10. 9
 11. 10 Juste
- REF
DK
NULL

L6B Et est-ce que vous trouvez que cette décision est efficace pour combattre les délocalisations d'entreprises ? Répondez sur une échelle de 0 à 10 ou 0 signifie inefficace et 10 efficace.

MONTRER ECRAN CAPI - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. 0 Inefficace
 2. 1
 3. 2
 4. 3
 5. 4
 6. 5
 7. 6
 8. 7
 9. 8
 10. 9
 11. 10 Efficace
- REF
DK
NULL

PROG : NOUVELLE QUESTION

L7 Au moment de voter pour cette élection présidentielle, est-ce que des décisions comme la réforme des retraites ou [SPLIT A : la mise en place du RSA] / [SPLIT B : l'augmentation du taux de TVA pour compenser une baisse des cotisations sociales sur les salaires] ont été un élément important ou pas important pour votre choix ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Très important
 2. Assez important
 3. Peu important
 4. Pas important du tout
- REF
DK
NULL

MODULE RICHESSE ET PATRIMOINE

PROG : HORLOGE

A TOUS

ECRAN INTERMEDIAIRE : ENQUETEUR VEUILLEZ TOURNER L'ECRAN CAPI AFIN QUE L'INTERVIEWE NE PUISSE PAS LE VOIR

Les prochaines questions concernent votre foyer

P1 (CSES4Q21) Dans quelle mesure est-il probable ou improbable que les revenus de votre foyer soient fortement réduits au cours DES DOUZE PROCHAINS MOIS ? Cela est-il très probable, plutôt probable, plutôt pas probable, ou pas probable du tout ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Très probable
 2. Plutôt probable
 3. Plutôt pas probable
 4. Pas probable du tout
- REF
DK
NULL

P1b Et au cours DES DOUZE DERNIERS MOIS, les revenus de votre foyer ont-ils...

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Beaucoup augmenté
 2. Un peu augmenté
 3. Un peu baissé
 4. Beaucoup baissé
 5. Les revenus de mon foyer sont restés stables.
- REF
DK
NULL

P2 (CSES4D20-a) En prenant en compte tous les revenus et les prestations sociales de tous les membres de votre foyer, dites-moi quelle est la source principale de revenu de votre foyer ?

TENDRE LISTE REPONSE - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Salaires
2. Revenu de travail indépendant, honoraires (à l'exception des revenus d'une exploitation agricole)
3. Revenus d'une exploitation agricole.
4. Pensions et pensions de retraite.
5. Allocation de chômage, indemnité de licenciement
6. Aides sociales ou bourses
7. Revenus immobiliers, de placement, d'épargne, d'assurances
8. Autres sources de revenus

REF

DK

NULL

P3 (CSES4D20b) Si vous additionnez toutes les sources de revenus de votre foyer, quelle lettre correspond le mieux au revenu net mensuel de votre foyer ? Pour répondre, veuillez m'indiquer la lettre qui correspond à votre réponse ?

TENDRE LISTE REPONSE ET LAISSER LE REPONDANT TOURNER LUI-MEME LA PREMIERE PAGE

POUR ACCEDER A LA LISTE REPONSE DE FAÇON A CE QUE VOUS NE PUISSIEZ PAS VOIR LES ITEMS CORRESPONDANT AUX LETTRES

ENQUETEUR : CODER LA LETTRE CITEE - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. G - Moins de 1000 euros par mois.
2. B - De 1001 à 1500 euros par mois.
3. H - De 1501 à 1750 euros par mois.
4. R - De 1751 à 2000 euros par mois.
5. A - De 2001 à 2500 euros par mois.
6. M - De 2501 à 3000 euros par mois.
7. B - De 3001 à 4000 euros par mois.
8. J - De 4001 à 5000 euros par mois.
9. W - De 5001 à 7000 euros par mois.
10. O - Plus de 7001 euros par mois.

REF

DK

NULL

A TOUS

P7 En ce qui concerne votre logement principal, êtes-vous, vous-même ou un membre de votre foyer...

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Propriétaire
2. Locataire
3. Logé à titre gratuit (famille, logement de fonction...)

REF

DK

NULL

**FILTRE : SI CODE 2 OU 3 EN P7 POSER P8
LES AUTRES ALLER AU FILTRE AVANT P9**

P8 (CSES4Q22a) Est-ce que vous-même ou un membre de votre foyer est propriétaire ou co-propriétaire d'une résidence, par exemple une maison ou un appartement ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Oui

2. Non

REF

DK

**SI CODE 1 EN P7 OU EN P8 POSER P9
LES AUTRES ALLER EN P10**

P9 Possédez-vous actuellement un appartement ou une maison que vous louez ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Oui

2. Non

REF

DK

P10 (CSES4Q22b) Est-ce que vous-même ou un membre de votre foyer est propriétaire d'une entreprise, d'un commerce, d'une ferme, de terres, ou de bétail ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Oui

2. Non

REF

DK

P11 (CSES4Q22c) Est-ce que vous-même ou un membre de votre foyer possède des actions ou des obligations ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Oui

2. Non

REF

DK

P12 (CSES4Q22d) Est-ce que vous-même ou un membre de votre foyer a des économies ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Oui

2. Non

REF

DK

P13 Disposez-vous...

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE PAR ITEM

- 1. Oui
- 2. Non
- REF
- DK

- 1. ...d'un téléphone mobile
- 2. ...d'un ordinateur portable
- 3. ...d'une voiture
- 4. ...d'un lave-vaisselle
- 5. ...d'une connexion Internet à la maison

P14 Rencontrez-vous parfois une assistante sociale ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

- 1 Oui
- 2 Non
- REF
- DK

P15 Bénéficiez-vous d'une assurance maladie complémentaire (mutuelle) ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

- 1 Oui
- 2 Non
- REF
- DK

P16 Y a-t-il des périodes dans le mois où vous rencontrez de réelles difficultés financières à faire face à vos besoins (alimentation, loyer, EDF etc.) ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

- 1 Oui
- 2 Non
- REF
- DK

P17 Actuellement, quelle est approximativement la valeur de l'ensemble du patrimoine de votre foyer (argent, résidence, meubles,...)?

Pour répondre, veuillez m'indiquer la lettre qui correspond à votre réponse ?

TENDRE LISTE REPONSE ET LAISSER LE REpondANT TOURNER LUI-MEME LA PREMIERE PAGE POUR ACCEDER A LA LISTE REPONSE DE FAÇON A CE QUE VOUS NE PUISSIEZ PAS VOIR LES ITEMS CORRESPONDANT AUX LETTRES

ENQUETEUR : CODER LA LETTRE CITEE - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

ENQUETEUR : SI NECESSAIRE PRECISER : COMPTER VOTRE OU VOS BIENS IMMOBILIERS (MAISON, APPARTEMENT) MEME SI CELUI-CI OU CEUX-CI EST OU SONT EN COURS D'ACQUISITION (REMBOURSEMENT D'UN EMPRUNT PAR EXEMPLE) SANS DEDUIRE LES EMPRUNTS

- 1. H - Moins de 7 500 euros
- 2. U - De 7 500 à 15 000 euros
- 3. A - De 15 001 à 30 000 euros
- 4. N - De 30 001 à 50 000 euros
- 5. E - De 50 001 à 75 000 euros
- 6. Z - De 75 001 à 150 000 euros
- 7. P - De 150 001 à 300 000 euros
- 8. B - De 300 001 à 450 000 euros
- 9. S - De 450 001 à 750 000 euros
- 10. R - Plus de 750 001 euros

- REF
- DK
- NULL

P19 Actuellement, quelle est approximativement la valeur des emprunts (crédit à la consommation, emprunt immobilier par exemple) que vous avez en cours, dans votre foyer ?

Pour répondre, veuillez m'indiquer la lettre qui correspond à votre réponse ?

TENDRE LISTE REPONSE ET LAISSER LE REpondANT TOURNER LUI-MEME LA PREMIERE PAGE POUR ACCEDER A LA LISTE REPONSE DE FAÇON A CE QUE VOUS NE PUISSIEZ PAS VOIR LES ITEMS CORRESPONDANT AUX LETTRES

ENQUETEUR : CODER LA LETTRE CITEE - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

- 1. P - Pas d'emprunts.
- 2. M - Moins de 5 000 euros
- 3. X - De 5 001 à 10 000 euros.
- 4. B - De 10 001 à 25 000 euros.
- 5. K - De 25 001 à 50 000 euros.
- 6. A - De 50 001 à 100 000 euros.
- 7. T - De 100 001 à 250 000 euros.
- 8. F - Plus de 250 001 euros.

- REF
- DK
- NULL

MODULE CONNAISSANCES

PROG : HORLOGE

Passons à un autre sujet

K1(CSES4Q20a) Laquelle de ces personnes était Ministre des finances juste avant cette élection présidentielle ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. François Baroin
 2. Xavier Bertrand
 3. Luc Chatel
 4. Alain Juppé
- REF
DK
NULL

K2 (CSES4Q20b) Quel est actuellement le taux de chômage en France selon les dernières mesures de l'INSEE ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. 8%
 2. 10%
 3. 12%
 4. 14%
- REF
DK
NULL

K3 (CSES4Q20c) Quel parti était arrivé en seconde position en termes de sièges à l'Assemblée nationale lors des dernières élections de 2007 ?

CITER - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Le Parti communiste
 2. Le Parti socialiste
 3. Le MoDem
 4. L'UMP
- REF
DK
NULL



TNS Sofres

K4 (CSES4Q20d) Quel est actuellement le Secrétaire général des Nations Unies ? Kofi Annan, Kurt Waldheim, Ban Ki-Moon, ou Boutros Boutros-Ghali ?

TENDRE LISTE REPONSE - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Kofi Annan
 2. Kurt Waldheim
 3. Ban Ki-Moon
 4. Boutros Boutros-Ghali
- REF
DK
NULL

SOCIODEMOGRAPHIQUE

PROG : HORLOGE

ECRAN DE TRANSITION : Quelques questions sur vous et votre entourage pour finir.

SD1(CSES4D29) Vivez-vous dans...

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Une grande ville
 2. A la périphérie d'une grande ville
 3. Dans une petite ville ou une ville moyenne
 4. Dans un village
 5. A la campagne
- REF
DK
NULL

SD2 Depuis quelle année habitez-vous dans cette commune ?

NOTER EN CLAIR

/ / / / /

PROG : >=1912 VAL =< 2012

- REF
DK
NULL

SD3 (CSES4D1) Pouvez-vous me préciser votre date de naissance ?

NOTER EN CLAIR LE MOIS PUIS L'ANNEE DE NAISSANCE

/ / / MOIS **PROG : >=1 VAL =< 12**

/1/9/ / / ANNEE PROG : >=1912 VAL =< 1994

- REF
DK



PROG : SUPPRIMER SD4, SD5, SD6 ET SD7 + NOUVELLES QUESTIONS SD4, SD4B, SD4C, SD4D, SD4E, SD5 ET SD5B

SD4 Combien d'enfant avez-vous ?

NOTER EN CLAIR

ENQUETEUR : TOUS LES ENFANTS SONT COMPTES, Y COMPRIS LES BEAUX-ENFANTS

[[[

PROG : >=0 VAL =< 20

REF

FILTRE : SI SD4 > 0 POSER SD4B, SD4C ET SD4E

SD4B Combien sont encore dans votre foyer ?

NOTER EN CLAIR

ENQUETEUR : TOUS LES ENFANTS QUI VIVENT ENCORE AU FOYER SONT COMPTES

[[[

PROG : >=0 VAL =< 20

CONTROLE COHERENCE : VAL SD4B NE PEUT PAS ÊTRE SUPERIEURE A VAL SD4

REF

SD4C Combien d'entre eux ont moins de 6 ans ?

NOTER EN CLAIR

[[[

PROG : >=0 VAL =< 20

CONTROLE COHERENCE : VAL SD4C NE PEUT PAS ÊTRE SUPERIEURE A VAL SD4B

REF

SD4D Combien d'entre eux ont entre 6 et 14 ans ?

NOTER EN CLAIR

[[[

PROG : >=0 VAL =< 20

CONTROLE COHERENCE : VAL SD4D NE PEUT PAS ÊTRE SUPERIEURE A VAL SD4B

CONTROLE COHERENCE : VAL SD4D + VAL SD4C NE PEUT PAS ÊTRE SUPERIEURE A VAL SD4B

REF

SD4E Combien d'entre eux ont 15 ans ou plus ?

NOTER EN CLAIR

[[[

PROG : >=0 VAL =< 20

CONTROLE COHERENCE : VAL SD4E NE PEUT PAS ÊTRE SUPERIEURE A VAL SD4B

CONTROLE COHERENCE : VAL SD4E + VAL SD4D + VAL SD4C NE PEUT PAS ÊTRE SUPERIEURE A VAL SD4B

REF



FILTRE : A TOUS

SD5 Combien de personnes composent votre foyer, vous y compris ?

NOTER EN CLAIR

ENQUETEUR : SONT MEMBRES DU FOYER TOUTES LES PERSONNES DONT C'EST LA RESIDENCE PRINCIPALE

[[[

PROG : >=0 VAL =< 20

REF

FILTRE : SI SD5>1 POSER SD5B

SD5B Vivez-vous en couple ?

UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Oui
2. Non

REF

FILTRE : SI CODE 1 EN SD5B POSER SD8, LES AUTRES ALLER EN SD9

SD8 (CSES4D4-e) Vous venez juste de me dire que vous vivez avec votre conjoint en couple. Parmi les situations suivantes, laquelle correspond le mieux à votre relation avec cette personne ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Marié
2. PACSé
3. Union libre ou concubinage
4. Divorcé ou PACS dissout

REF

DK

NULL

FILTRE : SI CODE 3 EN SD8 PASSER EN SD9, LES AUTRES CODES 1 OU 2 OU 4 OU REF OU DK OU NULL EN SD8 PASSER EN SD10

SD9 (CSES4D4-f) Cette question concerne votre situation matrimoniale légale et non pas la personne avec qui vous vivez ou non. Parmi les situations suivantes, laquelle correspond le mieux à votre situation matrimoniale légale ?

CITER - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Marié
2. PACSé
3. Divorcé ou PACS dissout
4. Veuf ou veuve, partenaire de PACS décédé
5. Aucune de ces situations (jamais marié, jamais PACSé)

REF

DK

NULL



SOCIO ECO EGO

PROG : HORLOGE

SD10 (CSES4D3) Quel est le plus haut niveau d'études ou de formation que vous avez terminé ?

TENDRE LISTE REPONSE - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Non scolarisé ou école primaire non achevée.

PRIMAIRE ET SECONDAIRE

2. Ecole primaire uniquement
3. Certificat d'études primaires
4. Scolarité suivie de la 6ème à la 3ème
5. Brevet élémentaire, Brevet d'études du premier cycle, Brevet des collèges
6. Scolarité suivie de la seconde à la terminale
7. CAP, BEP, examen de fin d'apprentissage artisanal
8. Diplôme d'aide-soignante, auxiliaire de puériculture, aide médico-pédagogique, aide à domicile.

NIVEAU BAC

9. Baccalauréat professionnel, Brevet de technicien
10. Baccalauréat technologique, Baccalauréat de technicien, BEA, BEC, BEI, BES
11. Baccalauréat général, Brevet supérieur
12. Diplôme de la capacité en droit, Diplôme d'accès aux études universitaires (DAEU)
13. Diplôme de moniteur éducateur, Educateur technique spécialisé, Brevet professionnel

ENSEIGNEMENT SUPERIEUR

14. Diplôme universitaire du premier cycle (DEUG), Classes préparatoires aux grandes écoles.
 15. Diplôme universitaire de technologie (DUT), Brevet de technicien supérieur (BTS)
 16. Certificat d'aptitude pédagogique (instituteur), Diplôme d'éducateur spécialisé, Diplôme d'assistante sociale, Diplôme paramédical (laborantin, infirmier, etc.)
 17. Licence professionnelle
 18. Licence
 19. Diplôme d'école d'ingénieur
 20. DESS, Master deuxième année professionnel
 21. Diplômes professionnels supérieurs divers (notaire, architecte, journaliste,...)
 22. Diplôme des grandes écoles
 23. Maîtrise, CAPES, CRPE (professeur des écoles)
 24. DEA, DES, Master deuxième année recherche, Agrégation
 25. Doctorat en médecine ou équivalents (dentaire, pharmacie,...)
 26. Doctorat
 27. Autres
- REF
DK
NULL

**SD11 (CSES4D10) Parmi ces situations, laquelle s'applique le mieux à ce que vous avez fait au cours de ces 7 derniers jours ?**

TENDRE LISTE REPONSE - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. TRAVAIL REMUNERE A TEMPS PLEIN, même si absence ou congés temporaires (salarié, à son compte,...)
 2. TRAVAIL REMUNERE A TEMPS PARTIEL, même si absence ou congés temporaires (salarié, à son compte, travail dans l'entreprise familiale)
 3. TRAVAIL REMUNERE MOINS DE 15 HEURES PAR SEMAINE, même si absence ou congés temporaires (salarié, à son compte, travail dans l'entreprise familiale)
 4. COLLABORATEUR DANS L'ENTREPRISE FAMILIALE
 5. ETUDES ou EN FORMATION (non payée par l'employeur), même si vous êtes actuellement en vacances
 6. SANS EMPLOI et recherchant un emploi
 7. RETRAITE ou pré-retraité
 8. AU FOYER
 9. MALADE OU HANDICAPE DE MANIERE PERMANENTE
 10. Autres situations, sans activité rémunérée.
- REF
DK
NULL

**FILTRE : SI CODE 2 OU 3 EN SD11 POSER SD12
LES AUTRES ALLER EN SD13**

SD12 Travaillez-vous à temps partiel parce que...

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. C'est votre choix
 2. Cela a été imposé par votre employeur
- REF
DK
NULL

FILTRE : SI CODE 1 OU 2 OU 3 OU 4 OU 6 OU 7 EN SD11 POSER SD13 A SD21

SD13 (CSES4D11-a) Dans votre emploi principal, êtes-vous (étiez-vous)...

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. A votre compte, travailleur indépendant
 2. Chef d'entreprise
 3. Collaborateur dans l'entreprise familiale
 4. Fonctionnaire
 5. Salarié d'une entreprise publique
 6. Salarié d'une entreprise privée
 7. Salarié d'une association ou autre organisation à but non lucratif.
- REF
DK
NULL



PROG : ECRAN INTERMEDIAIRE : ENQUETEUR : LES TROIS QUESTIONS QUI SUIVENT CONCERNENT L'EMPLOI OU L'ANCIEN EMPLOI PRINCIPAL (SI RETRAITE OU CHOMEUR) DU REpondANT. IL S'AGIT DE 3 QUESTIONS OUVERTES : LA PREMIERE VISE A NOTER L'INTITULE EXACT DE L'EMPLOI PRINCIPAL, LA DEUXIEME, A DECRIRE DE MANIERE PRECISE LE TRAVAIL QUE LE REpondANT FAIT / FAISAIT ET LA TROISIEME, A DECRIRE LA PRINCIPALE ACTIVITE DE L'ENTREPRISE OU DE L'ORGANISATION POUR LAQUELLE LE REpondANT TRAVAILLE / TRAVAILLAIT.

SD14 (CSES4D11-b) Quel est (était) l'intitulé de votre emploi principal ?

NE RIEN SUGGERER - NOTER EN CLAIR - VEILLEZ A ETRE LE PLUS CLAIR ET LE PLUS PRECIS POSSIBLE - BIEN RELANCER SI NECESSAIRE

REF
DK
NULL

**FILTRE : SI CODE REF EN SD14 POSER SD15 A SD21
LES AUTRES ALLER EN SD22**

SD15 (CSES4D11-c) Dans votre emploi principal, quel type de travail faites (faisiez)-vous ?

NE RIEN SUGGERER - NOTER EN CLAIR – VEILLEZ A ETRE LE PLUS CLAIR ET LE PLUS PRECIS POSSIBLE – BIEN RELANCER SI NECESSAIRE – EXEMPLE : SI L'INTITULE DE L'EMPLOI PRINCIPAL DU REpondANT A LA QUESTION PRECEDENTE EST « BOULANGER », IL FAUT PRECISER CE QU'IL FAIT EN TANT QUE BOULANGER : FAIT-IL LE PAIN (OU AUTRES PRODUITS) UNIQUEMENT ? GERE-T-IL LA CAISSE / EST-IL DANS LA VENTE UNIQUEMENT ? OU FAIT-IL LES DEUX ?

REF
DK
NULL

SD17 (CSES4D11-d) Quelle est (était) la principale activité de l'entreprise ou de l'organisation pour laquelle vous travaill(i)ez ?

NE RIEN SUGGERER - NOTER EN CLAIR – VEILLEZ A ETRE LE PLUS CLAIR ET LE PLUS PRECIS POSSIBLE – BIEN RELANCER SI NECESSAIRE

REF
DK
NULL



SD18 (ESS5F26) Combien de personnes, en moyenne, sont / étaient sous votre responsabilité ?

NOTER EN CLAIR

////

PROG : >=0 VAL =< 99999

REF
DK

SD19 (ESS5F24) Y compris vous-même, combien de personnes sont (étaient) employées à l'endroit où vous travaill(i)ez habituellement ?

CITER : UNE SEULE REponse POSSIBLE – ENQUETEUR : PRECISER SI NECESSAIRE POUR LES TRAVAILLEURS ITINERANTS, LES VRP ETC. : « LE SITE DE L'ORGANISATION A LAQUELLE VOUS ETES RATTACHE »

1. Moins de 10
 2. 10 à 24
 3. 25 à 99
 4. 100 à 499
 5. 500 et plus
- REF
DK

SD20 (ESS5F30) Dans la pratique, combien d'heures travaillez/travailliez-vous habituellement par semaine, y compris les heures supplémentaires payées ou non ?

NOTER EN CLAIR

///_

PROG : >=0 VAL =< 168

REF
DK

FILTRE : POSER SD21 SI CODE 5 OU 6 OU 7 OU REF OU DK OU NULL EN SD13, LES AUTRES CODE 1 OU 2 OU 3 OU 4 PASSER EN SD22

SD21 (ESS5F23) Av(i)ez-vous un contrat...

CITER : UNE SEULE REponse POSSIBLE

1. à durée indéterminée
 2. à durée déterminée
 3. ou vous n'av(i)ez pas de contrat
- REF
DK
NULL

**A TOUS**

SD22 (ESS5F36) Avez-vous déjà été sans emploi et à la recherche d'un emploi pendant une période de plus de trois mois ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Oui
 2. Non
- REF
DK

**FILTRE : SI CODE 1 EN SD22 POSER SD23
LES AUTRES ALLER AU FILTRE AVANT SD24**

SD23 (ESS5F37) Est-ce que l'une de ces périodes a duré 12 mois ou plus ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Oui
 2. Non
- REF
DK

**FILTRE : SI CODE 1, 2, 3 OU 4 EN SD11 POSER SD24
LES AUTRES ALLER EN SD25**

SD24 (CSES4Q23a) Si vous perdiez votre emploi actuel, dans quelle mesure serait-il facile ou difficile de trouver un autre travail au cours des 12 prochains mois ? Très facile, plutôt facile, plutôt difficile, ou très difficile ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Très facile
 2. Plutôt facile
 3. Plutôt difficile
 4. Très difficile
- REF
DK
NULL

**CONJOINT**

PROG : HORLOGE

FILTRE : POSER SD25 A SD33 SI CODE 1 EN SD5B

SD25 (CSES4D15) Parmi ces situations, laquelle s'applique le mieux à ce que votre conjoint/partenaire a fait au cours de ces 7 derniers jours ?

TENDRE LISTE REPONSE - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. TRAVAIL REMUNERE A TEMPS PLEIN, même si absence ou congés temporaires (salarié, à son compte, travail dans l'entreprise familiale)
 2. TRAVAIL REMUNERE A TEMPS PARTIEL, même si absence ou congés temporaires (salarié, à son compte, travail dans l'entreprise familiale)
 3. TRAVAIL REMUNERE MOINS DE 15 HEURES PAR SEMAINE, même si absence ou congés temporaires (salarié, à son compte, travail dans l'entreprise familiale)
 4. COLLABORATEUR DANS L'ENTREPRISE FAMILIALE
 5. ETUDES ou EN FORMATION (non payée par l'employeur), même s'il ou elle est actuellement en vacances
 6. SANS EMPLOI et recherchant un emploi
 7. RETRAITE ou pré-retraité
 8. AU FOYER
 9. MALADE OU HANDICAPE DE MANIERE PERMANENTE
 10. Autres situations, sans activité rémunérée
- REF
DK
NULL

FILTRE : SI CODE 1 OU 2 OU 3 OU 4 OU 6 OU 7 EN SD25 POSER SD26 A SD30

SD26 (CSES4D16-a) Dans son emploi principal, est-il / elle (était-il / elle)...

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. A son compte, travailleur indépendant
 2. Chef d'entreprise
 3. Collaborateur dans l'entreprise familiale
 4. Fonctionnaire
 5. Salarié d'une entreprise publique
 6. Salarié d'une entreprise privée
 7. Salarié d'une association ou autre organisation à but non lucratif.
- REF
DK
NULL

**SD27 (CSES4D16-b) Quel est (était) l'intitulé de son emploi principal ?**

NE RIEN SUGGERER - NOTER EN CLAIR - VEILLEZ A ETRE LE PLUS CLAIR ET LE PLUS PRECIS POSSIBLE –
BIEN RELANCER SI NECESSAIRE

REF
DK
NULL

**FILTRE : SI CODE REF EN SD27 POSER SD28 A SD30
LES AUTRES ALLER AU FILTRE AVANT SD31**

SD28 (CSES4D16-c) Dans son emploi principal, quel type de travail fait (faisait) il / elle ?

NE RIEN SUGGERER - NOTER EN CLAIR - VEILLEZ A ETRE LE PLUS CLAIR ET LE PLUS PRECIS POSSIBLE –
BIEN RELANCER SI NECESSAIRE – EXEMPLE : SI L'INTITULE DE L'EMPLOI PRINCIPAL DU REpondANT A LA
QUESTION PRECEDENTE EST « BOULANGER », IL FAUT PRECISER CE QU'IL FAIT EN TANT QUE BOULANGER :
FAIT-IL LE PAIN (OU AUTRES PRODUITS) UNIQUEMENT ? GERE-T-IL LA CAISSE / EST-IL DANS LA VENTE
UNIQUEMENT ? OU FAIT-IL LES DEUX ?

REF
DK
NULL

SD30 (CSES4D16-d) Quelle est (était) la principale activité de l'entreprise ou de l'organisation pour laquelle il / elle travaille/ait ?

NE RIEN SUGGERER - NOTER EN CLAIR - VEILLEZ A ETRE LE PLUS CLAIR ET LE PLUS PRECIS POSSIBLE –
BIEN RELANCER SI NECESSAIRE

REF
DK
NULL



**FILTRE : SI CODE 1, 2, 3 OU 4 EN SD25 POSER SD31
LES AUTRES ALLER EN SD32**

SD31 (CSES4Q23b) Si votre conjoint perdait son emploi actuel, dans quelle mesure lui serait-il facile ou difficile de trouver un autre travail au cours des 12 prochains mois ? Très facile, plutôt facile, plutôt difficile, ou très difficile ?

CITER : UNE SEULE REponse POSSIBLE

1. Très facile
 2. Plutôt facile
 3. Plutôt difficile
 4. Très difficile
- REF
DK
NULL

A TOUS

SD32 Qui est la personne de référence dans votre foyer ?

PROG : INTEGRER LE TEXTE PERMETTANT DE DEFINIR LA PERSONNE DE REFERENCE

CITER : UNE SEULE REponse POSSIBLE

1. Vous-même
 2. Votre conjoint
 3. Une autre personne
- REF
DK
NULL

**FILTRE : SI CODE 3 EN SD32 POSER SD33
LES AUTRES ALLER EN SD34**

SD33 Quelle est la profession de la personne de référence ?

RECORDER LA PROFESSION DU REpondANT (INSEE 2 POSITIONS)

REF
DK
NULL



PERE

PROG: HORLOGE

A TOUS

SD34 Lorsque vous aviez 15 ans, quel était le métier de votre père ou son dernier emploi ?

ENQUETEUR : NOTER EN CLAIR

1. Non, n'a jamais connu son père / ne connaît pas son père
 2. Non, père décédé avant les 15 ans de l'interviewé
- REF
DK

FILTRE : SI CODE 1 OU 2 OU DK EN SD34 PASSER EN SD37, LES AUTRES : REPONSE EN QO OU REF PASSER EN SD35

SD35 Votre père était-il...

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Fonctionnaire de l'état ou des collectivités territoriales
 2. Salarié d'une entreprise nationalisée ou dans laquelle l'état détenait la majorité du capital
 3. Salarié d'une entreprise privée
 4. A son compte
- REF
DK
NULL

SD36 Quel est le plus haut niveau d'études ou de formation que votre père a terminé ?

TENDRE LISTE REPONSE - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Non scolarisé ou école primaire non achevée.
2. Ecole primaire, certificat d'études, brevet élémentaire ou brevet des collèges ou équivalent
3. CAP, BEP ou équivalent
4. Baccalauréat professionnel ou technologique, ou équivalent
5. Baccalauréat général, ou équivalent
6. Bac +2, DEUG, BTS, DUT, ou équivalent
7. Bac+3 ou Bac +4, licence, maîtrise ou équivalent
8. Bac +5 ou plus, diplôme de grande école, ou équivalent



RELIGION ET ORIGINES

PROG : HORLOGE

FILTRE : A TOUS

SD37 (CSES4D25) Quelle langue parlez-vous généralement à la maison ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Français
 2. Autre (NOTER EN CLAIR)
- REF
DK

A TOUS

SD44 (CSES4D22) Allez-vous à la messe, au culte ou aux offices religieux...

TENDRE LISTE REPONSE - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Plusieurs fois par semaine
 2. Une fois par semaine
 3. Une ou deux fois par mois
 4. De temps en temps, aux grandes fêtes
 5. Uniquement pour les cérémonies, les baptêmes, les mariages, les enterrements
 6. Jamais
- REF
DK

SD45 (CSES4D23) Indépendamment du fait que vous appartenez ou non à une religion, diriez-vous que vous êtes quelqu'un de religieux ou de non religieux ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Très religieux
 2. Plutôt religieux
 3. Plutôt pas religieux
 4. Pas du tout religieux
- REF
DK
NULL



SD46 (CSES4D24) Pouvez-vous me dire quelle est votre religion, si vous en avez une ?

NE PAS CITER - UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Catholique
 2. Protestante
 3. Juive
 4. Musulmane
 5. Autre religion
 6. Sans religion
- REF
DK

SYNDICATS

PROG : HORLOGE

SD47(CSES4D5) Êtes-vous actuellement membre d'un syndicat de salariés ou d'une organisation professionnelle ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

- 1 Oui
 - 2 Non
- REF
DK

SD48 (CSES4D6) Un autre membre de votre foyer est-il actuellement membre d'un syndicat ?

CITER : UNE SEULE REPONSE POSSIBLE

1. Oui
 2. Non
- REF
DK



QUESTIONS INTERVIEWER

PROG : HORLOGE

Les questions suivantes concernent l'enquêteur uniquement

T1 Est que vous avez eu le sentiment que la personne interrogée a essayé de répondre de son mieux ?

1. Jamais
 2. Presque jamais
 3. De temps en temps
 4. Souvent
 5. Très souvent
- DK

T2 Dans l'ensemble, avez-vous eu le sentiment que la personne interrogée comprenait les questions ?

1. Jamais
 2. Presque jamais
 3. De temps en temps
 4. Souvent
 5. Très souvent
- DK

T5 Avez-vous des observations supplémentaires à faire sur le déroulement de l'interview ?

NULL

PROG : HORLOGE

FIN DU QUESTIONNAIRE